

FINEP

4DEZ80 016073

PROTOCOLO

PROJETO 32.7 - A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR

COORDENADOR - DOUGLAS CARRARA

2811d

n. 33

763

TÍTULO: A Lógica da Medicina Popular

EXAME DE TÍTULO: - EDUARDO GUILLERMO

COORDENADOR: Dora de Souza

AUXILIARES DE TÍTULO: João Inácio de São Tiago, Dantas Barbara Guenther, Maria da Conceição Gonçalves Monteiro Soares e Cláudia Piró Balaguer.

AGRADECIMENTOS:

- pela colaboração: à Jacara Larissa Teixeira, Marinete Seixas Carval, Jairo "Marcel" Wilson e Rilda Maria dos Reis Corrêa.
- pelo incentivo e orientação: à prof. Veneza Cardoso Nave e ao Prof. Ovídio Barba.

Destina este trabalho aos seus verdadeiros autores: os matizes, rezadeiras, urbandistas, parturiras e curadoras, que, no exercício de sua autêntica vocação médica, descobriram e aplicaram um sistema médico que tem sido, no Brasil, a medicina que a cultura popular reconhece e legitima como a sua medicina.

CONTENIDO GERAL

- 1 - Apresentação e História da Pesquisa.
- 2 - Introdução
- 3 - Os Métodos de Medicina Popular.
- 4 - A História da Medicina Popular.
- 5 - A Lógica da Medicina Popular.
- 6 - Relatório da Entrevistas.
- 7 - Bibliografia Utilizada.

## 1 - Apresentação e História da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em condições de trabalho desfavoráveis e, ao contrário do que se poderia esperar, foi devido ao esforço da medida de responsabilidade pelo ensino da pesquisa, assim como pela coleta de dados e o tratamento de alguns dados. A mesma principal motivação para concretização da melhor maneira possível foi a importância histórica e científica da pesquisa em questão, principalmente pelo fato de tal tema recentemente ter sido estudado sistematicamente. E, tal as forças, prejudicial à realização da pesquisa, foi decorrente do impedimento, por razões alheias à atividade científica, de iniciar a pesquisa no seu devido tempo, isto é, logo se seguida à sua aprovação em dezembro de 1976 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Fundação Getúlio Vargas. Ora, tal atraso representou uma desorganização completa da nossa capacidade de previsão e planejamento das atividades da pesquisa, que, como se sabe, exige as mais diversas adaptações e disponibilidades para que possa se dedicar com eficiência ao trabalho. Já por si, além de prejudicial, foi devido a tal desconsideração pelo trabalho científico, que fomos obrigados a sacrificar importantes etapas da pesquisa para poder desenvolver, nesse curto espaço de tempo que nos restou para realizá-la, o trabalho que ora apresentamos, dentro das limitações impostas pela vertente desatualizada por uma inflação de três anos.

Não precisamos, portanto, descrever as vicissitudes decorrentes de tal situação. Apenas salientamos que o projeto da pesquisa original estava programada para ser uma das atividades, e que este relatório está incompleto por razões não científicas, isto é, simples mente por falta de tempo e de recursos para maior aprofundamento do tema, que se afigurou, na medida em que a pesquisa se desenvolvia, cada vez mais rica de possibilidades. A sua viabilidade científica se tornou cada vez mais demonstrável diante dos recursos terapêuticos e da atividade médica popular, surpreendentemente complexos e uniformemente estruturados e difundidos por várias regiões do país.

A pesquisa se valeu da maior quantidade de informações e dados recebidas, em várias lugares, de pessoas que eventualmente utilizaram os conceitos de alguns utilizadores de recursos e práticas médicas populares. Talos dados foram coletados e, com isso, se pôde fornecer a maior quantidade de difusão e de permanência de tal trabalho. De fato, se desenvolveu um levantamento bibliográfico de índex sobre práticas médicas populares em livros de medicina, natural e social, que estiveram no Brasil, e se pôde fornecer a maior quantidade de informações científicas e de dados, em especial, sobre a história dos livros de

farmácia em geral, sua localização, de certa forma, a medicina popular, ao reconhecer os medicamentos, determinadas plantas consagrados pelo uso médico popular.

Assim, em uma viagem ao município de Ubatuba, no estado de Rio de Janeiro, em agosto de 1979 e abril de 1980, o autor realizou coletas em locais de outras regiões, para que se pudesse avaliar a amplitude da difusão e da uniformidade da prática médica popular, principalmente, para se observar as determinações estabelecidas em relação à coleta e penetração da seleção de produtos medicinais, para se avaliar em termos de diversidade e analisar os efeitos de tais determinações na prática médica popular.

Assim, em uma viagem em 1979, a localidade de Itaipava no município de Itanhó, no sul do Rio de Janeiro, localidade próxima à reserva indígena das Índias Aruanã, grande cultura conhecer alguns conhecimentos da região, recolher plantas tidas como medicinais e obter informações sobre a prática médica numa localidade rural, próxima a uma cidade turística, cidade oficial e sendo a população de referência a população turística, é bastante relevante, principalmente, a descrição da curandeiragem. Durante a viagem coletamos de dois curandeiros nas localidades de Vitória do Espírito Santo e Itanhó.

Também igualmente algumas vezes em localidades do estado de Minas Gerais, tais como Cabo Verde Lauro, Jacuaria, Igarahi, Cataguás, Itambouril e Itahó, onde sempre em contato com os curandeiros locais e conversamos com eles em sua prática.

Além disso, em algumas ocasiões, muito pouco coisa pôde ser apreendida, pela escassa disponibilidade de tempo e recursos, mas deixou-se muitas possibilidades para a recuperação da área de pesquisa escolhida: a região do Grande Rio. Também, para efeito comparativo, visitamos algumas localidades da região escolhida, mas de uma certa forma, pertencente ainda à sua área de influência, como Cabo Frio e Macaé.

Em Itaipava, na área do Grande Rio, conhecemos várias curandeiros, nas localidades de Itaipava, Itahó, Santa Aldeia, Capivari, Vitória do Espírito Santo.

Devido tais expedições científicas colher amostras de substâncias medicinais, gravar entrevistas, observar tratamentos médicos populares, rituais terapêuticos, coletas de plantas medicinais, a partir de locais, recolher indicações terapêuticas populares e, principalmente, coletar amostras biológicas com as quais recursos são coletados, analisados, e coletar a tipo de seleção que os usuários fazem, para se avaliar a amplitude da prática médica, de que é tal seleção, principalmente, a seleção de plantas medicinais e a seleção de produtos medicinais, principalmente, a seleção de plantas medicinais.

Entretanto os dados mais conclusivos são oriundos do município de Magé, onde se concentra a atividade de pesquisa, muito mais pela proximidade de tempo e de recursos do que por razões técnicas. Com isso deflora-se a favor o levantamento da rede de comércio das plantas. Malheira na região da Grande Rio, assim como não raras entre vidros, óleos, e produtos de hospitais públicos.

Portanto, profundamente, tais limitações que decorrem de uma visão de longo prazo da atividade científica no país. No Brasil, de um modo geral, a atividade científica está sujeita aos irregulars financeiros das instituições de apoio à pesquisa, por isso, não possui autonomia, e de um modo geral tende a ser influenciada pela ciência do corporativismo burocrático.

O mecanismo de distribuição de recursos de diversas maneiras e em certos casos de modo muito sutil. Não existe mecanismo mais destruidor da eficiência científica do que os financiamentos das entidades de pesquisa pela pesquisa. A melhor maneira de neutralizar os efeitos nocivos da pesquisa é justamente oferecer verbas nas formas interessadas e recente libera-las quando estiver esgotada a imaginação criadora de cada um, para que se produza pouco ou nada, e que, no entanto, fique prejudicada a imagem da instituição, sua permanência como órgão respeitável de incentivo à pesquisa no país, ainda que incentive apenas a ociosidade científica.

Uma, se não estas as principais barreiras para se realizar qualquer pesquisa neste país, não bastam o que nos estimula a continuar tentando superar as condições para superá-las e com isso promover um espaço para a atividade científica livre e independente.

## 2 - Introdução

Este trabalho busca a recuperação do discurso popular sobre a doença, a saúde e sua prática médica. Para tal foi necessário restaurar sua especificidade diante do discurso médico alóptico dominante, para que pudéssemos situar historicamente os determinantes que explicam a permanência e o desenvolvimento de tal medicina.

Entretanto a recuperação e a reconstrução desta medicina através dos fragmentos de que se dispõe atualmente, apenas foram esboçadas, neste trabalho, em parte devido às dificuldades já salientadas, mas também pelas dificuldades de ordem teórica que se agigantaram cada vez mais, quando começamos a perceber que os objetivos que pretendíamos atingir se encontravam bastante distantes, principalmente pela quase completa inexistência de antepassados teóricos, preocupados em estudar a medicina popular, com instrumental científico. É evidente que existe uma extensa bibliografia sobre o assunto. São poucos, entretanto, os autores que se interessaram pela investigação sistemática do tema. Não encontramos um espaço teórico construído, seja na área médica, seja na área antropológica, e muito menos na economia política. Apenas a botânica e a farmacologia nos propiciaram a identificação e a determinação de propriedades medicinais nas plantas brasileiras utilizadas à nível popular. Sentimos, portanto, que a delimitação deste espaço ainda não foi realizada e que o passo que estamos dando neste sentido ainda é muito pequeno. O caminho já sabemos. Resta apenas retirar os obstáculos, que também sabemos, estão solidamente incrustados nessa trajetória em busca de um saber contra o qual a própria ciência decreta a necessidade de desaparecer, já que apenas consegue vislumbrar na sua lógica: o misticismo e a ignorância.

Mas não se trata somente de desenvolver uma análise teórica da prática médica popular; trata-se também de fazer o levantamento dos recursos empíricos utilizados para que através de sua classificação possamos avaliar a medicina popular através da eficácia propriamente médica de seus medicamentos.

Portanto o primeiro passo, que consideramos fundamental, é transformar a prática médica popular num objeto de estudo passível de ser sistematizado pela ciência e, por outro lado, o reconhecimento social da necessidade de se colaborar para a organização de tais profissionais, contribuindo dessa forma para o fortalecimento de uma alternativa terapêutica de grande legitimidade popular, assim como para se evitar o desaperçoimento de uma tradição terapêutica milenar.

Finalmente, a prática médica popular a ser construída e exercida por unidades produtivas locais, pequenas, que transitem, quase sempre, entre as fronteiras da medicina popular e das categorias psicológicas, psiquiátricas, psicanalíticas, da psicologia social, e ser de

raramente figurar nas estatísticas médicas, desde a era pre-colombiana, sempre teve papel significativo no tratamento de doenças que afligem as classes dominadas. Tal prática pode ser considerada procária e fragmentária, mas está muito longe de ser alguma coisa desprovida de lógica, sem sentido ou que não tenha partido da observação empírica da ação farmaco-dinâmica de diversas substâncias sobre o corpo humano. Na verdade, ela representa as primeiras e rudimentares preocupações do homem quanto à sua saúde e é o principal depositária do resultado de uma infinidade de experiências realizadas através do próprio corpo humano, nas quais se pode computar todos os sucessos, fracassos e riscos inclusive letais, que tais experiências significam. Consideramos, portanto, que o desenvolvimento da ciência farmacológica tem como base a expropriação do saber popular, que fornece graciosamente observações sobre diversas substâncias naturais, cuja motivação principal sempre foi a de descobrir recursos médicos adequados para tratar a doença humana.

Em nosso trabalho procuramos desfazer as deformações decorrentes de estudos folcloristas que trataram a medicina popular através de abordagens nas quais era entendida como sendo "superstições, crenças, ou então como práticas abomináveis". Na verdade, segundo ARAUJO (pg.8), "as práticas da medicina popular necessitam melhores observações e não podemos destacá-las pura e simplesmente sem estudar o seu contexto cultural". Por outro lado, quando ocorre ser valorizada e reconhecida, não é estudada como maroceria, através de metodologia antropológica adequada e rigorosa. Os livros publicados sobre o assunto na verdade são compilações de livros de botânica e de naturalistas que viajaram pelo Brasil, dos quais são literalmente copiados para a confecção de manuais de tratamento popular. De um modo geral, limitam-se a relacionar em ordem alfabética as plantas medicinais mais importantes e as doenças para as quais sejam curativas. Tal prática editorial é perniciosa e interfere na própria prática médica dos usuários e praticantes da medicina popular, que, ao adquirir tais livros, confundem-se inevitavelmente, já que recebem informações contraditórias sobre plantas com duplos nomes ou então de plantas europeias desconhecidas ou de estados distantes das quais nunca ouviram falar, mas que às vezes se parecem com plantas de convivência muito antiga.

Mas não se trata apenas de recuperar e descrever tal medicina, procurando explicitar sua lógica. É necessário também buscar as articulações da prática médica popular com a dinâmica dos modos de produção, identificando, portanto, a determinação em última instância da estrutura econômica de nossa formação social na prática médica. Tal procedimento ainda não foi feito devido ao estereótipo histórico e daí decorre nossa eterna dificuldade de abrir um caminho ainda inexplorado, portanto, para a elaboração de teóricas adequadas -

cos.

Ainda que não tenhamos desenvolvido teoricamente todas as implicações de tal proposição, procuramos introduzir para a discussão algumas questões que reputamos capazes de desfazer a superficialidade e o descriptivismo a que se viciam muitas das análises sobre a medicina popular.

Como ponto de partida procuramos entender o papel da prática médica na reprodução das condições de produção. Para que serve a prática médica? Poder-se-ia responder que objetiva produzir a cura de seus pacientes. Entretanto tal resposta caracterizada pela neutralidade quanto à dimensão estrutural das condições de produção, esconde a temporalidade social a que cada prática médica corresponde, e, portanto, sua sujeição às necessidades decorrentes da reprodução das relações de produção existentes em determinada formação social. Assim, "diferentemente de outras práticas sociais, cuja origem é coincidente com a própria emergência ou com o desenvolvimento da sociedade capitalista, a medicina tende a revestir-se mais facilmente de um caráter de neutralidade face às determinações específicas que adquire na sociedade de classes". (LIVAMONTO/89)

Toda unidade de produção determina a unidade de tempo de trabalho fundamental para que o processo produtivo se efetive. Tal postulado somente se evidencia claramente no modo de produção capitalista, em virtude de a acumulação capitalista se efetivar através de uma extração de excedente, no caso a mais-valia, por intermédio da coação econômica, isto é, a produção de mais-valia se dá através da compra da única mercadoria que figura no mercado capitalista, capaz de produzir um valor superior ao tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la: a mercadoria força de trabalho.

E tal expropriação decorre do excesso de horas de trabalho fornecidas pelo trabalhador, já que a sua força de trabalho restitui ao capitalista o valor de seu salário numa quantidade de horas inferior à jornada de trabalho normal. Teremos, portanto, dois tempos de trabalho:

- necessário: para pagamento do valor da força de trabalho, correspondente ao mínimo necessário para conservar sua existência e poder, portanto, vender diariamente sua força de trabalho no mercado capitalista.
- suplementar: fonte da lucro capitalista: a mais-valia.

Não esqueçamos, portanto, que o controle rígido do ritmo de produção e a disciplina imposta pelo controle da quantidade de horas de trabalho são aspectos fundamentais das maneiras de direção do processo produtivo capitalista.

Na prática, portanto, o processo de elaboração no sentido



de consolidar e desenvolver os princípios da medicina alepática. Fede-se explicar desta forma o surgimento de uma farmacologia altamente sofisticada capaz de satisfazer às exigências de conservação e reparação da força de trabalho, através de drogas que silenciam rápida e eficientemente os sintomas morbidos que diminuem sua jornada de trabalho, sua capacidade de trabalho ou até mesmo o incapacitam periodicamente para o trabalho. Explicar-se-ia desta forma a razão pela qual a prática médica alepática tem-se desenvolvido mais no sentido farmacológico do que sentido propriamente médico. Com consequência abandona a visão holística do organismo e se perde numa especialização dogmática e se incapacita para, inclusive, analisar a etiologia das doenças produzidas pelas próprias condições de trabalho introduzidas pelo processo de industrialização capitalista, que não considera as dificuldades orgânicas de adaptação que toda espécie animal sofre ao ser inserida num novo habitat, no caso, o ambiente de trabalho industrial. "Isto resulta particularmente evidente em uma consequência da especialização que poder-se-ia chamar a fragmentação da responsabilidade frente ao paciente" (SOMMER/50). Com a perda da visão de totalidade a prática médica alepática torna-se curativista e limita-se apenas, no que se refere ao tratamento da força de trabalho, a atendê-la quando necessário, isto é, quando o organismo apresenta sintomas morbidamente verificáveis, ignorando e desprezando aqueles sintomas prodômicos que colaboram para uma intervenção preventiva. Tal imediatismo transfere o médico num mero leitor de bulas e as farmácias em super-mercados, que promovem a auto-medicação, retirando do médico o papel propriamente sugestivo da atenção médica, fundamental para produzir a confiança do paciente no tratamento prescrito. Deixa, portanto, o médico de ter em mente o bem estar de seus pacientes, a análise da constante mutabilidade de seu estado, não só nos sinais visíveis de sua doença, como também no seu estado de espírito que é um fator importante para o sucesso de qualquer tratamento.

Com a transformação do paciente num mero objeto que carrega uma "etiqueta", o médico limita-se a prestar uma atenção às provas de diagnóstico ou das perguntas químicas de que as informações obtidas pelos seus próprios recursos ao examinar seus pacientes. Com a consolidação de tais atitudes iatropáticas e curativistas, exerce-se o aspecto autoritário da relação-médico-paciente, desconhecendo, portanto, inúmeras doses decorrentes de padrões culturais e de classe que são niveladas pela sua atitude distante e desinteressada quanto aos aspectos sociais e culturais que envolvem a história de vida do paciente.

Em suma, portanto, demonstrar que a temporalidade capitalista determina a formação da tecnologia farmacológica alepática, e a consequente caracterização da prática

médica popular. Entretanto, o tempo social não só difere entre as diversas culturas e sociedades, mas também se diferencia em cada sistema sócio-cultural em função de sua estrutura interna. Ele não flui uniformemente na consciência das diversas classes e grupos que o percebem e vive, e de qual a unidade, embora seja diferente o seu ritmo de funcionamento" (CANDIDO/1977)

Portanto, na formação social como a brasileira, constituída pela dominação do modo de produção do capitalista sobre diversos modos de produção tributários, é evidente que a unidade de tempo de trabalho varia de acordo com a dominação maior ou menor sobre relações de produção não-capitalistas.

Ainda não se conseguiu determinar a composição e suas relações de influência, especialmente a prática médica popular proveniente de tais modos de produção. Explicar-se-ia destarte a sobrevivência da medicina popular pela resistência e permanente reprodução de relações de produção dominadas. Ainda que tais modos de produção não possam, pelo próprio fato de dominação do capitalista, manter-se refratários à influência capitalista, e, portanto, sobreviverem de modo completo, com todas as suas estruturas, a econômica, a jurídico-política e a ideológica, determinadas traços de super-estrutura podem permanecer com certa autonomia, desde que a estrutura de relações de produção seja de certa forma preservada. Nesse caso a determinação de unidade de tempo de trabalho poder-se-ia verificar e tribuís como consequência uma prática médica adequada à reprodução de tais modos de produção.

Como até o momento o estudo rigoroso dos diversos modos de produção existentes na formação social brasileira ainda não se verificou, isso causa certo dificuldade e nessa tarefa de articular a prática médica popular a determinado modo de produção.

Nas, apesar das dificuldades decorrentes da heterogeneidade e da diversidade regional dos modos de produção não capitalistas, há que ressaltar uma determinação de temporalidade, promovida por tais modos de produção diferente da temporalidade capitalista. Nas frentes de expansão capitalista, assiste-se à descarregação progressiva dos grupos sociais rurais à esfera de influência da economia capitalista (...) nas diferentes planas em que ele se dá (...) assim como o aumento de lapidação, condições condições de novo ritmo de trabalho; ambas condições uma reorganização ecológica, que transforma as relações com o meio e exige condições para novos ajustes; este fato provoca alteração no equipamento material e no sistema de crenças e valores," (CANDIDO/1977)

A prática médica popular brasileira, portanto, porque não está submetida à unidade de tempo de trabalho capitalista. É mais importante, portanto, a prática médica popular constitui-se de plantas medicinais, e não propriamente de plantas medicinais, a partir

do desenvolvimento da agricultura. "Em termos gerais, o conhecimento de plantas medicinais não é característico dos povos coletores e caçadores: pelo que concerne ao Grande Oeste, as plantas conhecidas pelo índio podem contar-se pelas dedos de uma mão. O verdadeiro desenvolvimento do médico hervenário é próprio dos povos com agricultura, e, mais propriamente, se distingue no centro de invenções americanas, no Caribe, entre parana e um quatro mexicano." (PARDAL/16)

Entretanto a técnica agrícola exige uma temporalidade própria. A unidade de tempo de trabalho, portanto, no modo de produção camponês, será determinada pelas etapas da produção, como o preparo da terra, a sementeira, a colheita, etc. São quatro os elementos fundamentais para defini-la:

- utilização do trabalho familiar, ou seja, a família se configura como unidade de produção.
- a posse dos instrumentos de trabalho ou parte deles.
- existência de fatores excedentes (terra, força de trabalho, meios de trabalho) que permitam uma produção de excedentes, destinadas ao mercado.
- a propriedade ou a posse da terra. (GRACIANO DA SILVA/3)

Em tal modo de produção, com base em relações de produção não capitalistas, "responsável em nosso País por grande parte dos gêneros alimentícios básicos que vão abastecer os centros urbanos e o próprio setor agrícola" (Idem/3), a prática médica popular pode se exercer e se reproduzir, já que a relação mais íntima com a Natureza e a experimentação e observação de plantas medicinais desenvolvem-se ao lado da atividade agrícola. A própria agricultura é o resultado de um longo processo de pesquisa, no qual as plantas que apresentam variações genéticas mais adequadas ao consumo humano são preservadas e cultivadas. O longo tempo disponível para as experiências é o principal elemento de aprendizado, já que a prática somente se desenvolve através de ensaio/erro. Por outro lado, o próprio fato de reprodução do modo de produção não se efetivar através de horas de trabalho, permite que o tratamento médico da força de trabalho seja aplicado dentro do tempo necessário para o desenvolvimento natural, através de chá, compressas, banhos, dietas, repouso, etc. A medicina popular, portanto, não se adequa ao tratamento da força de trabalho utilizada na produção capitalista; não obstante, nos todos os habitantes dos grandes centros capitalistas estão necessariamente vinculados à produção capitalista. As mulheres idosas, as crianças, as mulheres que se ocupam das atividades domésticas, podem eventualmente escapar às determinações da temporalidade capitalista, e se dedicarem exclusivamente à prática da medicina popular.

São, portanto, estas as condições teóricas que têm nos possibilitado estabelecer a metodologia de pesquisa. Ainda que não

tenhamos desenvolvido plenamente tais questões, elas servem para explicar, nesta primeira aproximação do tema, a existência, a permanência e o desenvolvimento da medicina popular na formação social brasileira assim como os determinantes econômicos da medicina alopática.

### 2 - Os Usários da Medicina Popular

A medicina popular se desenvolve de forma mais expressiva em modos de produção não capitalistas, mas, principalmente, no modo de produção camponês. É, portanto, no modo de produção que surgem os principais usuários da medicina popular, ainda que eventualmente também - nem tal modo de produção em virtude da instabilidade e do dinamismo do processo produtivo brasileiro. É nesse modo de produção que se consolida igualmente a lógica da medicina popular, e se estabelece um tipo de pensamento que demanda por médicos.

Tal fato põe a ser investigado durante o processo de pesquisa, se que exista um usuário especializado ou até mesmo um usuário solido, e se uma tradição camponesa. É assim mesmo quando se encontra um usuário praticando esta medicina no modo de produção capitalista, esta prática se torna muito rara e tende a se transformar e o indivíduo passa então para a esfera de influência da medicina aleatória.

É evidente que se entende como usuário todo indivíduo que reconhece e utiliza os recursos da medicina popular. Existem indivíduos entretanto que se especializam numa determinada função ou que acumulam mais de uma, e passam a exercer, em decorrência, uma atividade profissional. Assim, além dos usuários em geral, dos camponeses, dos operários e do povo da pequena burguesia que, eventualmente, se trata com recursos médicos populares, existem os curandeiros que são designados por diversos nomes, como curador, rezador, benzador, denominações que não determinam a especificidade de cada especialização profissional. Tivemos, portanto, que elaborar uma classificação segundo a efetiva atividade exercida pelo usuário para sua prática desenvolver nesse sentido.

Assim designamos genericamente de curandeiro qualquer indivíduo que se dedica exclusivamente, ou quase isso, à atividade de tratar pessoas doentes com métodos de tratamento populares, sem um título nem habilitação própria. Portanto a atividade exercida classifica-se de seguinte maneira as diversas especializações possíveis:

- o curador: é o cultivar de ervas com objetivo comercial.
- o rezador: é o indivíduo que trata suas pacientes exclusivamente com ritos, orações, rituais.
- o benzador: é aquele que realiza exclusivamente os trabalhos de parto de suas pacientes.
- o curandeiro: é aquele que procura tratar suas pacientes através de rituais e amuletos que se incorporam no indivíduo.
- o curador: é o indivíduo que utiliza substâncias consideradas medicinais para tratar suas pacientes com o objetivo de

Tal classificação é apenas didática, já que, na realidade, há uma combinação muito variada de tais especializações e nem sempre se en-  
contra estas categorias isoladamente, ou seja em estado puro.

a) O mateiro

O mateiro é o colador de plantas medicinais, em geral de ori-  
gem camponesa, que trabalha sob encomenda para os comerciantes de  
plantas medicinais, ou então para seu próprio comércio, nas feiras das  
grandes cidades. Os mateiros não conhecem geralmente as propriedades  
medicinais das plantas que colhem. Conhecem apenas os nomes populares  
e não costumam utilizá-las quando estão doentes. Nas feiras do Rio de  
Janeiro existem muitos mateiros que comercializam suas plantas nas ca-  
lçadas, num tabuleiro ou mesmo num jornal estendido no chão, aonde co-  
locam as pequenas toucas de plantas amarradas, plantas essas que ge-  
ralmente são vendidas ainda frescas. Costumam adquirir as plantas atra-  
vés de comerciantes atacadistas que servem de intermediários entre os  
mateiros propriamente ditos e os comerciantes de feira.

Excepcionalmente se encontra um comerciante ou mateiro na feira  
que também é um curador ou rezador. Mas a tendência geral não é es-  
ta. O comerciante de feira não possui barraca legalizada. Não está, por-  
tanto, habilitado a comercializar com produtos mais lucrativos como os le-  
gumes, as frutas ou as carnes, que tem maior procura e maior preço nas  
feiras.

Na história de vida dos comerciantes de oléricolas se observa  
que sua atividade às vezes se inicia com a venda de plantas medicinais,  
enquanto não obtém uma licença para manter uma barraca. A escolha das  
plantas medicinais para comercializar ocorre por razões exclusivamente mer-  
cantis.

Existe uma extensa rede comercial de plantas medicinais na re-  
gião do Grande Rio que abrange as feiras e lojas que vendem plantas,  
as ervanárias. Ainda que fizesse parte do projeto de pesquisa, o stu-  
do desta rede comercial e de seus principais elementos, não pode ser  
realizado em virtude do tempo escasso que tivemos para fazer a pesqui-  
sa.

b) O rezador

O rezador é o indivíduo que trata seus pacientes exclusivamen-  
te com ações e rituais mágicos. Existem rezadores de ambos os se-  
xos. Dentre desta categoria podemos distinguir duas outras

especializações. A rezadeira, por eventualmente ter uma ciência em sua casa, é o rezador, que pode ser de ambo os sexos, que possui seu pequeno templo, com ou sem imagens, onde ele pratica a reza. Este templo pode ser a var e ser chamado "larreira". O próprio rezador não é necessariamente um especialista, mas há incorporação de entidades durante o ritual de reza. A reza não está vinculada a nenhuma religião específica, ainda que o rezador seja religioso e tenha sua própria religião, que pode ser a católica, a umbanda ou mesmo uma das diversas seitas pentecostais. O rezador atua mais no terreno da magia do que no da religião. O papel do rezador é exclusivamente terapêutico. É o especialista na arte de curar através da reza e de um ritual que visa a expulsar a doença do seu paciente. Conforme Hauss, a magia se distingue suficientemente, nas diversas sociedades, dos outros sistemas de fatos sociais. Assim a magia não só constitui uma classe distinta de fenômenos, como também é suscetível de uma definição clara. (Hauss-1/47)

O rezador não utiliza vestimentas especiais como na umbanda, e também pode realizar a reza em casa do paciente, assim como pode realizá-la à distância. O rezador somente é chamado para reza determinados estados físicos que não considerados curáveis por um rezador. Existem, portanto, doenças que somente são curadas através da reza. Assim temos a agitação cardíaca, o quebranto, ventre virado, cãibras, fugigemas, torção de braço, enrijecimento, dor de cabeça de sol, o fogo selvagem que atuam como no campo da lógica da medicina popular. Não parece ser como agir algum efeito positivo com o tratamento, o rezador costuma condicionar o resultado do tratamento à oração que o paciente faz na reza. Assim a reza somente teria eficácia se o paciente acreditar na possibilidade de curar do rezador.

Quanto ao conhecimento do ritual e de suas fórmulas, existem condições especiais para a transmissão desses conhecimentos. As rezas somente podem ser ensinadas na sexta-feira-santa e à meia-noite, caso contrário, o rezador perderia o poder de curar. Entretanto, segundo Hauss, o conhecimento para reza é muito grande. Existem rezas para dores em geral, que variaram em número por transmissão seus conhecimentos. Os informantes afirmaram ainda que certos rezadores são incapazes de curar, porque não sabem ou não aprenderam direito, ou porque perderam o poder de curar. Não se duvida, em momento, da eficácia da reza; duvida-se, geralmente, do rezador. São muitos os informantes que afirmaram ter-se curado com a reza. O momento é muito difícil avaliar a eficácia das rezas, já que é muito comum que um indivíduo seja curado por um banho, um chá ou outro meio e que a reza seja feita em seguida, ou antes que seja feita a cura. Assim, a reza pode ser considerada como um fator de cura, mas não como o único fator de cura.

erra-de-pessequinho (Struccionina maculata (Less) Hume), que nos  
 estes aq[ue]l[os] dias co-din[os]os que ou nunca reconhecida sobre o aparelho  
 respiratório. A terra geral que sempre se repel complementar  
 no tratamento, ainda que existe algumas variedades que não recebem  
 nem a medicina. Diante do princípio regular do rezador, temos  
 a habit[ua]l e possibilidade de o rezador influir no psiquismo de  
 suas paci[en]cias e produzir ações positivas no seu organismo, que  
 intercedem a cura. Entretanto existem casos que o poder de cura pela  
 terra está muito mais no princípio de prof[un]do do que nos rituais  
 e no rezar da terra no psiquismo do rezador. Nota-se a interessante  
 condição imposta para que a terra funcione de que o paciente deva  
 estar sempre em contato com a terra e com o objeto rezando. Desde  
 Hahnemann, com a doutrina de H. C. Frank, com a psicaná-  
 lise, que as reações e influências das emoções e das predisposi-  
 ções morais no g[ra]u de evolução dos domínios. Hahnemann afirmou  
 que "há uma natureza espiritual chamada a ética na qual não  
 se possa descobrir nenhuma prova elementar de causa psíquica do ex-  
 terior" (Cited in VII SIMPÓSIO, 1974, "Acumulo Indivíduos his-  
 tóricos, descobriu que cura e quimica, psíquica e curada de an-  
 tid[ot]o de não estar cura orgânica." (1974/13)

Então, em condições naturais, a possibilidade de haver algu-  
 ma eficácia no tratamento do rezador, ainda que seja rigor, ainda  
 que seja o objeto, e a terra, e a terra, uma eficácia que, diria-  
 mos simbólica, de qual a medicina al[te]rnativa não está desprovida, já  
 que "certo caso, o objeto diz-se a terra, não pela palavra,  
 mas por meio de orações, celebrações, variados ritos que atravessa-  
 ram tal de experiências e a natureza curativas, para fazer uma  
 conexão direta entre os inconscientes" (I VII-SIMPÓSIO-2/221) Assim  
 o rezador não se trata de grande rezador porque cura seus doentes;  
 ele cura seus doentes porque se trata de grande rezador. (Idem, 203)

O rezador parece ser muito poderoso. Entretanto muitos  
 rezadores abandonaram a atividade, porque se achavam muito incom-  
 petentes para fazer o trabalho. Muitos rezadores, em resumo,  
 e com a consequente interrupção do trabalho que há de dar rendimento  
 financeiro.

O rezador considera a terra de rezar um poder que não é dele;  
 isto é, ele acredita que a terra tem um poder de cura, e cura  
 todos os doentes que ela tocar, e a terra é a terra. Assim, em to-  
 das as variedades de a terra de rezar os rezadores acreditam em curati-  
 vos de rezar a terra. O rezador, em geral, tem a seguinte concepção  
 de que a terra de rezar é a terra de rezar, e a terra de rezar é a terra  
 de rezar, e a terra de rezar é a terra de rezar. Assim, em geral,  
 o rezador acredita que a terra de rezar é a terra de rezar, e a terra  
 de rezar é a terra de rezar, e a terra de rezar é a terra de rezar.



de curar doenças se afazem para o grande objetivo de entender brevemente o ritual de cura. Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de curas práticas antigas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia de curas práticas no campo da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: mágico, inicialmente, e o campo do feiticoiro no sentido de cura mágica; em seguida, a crença de doença que ele cura, ou a vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticoiro; finalmente, a crença e as exigências de opinião coletiva, que formam a corte imediata em espécie de campo de gravitação no ardo do qual se definem e se situam as relações entre o feiticoiro e aqueles que ele beneficia" (IEMV-SIMPOS-2/194) e finalmente, o feiticoiro. em termos de prática mágica, no contexto da magia na sua função de agente mágico, através sua formação social do tipo capitalista. e que nos leva a crer que tal fenômeno teria características de um ritual mágico.

A tradição de curar no Brasil é muito antiga. A própria medicina colonial utilizava essas práticas curativas. Saint-Hilaire fez referência a um cirurgião que, além de tratamentos espirituais, logo após seguida benzina o paciente. (SAINT-HILAIRE-4/28) Santos Filho também afirma que os ritos de cura e benzedeiras proliferavam no Brasil de dentro, mas, quando não, "aproveitavam-se da religiosidade e da superstição da população" (SANTOS FI-1/100) Entretanto essas práticas possuem uma estrutura psico-socialmente diferente de uma realidade cultural que não caminha em profundidade. Desconhecemos as possibilidades terapêuticas do ritual de cura e de importância, para a relação médico-paciente, do conhecimento dos padrões culturais dos pacientes.

c) A parteira

A parteira sempre teve grande prestígio popular no Brasil. No passado, inclusive, não se utilizava a ajuda de um cirurgião para os trabalhos de parto. Entretanto, no região estudada, as parteiras são poucas e a maioria delas, velhas, pobres, e quase todas, os partos que fazem são muito perigosos e as mulheres estão ficando mais doentes do que antigamente e que por isso elas estariam preferindo ir para o hospital (IEMV-100)

Segundo Dr. Marcos, por ocasião da história de Magé, por volta do século XVII e XVIII, existia um cirurgião muito respeitado, quando as mulheres engravidavam. Afirma que os partos eram excluídos de tais práticas, pois os médicos eram muito difíceis. Já na atualidade, a maioria das mulheres, inclusive, correm perigo de vida, já que as parteiras não costumam apresentar conhecimentos científicos necessários para os procedimentos. A falta de assistência médica é, portanto, uma realidade.

O parto era exclusivamente realizado pela avó, que se reco -  
lhia com o parturiente dentro do quarto, durante 30 dias, para somen -  
te então permitir a entrada do pai e dos demais familiares. Seguiu-se  
então uma celebração intensa, quando toda a sociedade de época era  
convitada. A parturiente fazia tudo o que era necessário para o parto.  
Havia banho, com água quente para a parturiente e quando a criança  
nascia, ela era unguenta com óleo bano adquirido na igreja (RI-110)

Tudo isso com o tempo veio se simplificando gradativamente e as  
parturientes viram a ser o arranjo de antiga aparadeira, mas sig -  
na esse procedimento, pelo menos, alguma costura e o prestigio de  
que se revestia.

Falo do primário de D. Alice, a única parturiente localizada, se  
pode parecer que a parturiente possuía determinadas técnicas para assis -  
tir suas pacientes. Sabia classificar os vários tipos de parto possí -  
veis, como apresentações pela "cabeça", de "popô", com a "mãezinha em cur -  
va na cama", "coraçoadão". Geralmente sabia o que fazer em cada uma  
dessas apresentações e sabia que, quando encontrava uma situação  
na qual a mulher ou a criança estavam correndo algum risco de vida,  
enviava a parturiente para o hospital. Sabia fazer o toque para sa -  
ber a posição da criança. E para facilitar a saída da placenta, maci -  
cava a mulher nos quadris e com a sua ganacha para fazer a sua ex -  
pulsão natural. D. Alice sabia também dos perigos de retenção da pla -  
centa. Ela costumava medir o umbigo antes de cortar e, pelo menos,  
nas estações frias procurava fazer o parto em ambiente escuro e não  
deixava ver a criança quando nascia. Delicadamente ta -  
cia nos quadris para a criança sequestrar gradativamente para a vida. Cos -  
turava a membrana com instrumentos com álcool e tratava o umbigo da  
criança com mercúrio-curvo. Quando as contrações eram fracas costu -  
rava dar ao bebê de açúcar para acalmá-lo ou então um becho de ar -  
va-de-São-João (apertado comprimido L.) e usava o óleo de ricino  
para fazer feição no ventre da parturiente. (RI-125)

É necessário ressaltar que tais práticas são muito difundidas.  
Em São Paulo, há uma mulher conhecida pelo nome da ganacha para  
ajudar de expulsão de a criança. (casos RI-2/240) D. Maria (1-2) de  
São Paulo e suas diversas outras influências, também usou a arva -  
de-São-João para acalmá-la de contrações do parto (RI-13). D. Francis -  
ca, de São Paulo, também usava o becho de açúcar para acalmar as  
contrações (RI-21), assim como para os bebês para o uso do leite  
de vaca, para a criança sequestrar a vida, para fricção e para tomar  
cuidado com a criança do parto.

Os cuidados com a criança durante os trabalhos  
de parto, eram muito simples e muito cuidadosos. Não se  
pode falar de cuidados com a criança, mas sim de cuidados  
com a criança durante o parto.





1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

Faint, illegible text scattered across the page, possibly bleed-through from the reverse side.



1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

e leguminosas, as quais são produzidas em grande quantidade nos países de  
vários continentes, a exemplo da América do Sul, onde se produz a uniformi-  
dade. (1911-12)

O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.

O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.  
O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.  
O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.

O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.  
O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.  
O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.

O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.  
O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.

O curador é produzido em grande quantidade apesar de analfabato e dos-  
provido de meios de comunicação, sendo sua produção em grande quantidade  
devido à sua facilidade de cultivo, sendo produzida em grande quantidade  
em todo o mundo, sendo produzida em grande quantidade em todo o mundo.

objeto de que "isto se pr... servir" (DWHI-3114 31-1/28) assim o con-  
 junto de meios... não se pode... por um projeto. Ele  
 acumula... para... servir... de um ble-  
 norre... de... : e... for... e... pro-  
 fissional... projeto... . Tem... e...  
 dor... profissional... e... e...  
 rior... ,... de... ,... para...  
 aspecto... ,... que... e... dos  
 fundamentos... . Por... e...  
 processo de... ,... e...  
 mente, porque... e... ,...  
 color...



#### 4 - A Matéria Médica Popular

A matéria médica popular abrange substâncias as mais diversas e, às vezes, as mais exóticas e raras. Assim utiliza substâncias de origem vegetal, animal e mineral. Das vegetais, retira raízes, cascas, frutos, folhas, sementes, látex, resinas e gomas. Utiliza dos animais a, inclusive do próprio homem, o osso, partes córneas, excrementos, e o corno de determinados órgãos internos. Ainda que em menor escala, utiliza minerais e também substâncias químicas industrializadas, além das próprias medicações alo-páticas e homeopáticas.

Tais recursos terapêuticos possuem denominações próprias que constituem no seu conjunto, ainda que no potencial, um sistema classificatório, que denomina-se popular e que representa o principal instrumento utilizado pelos curandeiros para transmitir e conservar a medicina popular. É através de tal sistema, que vem sendo transmitido fundamentalmente pela tradição oral, que se consegue preservar conhecimentos oriundos da observação popular de ação farmacodinâmica das diversas substâncias presentes nos organismos humano e animal.

O sistema classificatório popular não se encontra ordenado e disponível em nenhuma usúrio, já que ele se encontra disperso por u na iniciativa de usuários que se apropriam apenas de fragmentos do sistema. Não constitui, no verdade, um sistema no sentido de que foi elaborado, formalizado, tornado-se mais ou menos coerente, obedecendo, portanto, determinadas regras de ordenação. O que se pode constatar é que existe um conjunto de elementos, produzidos historicamente, e que, por serem estruturados, possibilitam a constituição de um sistema classificatório. É como se diz que a Botânica só pôde se desenvolver como uma ciência, na medida em que existisse uma estruturalidade no mundo vegetal, possível de sistematização, o que permitiu que a Botânica pudesse construir os diversos sistemas classificatórios do mundo vegetal, só se diferenciando pelo nível de complexidade, abrangência e rigor nas classificações. Assim foi relativamente fácil para a Botânica estabelecer a classificação do reino vegetal das angiospermas, das vegetais dicotiledôneas e das monocotiledôneas, já que, além de outros fatores, as monocotiledôneas possuem folhas com nervuras paralelinérveas, ausência de raiz principal, e com um único cotilédone nos gemas do contrário das dicotiledôneas que possuem folhas com nervuras de vários tipos, mas raramente paralelinérveas, a presença de raízes axiais e os gemas compostos de dois cotilédones. São, portanto, tais fatores que permitiram a constituição de sistemas classificatórios.

Assim, a classificação popular da medicina popular, é necessariamente dispersa, já que se trata de conhecimentos históricos, tal qual os conhecimentos científicos, que se constituem gradualmente

desaparecimento, tendo em vista o avanço das relações capitalistas de produção, que objetiva a "modernização" e a padronização do pensamento para a maior receptividade dos produtos industrializados, principalmente no que se refere aos produtos farmacêuticos. Entretanto, por mais sintético que possa parecer, por mais difícil que seja interpretar as duas hipóteses já mencionadas por corruptelas às vezes bastante afastadas de suas raízes etimológicas, por mais imprecisas que possam ser as normas utilizadas para designar plantas ou doenças, as classificações e serem identificadas são quase que invariavelmente classificadas de certa forma, às vezes em regiões bastante afastadas uma da outra. A sinonímia existente, é claro, para uma específica etimologia, mas o problema é limitado a poucos vocábulos, e, ainda assim, incluindo aqueles oriundos de outras regiões, já que o êxodo rural no Brasil tem contribuído efetivamente para esta multiplicidade de nomes. Porquanto as denominações restritas e determinadas regiões são geralmente reduzidas, facilitando assim a sua identificação e tornando possível a produção de um sistema classificatório popular. Com o tempo, o sistema classificatório popular acaba ficando fixo e évar, levando-se em conta as devidas proporções quanto à complexidade classificatória, aos demais sistemas científicos, já que a própria etimologia as classificações são às vezes muito variadas e bastante precárias no aspecto científico. Levi-Strouss chama a atenção para o número de erros e de confusões que poderiam ter sido evitados, alguns dos quais apenas recentemente corrigidos, se os antigos vocabulários tivessem confluido nas terminologias dos indígenas, em vez de improvisar outras do começo ao fim, o que resultou na atribuição, por exemplo, do mesmo nome científico *Canis azarou* para o gênero *Canis*, o *Canis* e o subespécies diferentes, ou ainda a atribuição de diversos nomes à mesma variedade de mesma espécie. Ao contrário, os guaranis do Paraguai e do Paraguai trabalhavam muito bem com termos similares, mas a composição de duas ou três palavras, duplas e triplos, distinguindo, assim, por exemplo, entre os *Canis*, o *Canis* grande, o *Canis* pequeno e os do tipo *Canis* etc., etc. (Levi-Strouss, op. cit. p. 116). Levi-Strouss (1966) lembra também que os índios primitivos não abandonaram a busca de classificações de natureza científica, mas reuniram conselhos de sãbeos para fixar os termos que melhor correspondessem aos caracteres das espécies, classificando com muita exatidão os grupos e os indivíduos. (Levi-Strouss, op. cit. p. 116)

O sistema classificatório popular não pode ser considerado propriamente científico, mas é um sistema de classificação. No entanto, a classificação popular pode ser considerada científica se for baseada em critérios científicos, se for baseada em critérios científicos, se for baseada em critérios científicos, se for baseada em critérios científicos.

tura Brasileira.

As regras podem ser consideradas apenas, quando possível, nos sistemas dos quais se originaram certos fragmentos utilizados atualmente. Assim foi o sistema classificatório dos indígenas que contribuiu fundamentalmente para a formação do sistema atual, aliás como não podia deixar de ser, já que foi privilegiado em termos históricos. O contato indígena com o hábito natural brasileiro é seguramente milenar. É possível com segurança identificar na nomenclatura popular atual uma grande quantidade de vocábulos de origem indígena, além do fato verificado no processo de pesquisa de que os nomes de origem indígena são aqueles mais difundidos e mais consolidados na consciência popular.

As regras do sistema classificatório atual estão limitadas apenas às denominações de origem indígena, ainda que não haja por parte do usuário da medicina popular uma consciência do significado original na língua tupi. Mas não deixa por isso de contribuir ainda que de uma maneira indireta, para a formação do sistema atual.

Quanto às regras de organização José Barbosa Rodrigues afirmava que "os selvagens, pelo modo de suas observações, seguiram e seguiram um método sintético na classificação das plantas. Designam as espécies por nomes tirados dos caracteres das folhas, das flores, dos frutos ou de propriedades como o cheiro, o sabor, a dureza, a duração, a cor, o emprego, etc. Nenhum caráter essencial lhes escapa. Em nomeadas as espécies, as reúnem em gêneros, formam seções ou famílias. Desta divisão formam grupos que dividem em Itá, madeiras de lei; Ityrá ou Iuprú, pau; Iaa, ervas; e Icipós ou Cipós, trepadeiras. São tão exatas as suas observações, que se encontram gêneros e subgêneros em uma só família, como se fossem agrupados por verdadeiro botânico!" (Rodrigues-1/9) como se pode verificar o sistema classificatório indígena se equipara aos grandes sistemas europeus e somente foi suplantado por Linnaeu em 1753 com a descoberta da sexualidade das plantas. O Barbosa Rodrigues ainda salientava que "o resultado da aplicação da inteligência indígena ao reino vegetal é tanto, que muito honra o modo e o fato das suas observações, que são sempre exatas, tanto em seus conhecimentos, quanto em muitos fatos, tanto os feitos por outros. A sua nomenclatura é clara, precisa e exata, como são reais os proveitos que se tiram dos vegetais, segundo a maneira de applicá-los. Das minhas observações entre índios e tapuias, ligados pela mesma língua, quer no norte, quer no sul do país, cheguei a elevar para que, por um chave, uniria caracteristicamente vegetais cuja denominação não era arbitrária e sem fruto de observações acasadas e repetidas em todo o país." (Rodrigues-1/III)

Em suma, a nomenclatura indígena, descrevendo e integrando a natureza, no processo de expansão do capitalismo europeu e da ciência moderna, contribuiu para a desconstrução de estruturas

in aquilo que havia de elementos de miscela indígena, principalmente no que se refere às palavras indígenas. A língua e esta aplicação dos na mas foi transformada pela língua portuguesa que, por razões políticas, precisava legitimar o sistema econômico e as práticas culturais dos latifundiários e da elite colonial. Entretanto, ainda que tivesse sido a língua portuguesa a dominante, como não pôde, impedir que a no miscela indígena predominasse, como se pode constatar na toponímia brasileira, que, que exclusivamente dominada pelos nomes indígenas, e que em relação à sua classificação toponímica é zoológica.

Ainda que se considere não se poderia esperar que uma cultura dominada por um sistema classificatório próprio e um sistema classificatório morto. De forma indígena e de forma substituída e por meio de todos os tipos, classificatórios, e organizados pelos jesuítas e gradativamente foram sendo empurrados para o território, do qual eram eliminados classificatórios e de literal foram empurrados para as regiões mais interiores do país.

Quando se considera a isto, consideramos que teve papel importante nas alterações produzidas na língua portuguesa em virtude da influência das línguas africanas e lidas pelos escravos introduzidos no Brasil. (RIBEIRO, 1970/75) A influência africana no vocabulário brasileiro nos tempos de origem africana e as modificações do português previstas pela gramática dos dicionários de origem africana. Entretanto quanto ao sistema classificatório atual não se observa, no que se refere ao vocabulário, uma participação efetiva, e não ser nos casos de plantas introduzidas pelos escravos negros. Quanto às plantas e animais nativos parece haver se conservado denominações de origem indiscutivelmente africana. Não resta dúvida que existem várias etimologias de vocábulos brasileiros ainda não inteiramente esclarecidas; entretanto o conhecimento mais profundo do hábito natural brasileiro, só poderia ser privilegiado a cultura indígena.

Diferenças de se ter um sistema de que se diferenciava regionalmente do português e a influência indígena no Brasil. A influência africana e predominância de uma ou de outra cultura para determinada região.

Um papel mais importante no processo de formação do sistema etno-linguístico do Brasil português, foi que foi o elemento domador, que veio impor sua cultura, sua língua, seus costumes, e o elemento que veio a lidar a terra, conquistada pelos senhores, nos seus interesses, em uma tentativa de capitalização europeia no exterior. Mas, ao lado de tais interesses de dominação, se aliava a necessidade de estabelecer um sistema de comunicação com os povos indígenas e de estabelecer um sistema de comunicação com os povos indígenas e de estabelecer um sistema de comunicação com os povos indígenas.

Ainda que se considere não se poderia esperar que uma cultura dominada por um sistema classificatório próprio e um sistema classificatório morto.

trouberam uma leva de jesuítas que aqui se entregaram ao árduo trabalho simultâneo, de um lado, da religião, de domesticação cultural e de pesquisa dos conhecimentos indígenas sobre o habitat ainda desconhecido. Os jesuítas "foram os primeiros naturalistas científicos das plagas impenetráveis; é graças a eles que se conhecem as virtudes cênicas nativas das plantas ainda invisíveis da terra". (LORTS ANNALES/25) Foi através desse pioneiro trabalho de sistematização da língua indígena e de sua cultura que se produziu, inclusive, uma gramática geral das línguas indígenas, para uso do jesuíta e, conseqüentemente, da colonização portuguesa, o que veio permitir a apropriação do sistema classificatório indígena. "Foi ao ouvido do jesuíta que o índio confiante segredou o mistério das virtudes curativas de suas plantas veneradas" (Idem/7)

E com isso várias denominações foram sendo introduzidas aleatoriamente pelos portugueses, sem respeitar regras, sem buscar a organização de um sistema capaz de dar conta do conhecimento do habitat brasileiro. Assim "a erva da Santa Maria (vermífugo) no sul e o castruço (reitorol) no norte, não são mais do que a mesma planta (*Chenopodium ambrosioides* L.) cujo caráter característico se revela no nome indígena (ka-erva; nome, fôido), enquanto que os vulgares dos civilizados são aqueles que Linneu disse que só "idiotas impoem nome a plantas" e o outro tirado de uma planta europeia que nada se assemelha à indígena, o *Leguminosae castruço* L., dando lugar assim a se empregar um vermífugo por um reitorol, como vi mais de uma vez" (SOURDIS, B.-I/III) E, logo mais adiante afirma que "haste mal não traz a nomenclatura indígena, e os nomes são sempre a conhecer a planta, e não se confundir uma espécie de mau cheiro com outra que não o tem". (Idem/IV)

Diante desse complicado e caótico cultural, vejamos a que resultado se chegou no que diz respeito ao sistema classificatório popular e à sua habilidade médica no regime estudado.

#### a- A matéria médica y \_tel

Não se pode ter dúvida de que os vegetais possuem substâncias ativas capazes de produzir efeitos farmacodinâmicos no homem e, inclusive, nos animais. A própria ciência sempre incluiu em suas farmacopeias, as plantas consideradas medicinais pela população em geral. O que não se sabe exatamente são as condições desenvolvidas para se chegar a tais conclusões.

É evidente que somente se poderia descobrir tais propriedades nos vegetais através de experiências específicas e de uma observação muito atenta dos seus efeitos. Deixando a significância dos conhecimentos atuais sobre esse assunto, é possível localizar tais procedimentos de descoberta. Foi de fato, através de experiências de tais conhecimentos e através dos conhecimentos empíricos da população, que se chegou a tais conclusões.



usuários de plantas populares, são legitimadas como tais e se afirmam e que conferem a ela utilidade e validade e por isso as indicações que constam de sua literatura etnoscópica.

Quanto às plantas populares, visto que não legitimadas cientificamente, elas não podem ser utilizadas de maneira disponível, embora em alguns casos possam ser utilizadas em situações especiais.

A utilização popular de plantas não é suficiente e sua eficácia, se que se possa, por esse motivo, impossível avaliar a sua história terapêutica.

Diante das dificuldades de obter dados de pesquisas, pôde-se concluir que a medicina popular se constitui de substâncias vegetais que são utilizadas de maneira disponível como a digitalis, a valeriana, a menta, a camomila, a erva-doce e que atualmente são muito insignificantes e a possibilidade de existir no processo popular de plantas de novas plantas como objetivo de se descobrir propriedades medicinais.

As plantas de maior prestígio popular são mais facilmente adquiridas, não porque sejam de maior utilidade, mas porque se encontram mais facilmente disponíveis.

Ademais vejamos as plantas de maior prestígio e o seu histórico.

A crochê (Cassipouira sericea B.S.) que se trata significativamente, tem o nome, em português, de "cachaça", mas em inglês, "cachaça", é uma planta de origem americana que cresce e se espalha muito facilmente. Foi introduzida no Brasil em 1857 quando chegou às folhas das árvores, nos rios, e em português, "cachaça", e em inglês, "cachaça", para fazer os humores e acaçar os costados, segundo nove guias e o nome de sua folha latina por ser oca. (MONTANA, 7.3-3/189) Martins, em 1857, referiu-se ao uso de crochê e ao tratamento de crochê com as folhas que crescem por cima do bambu ou outro vegetando-as em feixes (MONTANA-4/31) inicialmente qualquer ferida, úlcera, "groselero" ou mesmo crochê de crochê são em primeiro lugar tratados com o nome de crochê e o nome de crochê das folhas indicado por Martins. Conclui-se que crochê no tratamento de crochê, isto é, no tratamento de crochê, é utilizado para o tratamento de crochê. São muitos os nomes que afirmam tal fato. Todos reconhecem tal poder e ainda citam exemplos de seu uso.

A crochê (Cassipouira sericea B.S.) que se trata significativamente, tem o nome, em português, de "cachaça", mas em inglês, "cachaça", é uma planta de origem americana que cresce e se espalha muito facilmente. Foi introduzida no Brasil em 1857 quando chegou às folhas das árvores, nos rios, e em português, "cachaça", e em inglês, "cachaça", para fazer os humores e acaçar os costados, segundo nove guias e o nome de sua folha latina por ser oca. (MONTANA, 7.3-3/189) Martins, em 1857, referiu-se ao uso de crochê e ao tratamento de crochê com as folhas que crescem por cima do bambu ou outro vegetando-as em feixes (MONTANA-4/31) inicialmente qualquer ferida, úlcera, "groselero" ou mesmo crochê de crochê são em primeiro lugar tratados com o nome de crochê e o nome de crochê das folhas indicado por Martins. Conclui-se que crochê no tratamento de crochê, isto é, no tratamento de crochê, é utilizado para o tratamento de crochê. São muitos os nomes que afirmam tal fato. Todos reconhecem tal poder e ainda citam exemplos de seu uso.

A crochê (Cassipouira sericea B.S.) que se trata significativamente, tem o nome, em português, de "cachaça", mas em inglês, "cachaça", é uma planta de origem americana que cresce e se espalha muito facilmente. Foi introduzida no Brasil em 1857 quando chegou às folhas das árvores, nos rios, e em português, "cachaça", e em inglês, "cachaça", para fazer os humores e acaçar os costados, segundo nove guias e o nome de sua folha latina por ser oca. (MONTANA, 7.3-3/189) Martins, em 1857, referiu-se ao uso de crochê e ao tratamento de crochê com as folhas que crescem por cima do bambu ou outro vegetando-as em feixes (MONTANA-4/31) inicialmente qualquer ferida, úlcera, "groselero" ou mesmo crochê de crochê são em primeiro lugar tratados com o nome de crochê e o nome de crochê das folhas indicado por Martins. Conclui-se que crochê no tratamento de crochê, isto é, no tratamento de crochê, é utilizado para o tratamento de crochê. São muitos os nomes que afirmam tal fato. Todos reconhecem tal poder e ainda citam exemplos de seu uso.





A erva de São João ou alfavasto (*Hypericum conjugatum* L.) é uma erva muito comum na América nos terrenos baldios e nos terrenos cultivados. A erva de São João é muito usada e tem pertencido para os milhar e sorveteiros de parte a parte e a expulsão dos lobos, e após o parto, com efeito igualmente as hemorragias. "Uma erva muito conhecida e usada nos Estados Unidos de 1818 e aplicada no vício de mulher grávida, contra o parto" (M.D. MORRIS/1817). Faz-se o chá com toda a planta e toma-se o chá com insistência. Faz-se também com tra as colírios intestinais e amebianos.

A erva pipi, ou piná pipi (*Stachys trifida* L.) é um arbusto pequeno que se encontra frequentemente nas bordas das residências. É muito usada nos Estados Unidos, principalmente porque se atribui a ela propriedades medicinais, de se obter suco e fazer com o mesmo o chá para qualquer espécie de febre. Os escravos já utilizavam pelo fato de reduzir, logo após a primeira dose de decocção de erva, uma espécie de febre aguda. É a mais popular de erva-santa. A- lumbago e reuma é muito utilizada para aliviar as dores de costas.

O gervão ou gervão (*Stachys corymbosa* (L.) Mill.) é um arbusto muito comum, de vagem, como ornamental, cuja infusão de folha e raiz é muito usada para combater as febres do Estado. De u- stúria de gervão e raiz de um vegetal conhecido como "inbari- cis" as duas sintomas de angústia. Helleborus e Verbena já recon- olem propriamente medicina e no gervão. Helleborus, inclusive, a- firmava que o gervão era um excelente desobstruente e que prolonga- va a existência. (M.D. MORRIS/1817)

O arido (*Melancholoea brasiliana* Desf.) é uma erva muito cultiva- da nos jardins e nos campos de erva. É muito conhecida pelos escravos de medicina popular, sendo usada para o tratamento de úlceras do estômago. Várias pessoas afirmam que se curaram com o suco das ra- izes. Costuma-se aplicar o suco e misturá-lo com um pouco de sal. Considera-se uma tóxica medicinal conhecida como a tuberculose, sendo usado para a cura de qualquer doença, ainda que tenham sido afeta- dos os pulmões. (M.D. MORRIS/1817)

Ver também: História de que o suco. Inclusive alguns informantes a- firmam que a erva de gervão é um excelente desobstruente por fazer di- gna para combater-se de úlceras do estômago. Costuma-se aplicar o suco e misturá-lo com um pouco de sal. Considera-se uma tóxica medicinal conhecida como a tuberculose, sendo usado para a cura de qualquer doença, ainda que tenham sido afeta- dos os pulmões.

O gervão (*Stachys pilosa* L.) talvez seja um dos medicamentos no Brasil e nos Estados Unidos. É muito usada nos terrenos baldios e nos terrenos cultivados. É muito usada e tem pertencido para os milhar e sorveteiros de parte a parte e a expulsão dos lobos, e após o parto, com efeito igualmente as hemorragias. "Uma erva muito conhecida e usada nos Estados Unidos de 1818 e aplicada no vício de mulher grávida, contra o parto" (M.D. MORRIS/1817). Faz-se o chá com toda a planta e toma-se o chá com insistência. Faz-se também com tra as colírios intestinais e amebianos.

atuamente confirmam o poder curativo das folhas do picão nas úlceras. O jornal O Patriota do Rio de Janeiro em 1814, ao elaborar uma matéria médica da época, dizia que o picão era um desobstruente e que "o sumo das folhas na dose de um colher cura a icterícia, não havendo febre ou inflamação no fígado" (ALMEIDA, Lourival/195). Foi-nos informado, inclusive, o caso de uma mulher com incompatibilidade sanguínea que teve uma criança que nasceu com icterícia e somente foi curada com o picão.

O abacaxi (*Ananas sativus* Swartz) costuma ser utilizado pelos usuários de medicina popular enquanto verde, para dissolução dos cálculos renais. Tal uso pode ser encontrado também nas cartas dos padres jesuítas que foram os primeiros sistematizadores da cultura indígena. O padre Manuel de Lóbrato, em carta escrita de São Vicente, em 1661, avisou que enviava para os enfermos da Companhia em Portugal, conservas de ananases, "para dor de pedra, os quais posto que não tenham tanta virtude como verdes, pelo menos fazem proveito" (citado in SAUTOS FILHO/27) E conheço todos os que sofriam de "pedra" (cálculo) que viessem para o Brasil, a fim de se curarem com o ananás verde (Idem/27) José de Anchieta, Vicente do Salvador, André Thevet, Jean de La Ry e Gabriel Soares de Sousa informam que o ananás era a fruta mais abundante nos taboamentos de suas malhas. Gabriel Soares de Sousa ainda acrescenta que os "ananases sendo verdes são proveitosos para curar chagas com elas, cujo uso com todo o conchete e carne pedra, do que se aproveita o gentio" (SOARES/264) O eminente naturalista Guilherme Piso indicava igualmente o ananás para a estrangúria e dores nefríticas. Como se vê a tradição medicinal do ananás verde é muito antiga. (Idem/264)

A matéria médica popular vegetal é, portanto, muito extensa, tem se perpetuado através do tempo e constitui um valioso depósito de conhecimentos oriundos de uma prática milenar.

#### b) A matéria médica animal.

Quanto às tais substâncias utilizadas como medicamento na região estudada, há de se considerar o caráter conservativo e histórico em virtude da dificuldade de coleta e, portanto, da impossibilidade de classificação e do estado histórico de utilização da substância.

As substâncias utilizadas são, por vezes, surpreendentes como, por exemplo, o uso da gordura de esquilos (fígado de esquilos) para curar a coqueluche ou o gungo utilizado para curar de feridas. A tala de aranhas como hepatotônico e cicatrizante de feridas.

Um exemplo de utilização de uma tal prática médica popular é, talvez, a utilização da gordura de esquilos para curar de feridas. A tala de aranhas como hepatotônico e cicatrizante de feridas.

Na Europa é muito antigo o uso de mistura de pulhas e feno mo-  
fados com feijão de vagem, para dar e o urso a adocicado com água  
como antiespasmódico e anti-hemorrágico. (FROH/32)

Num estudo de Morio de Andrade sobre a medicina dos enuretos, or-  
le já observava que se deveria considerá-la não somente como supersti-  
ção, já que os enuretos com a urina e transpiração da malícia crudi-  
ta e de outros males, alguns grupos utilitários muito justi-  
ficáveis (AMMARE/64) E analisa tal utilização com decorrência de  
um pensamento do tipo mágico, no qual a regra de analogia serve de  
base para as suas aplicações sobre o mundo natural. Assim as urvas pas-  
tas que revivem os a colerianos. A refinação de açúcar com leite de  
vaca. A prática de usar, na urina de enuretos como o açúcar. O  
acúcar e o leite usados com a ideia de fecundidade e de produção de  
vida, de crescimento e força. (AMMARE/67)

A matéria médica animal, de menor forma que a vegetal é less-  
tante conhecida e divulgada. Existe muito mais reserva na sua utili-  
zação. As pessoas e até a imprensa de plater tal prática. Helen Krizo  
e consideram apenas uma superstição, isto é, que não teria efeito pro-  
priamente medicinal, mas exerceria no espírito. Considerem, inclusi-  
ve, que não se deve informar ao paciente os ingredientes do remédio  
para que a curação não venha de propriedades medicinais. É evidente  
que tal prática significa apenas uma prática inteligente para evitar  
que o paciente recuse tomar o remédio, já que, por exemplo, nos re-  
médios contra a urina e a transpiração, os ingredientes são frequenta-  
mente urina e outros substâncias efêmeras como as ervas.

É interessante ressaltar que, talvez nem sempre se possa  
considerar tais procedimentos como meramente simpáticos. A urina eu-  
ropáica, por exemplo, tem sido muito usada pelos homeopatas como um  
excelente medicamento contra a urina. Francisco Antônio Sampaio, em  
1782, na Bahia, considerava as urinas terráneas um remédio para  
combater a urina (AMMARE/10)

Quanto à medicina dos enuretos veja-se as principais indica-  
ções relacionadas no processo da pesquisa:

A urina europaica é muito usada para a urina e na urina  
dos enuretos. Urina de Uterus contra a urina e urina e uso de  
urina sobre a pele para evitar o prurido causado pela urina (Urtica  
urans L.) e a urina (Urtica urans L.) e a urina de  
do enureto de Uterus para evitar os sintomas de urina. (AMMARE/70)  
Tal uso é muito antigo, tanto na Europa como no Brasil. O prof. Felha  
de Vila Rica descreve, em seu livro de urina, a urina europaica no livro  
AMMARE que trata da urina de urina por "Uterus de Savigne." (AMMARE/  
70) De acordo com o prof. Felha de Vila Rica urina europaica  
urina europaica é muito usada para a urina e urina para evitar  
os sintomas de urina. (AMMARE/70)

Esta prática também se verifica na região estudada. Os efeitos cicatrizantes de urina humana, seja de criança até sete anos, seja de adulto ou de sua esposa ou do paciente, são muito valorizados pelo homem do campo. Associam à urina, o picumã e o furro e consideram que tal medicamento previne a gangrena e o tétano (RE-40, 67)

O uso do primeiro cuspe de manhã para curar feridas foi muito comum entre os indígenas. (ANILUS-4/147) E atualmente em Alagoas tal uso é muito difundido. (ANILUS/119) E na região estudada tal uso se repete e, segundo um informante, é decorrente de observação dos hábitos terapêuticos dos índios, principalmente, do cachorro que se lambe muito quando está ferido.

A urina de vaca é remédio muito popular e é considerado um rejuvenescedor. Um informante diz que, inclusive, que sua irmã, já casada, ainda toma um copo diário de urina de vaca e, justifica-se afirmando que é tal remédio que lhe permitiu atingir idade tão avançada e perfeita saúde e, inclusive, com disposição para o trabalho. Em Alagoas a urina de vaca é remédio para "corredor de terra" (ANILUS/120) Outros informantes também falam desse uso. Como se vê as práticas médicas, que utilizam os excretos, não é estéril. Ela pode não ser eficaz, mas não resta dúvida, que tais substâncias são realmente utilizadas e, sempre de forma rigorosa, ou quase isso. São pessoas de lugares tão distantes que afirmam sempre a mesma coisa. O uso da urina de vaca como medicamento da tosse se encontra em São Paulo (ANILUS/20, em Ilhéus (BA) e em Lagoa (RJ).

O jasmim do campo (ou febre do cachorro), segundo Manuel de Souza Leitão em 1788, "he muy usual nas laticas, e se pôde pelo nome de alva gregorum, ou pox de Jacmins, ou mais claro, por Alva do Cão; Da le se usa para os tumores de garganta assim nas esquinhasias, comê nas laticas, ainda que no modo e tempo de se applicar he grande erro e abuso, não só em gente do povo, mas ainda em Sangradores, Cirurgiões e também médicos" (Citado in SÃO PAULO/208) e pode-se localizar atualmente em vários lugares do país o uso do jasmim do cachorro nas simplicas contra a bronquite e o coqueluche (a tosse comprida) Intereiramente é o ritual de se colher sempre as folhas secas e esbranquiçadas. Como se vê a medicina colonial contribuiu para a disseminação de uso dos excretos e para a sua legitimação.

O leite de vaca para úlceras do estômago, o leite humano para a dor de ouvido (RE-16), o leite de leite quente para coqueluche (RE-14), a base de leite para tratar de chirimá (RE-11), a banha de leopardo para bronquite (RE-13) e a banha de capivara para bolha nos olhos. (RE-20)

Das animais, muitos medicamentos também são extraídos. A estopa de algodão para tratar de chirimá (RE-11) e o leite de vaca para a dor de ouvido (RE-16), o leite de leite quente para coqueluche (RE-14), a base de leite para tratar de chirimá (RE-11), a banha de leopardo para bronquite (RE-13) e a banha de capivara para bolha nos olhos. (RE-20)

O couro da rã para coqueluche (RE-14) e caracol para sífilis (RE-53) e para doenças de pele de uso interno e externo. O fígado da cobra como antídoto para sua própria mordida (RE-77)

Aparentemente tais medicamentos produzem repulsa ao indivíduo culto e urbano. Entretanto nem todos esses recursos estão desprovidos de lógica ou de um ponto terapêutico. Uma grande parte deles consta de farmacopéias antigas do século passado. O próprio caracol, ainda usado hoje em dia, foi estudado e incluído no Formulário Langgard como tônico para a tísica e as infecções catarrais. (LANGHARD/230) Quando investigamos o passado histórico de cada uma dessas indicações sempre se pode localizar alguma justificativa para o uso atual. Tal fato nos deixa à vontade para concluir que nem sempre o curandeiro é um mistificador, um charlatão que apenas objetiva incluir seus pacientes com um medicamento inócuo ou até mesmo prejudicial. Mesmo porque os próprios usuários afirmam que conhecem e utilizam tais substâncias e as consideram curativas. A bronquite, por exemplo, ainda que tratada pelo médico, é sempre tratada complementarmente pelos simpáticos, fabricados quase sempre com substâncias abjetas, das quais o paciente não tem conhecimento.

#### c) A matéria médica mineral

Ainda que de pequena expressão na matéria médica popular, os minerais e os produtos industrializados e farmacêuticos contribuem com alguns medicamentos importantes da medicina popular.

O açúcar mascavo foi usado no século XVI para curar as feridas que surgiam nos olhos dos varíolosos. Pulverizavam o açúcar através de um caradinho e conseguiam desse modo tratar das feridas conforme nos informa Siza Pinheiro Maranh em 1688, no Recife. (MORÃO/113) Um dos informantes relata o fato de ter sido tratado por um curandeiro de uma ferida produzida por uma folha de cana de açúcar na sua córnea. Foi tratado com açúcar mascavo pulverizado através de um caradinho feito de barro.

A mandeia popular tem por base os conhecimentos muitas vezes na observação do comportamento dos animais. Foi-nos relatado que o barro quando com a raiz de mandeia brava, ele, assim que sente que está "errado" ele come o barro mandeio, cortando com isso os efeitos tóxicos da mandeia. (RE-51) Tal fato coincide com o relato que um veterinário de Lage nos forneceu para tratamento popular de animal "errado" que se constitui de um preparado feito com terra de formigueiro misturada com água. Não pudemos localizar nenhuma confirmação de que um remédio de tal natureza na toxicologia para tal antídoto.

O carvão vegetal, geralmente usado quando ainda incandescente, e o picumã são medicamentos populares de grande prestígio. O carvão é retirado do fôlo e mergulhado numa vasilha com sumo de ervas ou de água e depois de desaquecido é aplicado interna e externamente nas feridas e úlceras. Um dos informantes declara, inclusive, haver-se curado de ferimento no crânio dessa forma, o que mais tarde teria sido verificado a fratura do crânio (RE-50). O picumã se encontra somente em cima dos fogões de lenha, nas telhas e nas paredes e é uma mistura de tois de areia com fuligem. Tal substância é muito utilizada nos empenamentos como antídoto, assim como o carvão, e como antiostrágico e cicatrizante de feridas. (RE-73, 87, 81) Interessante é constatar que o Formulário Langsdorff e o Chernoviz consideram o carvão vegetal um poderoso adjuvante, isto é, a sua capacidade de absorver para a sua superfície outras substâncias, principalmente orgânicas. Daí o seu poder purificador de água e de feridas. (LANGSDORFF/266 e CHERNOVIZ/510) Gaudenzi também afirma que o carvão "torna-se útil, não só por que é capaz de arrastar do organismo elementos nocivos, como pelo fato de permitir oxidações várias ao nível do intestino" (GAUDENZI/20) Lwenta, inclusive, a possibilidade do carvão agir sobre o sistema defensivo do organismo. (GAUDENZI/21)

Os conhecimentos populares que envolvem o carvão vegetal e o picumã são de origem antiga, porém, o sistema médico popular possui a lógica própria e seu funcionamento de forma a realmente fornecer substâncias curativas que recuperam a saúde das pessoas.

O mesmo ocorre com a creolina e o querosene, substâncias ressurpantes, mas que são muito usadas pelos usuários de medicina popular. Um dos informantes que tem a alguns lotes de creolina todos os dias. No Formulário Chernoviz em 1927 a creolina não era considerada nem tóxica nem cáustica. Era aplicada em compressas sobre as feridas, para parar as secreções purulentas, tirar o mau cheiro delas e a cicatrização tinha lugar com a admirável rapidez (CHERNOVIZ/520) quanto ao querosene não se pôde localizar nenhuma obra bibliográfica, porém, os conhecimentos populares com o querosene mostram que ele parece ter ação farnaco-dinâmica sobre os pulmões e as brônquias. Alguns informantes que se curaram de asma com o uso de querosene em um ou outro lote de terra (Citrus aurantium L. var. amara) (RE-11, 12, 13).

As preparações são geralmente preparadas com diversas substâncias. Colocamos na seguinte sequência: as várias plantas e alguns tipos de querosene ou um pouco enferrujado, o pó de ferro, a água e o álcool todos em quantidade, para a preparação de um tipo de preparado, é usado, como já se viu, a fórmula não

costumam ser muito raras e nem sempre são específicas. Entretanto alguns sintomas de caráter franco-dinâmico mais conhecidos fazem parte da fórmula de ferrugem. As pessoas que estão com sangue ruim necessitam geralmente, segundo os ucrânicos, de um depurativo do sangue - indicam a calopprilla (Calopprilla Mart.), a cinza folha (Cypripedium pubescens Mart.), o gervão (Stachytarpheta jamaicensis (L.)), o pó de ferro, o grão enferrujado, a casca de ovo cozida. Na dosagem, inclusive, afirma que o pó de ferro substitui com mais eficiência o sulfato ferroso, porque existem pessoas que não toleram o pó. (17-5)

O pó de ferro é um medicamento muito antigo e se encontra na Farmacopéia Russa de 1927. Segundo o farmacólogo Chernoviz, o pó de ferro era considerado via venozos que os preparados ferruginosos sofriam por ser facilmente absorvido, em consequência de sua extrema divisão, pelas células feras que durante a digestão se acham no esôfago e por não ter o sabor amargento que possuem os demais preparados ferruginosos. (17-371/772)

Como se vê a medicina popular russa tem muitas contribuições de fórmula para a farmacologia do início do século XX. É claro que, muito devido à influência, os remédios médicos populares que vulgarmente se utilizavam nos países publicadas em grande escala. O próprio farmacólogo Chernoviz, livro muito respeitável e conhecido na época. Foi publicado em 1927. E assim muitos outros que foram publicados. Muitos informantes declararam que suas experiências pessoais eram semelhantes do Chernoviz ou então um manual de farmacologia russa.

Assim temos também encontrados muitos ucrânicos da medicina popular que também recomendam diversos alopatéticos e homeopáticos. Recita-se o sal de Eubler (sal de cálcio) como purgante. O ruibarbo (Rheum officinale), adonido e ferrodo como medicamentos importantes da febre tifóide (17-1) A tintura de iodo para ajudar na recuperação nos tuberculoses (17-22) A dipirona para dores de cabeça (17-27, O azul de metileno para a febre (17-28) O azul de metileno para tratamento de impingens (17-31) O Regulador Gestivo para as diarréias (17-32), a lactulose, a ampicilina e o cloranfenicol para tratar de infecções intestinais.

Assim também encontramos alguns elementos de origem médica ou farmacológica. O próprio informante propõe a auto-medicação existente na medicina popular. E o que se refere a esta prática médica oficial. Entretanto, apesar de serem vários ucrânicos que afirmam que a medicina popular é muito rica em recursos e que a medicina popular tem os recursos necessários para a recuperação de todos os casos de doenças agudas.

Diante desse quadro geral da prática médica popular, pode-se concluir que os usuários de medicina popular se apropriam de toda e qualquer substância capaz de aliviar qualquer sintoma mórbido que o impede. Ficou claro também que as substâncias são selecionadas objetivamente no sentido de incluir as substâncias inativas. Os usuários utilizam também substâncias cujo efeito é apenas "simptômico", isto é, não possuem efeito co-dinâmico. Entretanto o usuário não permite esta distinção as substâncias que servem para remediar e para fazer uma cura.

Não se pode, portanto, concluir que os usuários desconhecem as propriedades medicinais das substâncias que utilizam, já que as informações que têm acerca da pesquisa, quase sempre coincidem. Sabem também a quantidade necessária para produzir determinado efeito. Incluem também o respeito do cuidado que se deve tomar com relação a substâncias semelhantes, para que não se confunda substâncias tóxicas com substâncias medicinais.

Assim a medicina popular constitui um sistema coerente de informações com o objetivo de remediar a saúde, e que serve de base para o desenvolvimento da medicina oficial, já que são as obrigações médicas populares que contribuem para a descoberta de recursos médicos fundamentais para a medicina.



d) Descrição e distribuição da matéria médica vegetal existente no regime alimentar, com as respectivas indicações terapêuticas.

As características características do Distrito é nível popular foram classificadas de acordo com o grau de conservação e se denominam populares e foram classificadas segundo um critério de maior difusão de suas indicações.

**ANEXO I - (continuação)**

1) Descrição e distribuição das plantas com seus nomes populares e suas propriedades pelo povo do Distrito de São Paulo.

**ABACAXI - Ananas cominosus L.**

Fruto comestível, originário do Brasil e nativo no Pará. As folhas são utilizadas para a fabricação de ramos de São João. O fruto é utilizado para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. Algumas variedades de abacaxi são utilizadas para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. (11-12,13)

**ABACAXI - Ananas cominosus L.**

Fruto comestível, originário do Brasil e nativo no Pará. As folhas são utilizadas para a fabricação de ramos de São João. O fruto é utilizado para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. Algumas variedades de abacaxi são utilizadas para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. (11-12,13)

**ABACAXI - Ananas cominosus L.**

Fruto comestível, originário do Brasil e nativo no Pará. As folhas são utilizadas para a fabricação de ramos de São João. O fruto é utilizado para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. Algumas variedades de abacaxi são utilizadas para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. (11-12,13)

**ABACAXI - Ananas cominosus L.**

Fruto comestível, originário do Brasil e nativo no Pará. As folhas são utilizadas para a fabricação de ramos de São João. O fruto é utilizado para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. Algumas variedades de abacaxi são utilizadas para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. (11-12,13)

**ABACAXI - Ananas cominosus L.**

Fruto comestível, originário do Brasil e nativo no Pará. As folhas são utilizadas para a fabricação de ramos de São João. O fruto é utilizado para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. Algumas variedades de abacaxi são utilizadas para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. (11-12,13)

**ABACAXI - Ananas cominosus L.**

Fruto comestível, originário do Brasil e nativo no Pará. As folhas são utilizadas para a fabricação de ramos de São João. O fruto é utilizado para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. Algumas variedades de abacaxi são utilizadas para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. (11-12,13)

**ABACAXI - Ananas cominosus L.**

Fruto comestível, originário do Brasil e nativo no Pará. As folhas são utilizadas para a fabricação de ramos de São João. O fruto é utilizado para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. Algumas variedades de abacaxi são utilizadas para a fabricação de sucos e para a fabricação de geleias. (11-12,13)

combustível a geral.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. O pó do casca é usado como um laxante vulnerário (10-10, 19)

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum*

Esta espécie é muito diversificada. As folhas, misturadas com leite humano, são consideradas analgésicas nas dores de ouvido (10-10) (10-10/10/10) Toda a planta é considerada um poderoso abortivo (10-10) Tanto a erva seca quanto o vegetal cozido com mel e açúcar. No Brasil a erva é muito usada para se proteger do gerronismo e do mau-olhado.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum*

Abundante em todo o estado do Rio. A massa rucifoliosa e das folhas é considerada um excelente medicamento das hemorroides. No Rio de Janeiro a casca é utilizada.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Jacq

Abundante em todo o estado do Rio. As flores são muito usadas na cura, na bronquite e em outras doenças.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. A casca é usada em vários casos de doenças, na bronquite e de cura.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. A casca é muito usada no diabetes melitus.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. As flores são muito usadas em vários casos de doenças, na bronquite e de cura.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. A casca é muito usada em culinária. O chá de casca de erva é considerado um anti-espasmodico e um emoliente.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. A casca é muito usada em vários casos de doenças, na bronquite e de cura.

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. As folhas muito usadas em vários casos de doenças, na bronquite e de cura. (10-10)

ANONIA - *Chenopodium leptocarpum* Willd

Abundante em todo o estado do Rio. As folhas muito usadas em vários casos de doenças, na bronquite e de cura. (10-10)

Abundante em todo o estado do Rio. As folhas muito usadas em vários casos de doenças, na bronquite e de cura. (10-10)

folhas são consideradas excelentes para a alimentação. Também é obtido em outros locais da região, como em São Paulo e Rio de Janeiro. (11-13)

**0190-110111** - *Albizia julibrissin* Desf.  
Oligótipos encontrados em São Paulo e Rio de Janeiro. (11-13)

**0190-110112** - *Miconia birmanica* A.C.  
Oligótipos encontrados em São Paulo e Rio de Janeiro. As folhas são utilizadas para a fabricação de tecidos. (11-13)

**0190-110113** - *Leucaena leucostachya* Desf.  
Oligótipos encontrados em São Paulo e Rio de Janeiro. As folhas são utilizadas para a fabricação de tecidos. (11-13)

**0190-110114** - *Albizia julibrissin* Desf.  
Oligótipos encontrados em São Paulo e Rio de Janeiro. (11-13)

**0190-110115** - *Albizia julibrissin* Desf.  
Oligótipos encontrados em São Paulo e Rio de Janeiro. (11-13)

**0190-110116** - *Albizia julibrissin* Desf.  
Oligótipos encontrados em São Paulo e Rio de Janeiro. (11-13)

**0190-110117** - *Albizia julibrissin* Desf.  
Oligótipos encontrados em São Paulo e Rio de Janeiro. (11-13)

o anti-neumático que se poderia ser praticado. Mas continuou-se a procurar o óleo de sassafrão norte-americano no tratamento de varicela!!! (L. 10007-4/190) As folhas de urva-da-santa-laria também são usadas em forma de infusões nas fraturas de animais de caça no campo. É usado também em forma de infusão para curar pulgas, flebotomias, etc. (L. 10008)

10007 - *Salvia calycina* Willd.  
Arvore muito cultivada em jardins. As sementes são muito usadas como calmante e nas doenças das crianças. (L. 10007)

10008 - *Thymus sibiricus* Link.  
Arvore muito cultivada em jardins. É usada nos distúrbios do sistema digestivo, nos problemas do sistema urinário, nos problemas do sistema respiratório.

10009 - *Schizanthus litoralis* Willd.  
Arvore muito cultivada em jardins. É usada nos distúrbios do sistema digestivo, nos problemas do sistema urinário, nos problemas do sistema respiratório.

10010 - *Thymus sibiricus* Link.  
Arvore muito cultivada. As folhas são usadas na forma de chá e no tratamento das gripes e resfriados.

10011 - *Salvia calycina* Willd.  
Arvore muito cultivada em jardins. As folhas são usadas em forma de chá e no tratamento das gripes e resfriados. É considerada um excelente diurético.

10012 - *Urtica officinalis* L.  
Arvore muito cultivada em jardins. É usada nos distúrbios do sistema digestivo, nos problemas do sistema urinário, nos problemas do sistema respiratório.

10013 - *Salvia calycina* Willd.  
Arvore muito cultivada em jardins. É usada nos distúrbios do sistema digestivo, nos problemas do sistema urinário, nos problemas do sistema respiratório.

10014 - *Salvia calycina* Willd.  
Arvore muito cultivada em jardins. É usada nos distúrbios do sistema digestivo, nos problemas do sistema urinário, nos problemas do sistema respiratório.

10015 - *Salvia calycina* Willd.  
Arvore muito cultivada em jardins. É usada nos distúrbios do sistema digestivo, nos problemas do sistema urinário, nos problemas do sistema respiratório.

10016 - *Salvia calycina* Willd.  
Arvore muito cultivada em jardins. É usada nos distúrbios do sistema digestivo, nos problemas do sistema urinário, nos problemas do sistema respiratório.

pécis de títigo. A raiz é muito empregada para aliviar as dores de dentes.

**ROSTKII-PIPERITA** - Mentha piperita Linnaeu

Trava cultivada nas hortas. A infusão das folhas é empregada para o títigo e para aliviar as dores de dentes.

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Cigó volúvel alimentada nas hortas. A raiz em decocção é empregada como um laxante de urgência.

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Árvore abundante nos jardins de "titor". A casca em forma de decocção ou em infusão é muito empregada nas inflamações do útero, nas leucorréias, em um útero e ovarios, em uma gynaecia. (10-30)

**JERIVÁ** - Solanum paniculata Linnaeu

Arbusto muito comum. O fruto é muito empregado nas doenças do fígado. Utilizado nos males com odo e usado também para tratar de diarréias e títiga.

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Árvore abundante cultivada. A infusão das folhas é muito usada como diurético, nas gripes, nas bronquites, e como preventivo nas doenças do sistema urinário. (10-15)

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Cigó abundante muito comum nas hortas. A infusão das folhas é empregada como diurético e para a cura dos rins. O suco, quando cozido, também é um laxante.

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Trava cultivada nas hortas. A infusão das folhas é empregada nas doenças do aparelho respiratório. Aplica-se também externamente nas irritações e furúnculos. (10-15)

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Árvore abundante muito cultivada. A infusão das flores é muito usada nas doenças, na febre aguda. As sementes reduzidas a pó são empregadas para a cura da tosse, da asma, da bronquite e da ginecologia. Também são empregadas para a cura da tosse do nervoso. (10-15)

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Arbusto abundante muito comum. A infusão das folhas é empregada como diurético e para a cura da tosse e da ginecologia.

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Trava cultivada nas hortas. A infusão das folhas é empregada nas doenças do aparelho respiratório. Aplica-se também externamente nas irritações e furúnculos. (10-15)

**CAFFREIA** - Citrus japonica Thunberg

Cipó volúvel muito comum nas matas e nos campos. A raiz em decoção é muito empregada como emoliente nos cólicas de colera. É considerado um abortivo energético, porém perigoso. Em algumas regiões é usado como amarelo e nas febres. Usa-se o pó da raiz como vulnerário nas feridas recentes. Considera-se também um abortivo energético.

URUBA-URUBA - *Cipurus Apocynos De Coudolle*

Arbusto comum nos campos. As folhas são usadas em infusão no grise. É também, em algumas regiões, considerado mágico e, por isso, empregado em banhos de "descorço".

URUBA-URUBA - *Microseris Lamy (Vell) Mill*

Arbusto comum nos campos de floresta. A casca em decoção possui muito amargor e é empregada também para combater as febres, inclusive a malária. (17-22)

URUBA-URUBA - *Ficus grandiflora*

Arbusto muito cultivado como ornamental. As cascas do fruto e os frutos são muito empregados nos cólicas e em gargarejos para dor de garganta. A casca da raiz é usada para expulsar a tênia.

SANTALINA - *Cedrela odorata Swartz Sch*

Arbusto cultivado para fins medicinais. As flores em decoção são consideradas um excelente diaforético no verão. (17-104).

SANTALINA - *Enterolobium ciliatum Pinna*

Arbusto cultivado nos campos. A raiz e as folhas são empregadas como energético abortivo.

URUBA-URUBA - *Vicia odorata Pinna*

Arbusto cultivado como ornamental e medicinal. As folhas em infusão são muito empregadas para o tratamento de úlceras do estômago. De uso externo, são usadas como emolientes nos furúnculos e abscessos.

2) Planta medicinal reconhecida como tal nos herbários do Museu de História Natural da Universidade Brasileira de 1928.

URUBA-URUBA - *Hieracium lanceolatum (Vell) Wedd*

Arbusto comum nos campos. As cascas em decoção são muito empregadas nos cólicas de colera infantil e também, nas febres, nas úlceras.

URUBA-URUBA - *Desmodium illinoense Pinna*

Arbusto comum nos campos. A infusão das folhas é empregada como emoliente nos cólicas de colera.

URUBA-URUBA - *Desmodium illinoense Pinna*

Arbusto comum nos campos. A raiz em decoção é considerada

de 3.000 a 4.000 unidades por hectare, na época adulta.

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas. Os bulbos (cabeças) de alho são muito empregados pelas curandeiros de medicina popular. São muito usados para tratar a gripe e também como anti-inflamatório e analgésico. Também são usados para tratar os sintomas de varicela dos coelhos. O mesmo alho contém alguns ácidos de alho no bolho de conservação química que dá a característica de odor.

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas nas curas. A infusão de todo o bulbo é empregada para diminuir as dores nas gengivas, e também para tratar a gripe. (12-11)

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas. O fruto verde é empregado para diminuir a febre e a dor de cabeça.

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas para tratar a gripe. A infusão de todo o bulbo é empregada para tratar a gripe. O mesmo alho contém alguns ácidos de alho no bolho de conservação química que dá a característica de odor. (12-12)

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas para tratar a gripe. A infusão de todo o bulbo é empregada para tratar a gripe e as prostrações ocasionadas pela inflamação dos órgãos genitais com o cálcio para tratar o tumor vaginal. (12-13)

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas para tratar a gripe. A infusão de todo o bulbo é empregada para tratar a gripe e as prostrações ocasionadas pela inflamação dos órgãos genitais com o cálcio para tratar o tumor vaginal. Para evitar a hemorragia post-partum também se usa o alho. (12-14)

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas para tratar a gripe. O leite cozido com alho é usado para tratar a gripe e as prostrações ocasionadas pela inflamação dos órgãos genitais com o cálcio para tratar o tumor vaginal. (12-15)

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas para tratar a gripe. O suco de alho é usado para tratar a gripe e as prostrações ocasionadas pela inflamação dos órgãos genitais com o cálcio para tratar o tumor vaginal. (12-16)

**ALHO - Allium sativum Linn.**

Três cultivares são usadas para tratar a gripe. O suco de alho é usado para tratar a gripe e as prostrações ocasionadas pela inflamação dos órgãos genitais com o cálcio para tratar o tumor vaginal. (12-17)

...-g... - ...

... nos lugares úmidos. A descrição da raiz é considerada característica para tratar de ...

... da raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...

... raiz é considerada característica para tratar de ...



Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Óleo usado para o tratamento das feridas. A infusão das partes suaves do fruto é muito usada nas crises de hipertensão arterial, nas doenças reumáticas, e como analgésico nas nevralgias nervosas (11-19, 21, 30)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e nas matas secundárias. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

Chlorophytum - arboricola (L.) DC.

Árvore pequena, muito comum nos campos e úmidas. As folhas são largas e coriáceas, muito utilizadas nas doenças reumáticas, especialmente a artrite. (11-21)

17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

17-10-11 - ...  
 17-10-12 - ...  
 17-10-13 - ...  
 17-10-14 - ...  
 17-10-15 - ...  
 17-10-16 - ...  
 17-10-17 - ...  
 17-10-18 - ...  
 17-10-19 - ...  
 17-10-20 - ...  
 17-10-21 - ...  
 17-10-22 - ...  
 17-10-23 - ...  
 17-10-24 - ...  
 17-10-25 - ...  
 17-10-26 - ...  
 17-10-27 - ...  
 17-10-28 - ...  
 17-10-29 - ...  
 17-10-30 - ...  
 17-10-31 - ...

0070-111-111 - Citrus aurantium Spring

Arbusto muito comum nas serras do litoral. A raiz é muito empregada como analgésico nas dores de dentes. (117-30)

0070-111-112 - Citrus aurantium Spring

Arbusto cultivado nas hortas. As folhas em infusão são empregadas para o tratamento de tosse e bronquites.

0070-111-113 - Citrus aurantium Spring

Arbusto cultivado. O fruto em decocção é muito empregado como diurético nas gripes.

0070-111-114 - Cheptalia nutans Polack

Arbusto muito comum. A planta inteira em decocção é empregada para o tratamento de cálculos renais.

0070-111-115 - Cheptalia nutans Polack

Arbusto cultivado nas hortas. As folhas em infusão são empregadas como purgante e laxativo. (117-111)

0070-111-116 - Cheptalia nutans Polack

Arvore pequena muito comum nos terrenos baldios. Costuma-se utilizar a casca em óleo com diversas aplicações medicinais. O óleo de ricino ou de leão é muito usado em fricções no ventre das parturientes para facilitar as contrações e o tradicional uso como purgante em crianças. (117-116)

0070-111-117 - Cheptalia nutans Polack

Arbusto muito comum. A casca crua é considerada tóxica e quando cozida com leite, o suco. O suco usa como antídoto de ferro venenoso. Costuma-se também fazer uma pasta com terra de forneiro e o antídoto. Nas feridas e para prevenir o tétano usa-se o suco de casca crua. A farinha de casca e as cascas é muito usada para o tratamento de furúnculos. (117-30)

0070-111-118 - Cheptalia nutans Polack

Arvore frutífera cultivada. As brotas em infusão são empregadas nas febres, no suco e também como abortivo. (117-116)

0070-111-119 - Cheptalia nutans Polack

Arvore frutífera cultivada. As folhas em infusão são muito usadas em infusão nas insônias e nas taquicardias. (117-31,32)

0070-111-120 - Cheptalia nutans Polack

Arvore muito comum nas hortas e jardins. A raiz é considerada muito tóxica. As folhas são emolientes nos furúnculos.

0070-111-121 - Cheptalia nutans Polack

Arvore muito comum nas hortas. As flores servem para o tratamento de tosse, em infusão, são muito usadas e servem as crianças.

Arvore frutífera cultivada. As folhas em infusão são muito usadas em infusão nas insônias e nas taquicardias.

**PLANTO** - *Plantago lanceolata*

Planta herbácea, com flores brancas, e inflorescência, não muito alta e com pedicelos, com o nome de "planta" (111-118)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas e pedicelos. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

**PLANTO** - *Plantago lanceolata* L.

Planta herbácea, com flores brancas. A planta inteira, com o nome de "planta", com o nome de "planta" (111-20)

... (1-1)(1-1) ...

... De ramovos e ...

... as vagens produzem ...

... as folhas são muito em ...

... é muito es- ...

... as cascas ...

... as folhas em decoc- ...

... as flo- ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (faint text) ...  
 ... (faint text) ...

... (1911) ...  
 ... (1912) ...  
 ... (1913) ...  
 ... (1914) ...  
 ... (1915) ...  
 ... (1916) ...  
 ... (1917) ...  
 ... (1918) ...  
 ... (1919) ...  
 ... (1920) ...  
 ... (1921) ...  
 ... (1922) ...  
 ... (1923) ...  
 ... (1924) ...  
 ... (1925) ...  
 ... (1926) ...  
 ... (1927) ...  
 ... (1928) ...  
 ... (1929) ...  
 ... (1930) ...  
 ... (1931) ...  
 ... (1932) ...  
 ... (1933) ...  
 ... (1934) ...  
 ... (1935) ...  
 ... (1936) ...  
 ... (1937) ...  
 ... (1938) ...  
 ... (1939) ...  
 ... (1940) ...  
 ... (1941) ...  
 ... (1942) ...  
 ... (1943) ...  
 ... (1944) ...  
 ... (1945) ...  
 ... (1946) ...  
 ... (1947) ...  
 ... (1948) ...  
 ... (1949) ...  
 ... (1950) ...  
 ... (1951) ...  
 ... (1952) ...  
 ... (1953) ...  
 ... (1954) ...  
 ... (1955) ...  
 ... (1956) ...  
 ... (1957) ...  
 ... (1958) ...  
 ... (1959) ...  
 ... (1960) ...  
 ... (1961) ...  
 ... (1962) ...  
 ... (1963) ...  
 ... (1964) ...  
 ... (1965) ...  
 ... (1966) ...  
 ... (1967) ...  
 ... (1968) ...  
 ... (1969) ...  
 ... (1970) ...  
 ... (1971) ...  
 ... (1972) ...  
 ... (1973) ...  
 ... (1974) ...  
 ... (1975) ...  
 ... (1976) ...  
 ... (1977) ...  
 ... (1978) ...  
 ... (1979) ...  
 ... (1980) ...  
 ... (1981) ...  
 ... (1982) ...  
 ... (1983) ...  
 ... (1984) ...  
 ... (1985) ...  
 ... (1986) ...  
 ... (1987) ...  
 ... (1988) ...  
 ... (1989) ...  
 ... (1990) ...  
 ... (1991) ...  
 ... (1992) ...  
 ... (1993) ...  
 ... (1994) ...  
 ... (1995) ...  
 ... (1996) ...  
 ... (1997) ...  
 ... (1998) ...  
 ... (1999) ...  
 ... (2000) ...

...

3) Herbarios de plantas medicinais, nos municípios de Ardiel, Pôrto Alegre  
que não foram visitados durante o trabalho de campo:

1933-3342 - Esp. de plantas medicinais, do Jardim das  
Sinhocas, Ardiel, visitado no trabalho de campo em 1932.

1933-3343 - Esp. de plantas medicinais, nos municípios de Ardiel,  
Pôrto Alegre, visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condi-  
ções de conservação, bem como a coleta de material de pesquisa  
na área de campo, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
no trabalho de campo de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3343).

1933-3344 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas.

De onde foram coletadas plantas medicinais e pneumônicas (1933-3344)

1933-3345 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3345).

1933-3346 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3346).

1933-3347 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3347).

1933-3348 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3348).

1933-3349 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3349).

1933-3350 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3350).

1933-3351 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3351).

1933-3352 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3352).

1933-3353 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3353).

1933-3354 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3354).

1933-3355 - Esp. de plantas medicinais, no Jardim das Compostas, de Ardiel,  
visitado durante os trabalhos de campo, em 1932. Condições de conservação  
e coleta de material de pesquisa, são descritas e colocadas no anexo de pesquisa  
na área de campo, de Ardiel e Pôrto Alegre, respectivamente, na página  
(1933-3355).



Malvaceae. A raiz é considerada diurética e muito empregada nos estados de febre. (17-15)

17-16 - Árvore que vegeta nos campos do litoral, da família das Malvaceae. A raiz é considerada diurética e muito empregada nos estados de febre. (17-16)

17-17 - Árvore que vegeta nos campos do litoral, nos estados de febre, muito difícil de ser encontrada, possui uma substância que atua sobre a circulação do sangue, produzindo um efeito purgante. (17-17)

17-18 - Árvore que vegeta nos campos do litoral, da família das Malvaceae. A raiz é considerada diurética e muito empregada nos estados de febre. (17-18)

17-19 - Árvore que vegeta nos campos do litoral, da família das Malvaceae. A raiz é considerada diurética e muito empregada nos estados de febre. (17-19)

17-20 - Planta que vegeta nos campos do litoral, da família das Malvaceae. A raiz é considerada diurética e muito empregada nos estados de febre. (17-20)

17-21 - Planta que vegeta nos campos do litoral, da família das Malvaceae. A raiz é considerada diurética e muito empregada nos estados de febre. (17-21)

ILEGIVEL





sensu, que atende às peculiaridades do pensamento científico. O pensamento popular se assemelha ao pensamento mágico, que constitui o pensamento característico das sociedades primitivas. Todas as sociedades primitivas, inclusive as remanescentes, que ainda sobrevivem nos tempos atuais, apresentam este pensamento, que não significa certamente um estágio desigual do desenvolvimento do espírito humano, mas de um nível estratêgico diferente, onde a Natureza se deixa atacar pelo pensamento humano, isto é, como se as relações necessárias entre os seres, objetivo de qualquer saber, pudessem ser atingidos por dois caminhos diferentes: um muito perto da intuição sensível e outro, mais afastado (LEVI-STRAUSS-3/33)

Não se pode analisar, portanto, o discurso dos usuários da medicina popular sem fazer um estudo preliminar do pensamento mágico, do qual os usuários atuais são os efetivos depositários, ainda que estejam sob constante assédio do objetivismo científico-capitalista.

A necessidade de classificar constitui uma característica da espécie humana. A própria linguagem já constitui em si mesma um sistema classificatório. "Toda classificação é superior ao caos; o, mesmo uma classificação ao nível das propriedades sensíveis é uma etapa para uma ordem racional" (LEVI-STRAUSS-3/33) Mas todo sistema classificatório possui sua própria gramática, seus próprios princípios de formação. Entretanto a sua aplicação não depende da consciência de suas regras para que funcione. Existe um certo automatismo psíquico, no processo de classificar e observar a Natureza, por parte do pensamento mágico.

É através desse automatismo que o pensamento mágico permeia o processo de classificação e introduz suas principais características. Tradicionalmente se definia o pensamento mágico das sociedades primitivas como sendo de natureza mística, já que considera espiritualizada toda a Natureza e o Universo visível e o presumível, sem que para ele exista uma distinção entre os fenômenos naturais e os não naturais, pois estes últimos continuam, se complementam e se confundem e convivem com aqueles.

Entretanto é necessário desvendar quais as efetivas relações que tal pensamento estabelece com o real? Qual a técnica que utiliza para classificar e observar o real? Consideramos que sob o manto de mistério que envolve a atuação de um curandeiro, frequentemente esta escondido um conhecimento real, acessível de um longo e contínuo estudo da Natureza, e que atrás de seu vestuário pode estar oculto o médico inteligente e sábio. Podemos dizer, com muito exagero, que no fundo de toda a medicina mágica popular, que mais que terrena a aparência de sobrenatural, existe alguma coisa de fatos empíricos verificáveis e comprováveis. Nas sociedades primitivas, podem haver mistérios, mas não há magia. A magia é uma característica da civilização

medicina científica.

Existem, portanto, regras inconscientes que necessitamos determinar para que possamos compreender, sem etnocentrismo, o pensamento mágico. É necessário não apenas estudar este pensamento através das imagens que ele nos oferece, porém este pensamento se caracteriza principalmente por não se submeter às suas próprias técnicas de observação. Por que possui habilidade suficiente para utilizar um conhecimento sobre um fenômeno natural, em proveito da formação de uma coletividade composta de indivíduos com maior capacidade física.

Os índios Maués, no Amapá, durante a festa da Tocandira, utilizam formigas (*Dinoponera grandis* Guerin) introduzidas num tronco de palha, em forma de luva, para surtir os jovens, durante a cerimônia danceira, com as rãs cobertas de formigas, que produzem ferroadas, cujas dores persistem durante 24 horas. O jovem que se recusar a participar da festa é rejeitado pelo tribo e transforma-se, a partir de então, num pária sem nenhum direito à sobrevivência. (FERREIR/47)

Assim, com a cerimônia, a sociedade seleciona, através de tal recurso ritual, os mais capazes. Entretanto "a prova da Tocandira parece demonstrar que os Maués já tinham empiricamente aprendido sua ação excitante sobre a fibra muscular visto que depois da inculção do líquido venenoso das grandes formigas, os índios deviam ensinar suas forças num arco, verdadeira dinamômetro primitivo" ("MPTNIS-4/53-Notas de FERREIR DA SILVA) Os preparados farmacêuticos empregados há mais de dois séculos deviam as suas propriedades excitantes e tônicas às formigas, que entravam na sua composição. Mais tarde passaram a utilizar os formintos que atuam sobre os músculos, aumentando em proporção considerável a sua atividade, a sua resistência à fadiga, sem os efeitos negativos do ácido fórmico ou das formigas in natura.

(CHERNOWITZ/863) Os Maués sabiam, portanto, que o uso da Tocandira, promovia a seleção dos mais capazes e, além disso, fortalecia os músculos dos já abalacionados. Como se vê a cultura humana, mesmo nas sociedades ilustradas e pouco desenvolvidas materialmente, introduz o processo de seleção artificial em conseqüência do processo genético natural, como sendo esse meio promover a preservação do grupo, através da seleção das variações genéticas mais favoráveis.

É evidente que o pensamento mágico não elabora projetos para obter conhecimento. Ele não conhece porque deseja conhecer; ele conhece porque observa, experimenta os elementos naturais e culturais. É um pensamento de natureza utilitarista, mas entretanto evidenciá-lo como tal. É tal natureza utilitarista se descarrega através de rituais extenuantes e dolorosos. O sucesso, possível mesmo preparado pelos indivíduos, é a sobrevivência da tribo. É a sobrevivência primitiva habilidade de sobrevivência. É a sobrevivência, a sobrevivência e a ciência médica.

Isto porque o curare não é extraído, como antigamente se supôs, de uma única planta, porém é produto da associação de vegetais diversos, predominando, segundo todos as probabilidades uma espécie do gênero *Strychnos* da família das Loganiáceas. O curare é preparado através de várias manipulações técnicas com objetivos não necessariamente empíricos, já algumas fases de preparação servem apenas para preservar os próprios segredos da fabricação. Frequentemente os indígenas ludibriavam a boa fé dos viajantes e lhes daram receitas erradas ou venenos diferentes do curare legítimo. Por isso sempre permaneceram dúvidas quanto à composição do curare, já que as experiências de laboratório quase sempre desmentiam as observações feitas no campo. (VILLARD/5)

Os efeitos do curare não se devem somente à espécie de *Strychnos*; as *Menispermáceas* utilizadas representam um papel importante no veneno indígena, quando o querem fortalecer para que sirva tanto para a caça de quadrúpedes como de aves. E quanto às *Piperáceas* usadas, o seu papel é duplo: ativar a absorção do veneno no corpo da caça e evitar o derramamento de sangue pela ferida deixada pela flecha, porque sempre que o animal é ferido o sangue imediatamente se coagula e a ferida se fecha. O escoamento do sangue diminuiria a ação do veneno e, por isso o indígena incluía no seu preparado, plantas cujas propriedades conhece com as qualidades que deseja, que lhe facilitem o trabalho de caçar e, inclusive, o capacitam a poder escolher o veneno mais apropriado de acordo com suas necessidades, ora lhe facilitando o arriboamento, ora produzindo a morte se quer ter alimento. E ainda pode após a flechada salvar a caça aplicando o antídoto, que é o sal de cozinha que o indígena prepara através de diversos vegetais. Como o curare somente torna-se ativo através do contato com o sangue, a caça atingida pelas flechas envenenadas pode servir de alimento para o homem sem nenhum problema. Quando o curare já está muito velho, para recuperar sua primitiva força, os indígenas fazem um cozimento com *Piperáceas*, para torná-lo novamente ativo. (MARIOS RODRIGUES-Citado in HOEHNE-2/223)

Não se pode, portanto, ignorar a capacidade cognoscitiva do pensamento mítico, já que os exemplos abundam, demonstrando que o conhecimento pode ser obtido por métodos não necessariamente objetivos, isto é, métodos científicos, e que nem sempre as soluções científicas são as mais adequadas para sociedades diferentes. O naturalista Humboldt, que teve oportunidade de assistir, entre os indígenas da Amazônia, à fabricação do curare, ouviu de um indígena, estas veementes palavras:

" - De pai que os brancos têm o segredo de fabricar o curare e esse pó negro que tem o efeito de fazer brulhar e agitar os animais, quando se lança sobre eles. O curare que não preparamos, do pai e filhas é muito mais forte. Quando os brancos não sabem fazer o curare, eles dizem: 'O curare é muito forte, não se pode fazer o curare sem o pó negro' " (Citado in "MARIOS RODRIGUES")









O médico da medicina popular está constantemente comparando a medicina atual, ainda não muito aparelhada, com bastante recursos com o que irracionalmente considerava a "medicina do abuso", isto é, a medicina das ervas e das curandeiras. As comparações com um passado remoto, no qual não existiam os recursos atuais, são muito comuns. Assim, incluindo o contexto histórico de uma medicina que dava maior atenção ao paciente, ainda que não possuísse tantos recursos como atualmente: " - a medicina era mais abusada, mas existia menos doença", diz Pedro de Pico, que durante toda a sua vida raramente recorreu ao médico. (RT-89) Possui uma satisfação muito grande, de parte do médico, por nunca ter sentido a necessidade de cuidados médicos. Tendo sido tal satisfação baseada na relação médico-paciente clássica, mas também pelo prazer de passar saúde e poder trabalhar numa comunidade organizada. (RT-10,125)

Outro ponto dos informantes viviu na fase pre-antibiótica da medicina clássica e, por isso compara as condições de saúde da população de hoje com a atual. "Lagam que as condições ambientais e a própria alimentação fazem serem mais saudáveis: " - ... hoje nós temos de trabalhar no meio de químicos", diz Pedro de Pico, "... ou não vai beber água com cálcio. Não vou se envenenar com a minha própria urina. Eu fui beber que trabalhei muito em cooperativa de leite. Então eu vejo a que era a população aqui: tudo estragado. Eu já vi com meu próprio nariz. O ar, cálcio e que eles fazem? O leite deu acidez. Mas desperdiça para 20.000 litros de leite, eles despejam dois sacos de cal virgem por tirar a acidez. O ar, hoje um banana no cartucho, o ar, tá envenenado a pensar." (RT-92) O que nos faz lembrar do enciclopédico e estudioso de medicina, Niderot, que acreditava que a medicina clássica tinha conseguido a aperfeiçoar-se à medida que os vícios da natureza tornavam as enfermidades mais complicadas e perigosas. (NIDEROT, 1977)

A alimentação é sempre o ponto de partida para o desenvolvimento da doença e do câncer. (RT-93) Assim a crítica das condições modernas de produção capitalista são muito comuns. Os alimentos são considerados muito mais saudáveis, porque não são produzidos em grandes quantidades. Também porque sabem que Deus deu a natureza para ser usada e não para ser destruída pelo homem (RT-96) Fazem muitas comparações com o passado, onde a vida era mais saudável quando as condições de vida eram melhores e a natureza mais abundante. O ar, tá envenenado uma coisa assim, tá envenenado a pensar, tá a beber. Da primeira

ILEGÍVEL



malto só para habitar-se e assim na parca a melhor que se possa achar, pois que doula que aqui existem, nunca ouvi dizer que corres-se alguém de febre, mas somente de vultoso a muito de mol gálico: para hidropisia não é bom por serem úmidas as alimentos, e terra é naturalmente quente e úmida. Para se sair de saúde é preciso trabalhar e viver como "os a pedra lousa" (Citação de MONTANA/14)

A questão do trabalho como elemento da saúde não pode ser analisada somente segundo um ponto de vista médico, já que o trabalho é a principal fonte de acumulação de capital do modo de produção capitalista e como tal está envolvido por ideologias que costumam eral-tecer o amor ao trabalho. Por entre toda a divisão social do trabalho capitalista tem existido para retirar do trabalho todo o prazer que outros modos de produção proporcionam; os camponeses e os artesãos independentes desenvolvem, embora voluntariamente, os conhecimentos, a seriedade e a vontade, como os indivíduos que exercem as artes da guerra, da cega ou da medicina segundo sua vocação pessoal. "A compreensão de maior parte dos passados", diz Ideo Boito, "ou foram necessariamente através de uma ocupação ordinária. Um homem que durante toda a sua vida se ocupou de algumas operações simples... não tem oportunidade de exercer sua inteligência. Se cultrado ele se torna estúpido e ignorante quanto se pode tornar uma criatura humana" (Citação in "MEL-1/414") É evidente que a divisão social do trabalho nas formações capitalistas ataca o indivíduo em suas raízes vitais; é ele que primeiro fornece o material e o impulso para a patologia industrial. O trabalho assalariado nas indústrias capitalistas não se adequam, portanto, aos ideais hipocráticos de remuneração da saúde através do trabalho manual, que os usuários da medicina popular defendem e que os primeiros jesuítas traziam para o Brasil tanto cultuaram. Ressalte-se que a maior parte dos usuários são camponeses ou então ex-camponeses que abandonam as relações capitalistas de produção seja porque foram espoliados por indivíduos, seja porque adquiriram consciência da espoliação de seu corpo e de sua força de trabalho.

Os usuários defendem que a medicina popular é a única que realmente cuida da saúde humana e social e, portanto, toda intervenção médica deve ser avaliada de acordo com a sua análise auto-critica. Isso se faz de lado, as adaptações da cura, a temperatura, a dieta não falarem importantes na etiologia das enfermidades. Assim, um paciente de 100, com febre, entre seus dentes no interior, provavelmente se encontra em um estágio de saúde e a cura.

(MONTANA)

ILLEGÍVEL

830



tais fatos existem, se eles são comuns, mister é penetrar-lhes a significação e não atribuí-las. Essas considerações julgo necessárias ao iniciar esta palestra sobre a influência que certos distúrbios atmosféricos exercem sobre o organismo humano. A existência de influência médica pode negar, pois até os leigos a percebem, mas a mais completa indiferença a respeito dela se observa nos livros de medicina! (Citado in S<sup>o</sup> PAULO/ANI)

É evidente que nos secura o usuário consegue estabelecer uma linha divisória que distingue os fatos empíricos dos mágicos. A sensibilidade cônica dos organismos vivos é um fato já comprovado. Nada há de mágico nas reações orgânicas às mudanças atmosféricas ou às mudanças da fase da lua. Os ventos frios, as mudanças de temperatura repentina favorecem muitas vezes o aparecimento de determinados estados mágicos. Entretanto para o usuário de medicina popular os próprios fenômenos naturais são fenômenos mágicos. Tudo na realidade possui virtudes mágicas. Mas o que não se pode negar é a capacidade de tal pensamento de precisar com relativo rigor as relações que existem na natureza.

A medicina popular possui características ligadas à medicina culta introduzida no Brasil através da colonização portuguesa. Na própria linguagem médica popular encontramos expressões que são "arcaísmos de forma, arcaísmos de sentido, arcaísmos mistos; que muitas palavras e frases julgadas plebeias não representam criação propriamente vulgar, provindo, ao contrário, da medicina culta do passado, mas como da atual aparência medicina científica" (S<sup>o</sup> PAULO/ANI) As influências filosóficas, portanto, inevitavelmente ocorrem. E como consequência de idéias hipocráticas, introduzidas no Brasil, através da medicina portuguesa assim como dos médicos que acompanharam a colonização holandesa, acabaram colaborando para a formação da consciência médica popular.

Para o usuário de medicina popular, a Natureza, tanto no homem como fora dele, é harmonia e equilíbrio. A enfermidade é a perturbação desse equilíbrio e da harmonia. Neste caso a enfermidade não atinge nenhuma parte do corpo. Há a totalidade do corpo do homem. A concepção popular de enfermidade é dinâmica e totalizante. "Olha, se vou dizer uma coisa certa: desde a hora que o sr. tomou um remédio se o organismo reagir bem, não tem doença. O organismo é mais importante, é a moleza real do corpo... O que vale é a vontade e não a ciência!" (S<sup>o</sup> PAULO/ANI)

O corpo humano é um sistema de vida. Os sistemas de vida são dinâmicos e totalizantes. A enfermidade é uma perturbação de equilíbrio e de harmonia. Neste caso a enfermidade não atinge nenhuma parte do corpo. Há a totalidade do corpo do homem. A concepção popular de enfermidade é dinâmica e totalizante. "Olha, se vou dizer uma coisa certa: desde a hora que o sr. tomou um remédio se o organismo reagir bem, não tem doença. O organismo é mais importante, é a moleza real do corpo... O que vale é a vontade e não a ciência!" (S<sup>o</sup> PAULO/ANI)

ticos da flora medicinal são empregados com o objetivo de auxiliar as reservas de energia para expelir impurezas através da sudorese e facilitar a saída com a infecção. Os diuréticos do sangue são utilizados sempre que alguma dorretação pelo corpo, indicando os curandeiros que o organismo está eliminado as impurezas e necessita, portanto, de um meio para auxiliar para. Assim ele, "afinar" o sangue, já que em tal situação, o usuário considera o sangue está "grossa", isto é, cheio de impurezas.

Além que de uma assistência, o curandeiro costuma relacionar as enfermidades com as constituições individuais dos pacientes, chegando a propor, portanto, uma patologia constitucional. "A presença de sangue ruim, diz o Pedro de Fico, é muito fechada e com gosto." (27-59)

Os acidentes provocados por mordeduras de cobras venenosas são muito relatados pelos usuários. Existem, inclusive, em algumas regiões muito infectadas por cobra, especialistas denominados "curadores de cobra", que fazem, através do veneno e tratam com plantas e outras substâncias. Muitos informantes declararam que foram mordidos várias vezes e que o veneno perde o efeito depois de ter sido picado por alguma cobra. A prática médica popular origina-se de pesquisas e experiências e observações efetuadas no seu próprio corpo. A maior parte de seus conhecimentos são oriundos de experiências necessariamente involuntárias, com seu próprio corpo. Assim, um caçador do Vale dos Pedreiros (RJ), antigo curador que trabalhou para o Dr. J. Monteiro da Silva da Flora Medicinal do Vinhas do Sul (SC), afirma que "num existe remédio no mundo melhor pro mordido de cobra do que o criatório" (27-6)

Os conhecimentos variam, mas se nota em todos os informantes a mesma convicção de que tais remédios são curativos e ajudam o organismo a eliminar o veneno da cobra. Cláudio declara que a alfavaca (Cajana Bellai Benth) já curou um cavalo e um gato atingidos por cobras tão venenosas como a surucucu-gico-de-jaco e uma cobra. Após a aplicação do remédio, o animal conseguiu expelir o veneno através da urina, e o gato conseguiu andar normalmente. (27-70) Na região de Igarapé (RJ), o remédio mais indicado é o colágo de macuco (Tinamoa lutea), que muito comum na região, que é rasgado e ingerido com o leite da mãe. Todos os curandeiros costumam começar com o leite da mãe, mas a eficácia de um acidente com cobra varia muito. (27-57) Outros remédios comuns é o melancuro com as folhas de melão (Hibiscus tiliaceus L.) que, segundo os informantes, alivia o mau humor da cobra e ajuda a fechar a ferida. (27-130)

Em algumas regiões, os curandeiros utilizam plantas que produzem inflamação local, como o melão, para ajudar a fechar a ferida e evitar a entrada de mais veneno. (27-130) Outros remédios comuns são o melancuro com as folhas de melão (Hibiscus tiliaceus L.) que, segundo os informantes, alivia o mau humor da cobra e ajuda a fechar a ferida. (27-130)

de um e de outro lado, a maioria das vezes, a morte, quase  
diária depois de horas e horas de convulsões, em geral não são  
mortais, por insuficiência de doses, porém. Muitos casos, porém,  
são casos raros de diabetes grave e estes, geralmente, terminando em  
contorno do abdômen, por vezes com a vida já inculada atingida  
a dose fatal. (1951, 1952)

As práticas populares, em virtude de tais práticas,  
deixaram de ser válidas, principalmente depois da a seroterapia  
anti-ofídica, e apresentadas com a utilização mais eficaz. (1917/181)  
Entretanto o estudo das práticas populares tem sido quase sempre  
superficial e baseado em opiniões pessoais ou em experiências  
por ocasião, e não em resultados ou estudos de laboratório  
e as condições de vida, com a comparação com outros locais. É  
evidente que considerar a possibilidade de tais práticas serem  
ilusórias. Além, e não as práticas e procedimentos com a afirmação,  
alguns casos também se valem de uma cura, porém as próprias  
formas de veneno são suficientes para eliminar o veneno. É  
válido considerar, portanto, a possibilidade, nestas curas,  
pelo menos, de as práticas populares colocarem em ação orgâ-  
nismos de eliminação de veneno em outros órgãos do corpo.

Os vários estudos de tratamentos populares curativos  
e costuras, porém, mostram-se eficazes pelo corpo. Alguns de-  
claram que foram colocados diversos venenos, principalmente em  
casos, a única cura, ou a maioria de casos, por vezes, em  
lhas curativas, atribuída interiormente, ao veneno de colera. Assim  
também nos encontramos por vários venenos o tratamento popular  
se apresenta de várias maneiras. Muitas, inclusive, afirmam que  
"o país que goza, de um clima quente, interiormente ou exterior-  
mente em todos os sentidos, compreendendo em forma; produz quase sem-  
pre subraclamação, de veneno de doença ou veneno... Este  
tratamento visto vários casos compreende entre as doenças de ce-  
bra; por isso, vários estudos mostram que nunca observamos, en-  
tre os índios, morte por tais práticas curas; entretanto tem-se  
visto em alguns casos, em alguns casos, em alguns casos, em  
os resultados de um estudo de "Veneno de colera" (1917/181) e outras  
tudo, portanto, colocam-se em defesa orgânica, no estudo  
de curas e de venenos, de uma cura, e muitas vezes de frin-  
ção, as plantas diuréticas, diarreóticas, reativas ou purgativas.  
"Quando o veneno de colera (Cholerae toxina R.I.) produz  
esta doença, por tal veneno, a vida já apresenta de cura; são  
simples sintomas, além disso, abundantes transpirações e quecu-  
rão de cura." (1951)

Os estudos de venenos anti-ofídicos de curas de  
venenos de colera, em geral, são os de curas, e os de curas,  
venenos de colera, em geral, são os de curas, e os de curas.





alterações anômicas de r. trij. (1112-4/10)

A condição de r. trij. anômala, isto é, quando não é conveniente para a vida do animal, é transferida ao pulmão pulmonar. (117-9) Devido a estas condições de transferência, a vida do animal é anômala de r. trij. anômala. É necessário, portanto, a existência de r. trij. anômala para a vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, para a vida regular de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala.

O conceito de r. trij. anômala, isto é, quando não é conveniente para a vida do animal, é transferido ao pulmão pulmonar. (117-9) Devido a estas condições de transferência, a vida do animal é anômala de r. trij. anômala. É necessário, portanto, a existência de r. trij. anômala para a vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, para a vida regular de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala.

A vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, quando não é conveniente para a vida do animal, é transferida ao pulmão pulmonar. (117-9) Devido a estas condições de transferência, a vida do animal é anômala de r. trij. anômala. É necessário, portanto, a existência de r. trij. anômala para a vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, para a vida regular de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala.

A vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, quando não é conveniente para a vida do animal, é transferida ao pulmão pulmonar. (117-9) Devido a estas condições de transferência, a vida do animal é anômala de r. trij. anômala. É necessário, portanto, a existência de r. trij. anômala para a vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, para a vida regular de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala.

A vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, quando não é conveniente para a vida do animal, é transferida ao pulmão pulmonar. (117-9) Devido a estas condições de transferência, a vida do animal é anômala de r. trij. anômala. É necessário, portanto, a existência de r. trij. anômala para a vida do animal regular de r. trij. anômala, isto é, para a vida regular de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala. A vida do animal regular de r. trij. anômala é anômala de r. trij. anômala.

Os elementos verbais são reunidos quase sempre por intermédio de unidades estilísticas. Os advérbios de tempo e modo são os mais em uso. Entre os termos de cores e outras palavras possuem poder descritivo positivo ou negativo. A palavra câncer costuma ser evitada em razão de sua carga negativa, para não atrair os "arcs fluidos" do doente. Assim a foto de cobrir o nome de uma entidade ou de um objeto é ter já um certo grau de controle sobre ele. O mesmo tipo de poder se atribui ao revelor que faz os legados abandonarem o tradicional modelo etimológico. São muitos os informantes que se consideram a si mesmos a origem de parte dos termos no riocho que sempre para a denominação de "revelor" (PR-101, 02, 100) São tais exemplos que se atribuem ao poder do revelor. Assim como que ocorre também em nome de um ou de um palavra simples, já que sua prática lhe confere um caráter social. Tanto, portanto, a difusão de termos para que se reconheça a origem, tanto que o revelor não possui mais de um nome e não se pode falar. Também se possui outras palavras, de natureza simples, que se atribuem ao poder de reproduzir a origem no sentido de uma palavra simples.

Tudo isso que se atribui ao poder de reproduzir a origem no discurso dos usuários da medicina popular, na região estudada, nos remetem ao fato de existir uma relação essencial entre medicina popular e magia primitiva, tendo em vista principalmente a diversidade dos determinantes sociológicos que, nesta tradição, não podem ser investidos dos poderes já existentes. Tudo isso podemos ler, pelo menos, explicitamente e significativamente a este subdomínio médico popular que se trata de um repertório para produzir um saber ainda que não seja o centro de uma tradição.

## 7 - Bibliografia Consultada

- ALVES, A.:**  
- 1962: *Microgeobotânica* - N. Falcão Ed. - Paris.
- MICOGOMMO, Paulo Carlos:**  
- 1966: *O Fagaceae da Região Fluminense* - Niterói.
- ALMEIDA, F. Pereira:**  
- 1961: Os Manuscritos do Botânico Frei Alencão in *Anais da Biblioteca Nacional* - Vol. 61 - Rio de Janeiro.
- ALPHUSSER, Louis:**  
- 1934: *Idéologie e Operações Ideológicas do Estado* - Ed. Freire de Sa - Portugal.
- AMIN, Samir e VERDEGUEIRO, Roberto:**  
- 1977: *A Questão Agrária e o Capitalismo* - Ed. Paz e Terra - Rio de Janeiro.
- ANDRADE, Nêria:**  
- 1969: *Notas sobre a Medicina* - Ed. Globo - Porto Alegre.
- ANGELY, João:**  
- 1968: *Tratado de Botânica Aplicada à Farmácia* - Ed. Eytan - Curitiba.
- ARAUJO, Maria Tereza:**  
- 1979: *Medicina Mística* - Cia. Ed. Nacional - 2ª ed. - São Paulo.
- Blanchard, Gaston:**  
- 1) 1973: *El Congreso Nacionalista* - XXI ed. - Buenos Aires.  
- 2) 1974: *La Formación del Espíritu Científico* - XXI Ed. Buenos Aires.
- BLANCH, Alfred:**  
- 1967: *Medicina Nacional e Medicina Doméstica* - Ed. A Edificação do Lar - São Paulo.
- BRENDA, L. Lopes:**  
1967: *Pequeno Vocabulário Tupi-Português* - L. São José - Rio de Janeiro.
- BRODOSO, S. M.:**  
- 1) 1968: *A Flora Medicinal Brasileira* in *Rev. de Flora Medicinal* nº 2 - JUN/1968 - pp. 504 - Rio de Janeiro.  
- 2) 1968: *Medicina Científica e Medicina Doméstica* in *Rev. de Flora Medicinal* nº 2 - JUN/1968 - pp. 504 - Rio de Janeiro.  
- 3) 1968: *Medicina Científica* in *Rev. de Flora Medicinal* nº 2 - JUN/1968 - pp. 504 - Rio de Janeiro.  
- 4) 1968: *Medicina Doméstica* in *Rev. de Flora Medicinal* nº 2 - JUN/1968 - pp. 504 - Rio de Janeiro.
- BUSTILLO, Carlos:**  
- 1977: *Medicina Doméstica* - Ed. Freire de Sa - Portugal.
- BRUNO, João Carlos:**  
- 1) 1977: *Medicina Doméstica* - Ed. Freire de Sa - Portugal.

ROTHLIND, Ypaminondas Azevedo:

- 1955: A Cultura de Plantas Medicinais como Fonte de Riqueza in Serv. de Informação Agrícola - Rio de Janeiro.

FOITANONI, Inez:

- 1979: As Classes Sociais e o Corpo - Graal - Rio de Janeiro.

LIETA, Ruteba:

- 1976: Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará - Escola Superior de Agricultura de Mossoró - Mossoró (RN)

BRASIL, Vital:

- 1911: O Doente contra o Ofidiário - Instituto Seruntherapico do Estado de São Paulo - São Paulo.

PROUDEN, A. P.:

- 1961: Plantas Úteis do Brasil - Vigot Troun 7d - Paris.

FUSMAN, G.:

- 1948: Anímalis e Produtos Anímalis como Remédios na Medicina Popular in Actes Ciba - Ano XV - Nos.11/12 - pg.381 - Rio.

CABALLERO, Oscar:

- 1978: Las Medicinas Virginicas - Ed. Ocelarrana - Madrid.

COMARCO, Maria Theresa L. de Araujo:

- 1) 1978: Garrifada - M3 - Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro - Rio.
- 2) 1976: Medicina Popular - Idem.

CAMINHO, Joaquim Monteiro:

- 1977: Elementos de Botânica Geral e Médica - T. Nacional-Rio.

CANTOS, Eduardo:

- 1967: Medicina Popular do Nordeste - O Cruzeiro - 3ªed.-Rio.

CANTOS, João de Silva:

- 1969: Costumes e Crenças dos Afro-Bahianos in Revista Sociologia - vol. XI - Nº 4 - pg. 433 - S. Paulo.

CÂNDIDO, Antônio:

- 1975: Os Curandeiros do Rio Bonito - Livraria Das Cidades - São Paulo.

DE VITO, Carlos:

- 1) 1972: Lo Mascar y lo Patológico - XXI Ed. - Buenos Aires.
- 2) 1971: O Objeto da História das Ciências in Revista Tempo Brasileiro nº 26 - Rio de Janeiro.

DIAS, Rog:

- 1972: La Medicina Uruguaia - Ed. Lusa - Barcelona.

DIAS, A. Sérgio:

- 1972: As Crenças das Crianças - Ed. Polca - São Paulo - 1ª ed.

DIAS, A. Sérgio: (continuação)

- 1972: As Crenças das Crianças - Ed. Polca - São Paulo.

DIAS, A. Sérgio: (continuação)

- 1972: As Crenças das Crianças - Ed. Polca - São Paulo.

- mento - Porto.
- CASTIGLIONI, Arturo:**  
- 1947: Historia de Medicina - Cia. Ed. Nacional-São Paulo.
- CAYRO, Paulo & FREITAS, Protasio:**  
- 1972: A Farmacopéia Tiriyo - Museu Paraense E. Goeldi - Belém.
- CEVINS, Laurice:**  
- 1974: Proyecto Nacional de las Ciencias Contemporaneas in Marxismo, Antropologia y Religion - Ed. Roca - Mexico.
- CHEKOVIC, P. L. Napoleão:**  
- 1927: Farmacário e Guia Médico - Ed. Andre Blot - 19ª Ed.-Paris.
- SIL, Felipe:**  
- 1974: Reflexões sobre Historia de la Medicina - Ed. Anagrama Barcelona.
- COINHA, Raul:**  
- 1958: Notas de Fitoterapia - Ed. Laboratório Clinico Silva Araujo - 2ª Ed - Rio.
- COYNE, J. M.:**  
- 1970: Magia y Superstición en la Medicina Popular - a. redondo ed. - Barcelona.
- COSTA, Juvenir Freire:**  
- 1973: Odear Médico e Norma Familiar - Graal - Rio.
- COSTA, Orlando A. & PEREIRA, Luis:**  
- 1926: A Planta que faz Souber - o Yage in Rev. de Flora Medicinal - Ano II - nº 10 - pg. 575 - Rio.
- CRUZ, G. L.:**  
- 1965 - Livro Verde das Plantas Mediciniais e Industriais do Brasil - Pale Horizonte.
- CRUZ, Joyce R. Gomes de:**  
- 1926: O Comércio e Cultura de Plantas Mediciniais in Rev. de Flora Medicinal - Ano II - nº 12 - Rio.
- CUNHA, Euclides de:**  
- 1971: Os Artãos - Livreria Francisco Alves - 28ª ed. - Rio.
- DEKLER, João S.:**  
- 1926: Aspectos Biblióticos da Flora Brasileira - Intermond - São Leopoldo (RS)
- DEWITT, P.:**  
- 1928: Historia de la Medicina - M. Labor - Barcelona.
- DELFONSO, A. Gomes:**  
- 1916: Enciclopedia dos Nomes Vulgares das Plantas do Herbário do Jardim Botânico - Ministério da Agricultura - Rio.
- DEVRIES, G. J.:**  
- 1928: A Planta que faz Souber - o Yage in Rev. de Flora Medicinal - Ano II - nº 10 - pg. 575 - Rio.

- 1958: O Brasil - Livr. Progresso - Salvador.
- DEUS, Jorge Dias de:
  - 1974: A Crítica da Ciência - Ed. Zahar - Rio.
- DOMINI, Adrogio:
  - 1955: Breve História das Religiões - Ed. Civilização Brasileira - Rio.
- DONNANDEO, Maria Cecília P. & FERREIRA, Luis:
  - 1976: Saúde e Sociedade - Livraria Das Cidades - São Paulo.
- DUNSTON, E. & MACE, Marcel:
  - 1903: Alguns Fatores Primitivos de Classificação - in I.º Anuário Sociológico - 62.º ano - pg. 1/72 - P. Alcan - Paris  
Tradução mimeografada.
- ERICH, Karl:
  - 1955: Os Nomes Populares das Plantas do Rio Grande do Sul - Ed. Globo - Porto Alegre.
- ENGELS, Federico:
  - 1951: Dialéctica de la Naturaleza - Ed. Grijalbo - Mexico.
- EWLER, A.:
  - 1954: Syllabus der Pflanzenfamilien - Exstraher - 2 vol - Berlin.
- EVANS-PRITCHARD, E.E.:
  - 1973: Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande - Ed. Zahar Rio
- FARMACÓPIA LOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL -
  - 1970 - 14.ª edição - Rio.
  - 1959 - 2ª edição - Rio.
- FERRENDIS, Florabau:
  - 1973: O Pollore em Questão - Haritec - São Paulo.
- FERRER, Aurélio Marques de Holanda:
  - 1975: Nova Dicionário da Língua Portuguesa - Ed. Nova Fronteira - Rio.
- FOUCAULT, Michel:
  - 1970: Microfísica do Poder - Ed. Zahar - Rio.
- FREUDER, George:
  - 1975: Violência no Brasil, principalmente nas Províncias do Nordeste e nas distritos do Ceará e do Piauí durante os anos 1837/1841 - Livr. Itatiaia - São Paulo.
- GUSTAV, Carl:
  - 1911: O Brasil, um país de serviço para uma Medicina - Leipzig

- e o Tempo - M. Vozes - Rio.
- COOPER, L. & SHAN, A.:  
- 1965: As Noções Farmacológicas da Terapêutica - Ed. Guanabara Rio.
- GRIGGS, Arthur Edmund:  
- 1970: Livro de Ouro Histórico do Uso das Plantas na Medicina in Rev. de Flora Medicinal Ano XII, nº 2 - Rio.
- MARTINS DE SILVA, J.F.:  
- 1972: Metabolismo Vegetal e Produção de Substâncias na Agricultura Brasileira - Lusitana - São Paulo.
- HINEMANN, Samuel:  
- 1968: Expansão da Doutrina Homeopática ou Origem da Arte de Curar - Graf. Incent - Rio.
- HINEMANN, Samuel:  
- 1970: Los Conceptos Elementales del Materialismo Histórico - XXI Ed. - Buenos Aires.
- HORN, F. C.:  
- 1) 1908: O que Veio das Hortas da Cidade de São Paulo - M. Serviço Sanitário do Estado de São Paulo - São Paulo.  
- 2) 1908: Plantas e Substâncias Vegetais, Tóxicas e Medicinais - Dpt. de Botânica do Inst. de São Paulo - São Paulo  
- 3) 1937: Botânica e Agricultura no Brasil (Século XVI) - Cia Editora Nacional - São Paulo.  
- 4) 1975: Atlas da Seção de Botânica do Museu Paulista - S. Paulo.
- HORTON, R.:  
- 1974: Diferenças entre Culturas Tradicionais e Culturas de Orientação Científica in A Crítica da Ciência - Zahar Rio.
- ILLIEN, Ivan:  
- 1975: Médecine Médicale - L'Expropriation de la Santé - Seuil Paris.
- JANVIS, D.G.:  
- 1961: Les Plantes Médicales qui Guérissent - M. R. Lafont-Paris.
- JOEY, Sylvia Leal de:  
- 1975: Botânica - Introdução à Taxonomia Vegetal - Cia Ed. Nacional - São Paulo.
- JONES, Arthur:  
- 1968: La Medicina en la Crisis de Nuestro Tiempo - XXI Ed. México.
- JUNQUEIRA, Carlos:  
- 1975: Botânica - Introdução à Taxonomia Vegetal - Cia Ed. Nacional - São Paulo.



- 1913 - Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
- KAUFMANN, Henri:**
- 1938: A Questão Agrária - Ed. Loescher - Rio.
- KUHMEYER, João G. & OLIVEIRA, Paulo:**
- 1947: Contribuição ao Estudo das Plantas Raras do Brasil in Arquivo do Jardim Botânico do Rio de Janeiro - Vol VII - Rio.
- LAMBERT, Jacques:**
- 1947: Os Bois Brasileiros - Cia. Ed. Nacional - São Paulo.
- LAZARUS, Ernesto:**
- 1978: Socialismo y capitalismo en América Latina in Modos de Producción en América Latina - Ed. Cuadernos de Pasado y Presente - Córdoba.
- LANCOURT, Théodore J. H.:**
- 1872: Nova Farmacologia Médica e Farmacológica - Ed. Loescher - Rio.
- LAPIDUS, I. & OLSHOFFINOV, K.:**
- 1944: Princípios de Economia Política - Ed. Calvino - Rio.
- LATINO, Alberto Miranda:**
- 1930: O Homem e a Serra - IEGP - Rio.
- LEITE, Herman:**
- 1978: O Maceirão de Mangueiras - Ed. Avenir - Rio.
- LÉVY-ERUHL, Lucien:**
- 1944: La mentalité Primitive - Presses Universitaires de France - Paris.
- LÉVY-STRAUSS, Claude:**
- 1) 1957: Tribes Trópicas - Ed. Anhembi - São Paulo.
  - 2) 1957: Antropologia Estrutural - Ed. Tempo Brasileiro - Rio.
  - 3) 1970: O Pensamento Selvagem - Cia. Ed. Nacional - S. Paulo.
- LIMA, Rosalind Soares de & LIMA NETO, Julieta:**
- 1979: Escola de Folclore, Brasil - Ed. Livramento - S. Paulo.
- LIMA, J. P. de M. Lima:**
- 1931: Indústria e Comércio - Depto de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho Ind. e Com. - Rio.
- LIMA, J. Francisco de:**
- 1931: As Ilustrações de Medicina Veterinária in Boletim da Escola de Aplicação do Serviço Veterinário do Exército nº 1, 2 e 5 - Nov/1931 - Rio.
- LORENZ, Alberto:**
- 1) 1931: Os Tipos de Família Natural em Invertebrados - Imprensa Nacional - Rio.
  - 2) 1931: Os Tipos de Família Natural em Invertebrados - Imprensa Nacional - Rio.
- LORR, J. P. de M. Lima:**
- 1931: Os Tipos de Família Natural em Invertebrados - Imprensa Nacional - Rio.

- 1934: Análise e a Medicina - Ed. Apollo - Belo Horizonte.
- LORENZO, Francisco Valdeiros:  
- 1940: Receituário das Velhas Remédios Casseiras - Ed. O Per-  
samente - 104 pp. - São Paulo.
- LOUREIRO, Maria Rita Garcia:  
- 1977: Parasita e Capitalismo - Ed. Zahar - Rio.
- LOYOLA, Maria Andrea:  
- 1976: A Medicina Popular - in Saúde e Medicina no Brasil -  
Granel Ed. - Rio.
- LUCAS, Virgílio:  
- 1907: Conceito Moderno de Fitoterapia in Revista de Flora Medi-  
cinal - nº 2 - 1907/1907 - pg. 95 - Rio.
- MARQUES COSTA:  
- 1947: Análise de Matéria Médica Brasileira in Revista de Flora  
Médica - Ano XIV - nº 10 - pg. 431 - Rio.
- MARQUES, C. F. P. von:  
- 1) 1938: Viagem pelo Brasil - Imprensa Nacional - Rio.  
- 2) 1938: Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios  
Brasileiros - Cia. Ed. Nacional - São Paulo.
- MARI, Mari:  
- 1968: O Capital - Livro I, II, III - Ed. Civ. Brasileira - Rio.
- MARSH, Harold:  
- 1974: Sociologia e Antropologia - Edusp - São Paulo.
- MASON, J. P.:  
- 1932: História da Ciência - Ed. Globo - Porto Alegre.
- MAXIMILIANO, Príncipe de Wied:  
- 1820: Viagem ao Brasil - Cia. Ed. Nacional - São Paulo.
- MENDONÇA, Renato:  
- 1935: A Influência Africana no Português do Brasil - Cia. Ed.  
Nacional - São Paulo.
- METIO MURPHY:  
- 1881: Phytographia ou Botânica Brasileira aplicada à Medicina  
de Índios e à Indústria - Ed. Garnier - Rio.
- MENEZES, Leão de Sá:  
- 1937: Medicina Indígena - Livr. Progresso - Salvador.
- MESSEGUÉ, Maurício & MOREIRA, Fernando:  
- Catálogo de Remédios e Medicina Livre - Ed. Livros do Brasil -  
Livraria.
- MIRANDA, Alfredo:  
- 1) 1943: Medicina y Magias Indígenas de América del Sur -  
Ed. Garnier - Rio.  
- 2) 1943: Medicina Indígena - Cia. Ed. Nacional - São Paulo.

- 1958: Arquivo Público Estadual - Recife.

MOREL, Regina L. de Moraes:  
 - 1978: A Família Scleritica : seus Condicionamentos Sociais  
 (Ativo / Social - Rio de Janeiro.

MORINI, Frederico:  
 - 1971: As Plantas que Curam - Ed. Hucius - São Paulo.

MOTA, Joaquim Ignacio Silveira:  
 - 1945: Regras Internacionais de Nomenclatura Botânica - Ser-  
 viço Nacional de Pesquisas Agronômicas - Ministério da  
 Agricultura.

MUNZ, Benoit de:  
 - 1949: Declínio da 1ª Escola de Rio de Janeiro - Ed. Milliere  
 Paris.

MUSLYNKI, Jan:  
 - 1948: Volta à Fitoterapia na Terapêutica Moderna in Revista  
 de Farmacologia - Ano XV - nº 9 - Rio.

NEIVA, Leora:  
 - 1968: Avulso, planta que Cura o Câncer - Grafica Uniz - Rio.

OLIVEIRA, Pedro Tracete Albuquerque:  
 - 1886: Patologia Homopática Brasileira - Typographia Ni-  
 colau Lobo Vianna - Rio.

PACIONIK, Moysés:  
 - 1979: O Porto de Cócara - Ed. Brasiliense - São Paulo.

PAROCELLO:  
 - 1943: Las Plantas Místicas - Ed. Kier - Buenos Aires.

PARDAL, Nelson:  
 - 1967: Medicina Aborigem Americana - Ed. Jose Anasi-B. Aires.

PICH, J. L.:  
 - 1968: Amargos contra sua Vida - Forense - Rio.

PICKOFF, Oswald:  
 - 1) 1926: Sobre a Planta Escultora de Japocanga - in Revista  
 de Farmacologia - Ano II - nº 9 - Rio.  
 - 2) 1926: Sobre a Planta Escultora de Japocanga in Revista  
 de Farmacologia - Ano XII - nº 1/6. - Rio.

PICKOFF, Theodoro e Gustavo:  
 - 1949: História das Plantas Medicinas e Úteis do Brasil -  
 Rio -

PINA, Moira:  
 - 1) 1968: História das Plantas Brasileiras - Traujo Pina e Cia.  
 1968, - Rio.  
 - 2) 1968: História das Plantas Brasileiras - Traujo Pina e Cia.  
 1968, - Rio.  
 - 3) 1968: História das Plantas Brasileiras - Traujo Pina e Cia.  
 1968, - Rio.

PIERREUX, Georges:

- 1870: Les Médicines Parallèles - M. Albin Michel - Paris.

PINTO, Antonio:

- 1946: Os Fungos Sarcos: in Actas Gibo Ano XI - nº 3/4-Rio.

- 1947: A História Fúngica do fungo Fusicoccina in Actas Gibo - Ano XI nº 3/4 - Rio.

PINTO, Joaquim de Almeida:

- 1878: Dicionário de Botânica Brasileira - Sociedade Volloziana Rio.

PINTO, Pedro A.

- 1948: Taxas Médicas Legítimas - Suplemento à 3ª Ed. do Dicionário de Termos Médicos - Tipografia do Patronato - Rio.

PIO CARVAL, Manoel:

- 1/6) 1930/1935: Dicionário das plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas - IEDP - Rio.

- 7) 1938: Flora do Brasil - Directorio Geral de Estatística Rio.

PIO, Guilherme:

- 1937: Historia Natural e Médica da Índia Ocidental - ILL - Rio.

POIL, Johann Manoel:

- 1875: Viagem no Interior do Brasil - Eduar - São Paulo.

POLACK, Jean-Baptiste:

- 1821: Le Médicine de l'Hotel - Masson - Paris.

POSSIO, Edgar:

- 1945: As Precauções Anti-lepróticas - Secr. Agricultura - São Paulo, de São Paulo - São Paulo.

PUGGIO, Enrique:

- 1938: Similitud y Medicina - W. La Clinica - Buenos Aires.

PRADO, A. de Almeida:

- 1944: As Doenças atóxicas dos Séclos - São Paulo Medico Ed. São Paulo.

PRADO, Manoel:

- 1944: História da Farmacologia Brasileira - Ed. Casa do Estudante do Brasil - Rio.

PRADO, Manoel:

- 1944: Flora do Brasil - Tr. Soc. Brasileira - Rio.

PRADO, Manoel:

- 3. Ed. de Lisboa - Ed. Record - Rio

PRADO, Manoel:

- 1977: História do Brasil Colonial - Rio.

PRADO, Manoel:

- 1944: História da Farmacologia Brasileira - Ed. Casa do Estudante do Brasil - Rio.

## REICHERT, Jorge:

- 1967: A Verdade sobre o Ipê-Roxo e suas aplicações - Ed. G. Santa Antonia - São Paulo.

## RODRIGUES, J. Barbosa:

- 1) 1948: "Vocabulário" Magnolium ou Botânica e a Nomenclatura Indígena - Imprensa Nacional - Rio.
- 2) 1958: "Formulário" Magnolium ou Kochiyue-were Formulário in Anais da Biblioteca Nacional - Vol. XIV - Rio.

## RODRIGUES, Wilson de:

- 1977: Casos de Cruz e a Questão da Saúde in Saúde em Debate nº 4 - São Paulo.

## SÁ JUNIOR, Amador:

- 1978: O desenvolvimento da Agricultura Nordestina e a Função da Atividade da Substância in Notas Cebrap nº 3 - São Paulo.

## SANTANA, Renato:

- 1) 1972: História da Indústria de São Paulo - Livr. Martins - São Paulo.
- 2) 1974: Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil - Livreria Itatiaia - São Paulo.

## SANTANA, Francisco Antônio:

- 1941: História dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil pertencente à Medicina - in Anais da Biblioteca Nacional Vol. 89 - 1969.-Rio.

## SANTANA, A. J.:

- 1) 1940: Flora Vulgar de plantas do Distrito Federal e do Estado do Rio - in Boletim da Museu Nacional nº 4 - Rio.
- 2) 1945: Fitogeografia do Brasil - Cia. N. Nacional - São Paulo.

## SANTANA, Theodoro:

- 1928: O Tupi na Geografia Nacional - Seção Graphica da Escola de Engenharia - Bahia.

## SANTANA, Ly Jorge:

- 1967: História da Medicina no Brasil - Ed. Brasiliense - São Paulo.

## SANTANA, Armando:

- 1970: História da Medicina Popular no Brasil - Ed. Itapúa - Salvador.

## SANTANA, Carlos Augusto:

- 1976: Ciências Aplicadas Indígenas e Tradicionais - C.P.C. - São Paulo.

## SANTANA, João:

- 1977: História da Medicina no Brasil - Ed. Brasiliense - São Paulo.

- SIENA, Maria de Almeida de:
  - 1970: História Médica: Farmacologia e Surtidos - Cobar - Rio.
- SILVA, José Roberto de:
  - 1) 1961: História da Medicina e Farmacologia - Rio.
  - 2) 1961: História da Medicina e Farmacologia - Rio.
  - 3) 1961: História da Medicina e Farmacologia - Rio.
- SODRÉ, Nelson de:
  - 1964: História da Medicina do Brasil - Ed. Brasileira - 3ª Ed. - São Paulo.
- SOUZA, Gabriel Soares de:
  - 1974: História do Brasil - MEC - São Paulo.
- SIMONE, Karl von:
  - 1944: História da Medicina do Brasil Central - Dpto de Cultura - São Paulo.
- SMITH, Francisco de:
  - 1968: História da Medicina e Farmacologia do Brasil in Revista de Farmacologia e Medicina - 2 - 1968/1968 - pp. 119 - Rio.
- SMITH, Nicolai I.:
  - 1961: História sobre el Origen de las Plantas Cultivadas - Aca. Agency - Buenos Aires.
- SMITH, J.:
  - 1969: A Importância da Cultura das Plantas Medicinais in Revista de Arquivo Municipal - Ano V - Vol. LII - JUL/1969.
- VELLOZO, Frei J. Mariano de Conceição:
  - 1961: Flora Fluminense - Documentos - Arquivo Nacional - Rio.
- VELHO, Osório Guilherme:
  - : O Uso das Plantas Medicinais e sua Aplicação à Medicina do Meio Rural Brasileiro in America Latina.
- VERA, Florentina:
  - 1966: Botânica Indígena - Ed. Unirva.
- VIEIRA FILHO, João Paulo de:
  - 1973: Medicina Indígena e Medicina Científica in Revista de Farmacologia e Medicina - 3 - 1973 - Rio.
- WAGNER, Maria de Almeida de:
  - 1979: História da Medicina e Farmacologia do Brasil in História da Medicina e Farmacologia do Brasil - Ed. Paz e Terra - Rio.
- WAGNER, Maria de Almeida de:
  - 1979: História da Medicina e Farmacologia do Brasil - São Paulo 4/6/79/1979. Seguinte da Revista Ciência e Cultura - MEC - V. 22.

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

MEMORANDUM FOR THE DIRECTOR - 20

Re: [illegible] - 10

Information - 11

P-321 P-32: A LÓDIA DE FRANCISCA FONTAN  
 Nº: 121 - 12,7  
 Coordenador: DR. J. S. DANTAS  
 relatório de Entrevistas  
 site: P-1 - João José de Barros - Informante: Sr. Olíseo José de Barros (M-1)  
 Local: Santa Alcega - 2º distrito de Lagoa (RJ)  
 Data: Dezembro de 1979

P- Como é o seu nome?

Olíseo - Olíseo José de Barros.

P- O Sr. nasceu onde?

Olíseo - Minas.

P- Em que cidade?

Olíseo - Pedra Branca.

P- Fica em que região de Minas?

Olíseo - Perto da divisa de Ubatuba.

P- O Sr. nasceu em que ano?

Olíseo - Nasci... em 2 de maio de 1928;

P- Então o Sr. é do tempo da República, né?

Olíseo - É, quase...

P- O Sr. deve ter conhecido, visto Floriano Paixoto?

Olíseo - Não! O quê! Sim Senhor! Na lembrança.

P- Se lembra?

Olíseo - Lembro. Se me lembrar, não é?

P- E o Sr. nessa época, que o Sr. nasceu o Sr. permaneceu em Minas ou viajou?

Olíseo - Não. A minha mãe morreu. Então uma madrinha, uma baiana, / me batizou e me trouxe pro Espírito Santo.

P- Em que cidade do Espírito Santo?

Olíseo - Minas do Sul. Ali eu me criei quase. Ali, Timoso, Baqui, Cachoeira da Ilha Angra, São Pedro. Lá casei em São Pedro de Itabapoana; aí é que eu peguei a andar, voltei em Minas outra vez, porque meu pai deixou um terreno pra nós lá. Depois que eu peguei<sup>o</sup> me conheci com minha mãe é que eu voltei em Minas. Lá tinha um tio meu, Tio Francisco e tia Maria; correram todos dois. Ficou lá os meninos, então lá na fazenda até hoje.. Onde eu tenho esse terreno, é perto da divisa de Itabapoana.

P- O Sr. começou a trabalhar com que idade?

Olíseo - Lá em Minas lá já deve ter começado.

P- Trabalho com quê?

Olíseo - Lá em Minas, eu comecei com a lavoura de café. / Lá em Minas eu trabalhei com a lavoura de café, mas depois que eu vim pra cá eu trabalhei com a lavoura de café também. Mas aqui não ficou nada.

ILEGIVEL



Olisao- Isso não tinha nada.

P- Mas o Sr. não foi um espírito santo, primeiro?

Olisao- Ah não, e lá eu não sei. Quando eu tinha 12 anos, eu via pradi, via pra Carlos Pereira; na Carlos Pereira, o João Pereira não era o mesmo patrão, que era o mestre da casa; trabalhava eu e um tal de Abelino, dois garotos. Um com 12 e outro com 11 anos quase se aproximava.

P- E como é que o Sr. recebia o seu salário ou o que era?

Olisao- Já. Contava a cada dia... não sabia a quanto recebia / era 10 tópes por dia.

P- Era muito ou era pouco dinheiro?

Olisao- Não, naquela época era muito dinheiro. O Sr. cobrava 1 / quilo de açúcar por 10 réis, vai comprar a caixa de fósforo / por 10 réis. Agora hoje é que não dá, isso não dá.

Trabalhei até aos quarenta anos, via termino minha carreira aqui, não sei. Foi com o Sr. trabalho, não comprador de ferro velho. Trabalho muito tirando água pro motor ócio. Trabalhei, me enfiar na mata com motor ócio.

P- E na roça? O Sr. nunca trabalhou na roça?

Olisao- Não, trabalhei em roça. Trabalhei em lavoura.

P- Na lavoura de quê?

Olisao- Café. Fiz contrato, trabalhei lavoura. Eu mais esse aí tinha feito lavoura.

P- Onde?

Olisao- No Espírito Santo. Botista, ele até era dono de cana-de-lo, deleiro de café; ele era um rico português; morreu também. Era quase da minha idade. Ele era farmacêutico. Ele morreu, veio pra casa dele, agora eu souco tempo, eu souco notícia que ele morreu. Aquela foi meu primeiro contrato de trabalho; aí depois eu trabalhei lá a lavoura e souco 3 quadras a mão livre; eu e ele formamos um pequeno grupo de café. Eu me especializei muito, meu irmão. Eu trabalhei / muito.

Logo quando eu fui, eu conheci esse português aí, tudo a lavoura e comércio. E depois eu vi, eu me especializei, eu vim trabalhar no comércio e comércio também, comércio não só no comércio, agora / não aqui e eu trabalhei no comércio, aí eu fui, aí falei: Não souca luz aí, como é que é em não tinha vindo lá a trabalhar; era eu / de lá. Não souca aí e não souca também.

Logo quando eu fui, eu conheci esse português aí, tudo a lavoura e comércio. E depois eu vi, eu me especializei, eu vim trabalhar no comércio e comércio também, comércio não só no comércio, agora / não aqui e eu trabalhei no comércio, aí eu fui, aí falei: Não souca luz aí, como é que é em não tinha vindo lá a trabalhar; era eu / de lá. Não souca aí e não souca também.

Olisao- É, Marechal Floriano, quem ia lá pro trapicheiro, lá o ônitus fazia a volta e descia outra vez. E eu estava em casa deles e o Coronel César veio até que me arrumou pra mim vim praí, disse: -"Não, / vou te levar pro rio, você num pode, você é um menino tratadô prá danô, você num pode ficar assim". Aí me trouxe praí; aí casei de ficar bom, vortei. Fui trabalhá, paguei trabalhá e paguei a andar, andar marmogandei com Dr. Zeca, Rosano, Vitor Leite, vim trabalhar com / eles ali em Mimoso, mas meu patrão mesmo era Dr. Zeca; tirei muita / raça de raiz prasala hora.

P- Quando que o Sr. começou a aprender alguma sobre erva? Quem começou a lhe ensinar?

Olisao- Ah! foi, quem começou e me ensinar foi um tal de Anjola, um que era raizero em Mimoso no Sul; um raizero do Dr. Zeca, e ele, / sempre eu ia pro rio com ele; eu gostava muito de caçar de bodoque; aí ele me falou: -"essa erva e tal, se você trabalhá com o Dr. Zeca, você vai ficar mestre em raizero". Aí eu entrei com eles. Era 12 horas, comigo faz 12, eu era menino, né? tu ia, Dr. Zeca ainda falava: "isso aí num dá nada ôl... comê que vai trabalhá, essa porcarias lá dentro do mato"

P- O quê o Sr.?

Olisao- É, eu era menino.

P- Ah! quer dizer que o Sr. começou quando menino?

Olisao- Aí o Anjola falou: "Dr. o senhor fica quieto, o Sr. num sabe, o Sr. manda buscar tal erva assim adria pra ver se ele num vai" Ele mandava, eu ia buscar, ia lá pra seia, vinha aqui em São João da Barra, que lá as veisitas tinha raiz; aí nós vinha buscar aqui em São João da Barra. Trabalhava com ele; depois ele me tirou, me pôs no forno, eu já tava mestre!

P- Forno era pra quê?

Olisao- Era tomar as duas erva, folha. Aí ele disse: "ô anjola eu / vô botar esse menino no forno, porque ele é mais novo, toma chuva lá no mato e pode estragar o menino; então deixa ele aqui no forno, aqui é leve, num é que ele vai trabalhado aqui... Aí depois enjoei daquilo; "ah! vou andar" falei andar, andar, trabalhá praqui, praí. Só a única coisa que eu num gostava de fazer era tocar burro. Ah! nego chamava: oh! tá servido aí pra tocar aí, tá lá o burro. Não, num quero, não senhor. "Não eu gostava, fui pião: isso tudo eu fui. Trabalhava com / Perito, eu vi que o cão com aquelas nove. Aí depois, um dia uma mula me derrubou lá em Conceição de Agui e ó me arrabentou. Aí o Dr. Nilton me trouxe pra aqui. Lá havia um aparelho. E disse: você vai trabalhar em Mimoso; mas o aparelho está aqui. No Espírito Santo, eu / conheço aquilo tudo como conhece a palma da minha mão. Serrando na -

OLISSO-... Ceira, viajando em lombo de burro, tirando raiz; eu conheço aquilo todo. Porque no norte de Colatina, no tempo que nós andava lá pra tirar raiz, era um perigo! Onça! Nossa mãe! Tinha um companheiro nosso, aqui um tiro numa onça, quase que ela pega ele. Tinha um pau grosso, aí eu falei: - "Olha, você nunca passa beirando o pau grosso hein! Fassa longe, que ela tá ali. Passou, ela pou; e ele passou meio longe! Quando ela virou pensando que ele tava muito perto. Não era muito grande não, mas de comprimento ela ia aqui até lá na parede. Era beixinha assim, um bicho bonito. eu falei: - "você sabe de uma coisa, eu não vou tirar raiz aqui na mata, eu não". E um entrei mais sozinho, não.

P - Quais eram as plantas, as raízes que que o sr. apenhava mais lá?

OLISSO - Ah! Mais? A raiz mais precurada era essa raiz de bastre, poia, case curuba, apararara, caseca doce, esse citó cravo, esse ranha isso curuba, mas os tem mais raiz que era muito precurada. Foi de mamão.

P - Mamão macho ou fêmea?

OLISSO - É, mamão macho, mamão fêmea, qualquê um. Esse mamão jacatiá

P - Como tirava o suco?

OLISSO - Esse tirava a folha, se tivesse a fruta tirava a fruta. Tirava a fruta, trazia com toda a cautela; a fruta era despachada quase na hora; casava e era logo despachada. O capitão Toscano despachava pro Rio. Procuraê ele aí tinha aquilo pro verme, anemia. Aquilo pra anemia, pode ela ser crônica que aquilo é a cura.

P - Jacatiá?

OLISSO - O quê? Aquilo ali... só tomei aquele bicho quando eu era novo. Uma madrinha minha me ensinou dentro d'água, com a água por aqui e me deu aquele remédio.

P - Deixa dentro d'água porquê?

OLISSO - É, porque se o sr. tomar aquilo, 9 dias o sr. não pode tomar chuva e se o sr. se ensiar dentro d'água pode tomar ele, se tomar chuva que tem tãna perigo. Então eu ainda perguntava: - "Ué! Madrinha, porque o sr. tá me ensinando dentro d'água?" Pode deixar, dizia a madrinha. E depois eu perguntava ao Sr. Dece. Aí ele me explicava pra que que servia. Mas hoje o sr. sabe; ninguém cuida na raiz. Tem uma erva, a raiz de curuba e raiz de curuba que dá dependurada no pau. Aquilo não serve de remédio, mas num casia pra quê aquilo. Muitas ervas ele me explicava; depois ele me deu pra mim um livro.

- dessa outra também, a matá-curuba, a tomim, a arueira. Ih! isso era precurada a caseca.

P - Pra que se usa a caseca?

OLISSO - É pra cura do espírito santo é muito. O sr. sabe pra que que é com aquilo? É pra limpa de sangue, limpa, mas limpa mesmo, num dei-

OLISSO - ...xe nada. Eu tomei muito daquele troço. É tem a jalapa.

P - Qual é a jalapa?

OLISSO - A jalapa dá cipó também; dá uma florzinha assim, branca e dá uma semente assim. Tirava esse ardauçu, a coticira, tirava muito jato bá, essa canela murici, saucaia, essa era o vinho.

P - Saucaia tirava o vinho?

OLISSO - Tirava o vinho. A vira-reira, a braúna.

P - Braúna também era remédio?

OLISSO - Era, o vinho. Tirava o vinho também. O sr. que saber de uma coisa? Eu trabalhei roo muito tempo dentro do uato, foi muito tempo meo mo. Hoje às veis, as pessoa diz assim: o sr conhece essa raiz assim, assim? Conheço, mas aqui num tem. Se fôr lá no Espírito Santo tem. Milhomens, farrinha, ció azulado, suma rosa, né? Essa suma branca, isso tudo tem aqui. Abóbora d'anta, taiuia. A taiuia parece com a abóbora d'anta. É parecida, mas é diferente. Aquilo também é outro remédio bom. Esse jiquiri...

P - Jiquiri? Como é o jiquiri?

OLISSO - Dá aquele cipozinho e dá aquelas frutas assim, ranjadinha.

P - Vermelha?

OLISSO - É, toda ranjada.

P - Pra que se usa o jiquiri?

OLISSO - Aquilo ele num me falou pra que servia. Ih! Eu num gostava de tirar aquilo que aquilo dava espinho. Dava uns espinhozinho enjuado pra caramba. É sério, eu trabalhei muito com aquele home. Eu hoje podia ser, se eu companho ele pro resto do meu tempo, eu hoje era o maior raizero do Brasil. Eu num tinha medo de índio, eu num tinha medo de ninguém, num tinha não. Uma vez eu fui no norte de Colativa, tinha uma tribo de índio lá, mas era quase que tudo domesticado, mas só que tem um coisa; precisava de um língua. Quando entrava um, eles virava umas fera. Então eu fui lá.

P - Eles conheciam muito erva?

OLISSO - Índio? O índio é que é o raizero chave.

P - Como era o nome desses índios?

OLISSO - Eu num sei o nome da tribo deles, mas eles era assim cabocado.

P - Lá no Espírito Santo?

OLISSO - É, norte de Colatina. Eles ainda tem essa tribo lá. Mas é mansa, eles tratavam. Ih! Te lavoura, só vende o lavourão que aquele povo tem; você fica bluco. É, mas tá tudo domesticado já; eles trabalham. Os filhos vem nascendo, já vai trabalhando. Então ele tava lá com um balão muito bem feito, mas com um pó branquinho. Aí eu perguntava a eles pra que aquele pó branco. Eu comprei dele seguramente quase um quilo e truce. Ainda o bras aragoso, era farmacêutico em São

OLISSO - ...João de Luqui, disse assim: - "eu devo comprar isso?"  
Eu disse: - "Nesse é o maior raizero: se ele disse que é bom pra cobra é bom pra cobra mesmo."

P - O pó branco.

OLISSO - É. Aí ele deu a medida que botava na água pra pessoa beber ou qualquer animal. Aí viemos embora, vinha pra caçada e viemo. Chegô lá, um rapaz lá, num sei o que, a cobra rechô ele. Um cepo dum gurucucu tapata. Tu podia dá esse remédio a esse caboclo, mas se eu der esse remédio a ele e se ele morrer, hum? Às veis esse sem vergonha ra pô lá uma qualquer coisa lá e me deu pra vender, né? Aí eu pensei: "Tu vô dá o negócio. Se não ficasse bom, também mal não fazia!" Saquei uma dose no menino. Quando foi daí... o quê?... uma hora ele tava pulendo igual cabrito. Num tinha nada. Nada. Num inchô, nem coisa nenhuma.

P - Ele tomou o remédio?

OLISSO - Tá daí meio cálice d'água, menos de uma colher.

P - O sr. já foi mordido de cobra?

OLISSO - Oito veis.

P - Como é que o sr. tratou dessas oito vezes?

OLISSO - Ah! Tu e primeiro vez me tratei.

P - Que cobra que era?

OLISSO - Era essa durminhoca. Jararaca. Aquela do rabo branco. Tá ra gô e aí eu tolei: - "caramba. Saquei três dentes de alho, saquei três colher de quaracera, botei ali dentro, despejei um bocado de cachaça ali e fiz aquele purgante e caci. Pronto, fiquei bom.

P - Quem que lhe ensinou isso?

OLISSO - Ah! Um tal de Chico Pinto. É um que tinha lá e que era curador. Aí depois me ensinaram o criulino. Num existe remédio no mundo melhor pra mordida de cobra do que o criulino. O sr. põe nove gotas de criulino dentro dum meio copo d'água; é ruim de baco; nosca não santíssima! É ruim de cabe morto, mas é ruim! Mas tomcoém é catô que daqui a um mesadinho o sr. num tá vendo mais nada. Num tá sentindo dor, num tá sentindo mais nada. Tá bom, prafeito. Joga aquilo tudo pra fora. Mas é ruim. Tu tarho curado muitos com criulino.

P - E na mordida, o sr. colocava alguma coisa?

OLISSO - Não.

P - Não churava o veneno?

OLISSO - Não. Às veis, eu fazia um buraco no chão e enterrava a perna. Aí a terra puxa o veneno todinho. Isso quem me ensinou foi o índio. Os índio que me ensinou. Ah! Fura um buraco, enterra o pé e tapa com terra. Daí a uma hora mais ou menos o sr. pode tirar. Num tem uma gota de veneno lá, a terra puxa ele todinho. Já me mordeu aqui, oh! (mostra a perna com a cicatriz)

P - Que cobra que era?

OLISSO - Ali foi jararaca. Mas uma coisinha desse tamanho. Eu tô limpando um capim assim, fui limpar uma touceira de cana, tava com o pé assim; eu só vi quando veio aquilo e taca; quase que me pegô em cima da veia. Eu falei: - Ih! sacana de formiga, pra mim era formiga, né? Quando eu olhei, ela tava toda enroladinha pra dar um outro bote. Ah! é você. Vortei pra casa pra apanhá uma enxada pra socar na cara dela. Ela, crucutu, dentro de uma noite e pronto foi embora. Aí cheguei aqui, tomei um copo d'água e num tomei nada, não.

P - É o que que deu?

OLISSO - Nada, nada, nada.

P - Já é a oitava mordida?

OLISSO - É. Oito veis. Hoje eu tava jurubeba comprada no armazém pro figado. Mas amarga pra chuchu. Agora mesmo eu soube que perdi um primo.

P - Como o sr. soube?

OLISSO - Eu sei. Eu trabalho, eu só espírita. Eu trabalho há 23 anos. Trabalho há muitos anos. As veis quando eles falia lá e sobe, num decora, eles bota aí. Eu sei direitinho, quando é de lá pouco, certa vez bate em cima: fulano morreu. Eu perdi meu irmão em Iajão de Minas. Daí a sete dias ele bateu. Noteu chorando que era pra mim ir lá buscar as duas sobrinhas e a mulher dele, vender o terreno. Meu irmão ainda era vivo, Luiz, tava aqui no Rio. Fui lá e conversei com Luiz e falei: Luiz você vai lá. Du? cê tá doído mano, eu num vô não, e cê vô lá pra morrer? Metaram ele com um copo de veneno. Ele era pistoleiro. Morreu com cento e tantas mortes na cacunha. Ele e Deolindo Cigano. Tá na penitenciária. Deolindo tá velho igual casca de árvore...

O sr. chegava na minha casa era um jardim, era uma coisa, o sr. via porco, galinha espaiado pra tudo quanto era lado; o sr. via mantimento do sr. apavorar; melancia, via cabeça de inhame de este tamanho, imutinho, uma coisa. Aí vim pra qui. Eu ia pro Rio, mas cheguei aqui em Magé eu parei. Tem 32 anos que eu estou aqui.

P - Só nesta casa?

OLISSO - Em outros lugares. Eu fui caseiro em Magé, em casa alugada, e só em Magé eu morei muito tempo. Depois é que eu saí. Era caseiro e eu queria criar criação.

P - Agora, sr. Ulisso, o que que o sr. acha que é a doença? Porque a pessoa fica doente?

OLISSO - Eu vô dizer; os médicos diz que a minha doença é coração cansado. Tive uma sombra no pulmão; eu saí daqui com pneumonia branca; mas cortaram ela, graças a Deus. Eu num sinto nada, mas aí eles pegaram a me tratar do coração. O Dr. Neiro falou assim: - "esse moço, se ele trabalhá, esse coroa, ele pifa; ele num pode trabalhá, não pode contrariá, num pode ter muita alegria, viu? Ele deve levar uma vida assim

OLISSO - ... simples. Mas é coração cansado, porque a pneumonia bronca ele curou; eles curaram. Meteram chapa. No dia que eu ia sair...

- "Seu burro, o sr tá bom pra ir embora?" Ah! Ir., graças a Deus. Dr. tô curado. - "Não, ocê num tá curado: só se ocê quiser deixar eu fazer um transplante do coração. Nós vamos mudar seu coração e botar um coração de macaco". Eu falei: - "mas Dr., coração de macaco é pequenininho, num dá, Dr." Ele é mineiro, ele é muito britalhão. Sr. Ollisso o sr. tá bom pra ir embora, mas tem uma coisa. Vou lhe avisar, hein! Vou lhe avisar porque o sr. ainda pode sturar muitos anos. O sr. vai recuperando; o sr. vai ganhá saúde, hein? Mas num abusa da bondade. - Tá bom, Dr., tá bom, o que o sr. me disser tá bom. Eu vim, quando chegou no outro dia o enfermeiro, a D. Teresa e a D. Dúncia, as duas vieram me ver e aí falaram assim: - "Ô, Dr. ih!... Ele vai dia 7 de dezembro, dia 30 é Natal: eles vão enfiar verme, vai bater Erahma e sabe, eles sabem mesmo. Mas quando chegou no outro dia ele foi lá:

- "Sr. Burro, o sr. num pode ir, sua situação arruinou". Eu num tinha feito coisa nenhuma ainda, eu ouvi e disse que a minha situação tinha arruinado. Hom! Eu dei uma risadinha, escrevi pra ele e disse: - Ô, Dr, em todos casos, como mineiro é bobo, eu vô aguentar essa. Mas o sr. vai me dá licença de 24 horas, né? Ah, eu dô. Eu tinha que matar um porco em casa, como de fato eu matei.

- "O sr. traz um chouriço pra mim. Pode ir, você volta, hein! Se não daqui a um mês o sr. tá voltando praqui, o num é bonito? Tá bom, bom, Dr., o que o sr. falar comigo tá falado, né? O sr. é médico, eu num sei nada. Voltei pra casa. O sr. vortô? Eu falei: - "Ô, D. Teresa a sra. me coquetou, hein? Mas é pra bem estar seu, o sr. é uma pessoa tão boa, seu Ollisso; nunca me deu aborrecimento aqui dentro. Um home norrendo, alegre, satisfeito. Já teve até ajudando a impacotá diurnto aqui dentro, cômô, eu rapava naquelas caboco lá e ultimamente eu já curardi a expectá o sujeito; enrolar o cara no lençol: - esse tá pronto, pode levar, vou outro aí!

Vim encora, num voltei mais. Aí mandei a mulher lá panhá a bolsa, os papal, as coisa lá. Chegô lá ela conversô com ele, aí ele falou assim: "- É o cores, comê que vai?" - Tá bom, doutor.

"- Beveu no Metal?" Ah! Beveu lá, mas pouquinho, né Dr.

- Fumando?

- Não.

- Agora, diz a ele pra segurar a saúde e cuidado com o coração. A sra. não contraria ele não?

- Não. Nós não discutimos, não, não enhô. Por mim ele veve pro resto da vida, vai vivê muita raça de ano. Eu num contraria ele não.

P - É capichela caída, o que que é?

OLISSO - Ah! A aspíndela dá anuí (no peito), virada. Vira numo colhi

OLISSO - ... nha que nós temo aqui. Nós temo uma folhinha aqui, oh! Por cima aqui da barriga; ela vira. Se o sr não montar rezar, ela vira a pessoa até fraco. E médico não cura não, hein! Ninguém diz que médico cura, porque não cura, não senhor.

P - O sr. já curou alguém de espinhela?

OLISSO - Já. Ih! Aqui em Lagé teve um que foi despedido da fábrica como tuberculoso. Zé Francisco. Dr. João despediu ele; O sr. vai pra Petrópolis, o sr. vai tratar porque o sr. está fraco do pulmão. Ai o rapaz ficou doído, rapaz casado de pouco, na fábrica, o rapaz ficou maluco.

P - Qual fábrica?

OLISSO - A Itatiaia. Um dia a mãe dele falou, que ela gosta muito de mim: - "José, você tá esquecendo, vai lá no seu Olisso, meu filho. Ih, mamãe a ora. sabe que eu já tava bom? Ai ele veio. Eu falei: - Ah! José, passou seus pulmão, mas vai voltar. Agora você tem que vir aqui nove dia. Ele já tossia, falou um doído. A mulher dele, disse que ele não deixava ninguém dormir direito. Aquela tosse seca. Ele curvando. Ficou magro, ele é alto, né?

P - O sr. deu remédio?

OLISSO - Não. Eu não dou nem uma gota. Não senhor. O sr. sabe que daí a uns seis mais, o homem tava com toda uns braço que era fraco.

Depois o Dr. João falou: - "o sr. foi pra Petrópolis?" E ele falou: - "Não senhor, eu não, Doutor. Quem me rezou foi um coroa: espinhela virada." - Ele falou é...

- Tá bom, então tem médico mais médico que ocês, né Dr? A igualidade é quase igual, né? Proquê, isso o sr. não deu volta. Só tá va tuberculoso, tava fraco do pulmão, mas graças a Deus, tá curado.

Tratou depois na padaria de seu Paulo, depois pegou a praticá-la, virar, mandaram chamar ele pra fábrica e ele não foi mais não.

P - Porque as pessoas pagam a espinhela?

OLISSO - Ela vira.

P - Mas porque ela vira?

OLISSO - Às veis; num tossido forte, quando o sr. riss mal pisado, um peso. Ela vira. Uma folhinha fininha, ela fica ali, fica ali no estômago e ele vai virando, perde o apetite, come pouco.

P - Como é que a gente sabe que a pessoa está com espinhela virada?

OLISSO - Ah! Daqui. Da moço aqui, oh! (no ombro)

P - Mede? Como é que o sr. mede?

OLISSO - Moço com um fio de linha. Mede aqui (no ombro) e mede aqui (no braço). Se não tiver com espinhela virada, o que der aqui (no ombro) dá aqui (no braço). E se tiver com espinhela virada passa.

P - A medida do ombro fica mais estreita?

OLISSO - Estreito mais. Eu tenho recordo muito aqui, mas é muito mes-



OLISSO - ...mo. Cheia aí, tá que tá bambo, Mas felizmente, graças a Deus. Sexta feira eu rezo uma vez só; na que vem eu rezo e pergunto comá que tá. Ih! tô com que nem antes, tô pulando que nem cabrito. Tem gente que dá gemada de ovo de pato pra beber. Eu não dô nada. Rezo, mas na vez, na hora, o caboclo, tem gente que, às veis, na hora se ela não tiver passado, ele mesmo percebe que ela vai vortando.

P - Você tem rezado ultimamente?

OLISSO - Tem. Aqui de vez em quando chega gente. Agora há pouco tempo veio um de Cabo Frio.

P - Como é que é a reza, seu Olisso?

OLISSO - Ah! eu não posso dizer. Só posso ensinar na noite de Natal. Se eu lhe ensinar, não serve pra mim. Ai o sr. vai rezar e eu rezo e não vale mais nada. Oh! fogo selvagem, aquilo pega assim e vem arrebatando e vai correndo aquela água. Se passar pra sua cabeça não tem cura. O médico não cura também.

P - Fogo selvagem é o nome da doença?

OLISSO - É. Uma vez uma moça foi lá no Dr. Alexandre, ele olhou e disse: - "Isso não é pra mim não, minha filha. Deê pricure um rezador aí e vai lá, porque eu não curo isso e não vou te enganar. Eu sei que eu não curo, eu não rezo. Ele sabe que isso é fogo selvagem".

P - Aqui de Magé?

OLISSO - É. O Dr. Alexandre, o quê? O Dr. João pega um exu aí que ele pula igual bode. O quê? Eu vi ele pegar lá dentro da Casa de Saúde. Rumou a cara pra aquelas paredes tudo lá, eu falei: - "Ôta, Dr. João, segura que o molequim tá encostado nocê, hein? Eu ria do barriga doer com aquele cachimbinho na boca. Eu falei: - "Tá vendo aí, ah! bicho!

Depois, no outro dia, ele chegou lá: - "culpado foi você, hein? Eu falei: - "Eu não Dr.. Eu? Não fiz chamada nenhuma pro sr. Como é que foi eu? É que era mesmo, a sua hora de pegar o bicho, aí o sr. pegou. Ele falou: - "Olisso, às veis a gente tá andando assim e quando vê tem pega mesmo, né?"

OLISSO - Mas eu, se pudesse ir lá fora no Espírito Santo, eu com um dia e uma noite eu cortava essa tosse.

P - Ah! o sr sabe o remédio?

OLISSO - Eu sei.

P - Qual é o remédio?

OLISSO - Aqui não tem. Carcadeira. Aquilo é batê que não tem tosse, pode ser encrevada do jeito que fôr, é bater e valer. A carcadeira é um pau. a casca dela é cheirosa, cheirosa mesmo. faz um chá daquilo e toca pra dentro, mas também daí um macadinho a água vem e pega a cair, soa. Mas também já era a tosse. Aqui não tem, o mulher foi lá, mas não teve tempo de tirar; ela demorou pouco, né? Por---

OLISSO - ... que lá é casa de jatobá, jatobá ela trouxe em casca, aquilo é muito bom também pro intestino. Cozida ela, faz um chá, põe canela, etc! Faz uma gemada de ovo, faz uma gemada e toca ali. Ai!

ESPOSA DO SR. OLISSO - Canela passafaz também tem...

P - Tem aqui em lagô?

OLISSO - Tem. Ela tem aí e tem árvore. Aquilo é cherosa. Conhece ela?

P - Conheço. É coqueiro sr. Olisso? O que que é bom pro coqueiro?

OLISSO - Só reza.

P - O que que faz o coqueiro?

OLISSO - coqueiro. Se veis o sr. estende sua roupa num capim, passa um saio ali, aranha. Porque, tem o coqueiro de saio, de cobra e tem o coqueiro de aranha. Agora o coqueiro mais miserável é o do sono. Aquilo é miserável; ele dá de moitinho; o de cobra não, ele faz aquele galgo; trabalho é pro cruzar, sabe? Aquilo é reza. Aquilo eu rezo à toa. O sr. quer saber de uma coisa: em nação de reza eu sou que de tudo nesse mundo eu rezo. O sr. tem um boi, lá no Rio, foi de reza, ele está com piçarra, o sr. vem aqui, eu pergunto de que lado está piçarra?

- Tá do lado esquerdo.

- De cima do gato?

- Pode deixar, amanhã você chega lá não tem um bicho. Tem que cair tudo. Manzão foi a coisa que eu aprendi mais desde cedo. A minha mãezinha me ensinava. Era rezadeira mesmo. Tudo quanto era reza ela sabia, ela me ensinava, e depois eu tenho um livro aí e eu fui acabando de aprender. Aí eu fui acabando de aprender. Mou-olhada, vento-cão; vento-cão só dá em criança.

P - Como é que é o vento-cão?

OLISSO - O vento-cão, a criança às vezes toma um tombo, leve aquele choque, tira o vento. Se deixasse passar, ele pega a encolher uma perna; encolhe a perninha, incha. Aí deixa oédico dá remédio; num cura não! Fato eu cira aí, reza, em poucos dias tá bom, graças a Deus. Eu tenho mais fé na minha reza do que nemo em trabalho meu. Porque trabalho eu não vejo eu trabalhá e minha reza eu vejo. Eu vejo eu rezar, talento as palavras que é preciso.

P - Qual a diferença de trabalhar e rezar?

OLISSO - A diferença é que trabalhá, a pessoa que é evidente, ele vê. Mas quem não é evidente, não vê. Aquilo guia encosta nele, porque ele não entra nele. O anjo da guarda da pessoa encosta num lado e ele encosta do outro. No sr. fica ali, mas o sr. não tá vendo coisa nenhuma. Eu tenho até tracô aqui, só! Um mulher já me taceu uma isada nas costas pro ver se eu tava trabalhado mesmo. Já, sim

senhor. Me sentou a faca. Acabava, o sangue tava mirando em baixo. Terminou quando o guia suspendeu, eu com aquela dor ardendo as costas, disse: - "Ué! O que é isso?"

- Ah! o sr. bateu num prego ali. Furou, mas eu tratava com um ténis branco que eu picava assim, o sangue espatifava. É sim. Ai mais depois outra mulher disse: - "que prego o que sô, foi facada. O cara te enfiou a faca" Eu falei: - "é? Deixa ele. Daí a três dias ele foi lá e pegou a quebrar a faca."

- Eu não tenho nada com isso, não, cara; eu num vi você fazer isso, não. Você te segura, segura tua vida. Você fez comigo e num fez comigo. Porque se fôsse eu em pessoa eu sentia, num deixava você lá, né? Mas eu tava de costas, ele veio e viu! - "eu vou ver se ele tá trabalhando mermo" O sujeito era ateu e tacou a faca. O homem teve um remorso! Orreu com a unha deste tomanko assim.

P - Com o quê?

OLISSO - A unha deste tomanko, a unha cresceu assim. Num cortava unha, num fazia cabelo, num fazia barba, num fazia nada. Aquela roupa dele, ele vestia, se o povo num juntasse pra tirar a roupa ela caía os pedaços. Acabou murrando debaixo de um carro de boi, igual um bicho. Ai sei lá por causa de quê, mas acho que foi o remorso que ele teve. Ou trabalho há muitos anos. Já veio fiscal da urubanda na minha casa, pra ver se eu podia trabalhar. Veio do Rio.

P - Vieram fazer o quê?

OLISSO - Pra ver se eu trabalhava mermo. Se eu podia trabalhar. Abri o trabalho pra ele ver. Quando terminou o trabalho, ele chamou o guia e disse: - "o sr. pode trabalhar, mas o sr. deve tirar o estatuto". Eu falei: - "num faço e num tiro licença".

- Por causz de quê?

- Uma, porque ninguém me ensinou a trabalhar; se eu tirar a licença eu perco a licença de Deus. Quer dizer que eu num tou tendo confiança em Deus. Ele me perguntou: - "Alguém já obedeceu dentro do seu terreiro" Nunca. Já chegou gente aqui de botar aqui morto. Chegar de carro aí. Chegou na mão de quatro homens. Quando é daí a vinte minutos tá de pé, tá panchando o carro e tá indo embora, graças a Deus. Mas tem brato demais. Ai tenho uns protetor muito bom. Eu tratava com o professor Robespierre na reunião do Pensamento. Isso é uma seita em São Paulo. Eles vieram lá no Espirito Santo. Então às seis horas em ponto o sr. ganha a música e firma o pensamento. Lá em São Paulo; ali o sr. adormece. Mas eu tinha pouca leitura, lá precisa de muita leitura...

## PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR

PROGRAMA PEPPE - 32.7

COORDENADOR: DOUTOR CARLOS

RELATÓRIO DE ENTREVISTAS

FITA MF-2 - Informante: Maria Castro da Silva - Janeiro/1980 (1-2)

Local: Cabo Frio (RJ)

P - Como é seu nome?

MARIA - Maria Castro da Silva.

P - Em que cidade a sra. nasceu?

MARIA - Eu nasci em Santa Maria Madalena, aqui no Estado do Rio. Fui criada no Espírito Santo, indo prá lá com a idade de 11 meses.

P - Em que cidade?

MARIA - Aricaá, perto da Bom Jesus de Itaboraá.

P - A sra. morava com seus pais?

MARIA - Morava, papai deixou mãe, nós éramos nove irmãos, aí fomos criados na casa dos outros. Vão ré quintal, limpá fogão; me entendi co mo gente trabalhando na casa dos outros.

P - E na roça a sra. trabalhava?

MARIA - Na roça mãe me deixava trabalhar porque eu colocava muito sangue pelo nariz.

P - Sangue porquê?

MARIA - Desde a idade de 9 anos eu colocava muito sangue pelo nariz. Mas sangue de jurá um curaco no chão e deixar encher.

P - E a sra. ficou com isso?

MARIA - Até hoje eu ainda coloco sangue pelo nariz, mas não é demais só quando tá muito gripada.

P - Mas a sra. morava na roça?

MARIA - Toda vida eu morava na roça.

P - E seu pai, sua mãe?

MARIA - Também era uma roçeira.

P - Quanto a sra. começou a se tratar e tratar as pessoas com ervas?

MARIA - Aí eu já tinha mais 18 ano. Minha mãe sempre falava assim: - "essa menina quando crescer vai dar pra partera ou curadera". Porque quando eu ia na roça, às vezes eu achava um pé de mató e dizia: - "Oh mãe, isso aqui é remédio!" Então quando eu tinha 18 ano, eu era chefe de casa; sabe? Mas não tinha filho, sabe? Mas então uma vizinha começou a jogar mal pra minha mãe; aí o vizinho o que faz? Vai pra venda e compra o garoto na charrá pra fazer chá pra mãe dele. Aí eu fui lá, né? Quando lá a mulher tá na hora de ganhar neném. Eu pensei: "o que que eu vou fazer aqui? Não sei nada".

Então eu ouvi dizer que as parteras faziam banho e chá de erva de São João. Foi o que eu fiz. Lá foi a erva de São João, botei na panela pra cozinhar e dei a ela o chá do banho de erva de São João. Fiz fricção de azeite, sem saber de nada, sem nunca ver lido. Aí ela su -

MARIA - ... nhô uma menina. Mas era tão gorda que a cinturinha era fininha. Aí quando a criança nasceu, eu cortei o umbigo. Quando o pai chegou, veio com uma garrafinha de cachaca e um embruozinho na mão, perguntou: - "D. Maria, o que é que veio aí?" Eu falei: - "é menina." Aí ele falou: - "pra sê rabo de saia podia ter nascido morto". Eu falei: - "não senhor, não nas minha mão, porque eu não intendo nada. É a primeira vez que eu faço esse serviço. Deus ainda ajudou que eu fui feliz. A mulhé do senhô foi feliz de nas minha mão num acontecô nada.

P - Mas a sra. tratou o umbigo da criança, por exemplo, com quê?

MARIA - Fô de hortelã, azeite de mamona.

P - O azeite de mamona serve pra que, além de colocar no umbigo?

MARIA - Quando a gente tá esperando neném, eu pelo menos quando tava esperando neném, antes de grávida eu tomava um purgante de azeite e depois que eu grávida, com três dia a gente toma um purgante, e eu tomava um de azeite. Não paro. Com erva doce, com hortelã, com aleven-te, erva cipriana.

P - Como é que a sra. faz o azeite de mamona? A sra. é quem faz?

MARIA - A gente coloca, cata, bota pra assalar os carocinho, depois limpa bem limpinho, lava, seca bem secado...

P - Aí tira o óleo?

MARIA - Fô na panela e deixa cozinhar, quando secá aquela água, então cria aquela bordura e vai tirando, depois bota pra secá, coa e tá feito o azeite. Só que fêde muito. Tem casiro muito forte e é grosso. Mas minhas criança saúde, depois que eu adquiri filho, passei nove anos sem criar filho, quando eu paruei a criar meus filho. O que fêz eu criar filho foi remédio de farmácia, o regulador Gesteira; foi só um vidro, porque a minha regra vinha duas, três veis no mês; garrafada, mais garrafada e tudo quanto era remédio de farmácia eu tomei. E esse regulador Gesteira foi recetado pelo curadô.

P - A sra. teve 9 filhos?

MARIA - Oito filhos.

P - Que tipo de doença seus filhos tiveram?

MARIA - Meus filhos? Sarampo e coqueluche.

P - A sra. tratava o sarampo, como quê?

MARIA - Quando tinha sarampo eu dava mingau de arroz, chá de erva-do-ca. Prá verna eu dava chá de hortelã. Quando tava grávida eu dava chá de rocão.

P - E pra coqueluche?

MARIA - Coqueluche, quanto mais chá quente dá é pior. Então a gente dá chá de couro de rã, torrado no café, chá de erva doce, leite de égua (mas nunca achei pra dá pra eles), aquela palva do rato, mas sem espinho. A palva do rato a gente aperta ele, torce todinha, pendura, deixa

MARIA - ... pingando aquela água e tomar; também é bom.

Em pequena, minha mãe dava a mim e aos meus irmãos aquele sujo de ca-chorra branca, leite de carrão, leite de leite mole, fazia aquele xarope e dava a nós pra bebê. Mas eu já sabia. E sabe como é, que a gente vendo não rode, se não, não dá certo a simpatia. Que eu me lembro é o que ela fez pra mim que eu tenha bebido e curado a minha tosse foi nave caraco de feijão torrado, acado com cica de banana São Tomé. Foi o que curou minha tosse. Este serve pra qualquer tosse. É só cortar o talo, moer e beber aquela água. Minhas crianças quando dava pra inchá eu dava banho de guaxuma.

P - Guaxuma, esse que dá aquela ilor amarela?

MARIA - É um que a gente corta pra fazer imbirá. A guaxuma, o capim gordura, era o que eu usava pra dá banho nos meus filhos. Banho de arnica. Aquela que é do campo.

P - E reza, a sra faz reza?

MARIA - Não.

P - Tem religião?

MARIA - Minha religião é católica.

P - A sra. conhecia algum rezador, lá onde a sra. morava?

MARIA - Não sei.

P - E o sra. conhece espinhela caída?

MARIA - Conheço, mas não assim. Um rezo espinhela caída, eu rezo isipra, eu rezo vento caído, vento virado. Isso eu rezo. Já rezei muito; hoje eu não rezo mais.

P - A sra. não reza mais porquê?

MARIA - Não. É muita gente, e com serviço de casa não dava pra atender todo mundo. Pessoa que reza tem que ficar a disposição de quem chega e eu não tinha tempo.

P - E a sra já rezou muito gente?

MARIA - Rezei bastante criança.

P - E qual era a reza que a sra. fazia para as crianças? Espinhela caída também dá em criança?

MARIA - Lá. Passa, susto, tudo isso dá, né?

P - E como é que o sra. sabia que a pessoa estava com a espinhela caída?

MARIA - Pelo ombro. Vento-caído, a criança começa a sujar obra verde, se tiver passado, incha o pé esquerdo. Depois que pegar e inchar, tiver muito passado é preciso nove rezado, nove banho de arnica, nove chá. Agora, começando antes, só é preciso três banho e três chá. Fica bom.

Desando de dentes eu dava banho de poia branca, um mato que dá rastro, aquela florzinha branca. Pra febre eu dava chá de canomila, chá de garcupá. Cargupeje serve pra tido, dor de cabeça, estô -

mago. Bom pra fígado é erva tostão, gervão roxo. Pra rins e dor de barriga, é bom a cana de macaco, canho e chá. A raiz da cana de macaco serve pra pedra na bexiga. A gente corta aquelas rodinhas, amassa bem amassadinha, faz o chá, coloca as rodinhas pra cozinhar e vai tomando. Conta de lágrimas pra limpar urina.

P - A sra. faz o chá de quê? Das folhas?

MARIA - É. Agora, carrapichinho também serve pra rins, urina, fígado.

P - Carrapichinho é aquela mesteiro?

MARIA - É. O picão é pra rins, hepatite, aquele amarelão que dá nos olhos. Interícia.

P - A sra. já teve interícia?

MARIA - Não, mas meus filhos já tiveram.

P - E a sra. curou com o quê?

MARIA - Com picão. Tivei também com uma mulher em Ruzios que também teve interícia. Ela foi ao médico e ele também recomendou chá de picão.

P - Qual foi mesmo o remédio que a sra. falou que levava queroseno? O tal que o médico tinha falado?

MARIA - Crupa. Cinco gotinhas de queroseno no chá de erva doce, no chá de noão, no café, ou até mesmo na água doce. Chá de folha de laranjeira, arruda queimada com coqueado, servem pra resquidão.

P - É pra acortar, a sra. conhece algum remédio?

MARIA - Existe, mas é tudo amargoso. É de beber sim. Minha mãe fazia.

P - E dava resultado?

MARIA - Dava resultado se a pessoa dormisse sem jantar e no outro dia de manhã não tomasse café. Não comesse nada.

P - É mau olhado? O que é que a sra. conta do mau olhado, existe remédio pra isso?

MARIA - Existe, canho de descarrego e reza.

P - E como é que é isso?

MARIA - Banho de descarrego é picão, arruda, sal grosso, três dentes de alho tudo misturado. Toda erva casciosa e três dentes de alho. Agora pra desinflamar, eu uso muito é procura. Aqui tem muito. A cascara da arueira é bom pra pneumonia. É só cozinhar, fazer aquele mingau grosso, colocar a nodia num pedaço de pano e pôr em cima.

P - É pra dor de ouvido? O que é que a sra. conhece?

MARIA - Flor de abóbora. Jureta no fogo, tira aquele suco, bota no vidro e mistura com o suco de ganjerião.

P - Como é que é essa erva da Santa Luzia que a sra. falou que é bom para os olhos?

MARIA - Suco de arruda com leite de leite, também é bom pra dor de ouvido. Santa Luzia depois eu vou mostrar ao senhor. É igual a folha de

MARIA - ... vasoura, de do ramo (para cortar casando), é bom pra criança dormir. Tem a vasourinha branca de varrer igreja, que é bom pro intestino. A erva brancinha é bom pra tosse também.

P - O que usa no sarapê, a folha ou a flor do sabãozinho?

MARIA - Qualquer um. Se tiver a flor é melhor, mas se não tiver serve com folha também. Manê de couro também é bom pra fígado. Tem a gema do ovo que serve pra corrimento.

P - É impingem, a sra. conhece remédio pra impingem?

MARIA - Pro impingem é maçã de alcedão. Como também o nosso casaco em iajum. A cinza também do fofo de lenha.

P - Mas como é que faz com a maçã de alcedão, verde ou madura?

MARIA - Verde. Maçanta no fogo, ela fica mole, espreme aquela agüinha e vai passando.

P - É pra coarairó?

MARIA - Pra coarairó tem que secer com vinha. Tinta de escrever. Ou em taomandar rizar. O coarairó também se corta com nove folhas de laranja, corta com casaca, outros com macadão.

P - Como é que faz com o macadão?

MARIA - Pergunta a pessoa: o que é que eu corto? Então a pessoa diz: "coarairó". Então mate o macadão. Pergunta três vezes.

P - Mate o macadão onde?

MARIA - No chão.

P - É toia de aranha, serve pra alguma coisa?

MARIA - Não. União de pau é que sei que serve pra garrafada. Orelha de pau, arroz de serpente, língua de onça roxa. Esse veio minha foi dilatada (do pescoço); meu coração tinha no veio. Eu tomei muito injeção no veio. Toia que eu não podia fazer quase nenhum movimento. Dois os nervos. Todos os dois braços. Não podia nem esfregar roupa. Na própria veio não doía, dois meses era os braços. Tomei muito chá de manjaricão, tomei chá de raiz de capim citreiro com amarosano (15 gotas), depois fui tocado por um curandeiro e tomei outro chá. Folha de laranja com assafetida. Depois tomava um banho com a domidaira pra acalmar aquele tor nervoso.

P - Mas o que usava, a raiz ou a folha?

MARIA - Pra canço é com tudo. A gente cozinha, faz o chá pra gente e toma o chá. As raízes a gente só coze quando sinto nada não.

P - É a sra. conhece estes remédios como? A sra. é quem ia apanhar ou comprar?

MARIA - Não, a gente tomava no mate, e eu ia apanhar.

P - A sra. conhece tudo?

MARIA - Ah! conheço.



P - O que a sra. acha da doença? Porque a gente fica doente?

MARIA - Depende. Tem pessoas que sofrem de fígado, de rins, pegar muito peso, ataca a tal de coluna. Sabe, consulta médica mesmo, eu só tive pro problema da veia. Porque o resto eu nunca precisei de médico e tomar remédio de médico.

P - Porque a sra. não vai ao médico, não acredita nele?

MARIA - Sei lá, não tenho fé não: o médico melhor que a gente tem é Deus. Com Deus nada é difícil e até água fria é remédio. Num digo num caso de morte não tenha de ir mesmo. Mas por enquanto, graças a Deus, nem pra mim, nem pra meus filhos.

P - E o parto da sra. quem é que fazia?

MARIA - Quando a parteira chegava o neném já tinha nascido.

P - Ah! a sra. mesmo cortava?

MARIA - Eu mesma cortava, dava banho, curava.

P - E a sra. trabalhava logo depois que tinha filho?

MARIA - Eu fazia tudo. Lavava roupa, cozinhava.

P - E não passava mal de hemorragia?

MARIA - Nada. Não tinha hemorragia porque a gente tomava banho e chá de arnica.

P - Qual? Arnica do unto?

MARIA - Arnica do unto não deixa atrapalhar e também não deixa dá hemorragia. Se a pessoa tiver começando hemorragia, tomar um canho de arnica ou então um chá de casca de coco, corta a hemorragia direto. Mas nunca foi possível tomar casca de coco.

P - E o erva de São João? Era usada antes do parto?

MARIA - É. Na hora que a pessoa está sentindo dor, toma o banho e o chá.

P - E aí o que acontece?

MARIA - Tirando uma gripe, uma falta de ar. Quando muito encatarrado toma o chá de São João e também o banho. Se toma com açúcar ele é calmante. Se toma com sal ele é quente.

P - E quente faz o quê?

MARIA - Se for quente não serve, não é calmante. Se a pessoa estiver agitada e torá com sal, aí agita mais, é quente demais. Agora, tudo o que levou doce é calmante.

P - Então não é a tua que se usa água com açúcar quando a pessoa está nervosa?

MARIA - É o chá de passiflora, alacrim de noito, malva cheirosa, tudo isso é calmante, o chá de laranja.

P - E a sra. aprendeu tudo isso com quem? A sra. experimentava ou era no livro?

MARIA - Ou outro. Muitas coisas no livro.

P - Sabe de quarta lunária, erva cascavel?

MARIA - Isso não ensinava pro gente, quando a gente era pequena. Tem

MARIA - ... duas impingem; uma seca e outra que é brava.

P - A brava, como é a brava?

MARIA - É dessa mesma impingem, mas só que tem que vai inflamando, es  
correndo aquela água. Daí a pessoa tem que canhar com banho de maçã  
de algodão e banhar também com banho daquela malva branca, põe tomate  
crú.

P - A malva branca é diferente da malva encirosa, né?

MARIA - Tem três qualidades de malva. Todas elas são remédio. Pra ma-  
caucado é essa malva branca, pra cortar impingem, também. O chá da  
casca de chucun, da solna da cancanu é bom pra palpitações e agitação.  
Quando a gente tá sofrendo do coração é calmante.

P - Tá bom, obrigado D. Maria.

PESQUISA: A JORNADA DA MEDICINA POPULAR  
PROGRAMA TVETV 22.7  
COORDENADOR: DOUGLAS GARRARA  
RELACIONE DE ENTREVISTAS  
INTERVIEWER: FRANCIELINA (M-2)  
Local: Cabo Frio (RJ) Data: 11-2

Fl. 20

P - Como é o seu nome?

FRANCIELINA - Meu nome é Francielina.

P - A sra. nasceu quando?

FRANCIELINA - Em 1918.

P - Onde a sra. nasceu?

FRANCIELINA - Aqui no Ararió, Cabo.

P - Quando a sra. era criança, que tipos de doenças as pessoas faziam?

FRANCIELINA - Eh, graças a Deus, só a doença que eu tive foi essa, sabe?

P - Desde criança que a sra. tem essa?

FRANCIELINA - Não, não tinha nada. Mas eu acho, não tive nada pra me curar, um dia eu fui pra a cidade de S. e lá fiquei pouco de quarentena, aí quei muito ruim; depois eu vim pra cá e não mais tive.

P - Mas a sra. ficou boa em quarentena?

FRANCIELINA - Bem, precisava. E até lá eu fui a essa filha minha que tá aí com a doença, também.

P - Qual a quantidade de medicamentos que a sra. usa?

FRANCIELINA - Eu tomo muito né? Eu bebi até os remédios curáveis pra me curar.

P - Quanto que bebia?

FRANCIELINA - Eu tomo um pouco, eu tomo um pouco, eu tomo um pouco, sabe? Eu bebi bastante como água. Lá eu fiquei muito mal, e depois, quando fiquei bem, não tive mais nada. Mas eu fui a essa filha minha tá lá, mas daí 5 anos eu falei.

E depois de isso, que eu vim pra cá eu não tinha médico, né?

P - Aqui no Ararió de Cabo não tinha médico?

FRANCIELINA - Não, a gente tomava chá, que era uma doença que tinha era chá. Não ninguém se curava; é um chá e o remédio é tudo feito de erva, mas ninguém que se curava, só Deus pro alívio, chá de goiaba com feijão, coisa assim.

P - O quê, a feijão?

FRANCIELINA - O feijão. Mas tomo o chá e três de fraca de coque.

Por o chá e o coque, mas não, não, alguns dias não pode tomar.

E pra urina, é cabelo de milho, urva-pesca...

P - A urina é o chá de milho?

FRANCIELINA - Urva-pesca, cabelo de milho, urva-pesca, tudo é erva, só que hoje não tem mais. Mas eu tomo o chá, eu tomo o chá e o coque.

FRAZETA - ... Mas o Instituto, né? Qualquer um vai.  
I - A cre. tá no relatório bom pra inventaria?  
FRAZETA - Interfala é ovo cozido no urina e o ché de picão. To-  
mar o ché de picão e cozinhar no ovo na urina da pessoa; pegar aque-  
la urina, fazer uma sopa, aquela farinha, misturar o ovo, a gema de o-  
vo ali cozida, botá no formigueiro. Quando a formiga acabar de comer  
a farinha com aquele ovo e berritei sopa.  
I - Mas a pessoa toma a erve já?  
FRANZINA - Toma só o picão. É a urina que é cozinhado o ovo, a gen-  
te bota no formigueiro.  
I - E o erve? Tá lá na casa? Tá na urina?  
FRAZETA - Quando eu era criança, eu deixava sempre a parteira a fa-  
zer. Era pra cozer, pra cozer, né? De manhã, a primeira filha nasceu uma  
para o dia, era de noite, de noite de Natal...  
I - Mas não nasceu com a cabeça pra fora não?  
FRANZINA - Não, não era assim.  
I - Era diferente, né?  
FRAZETA - Quando deu meio-noite, na véspera de Natal, ela nasceu;  
uns cinco minutos nasceu a outra, é um bebê. Mas se fosse hoje não  
ficava no cotão, ela nasceu toda ali com a cabeça pra fora. Levou de ci-  
to à meia-noite só com a cabeça nascida.  
I - Ela viveu depois disso?  
FRANZINA - Ela morreu ali. Ela deu filhos.  
I - Ela foi menina ou era filha adotada?  
FRANZINA - Não, filha e parteira, né?  
I - Agora, usava aquela erve no parto?  
FRAZETA - A gente usava ché de amola quando táva passando mal.  
Tinha banho de vinho, de leite quente, untava com a facia dessas simpa-  
tes, né? Hoje, doerem, levam logo pro hospital.  
I - Tinha muito remedinho por aqui?  
FRAZETA - Tinha. E aliás não, né? Hoje parece mais pro lado da  
marcha.  
I - Mas a rede é um pouco diferente da marcha, né?  
FRANZINA - A rede antiga entre era só casaca mesmo. Hoje não. Hoje  
parte tudo pro lado da marcha.  
I - Quer dizer que a marchola é que não tinha marcha?  
FRANZINA - Não. Na casa, eu dei o primeiro banho, eu tava com 16  
anos.  
I - Acordo de casa?  
FRAZETA - Emília, mas não era, né? Deu lá num armazém que tem  
chamado Glodolido.  
I - Saía alguma coisa boa?  
FRANZINA - Não. Não quando ... eu não sabia. Tinha tempo que me tava

FRANCELINA - ... todo dia, tinha vez que levava 4 a 5 reais sem dá, e tinha tempo que pra todo mes. Já queimei essa perna toda com água fervendo. Eu dava dentro d'água, eu dava no fogo, dormindo. Antigamente eu via quando chegava.

F - Mas a sra. ainda tem até hoje isso?

FRANCELINA - Agora muito tempo que não dá; dois anos que não me dá. Mas aí eu tratei uma vez com uma curandeira, aí ela mandou que eu tomasse um vidro de Berenol, remédio de farmácia. E quando eu me sentisse que estava querendo dá o nome, eu tomasse 30 gotas daquele Berenol. Aí eu tomei o vidro de Berenol, levei uns 5 anos sem dá, diminuiu muito, até que depois disso eu levei muito à toa. Eu fiquei boa com o vidro de Berenol.

F - A sra. se que trabalha na venda de bilros ou em outra coisa?

FRANCELINA - Trabalhei muito levando pra fora pra criar meus filhos, porque eu tenho quatro filhos pra criar.

F - E a sra. estava lida?

FRANCELINA - Lida na lida e vendendo. Aí dá a duas, na cabeça. Das feixes de lenha pra vender.

Também muito frutas na cozinha pra os meus filhos comer.

F - As frutas tinha na cozinha?

FRANCELINA - Tinha guapeba, cambuí, banana; bagira serve pra diabético e graviola também serve.

Eu tava com diabete e tomei a graviola com dois meses...

F - Tomou o quê?

FRANCELINA - O chá de folha de graviola. Faz o chá e bota na geladeira; quando quiser água bebe só o chá. O médico quando eu fui fazer no vo exame, o médico disse que de 550 de glicose que eu tava foi para 121. Aí ele mandou eu comer doce, que eu já podia. Nunca mais tive nada.

F - E a sra. sentia o que, quando estava com esta taxa alta?

FRANCELINA - Eu tava com dor nos pernas, tava com no sangue muito grosso, muito calor, muita fadiga. Me ensinares esse chá e eu melhorou muito.

Na receita tem também guapeba, cambuí, banana, coco, mas isso não serve pra remédio não; só pra comer.

Agora depois desse sofrimento, que eu levei 10 anos nesse sofrimento, comecei de criar meu filho, trabalhei num armazém. 17 anos no armazém.

F - Vendendo?

FRANCELINA - Vendendo. Meu marido morreu... a loja era nossa, né? Ele morreu, fiquei viúva e pura. Os filhos me tornaram até a casa. Os filhos de outro lado como é de.

F - Aí, os filhos são?

FRANCELINA - D. primeira mulher.

F - E a sra. não era casada?

FRANCISCA - Não. De tinha essa filha dela. Se eu quis comer no outro dia que ela morreu, eu fui lavar preto pra poder comer.

F - Ai fiquei viúva, trabalhando na almofada, na roupa, lavando e passando. Essa filha daí se empregando; era enfermeira, começou a trabalhar. Graças a Deus casei ela; agora tô mais sossegada, tá tudo casado.

F - E a sra. teve quantos filhos?

FRANCISCA - Eu tive 5 filhos, um morto e quatro vivos. Tinha dois com o primeiro marido e ela dele.

Quatro sobrinhas. Tá tudo aí com 40 anos, 50. Tem um lá em casa que tá 11 filhos, que nós ajudamos com o suor dos braços sei ter um homem pra fazer assim; tem esse homem pra ajudá. Hoje não se trabalha, hoje tá dinheiro pra gastar, mas ninguém que sabe de trabalhar. Eu tenho meu Instituto, tenho a filha que morei com ela; Ela não dá pra trabalhar e na hora que eu tô desocupada eu tô aqui fazendo renda. Eu não peço a um filho nem um co' prático, filho nenhum. Não dá pra fazer; não dá pra fazer nada a eles. São sacrificados. São pobres. Hoje ninguém que trabalhar não.

F - A sra. não está ensinando esta renda de bilros pra ninguém, não?

FRANCISCA - Não tem. Ninguém procura e ninguém que ajudação pra ficar quebrando a cabeça. Hoje elas não querem serviço pra costurar. Quê tá tricotô porque onde vai pode levar o cruchê e isso aqui tem que ficar costado o dia inteiro se quiser. Eu tomo café, se ela estiver em casa e não estiver trabalhando, eu tomo o café e sento aqui.

F - Quanto tempo a sra. demora pra fazer isso aí?

FRANCISCA - Tem uns trabalhos que demoram muito. Esse daqui se eu sentar assim, mais 4 dia eu faço um metro, demora muito. É bom porque o sr. faz, tá sabe pra quem vender, é um dinheiro que pra mim tá ganhado, né? Distraí muito a mente, sabe? Pra mim tá pensando coisa que vem na cabeça de gente, tá ali, tá aí, tá aí.

F - E remédio pra irruja a sra. sabe alguma?

FRANCISCA - Não de algodão.

F - O que é que faz?

FRANCISCA - Faz o uso do algodão verde, raspa aquele lodo preto e passa na cara.

F - Ai seca a língua?

FRANCISCA - Não.

F - E pra dor de dente?

FRANCISCA - Pra dor de dente eu acho que só arrancando. Eu vi o que eu sofri de dor de dente e não resisto.

F - Que outro remédio a sra. conhece de ervas?

- FRANCISCA - Im. batata-doce, batata, a filha da batata.
- F - Como é que usas?
- FRANCISCA - Fazer o banho.
- F - Doença da pele, o que a sra. conhece? Ferida. Criança com ferida na perna?
- FRANCISCA - Uma filha mais assim; quem tratou foi o médico.
- F - E febre? Quando suas crianças tinham febre como é que a sra. fazia?
- FRANCISCA - A parte dava dose de cantharida, uma beladona, arsênico. Era Monopetala comprada na farmácia. Sem muito remédio de erva que a gente não conhece, só erva, ou ervas. Salar que pro cravo, esses cravo que dá no pé do conto, o bago-fogo é muito bom.
- F - É uma erva, é um arvorezinha cheta? O broto, tudo broto, num tem folha não. Dizem que a parte conta o cravo e põe o leite grosso e mata até a raiz.
- F - Conta a raiz?
- FRANCISCA - É, conta aquele casaco, vai contando. Aí parte aquele broto e deita o leite grosso na água, não? É aí que vai matá a raiz.
- F - A sra. já tentou de quê?
- FRANCISCA - Já.
- F - A sra. já ouviu ou viu pessoas que se trataram assim?
- FRANCISCA - Já, eu vi... dava dando no rádio.
- F - Mas deu no rádio quê? Que isso era bom.
- FRANCISCA - Já.
- F - Aqui em Arraial do Cabo tem essa planta?
- FRANCISCA - Tem. Aqui tem.
- F - É só tem esse nome de bago-fogo?
- FRANCISCA - Sim.
- F - Da conhaço, só não sabia o nome.
- FRANCISCA - Tem dois. Tem um que dá num saratinho vermelho, mas não é aquele que dá arvore grande, das palhas verde, fininho.
- F - É remédio pro câncer aqui, a sra. sabe algum?
- FRANCISCA - Que dera quê?
- F - É muito pouco que corre de câncer aqui?
- FRANCISCA - Muito pouco. Dizem que ela não pega, mas pra vir ela pega.
- F - A sra. sabe o nome? Ior que a sra. sabe que pega?
- FRANCISCA - É aquele que ela pega num é usado no trabalho, na casa, não. Era pra ela é como o sarrovo, pega no ar. Mas tá disposto a aprender a plantar? É aquela que dá sarrovo. O sarrovo não pega em todo mundo mas em algumas pessoas pega.

- F - E sarapio, com o que trata?
- FRANCISCA - Sarapio, quando que brotá, dá chá de sabagueiro.
- F - Da flor ou da folha?
- FRANCISCA - Da flor e quando tá muito teimoso bota o milho em baixo da cama, dá o chá do milho, também é bom.
- F - Chá de milho? É de caroço de milho ou da palha do milho?
- FRANCISCA - Não. Do caroço.
- F - Milho verde ou amarelo?
- FRANCISCA - Verde, e bota na bebida, quando a criança tá com febre, bota na bebida e baixo da cama.
- F - Câncer tá muito comum?
- FRANCISCA - Câncer, vou lhe falar, se houvesso uma descoberta pro câncer,...
- F - É tuberculose? Tá muito aqui?
- FRANCISCA - Na minha cidade ou só conheci duas casa com tuberculose. Era duas velha que vivava com esses dois velho. Quando o velho morreu, o outro morreu e que trabalho do velho não pegou a doença. Dizem que era hereditária. Agora hoje não, hoje há muito recurso. É uma doença muito triste, os cura tem medo da gente, mas em todos casos há recursos, há intervenção.
- F - Naquela época tinha algum remédio pra tuberculose? Algum tipo?
- FRANCISCA - Não tinha, que remédio foi uma hortelã que o coração de banana e uma qualquer e tuberculose, é só cortar que nem cebola, em fatia, e botar uma camada de açúcar e botar no vidro e vai passando. A banana é cozinhada no fogo e feito xarope.
- F - É espinhela caída, a sua, conhece?
- FRANCISCA - Eu vejo ficá bom com roca e emplastro.
- F - O que provoca a espinhela caída?
- FRANCISCA - Provoca a ter uma tuberculose. Quando ela tá passada vira tuberculose.
- F - Quando ela está passada a pessoa se sente mal?
- FRANCISCA - Não. Dor na perna, dor nas costas, desânimo, fadiga, sente cada coisa e sente dor no peito.
- F - Como é que a gente sabe que está com a espinhela caída?
- FRANCISCA - É só indo rezar no rezadeira.
- F - Mas como é que a gente sabe que a pessoa está com a espinhela caída?
- FRANCISCA - Porque ela mede a pessoa toda.
- F - Mede por onde?
- FRANCISCA - Mede os ombro, mede os braço. Aí fica um lado maior do que o outro.



Fl. 26

F - O único veredito pra isso é a morte?  
FRANCISCA - É. Temar e ficar em pé com a porta de braço aberto.  
F - Fechando?  
FRANCISCA - Não. Ire rezar nos de fé na porta e antes do sol  
sair.

875

REVISITA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR

Fl. 27

PROGRAMA PIEPE - 22.7

COORDENADOR: DOUTOR CARNEIRO

REMATÓRIO DE ESTUDOS - FICA 11-6

INFORMANTE: MARISTO (Foi Benedito) (11-4)

LOCAL: GUAPAREM (LJ) - DATA: JANEIRO/1980

PAI BENEDITO - A vida, você só tem uma vida só, se acabou ela acabou.

R - E depois da morte?

PAI BENEDITO - Depois da morte, meu filho? Depois da morte é o seguinte: aí tem uma coisa, a matéria vai embora, agora o espírito fica no além-túmulo até a parte se... da matéria, seja obra boa você num pode fazer troço ruim para ninguém. Sempre se você puder fazer o bom, mal você num faz, entendeu, meu filho? Sempre você deve procurar agradecer a todos, ajudar aqueles que merecer pra amanhã vossucô não irá. A matéria vai pro chão, mas o espírito fica, fica desenganado, mas fica no além-túmulo. É do momento que ele fica ali, sob o além-túmulo, esse espírito não tem sossego, não sossega porque nós temos uma parte. Jesus disse que ele vai voltar, ele vai voltar à terra, tem uma parte certa. Se num encontrar aquele filho que dele é uma boa testemunha, será diretamente excomungado, entendido? Que eu, deixo explicar a você, que a parte católica, a parte crente, pra testante condena nós. Deus tem sobre uma porta que realmente diverge de nós, prouve nós, meu filho, quem trabalha nessa parte espiritual, trabalhando mesmo faz boa obra. Nós fazemos boa obra, nessa parte, o prato velho, principalmente, é boa alma. Se você chegar aqui, procurar prato velho - Pai Benedito -, é meu nome, e dizer assim: eu tô sem emprego, já corri tudo quanto é lugar e num encontro. Tem muitas coisas, viu meu filho? Que o positivo é difícil, a gente não encontra, você encontrar ele principalmente. Mas o negativo vem todo instante tá junto com você. Qualquer coisinha que você bobiar e pisar no péssimo, ele tá em cima, tá entendido, meu filho? Então vossucô sabendo disso tem que fazer boa obra que é pra poder vossucô, quando vossucô falecer, a sua matéria descanse no chão, mas seu espírito também tá descançado, para vir, quando vir sob a sua ação de Jesus Cristo, ele vai saber qualé o filho dele e qualé que num é. Aquela que num foi filho dele; será excomungado para a eterna vida, entendeu, meu filho. O inferno ainda num foi lançado, que Jesus não lançou o inferno nada, tá entendido, meu filho? Não lançou o inferno, não tem inferno. Que os outro diz assim: - "Ah! esse vai pro inferno." Isso é que vai pro inferno se ele não sabe nem o que é, entendeu? Num sabe. Nenhum deles tem convicção, que seja lá quem for, que seja padre, que seja professor, ou seja, ele num tem convicção que tem inferno. Ele num diz que tem demônio. Tem o negativo, en-

tendeu? O contrário, que faz o lado ao contrário, que é o primeiro homem que era servo de Deus. Sobia, comia com Jesus Cristo, é o que truiu, que era o maior anjo de Deus, entendeu? O traidor é do princípio do mundo e neste de agora de esse século, nós temos no século de Jesus, porque no primeiro século era Deus. Que agora está pra vir o dilúvio novamente em forma de, destruir novamente tudo. Até lá talvez vocês não existirão, mas existirá seus bisnetos. Então nós temos que procurar as boas obras, seja pastor, ou que seja padre, qualquer entidade, ou que seja preto velho, ou que seja lampião, ou que seja um, ou que seja católico, ou que seja as crianças. Num é a parte que a lei dá, são parte diferente. São parte diabólica. É uma coisa que dá a vida, tá trabalhando com vocacão aqui, daí aqui a pouco ele diz assim: tá do sim, mas amanhã se num ver lá contigo, ou outro.

Então, meus filhos, fazerem boas obras que é pra poder eu digitar. Então num não é salvo, ninguém é salvo. Nem Maria Santíssima não é salva, talvez é Jesus Cristo. Então meus filhos, foi a condição que Jesus veio à terra. E hoje há coisas piores, mesmo assim ninguém é de ninguém, todo mundo quer furar o olho do outro, ainda largar o buraco pra num sair ar. Mas hoje, você num pode mais acreditar em ninguém, entendeu? Você tem que acreditar e desacreditar que você se vai pensar que é seu amigo e é o contrário, é um morcego, tá morrendo e acordando por você. Então tem de as vezes que você tem que ficar com medo até da própria roupa que você veste. Não temos que fazer boas obras, procurar aqueles que fôr mais precisados. Agora não qualquer uma pessoa que chegar na sua casa e você é obrigativo comer e dá comida e botar dentro da sua casa. Você vai botar uma pessoa pensando que vai rater um ovelha e vai botar um covilho. É ele tirando a tua casa de dia, quando chega de noite ainda procura te rater e te matar. Então tem que procurar. Se tem uma água, dá. Se quer uma comida, daí mas chega lá e explica: - "Olha, meu amigo, isso tudo eu lhe fiz" Mas você socorreu ele. Aí pra Deus você fez a obra sua. Agora, é a mesma coisa, você deu do coração, do seu próprio coração; não pode você dá aquela mesada àquela filha e depois você excomungar ele.

P - Louca as pessoas ficam doentes?

PAI BENEITO - Sim, meu filho tem várias maneiras, a parte da doença já vem, porque nós se não tiver doença, como é que ia ser, não tinha morte; então existe as doenças, porque isto já vem do princípio do mundo. Quando vózi mil, nasce mil e um, você sabe disto, nunca... sempre morando, mas sempre mori. Então existe a doença que é pra rater, por exemplo, o nome pra, aqui, o país de vocês, porque eu não sou um brasileiro, eu sou africano, quando eu vim pra Bahia já vim da África, era escravo, já meu nome, já era Pai Benedito.

PAI BRUNO - ... quando chegava na senzala, quando tinha um negro, então ele fazia uma amarração, ou por uma causa qualquer, o senhor mandava o carrasco batê e arrrova ele na chibata, enquanto ele não desmaiasse não tirava de lá, mas quando tirava de lá já saía estourado, né meu filho, os costos cortado tudo de lala de couro. Eu sempre fui obediente, todos os que foi obediente, eu levei uns castigos, mas era mais menino, entendeu? Então eu ganhava as ervas pra curar aque las dores, compressas.

P - quais as ervas que o sr. usava?

PAI BRUNO - tinha muitas, arnica da mata, thamuzadilha, saão. O nó do arroz, quando dava ferida. Amara, aquela que faz poete pra iluminação, na unha, uma madeira muito dura. Na África também tem. Quando, se por acaso, se dava tacho de fogo, de corda, de rolo. Na língua desse país aqui não entendo o que é furo de corda. Nós mesmos cortia o furo. Então nós fazia aquele tabaco com erva da Santa Maria e pôde arruira e aí botava naquele cisura. A dava saão e arnica pra tirar que ardura de dorco. Quando não tinha cordura, então dava azeite de lamparina que era feito de manara da mata, então misturava e fazia aquela unguento e dava pra ele poder misturado com sal e noventa ele podia curar. Por isso se chamavam de pai, raizero; não era só eu, tinha mais. O raizero, você chega na mata ele conhece toda erva que é veneno e a que não é. Porque tem erva que mistura com outra e não é veneno, que é até arrrocado pra levar pro laboratório, pra poder fazer as químicas, pra assar muitos doenças contagiosas. Como temperloca, era temperloca tem o quinino, o manruz, restai-rizo, nos tem o do grande temém, tem o arido, o iado, que é feito do arido, o blea da aruira, que nós tirava das matas, misturava com aquele parte e dava pra quem tava tuberculoso. Hoje a clínica está muito avançada e a tuberculose hoje é trace.

P - essa raiz era curava?

PAI BRUNO - curava também, antigamente o derrerer cerebral, quando curava de uma perna, então se descobria. Era ele. Então tinha uma erva no norte, na Bahia tem - caína - na África também tem.

P - a mesma coisa que raiz preta?

PAI BRUNO - Não, é diferente. A caína, quando paralisava uma perna, um braço; então você ganhava a caína e dava o banho e o chá, é quando, não podia se mexer.

P - Se paralisava, o que que se usava?

PAI BRUNO - Ficava mais entevado, podia até morrer, entendeu? E aí não. O doente ficava imobilizado dentro do quarto e pra pessoa pra tomar conta daquela paciente, até ele melhorar novamente. Se num varrecoo varrecoo quando é de morte, meu filho, por Jesus Cristo. Quando é de morte não tem jeito. Mas como jeito nós temos que ter a cura.

P - Tinha câncer naquela época?

PAI BENEDITO - Não. Era a doença mais poderosa era a tuberculose. Agora é que apareceu o câncer.

P - E tem remédio pro câncer?

PAI BENEDITO - O câncer por enquanto ainda não existiu o remédio predileto. Di mais já dei certos remédios aí. Porque aqui eu condeno. Quando é câncer eu aviso logo. Quando é tuberculose eu aviso logo. Aqui eu já tratei com um remédio, alguém que diz que era can ceroso, no dedo, mas num era câncer. Era uma ferida que ele tinha. Era ácido úrico que ele tinha.

P - O sr. tratou ele com quê?

PAI BENEDITO - Tratou ele com erva do bicho. Em pó com erva de Santo Maria, ararica e a caça do caju e depois que dava o banho, botar o sulfão.

P - Sulfão?

PAI BENEDITO - É urato sulfão. É a sulfão. Então bota ali, com uma atadura, pra não entrar arcaia. Agora o remédio foi a arnica, e um purgante de cotiteira, o araricu. Dá um coquinho. No Norte tem muito. Quebra ele, por dentro tem duas castanhaszinhas. Então aquela castanha para não dar muito purgante ao paciente, para não desarranjar e- le e não prejudicar o estômago, então a gente arranca as folhinhas de dentro, torra aquilo ou bota na água morna, ou um cálice de vinho desse moscatel e dá pra ele em jejum, tá entendido, o sr. pode botar uma baga daquela, não pode botar mais do que uma, se não dá pra vômito e evacuação. Primeiro vem a evacuação, depois, se for carga demais e se não tirar a folhinha vai dar o vômito. Inquinze minutos. O vinho moscatel é um vinho que anteriormente não tinha. Tinha o por to barril, que é o vinho mais puro que se comprava no armazém, que se tratava cozer, que tinha de tudo, do sapato ao cigarro, ou do ci- garro à ferradura do animal, tá entendido bem. Era um armazém grande, que ia de aqui até o portão.

PAI BENEDITO - De tenho inflamação no ovário e uma senhora me recomendou o vinho moscatel com coelho branco,...

PAI BENEDITO - Sim aqui a pouco nós vamos conversar. Eu vou expli- car até o remédio que você vai tomar pra esse fim, seravá!

Meu filho, o remédio pra esse fim, pra inflamação do ovário tem que levar como o coelho branco. Toda anota: um garrafão de vi- nho moscatel, arruda, noz moçada, noia, e flôr do coelho branco. a arruda, hortelã, tudo lava na garrafada, erva cidreira, de mi- úda, então você vai preparar isto, vai botar de infusão 10 dias dentro do garrafão de vinho e vai tomar um cálice todo dia em jejum. Agora o importante... Como é o seu nome?

PAI BENEDITO - Marineti.

PAI BENEDITO - Você casou Marinetti?

MARINETTI - Não.

PAI BENEDITO - Então você tem que fazer isto mesmo. Depois que você tomar esse sarrafado, você toma um vidro de Santa da Mulher. (remédio de farmácia). Se você tivesse cagado ou ia lhe passar outro remédio.

P - Pai Benedito, qual o remédio bom pra impingem?

PAI BENEDITO - A impingem, o remédio bom... tem no valho aí que reza. Eu num rezo. Quer reza é João Dapolo. Reza impingem e espinhela caída.

P - O que é espinhela caída?

PAI BENEDITO - É a impingem, o clínico, o médico, não acredita em espinhela caída, entendeu? De falar com ele, você num tá dizendo nada. A impingem quando é caída, é quando com a reza e o finco de esgraver. É finco purificado, qual reza. Do contrário, você pode passar o caul de matilona na impingem. Mas voucaê pode fazer o seguinte: eu vou passar um remédio pro caul do rato, ou eu todia passar injogão pra você, mas você é preferível passar do rato. Que é que está com a impingem?

P - Tá estou querendo aprender a curar.

PAI BENEDITO - Hum, ah!... A impingem, voucaê conta a firmadura, tira o leite, põe a matilona numa mistura. E voucaê, todo cento dia, manda passar naquela proieção no local. Se você tem alguma parte do reza, você manda rezer sempre curando com isso. Tá entendido, meu filho, esse é o remédio de impingem.

P - Na espinhela, qual o remédio pra espinhela?

PAI BENEDITO - Espinhela caída só reza.

P - Como é que o sr. sabe que está com espinhela caída?

PAI BENEDITO - Nada. Nada no corrente no braço e outra no ombro. Se ultrapassar o do braço, a pessoa tá com espinhela. Então é que eu disse a você que a medicina num acredita na parte de espinhela caída. Num acredita porque a medicina dela é outra coisa. Nós é a parte espiritualmente e a dela é a parte clínica. Então que pra ele a espinhela caída é uma parte de fibrose. Você num tem um negócio igual a um ossinho molinho que você tem aqui. Tem até um buraquinho. Todos vocês tem isso. Então quando o ossinho entra pra dentro; nisto que entra pra dentro num vai ficando. Davida você ficar assim, vai fechando. Então é isso que essa caída daqui não diminui, aumenta. De qualquer um paciente, a valida do ombro é igual a do braço. Tá se você num trata, num reza, o que que acontece? você fica tuberculoso. Tá você vai falar assim. Vai parar de comer. Tem um calor no seu estômago. Você num sabe o que é, e vai indo, vai indo, quando parar de comer a valida caída, é baixar hospital. Tá vai ter que curar essa valida caída, que na farmácia e te bota com. Tá você vai ter que curar essa valida caída, num, sacado com agri-

PAI DO MORTO - ... Eu, alguns dias de falta e uma semana de cama, vai tomar esse dia isso, quanto tá passando devoto, doam e pouco você vai falando de sua era, aí você tá um diagnóstico pro sangue e volta ao normal. Então o médico não conhece. A primeira coisa que ele vai falar; você tá um diagnóstico, o linfoma. Mas até ali o pulmão está muito bem. Então a pouco ele perde a função dele. Porque a parte da tuberculose é o coque pior que tem no mundo. Porque ele infiltra. Já o câncer não. Você pode trabalhar com o coque canceroso, não paga em você. A não ser que você tiver alguma coisa ferida e lidar com aquele coque rosa que tá dorido, sangrando. Porque quando chegar no final, demonstrar na pele por cima ele tá tá canceroso há muito tempo, tá entendido. Mas num papa, e num ser que você tá lidar com ele e num se desinfectar bem. Porque o câncer vem do sangue. Já a tuberculose não. A tuberculose você pode pensar de uma gripe forte, você leva um chuva de repente, num tem onde você tem um abrigo. Se num pegar uma tuberculose galopante, que mata em 24 horas, você vai botar sanado, vai vomitar e vai morrer sempre.

MARCELO - Na relação à tuberculose, o sr. sabe alguma coisa, com relação ao meu pai, se ele tá bem? Ele teve internado. Saiu.

PAI DO MORTO - Ele tem o pulmão bombardeado, estourado. Se ele continuar a falar, meu filho. Ha, ha, não vai aumentar. Ué, cada um tá num vai ter o seu pai. Porque eu já fui.

P - O sr. como que tá tratamento?

PAI DO MORTO - Ó, meu filho, do peito que fizeram a infiltração do primeiro pulmão. Se ele se guardar tem vida pro bastante tempo. Porque quando ele saiu de lá, os clínico avisou. Avisou não, reavisou. Quer dizer ele acha que a marafa é malhar de que a vida. Assim, dia aquele ditado, é malhar no ferro frio. Quer more por conta num resaca a vida. Aí, meu filho, já teve várias pessoas, assim nessa casa. A tuberculose tem jeito. Se tratar e o paciente temia procurar se curar, porque a doença, ela vai parar ainda, porque daquela doença ela pode passar pro outro coque. Passar pro câncer. A úlcera é uma doença que o primeiro sintoma dela começa um coqueiro, tipo uma azia, então sabe o que acontece, ela dá uma ferida no estômago. O clínico num passa leite pra beber bastante leite. Sabe pra quê pra poder aliviar. Lá ele vai começando com remédio, com a parte clínica. Porque eu aqui, sabe o que eu faço? De pouco dar leite, quando tomar leite. Mas tem o remédio. Muito fácil. Olha, quando um paciente, você chegar que ele tá com úlcera, então você faz o seguinte: se você num tem do mate o óleo de carafim, você manda comprar na farmácia. Então você vai pagar 1 vidro de licença carafim. Faz com coque de limão queimado, e sal. Só que esse sal é o sal de Epsom. É diferente do sal de cozinha. É pra limpar o coqueiro, o úlcera, porque com o úlcera, paciente num tem vida. Então você tá entendendo que o paciente tá com úlcera, manda comprar o óleo

PAI BENEDITO - ... da coraíra, que a tem é o que tira do rato. Já no laboratório eles fazem uma porção de que se pra poder aumentar. Um - tro óleo misturado. Mas há quem use amêndoas, qualquer coisa. Antes de ele beber em jejum, ele não pode tomar café, porque também ele tomar uma colher de sopa de licorada curativa, que é pra limpar o estômago. Cinco minutos depois que ele tomar a licorada pra ativo, você vai manda ele tomar uma colher de chá do óleo da coraíra, porque é óleo de coraíra que vai curar a ferida que ele tem no estômago. Lá já curou muito aqui dentro. Prova se você machucar teu pé ou teu dedo, não precisa ir na farmácia não. Se você tiver o óleo de coraíra, você toma ele no café. Tem lá no livro. Qualquer machucado, qualquer coisa. Ele mata qualquer ferida, qualquer dorção. Então esse é o remédio que dá pro álzaga.

Você sabe como é que se mata uma úlçera? Não, crônica. Porque a crônica não tem jeito. De cura hoje, amanhã ela volta, porque ela vai, e ela vai pra dentro do estômago. Quando tá com a úlcera no estômago a úlcera que tem mais jeito. Porque aí tu trata dela, ela não volta. Lava três vezes ao dia. Aí o paciente diz logo: tá bom, vou pra casa, tá bom. Qualquer arranhãozinho, que tiver, cura logo. Então a úlcera é uma coisa que para curar ela tem que ter remédio. Tem uma planta de curatella, mas o paciente não se dá de ter nojo. Então quando uma úlçera no estômago, aí lavar ele com a água da. Logo no fogo, deixa aquecer até virar aquela corvã. Depois apertar uma rá vivinha. Lavar ela, tira as tripas dela e mete no fogo. Depois ela até ela ficar em corvã. Bota dentro do guarda da vinha parrotal e bota das gemas de rá de rá. Com três guardados vai aquecendo a sifra. Porque a úlçera no estômago é a mesma coisa pra hemorroida. Ulçera de bicho, a folha de maracujá verde, lavar o fecho e dá. praquela que tá com a hemorroida do lado de fora. Aí ela volta pro lugar.

P - E remédio pra conorréia?

PAI BENEDITO - Tem. Pra conorréia, tem milho, porque, não dá o remédio aporinho mesmo, que é o principal, é o arroz, a cebola. Aqui tem muito. Você toma o arroz, uma ra e dequela, não bota muito não. No vinho moquelel, tem que botar uma pastilha dequela só. Porque vem sempre dois carpoleiros dentro do castelo. Tá bota um. Então você toma aquela corvã. Depois ele, sabe. De que um castelo de guarda de corvã. Se comer é por isso. É igual a conorréia que o. Porque também a cura da conorréia é a mesma e cura de jejum. Só que a cálica no intestino em jejum. Quando tá com a conorréia não dá pra fazer a parte venerea. Vai ao médico, toma estreptomicina e aquela coisa toda, glicose, nada disso funciona. Porque ele não tá ali. com a raiz mesmo, volta novamente. É principalmente se tiver muita conorréia. De volta no mesmo dia. Depois que tiver lá, depois de a conorréia e conorréia, aí dá a conorréia.  
P - E pra intestina, tem remédio?



PAI BENEDITO - Interícia, meu filho, é picão preto, tomar o chá e o banho. Se tiver o palmito palha branca, amarelo; aquele tira a palha dele e bota pra ferver e toma o chá e o banho. E tem também pra você fazer a parte de simpatia. Você pega um ovo, manda o paciente urinar ali em cima, fura o ovo todinho, pega uma casa de formiga, num lugar bem longe que aquela paciente num volte e enterrar ele. Quando a formiga acabar aquele ovo todinho o paciente fica bom. Também num pode dizer nada pro ele. Tem várias simpatias.

P - O sr. acha que é possível aprender a curar as pessoas com plantas?

PAI BENEDITO - Conseguia. Não é tão difícil não. Se você quer fazer uma garrafada, você vai sair. Bota um pedaço de luta (raiz) se é a frutinha você tem que pender no mingote. Todo quanto é remédio é banhado no mingote. Num passa em quarto de lua, que cunsa tudo tá envenenado, porque às vezes você pode envenenar um paciente. Num tira remédio em lua passada não, que, se você errou um bucadinho a mão... Porque os laboratórios tem a dose certa. Se uma fruta de luta, se é pra adulto, três artimbas, aí você bota um pedacinho de raiz, vai levar um pedacinho de quina cruzada, um pedacinho de quina rosa, um pedaço de intobá, salsaparilha, uma raizinha; se você quer fazer uma cura, é só pingar o álcool pra num azedar e num ficar álcool demais. Então você tem que botar pra cozinhar, quando elas tiver cozida, você vai lá, você coloca dentro do litro 1 cálice de álcool, num bota mais. Esse álcool dá pra num azedar. Aí você só sente o cheiro do remédio, das ervas, mas o álcool desaparece.

Na parte de tuberculose tem garrafada para beber, aí você pega arroz, ambruz, salão, uma colher de chá de canela em pó, uma colher de chá de bray, cinco gotas de ipô, duas colheres de ovo, tira um pouco dessa vinha anapatil, e bota aqueles ingredientes todos ali dentro e deixa em infusão num lugar fresquinho, que é pra não azedar. O paciente vai tomar uma colher de sopa em jejum, todo dia. Isso é quando tá no começo de tuberculose, que ainda tá com uma pequena contra. Com essas duas garrafadas você bota ele libertado, num precisa nem ir ao clínico. Aí ele num pode fazer extravagância, porque a tuberculose quer repouso, aliás qualquer doença, mas a tuberculose quer um repouso absolutamente, principalmente a friagem. Por causa da friagem mesmo é que fecha a parte de tuberculose, da tosse vem a sombra, que às vezes os filhos pode não ter dependência de sangue de tuberculoso, porque às vezes os troncos é tuberculoso então vai a família toda em peso. É a mesma coisa a parte cancerosa. às vezes vai a família em peso, mas às vezes já vem do tronco. Que nem o leproso, o marfético, o leproso é um e o marfético é outro, todas as duas é contagiosa.

Esse cavalo que tá aqui, a mãe dele foi tuberculosa e ele era o cavalo, e quando época tuberculosa só nós que curava. Quando tinha curador no local, às vezes andava de lua e mais lógua pra procurar um

PAI DOMINGOS - ... curador. Ela morreu assim.

Tem também a parte do acesso epiléptico. A criança caiu, começou a babar, e que que fez? Lançou a roupa todaíha, queira logo ela que nun ca mais dá.

F - Existe algum remédio pra alergia?

PAI DOMINGOS - Alergia é mais prejudicial no sangue. Foga o carvão no fogo em brasa, bota dentro d'água e bebe três goles, toma um banho com ele e acaba isso rapidamente. Isso é nossa parte. Que a alergia vem pelo sangue. No local que vai estragado, que o mosquito, <sup>o mosquito</sup> pra alérgico, fica aqueles corujas. Mas porque que dá até febre. Era só isso, meu filho? Porque daqui a pouco eu vou sair. Isso velho vai andar em pouco.

RESEARCH: A LÓGICA E A MEDICINA POPULAR  
PROGRAMA FAPESP 22.7  
COORDENADOR: JOSÉ DE BARBARA  
REALIZADO EM: LAVINIA - SP - 1977  
INTERVISTA: JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA (M-5)  
LOCAL: LAVINIA (SP) - DATA: 3.2.80

Fl. 36

P - Como é sua mãe e o seu nome?

JOAQUIM - Joaquina Alves de Oliveiras.

P - Quando o sr. nasceu?

JOAQUIM - Nascei no dia 6 de abril de 1911.

P - Onde o sr. nasceu?

JOAQUIM - Nascei em São José do Tocantins, distrito de Piraiúta, mas eu nasci na roça mesmo, uma légua distante.

P - É rica perto de sua cidade?

JOAQUIM - Fica perto da cidade do Formosa, no estado de Minas. Era umas três léguas de viagem. Ia à cavalo pagar imposto do meu pai.

P - O sr. nasceu quanto tempo casado aí?

JOAQUIM - Até a idade de 21 anos. Com vinte e um anos eu dei uma briga com os irmãos. O velho era muito burro, muito ruim. Eu trabalhava feito burro velho, fui contra ele. Eu não prestava na boca desses irmãos. Foi injustiça, não eu não prestava na boca deles. Eu larguei o velho. A lavoura morreu tudo.

P - O sr. já trabalhava nessa época. O sr. trabalha desde que idade?

JOAQUIM - Desde a idade de 7 anos.

P - Onde, na lavoura?

JOAQUIM - Na lavoura.

P - O seu pai e sua mãe, o que eles faziam? Eles também trabalhavam na roça?

JOAQUIM - Sim, trabalhava. Minha mãe era muito doente. Eu tive até 15 anos na cozinha. As minhas irmãs foi crescendo tomou conta do fogão. Era pi-quitita as duas irmãs. Não tá bem de sorte, todas duas. Eu podia ir morar com elas, mas não gosto de morar com parentes, não.

P - O sr. plantava, o que naquela época?

JOAQUIM - Milho, feijão, arroz, cana. O velho tinha um engenho de ferro.

P - É a terra sua dele?

JOAQUIM - Ele tinha nove alqueires de terra. Botou fora.

P - Porque ele botou fora?

JOAQUIM - Botou nove alqueires de terra num lugar chamado Fortão, que é uma roça. Vendeu por nove contos de réis.

P - Uma roça? Como quer dizer roça?

JOAQUIM - Boa terra. É nove alqueires que ele tinha que era herança do pai. Ele botou fora. Botou três alqueires que ele ganhou de uma tia minha. Três alqueires e meio outro alqueire de arara. Vendeu por três contos e quinhentos. Botou o alqueire. Brigou com ele por causa do gado, de dor-tida, não sei. O alqueire vai ao pai do pai. O irmão pegou ele e brigou.

JOAQUIM - ... O irmão matou de barracha nele. Não vai não que você vai cá irio. Ai o veio rolô com aquilo, quis vendê. Vendeu o terreno em pasto, uma casa boa.

P - Ai depois que vendeu o sr foi pra onde?

JOAQUIM - London, da Inglaterra pra nova Almeida. O veio era muito brabo, era muito nervoso. Mas tinham um respeito ao velho medonho!

P - Mas, seu Joaquim, quando o sr. começou a conhecer as ervas?

JOAQUIM - Desde que era pipitito que eu conheço erva.

P - Quem lhe ensinou?

JOAQUIM - Foi o pai de Inácio, meu. Um curadô que insistô meu pai.

P - Seu pai era médico?

JOAQUIM - Não. Ele aprendeu tudo com ele, mas meu pai que me ensinou conheço toda a história da erva. Já sabe combinando, ele falava assim: - "Quando crescer, vai crescer" ou falava desde pipitito: - "Quando crescer, quero que tu cresças". Mas eu tenho que responder como disse. Isso é a coisa mais importante que eu não podia fazer garrada, sabia tudo, meu pai. Quando eu estava no ensino não. Ele teve cinco anos de idade. Ele fez uma promessa pra Santa Lucia. Ai brincava com o veio, o veio tinha que gastar tudo, a lembrança tudo no rato. Não podia trair nada mais. Dinheiro já não tinha mais. Então que o veio teve quando dinheiro emprestado. A veio morreu logo, morreu quando. Eu vou pra veio dessa feitigaria.

Ele teve precisão, pegando o pé no terreno, passou aquele tar de Antonio, mas eu não sei, claro, claro. Disse: - "Nô, seu Adolfo, bom dia! Você é uma coisa bonita, porque veio aqui?"

- Vou no espaço de terreno de João Rodrigues. Ele mora no rancho perto dali. É o sr. que é curadô de feitigaria?

- Curadô de feitigaria não, mas curadô de...

- Então o sr. sabe que a minha mulher tá com uma coisa desagradada.

Ele disse pra ela que tinha que ir e não tinha que andando pela casa que tá lá, curadô médico. Então não não, tá, então é dinheiro, uma fortuna. Então tá o veio, uma criança, eu não posso, médico não curô, raizera que vai curô? Ai que não não, vou pra trás. A minha mãe ficou chorando.

P - Qual a doença que ela tinha?

JOAQUIM - A doença que ela tinha. Foi um vizinho que morava perto, tocava com ela muito dia.

P - O que é a doença?

JOAQUIM - Feitigaria, entende coisa a respeito aqueles casombrô deles. Se tratava com o antipático. Eu só sei que os vizinhos ia buscar as coisas emprestado; mas minha mãe dava tudo. Os crioulos buscava com emprestado e minha mãe dava tudo. Eu não sei porque, antes de ir dali, eu só li muito, eu, eu não sei porque da raiz, catelo de nego, picadinho, mediano, tá deitado, tudo isso no cali, tudo quanto era porcaria tinha no cali. Ai minha mãe não sabia: - "Nô, não cobra nada

JURJEM - ...de ocês, não.

- Tu viu arazê que nós rux qui ficô doando nada.

Vinha mãe puxar o soli com a mão esquerda e botou dentro de uma varj lha. Quando o véio acabou critica com a mirha véia: - "Esso é tuntu de nego. Rapô o soli, amarra ele. Masô cinto que sem naccê capim no covô que ele fez. Ai o véio só foi pro trás, cada vez mais, vivia só sentado triste, e lavoura courou, foi ficando tudo preto. Ai mirha mãe foi numa festa de santa Inês e fôz uma promessa, de que se paracesse um curedô na casa dela. Se numa tinha nascido, que se paracesse um curedô ela ia ser Juize, e fôz de Santa Inês, ia tirar capô cinto dia pale festa de Santa Inês. Foi curado! Foi três dias passô o Antonio Braga. O homem entrou, de corôça branca, foi ao fundo, lá pro lado da escada. O homem rux olhou pra cara dela com a mirha mãe. Pois é seu Antonio, ela tem curô! Tu vai d'leu.

- Mã. Depois d'ê vai pôz um preçico de falar nada. Depois d'ê sabe. Quando reaparece o dia você vai que tá na mirha parte. Você vai leva uma garrafa de aguardente do Mano, um cachape de corralina que havia de primeiro.

Quando ela falou: - "O sr. tem uma dez currais, ai?" O véio disse que era o único diabo que tinha no pavão. Não arranjo mais porco nenhuma. Ai a hora que eu vou pra lá só pro o r' da mirhém.

- Mas o que que ele tem, seu Antonio?

- Você vai saber logo.

Ai o véio correu em ra terrôcia, ficou malhar, tirou aquela coisa de cabeça.

Ele curruu a garrafa de aguardente do Mano, de madrugada levantou botou na parte lá do homem. O homem falou:

- O cinto leve umas currais, estas corô. De duas no duas horas tem uma cura dezoa. Quando for o último, deí duas horas tem a purgante de col de breuon. Foi deu pela a cor do larú e fina. Ele vai evacuar todo mal que ele tiver, vai sair de evacuação, né.

Uma curral, fôz el capô de curral vi! Ele mesmo aplicou o remedio. Deu nele aquela dor. Ai no outro dia ele foi no urino] e evacuou ra urina no soli purgante com curral de curral primeiro, pirante do reino, com farinha de curral, sangue curral, salão, curral de algodão, cabelo de nego pido. O soli que tinha sido enterrado.

E - pra que ele levou isso?

JURJEM - Mirha mãe me contou. Nesse veio é que eu nasci. O homem ensinava a ele por do mirhém. Mas ensinou muita coisa, mas não ensinou tudo que precisava. Ele curava coisa a dia na passa case, alvejando e jantando. O véio dava alreço com todo prazer. Quando passava uma semana sem ele ir lá, o véio só dava reclamando. Ai nesse veio eu nasci. Lavei ó que pra falar.

E - Se curado? ap'ra.

JOAQUIM - Fraguinho. Eu recei era parranguinho. Ai ele tretou de mim. E eu passei a arder pra todo lado. Entao eu falava que tinha que ser curador. Um sujeito sofria pra danar, eu via como e sua o outro ensinava ele um chá. Eleava valia, botava contido naquilo. Ai peguei a estudar medicina. Foi até que ganhei um depósito por minha conta. Eu já tive um depósito de Alvaro Dutra.

P - Onde? Em que cidade?

JOAQUIM - Em Uru. na Av. 708. Pois eu não fui acabrunhado com a sorte.

P - Quantos passava trabalhando nesse depósito?

JOAQUIM - Trabalhava o Arnaldo Resende e eu. Donos. Eu viajava daqui pra lá.

P - Em que ano que era?

JOAQUIM - 1937, mais ou menos. Entao eu ganhei uns livros de medicina de Homeopatia. Eu gostei muito com Homeopatia. Sabia muito remedio de Homeopatia.

P - Ainda sabia Homeopatia naquela época?

JOAQUIM - Tinha muita. Eu levei pra fazer uma farmacia de Homeopatia

P - E o sr. já teve muita doença?

JOAQUIM - Ah? Ah foi o homem mais infeliz de minha vida, eu sou de Árias, de Vênus e de Terra. Eu era pra ser um homem rico, só, ocô nem queira saber.

P - Porque que o sr. era pra ser rico?

JOAQUIM - Porque eu tive muita sorte boa. Mas soube aproveitar. Mas tive aquela ambição de ganhar.

P - Mas porque que o sr. acha que as pessoas ficam doentes, seu Joaquim?

JOAQUIM - A doença é o signo da pessoa. Aquela signo ruia aquela enfermidade. Pois o sr. não tá vendo. Eu com toda sorte fui lá com o sr. e fiquei doente lá aquele dia. Acabei aquela saúde. Mas é que a força daquela gente não aguenta de muito. A força deles é do mal e a minha não é.

P - Seu Joaquim, pra que que serve o capitão do rato?

JOAQUIM - O capitão do rato, se a gente tiver com uma dor ciática toma ela na cachoeira ou no vinho.

P - É pra passear que tá melhorado?

JOAQUIM - Pois é. Pois tá melhorado, cara na mesma hora com o capitão do rato. O sr. só se acaloradinho assim de mais.

P - E o pau pereira, pra que que serve?

JOAQUIM - Ih! Pau pereira é um certo remedio. O pau pereira desce pela prisão de ventre. É tomar na barriga... tãntaia, aceta tudo

P - Quais são os sintomas que são cobidos no pau pereira?

JOAQUIM - Qualquer remedio cobido no pau pereira tem uma virtude. Ganada. Qualquer remedio que a força principalmente se é de acalorada.

P - Quantas pessoas o sr. já tratou com a macota?

JOAQUIM - Ih! Milhares delas. Já desinchou muita gente, essa macota.

P - Agora o ciró cabeludo é usado pra quê?

JOAQUIM - Ih! O sr. não queira saber! O ciró cabeludo, o sr. faz ele, cozinha ele. Se o sujeito tiver uma dor numa perna, o sr. dá o ciró cabeludo. Deixa suar e vai enxugando, e se for dor de dente, na mesma hora sara e desincha também. Se tiver inchação crônica o sr. manda duas pessoas de força agurar a pessoa inchada em cima daquele vapor do ciró cabeludo, desincha tudo. Não há inchação que não sara. A cara pode tá encroada de inchação. Faz o vapor e o banho.

P - E o sr. usa espingala?

JOAQUIM - Na moço espingala.

P - Mas como é que o sr. sabe que a pessoa está com a espingala caída?

JOAQUIM - Eu sei na liga, que eu sei só pela liga.

P - Na liga? Como na liga?

JOAQUIM - O sujeito dorme com a liga.

P - Mas como foi mesmo aquele remédio que o sr. receitou pra ele com a urina?

JOAQUIM - É urina de criança. Buro, picurã e urina de criança. Na criança até 7 anos de idade. Não sei a macota que tirou que isso tira.

P - Esse remédio é pra lavar a ferida. Porque sempre num ferimento tem um maligno ali, um axu, uma coisa. Então essa urina, ele não tira ali de jeito nenhum.

P - Mas qual o picurã que tira?

JOAQUIM - Picurã de fumaça, de qualquer fumaça. Ela dá feito um pó de carvão e queimado na parede.

P - Aqui tem picurã?

JOAQUIM - Aqui não tem porque eu num cozinho dentro com o fogo. É só com o ferro de lenha que dá picurã.

P - E o bitol?

JOAQUIM - A buro é um tanto remédio. Isso cura igual o ferro. Faz a mesma eficácia do ferro. Se o sr. tomar isso na hora da comida, é bom pra anemia. Eu até tô querendo fazer um pó pra mim.

P - Como é aquela receita com o capim pé de galinha?

JOAQUIM - É pra qualquer espécie de febre. Suco do capim pé de galinha. Eu sei que a febre tifo, a febre malária elas são curadas só com ruibarbo de ferrugem no caso do pé de galinha. Usa o pé de galinha, assim bem socado, cozinha ele. Mistura o ruibarbo e o óleo de ricino.

P - E o fedegoso?

JOAQUIM - Fedegoso é com caruajá. Uma pessoa tá com febre, com os oio cerrado assim. Chegaí mandei cozinhar a raiz do caruajá que ele com caruajá, a casca de vintem (o canela). Num tem outro coisa não!

PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR  
PROGRAMA PEPPE 32.7  
COORDENADOR: DOUGLAS CARRARA  
REPERTÓRIO DE ENTREVISTAS - FITA MF-8  
INFORMANTE: ADILSON (M-6)  
LOCAL: Santo Aleixo (RJ) - Data: 25.1.80

Fl. 41

P - Como é seu nome?

ADILSON - Adilson.

P - Você nasceu quando?

ADILSON - 18 de julho de 1935.

P - Onde o sr. nasceu?

ADILSON - Nasci em Santo Aleixo.

P - Desde quando você começou a ter experiência com plantas, com remédios populares em geral?

ADILSON - Desde uns 15 anos de idade, comecei a ter algum conhecimento.

P - Quem que começou a te ensinar?

ADILSON - As pessoas mais antigas, inclusive frequentei alguns centros espíritas. Por exemplo, a umbanda, né? E dentro da umbanda, através da umbanda eu aprendi muitas ervas e inclusive fui curado de um problema nos rins. Eu fui parar no hospital e remédio de médico não me curava de jeito nenhum. Então foram as ervas que me curaram até hoje.

P - Qual foi a erva que curou seus rins?

ADILSON - Os rins, por exemplo, foi a cana do brejo, o charão de couro, o amor do campo. São três ervas ótimas. O quebra pedra ou a erva rombinha.

P - Tem duas espécies?

ADILSON - Porque muitos confundem a erva rombinha com o quebra pedra, porque as folhas são iguais. Só que a erva rombinha ela cresce. Já o quebra pedra ele já dá rasteiro.

P - Agora, quem que te indicou estas ervas quando você estava doente?

ADILSON - Foi no terreiro onde eu frequentava. Uma entidade, né? Assim, no caso, um guia, né? E me indicou essa erva, aliás, essas ervas, né? Eu comecei a tomar amor do campo com a cana do brejo e, vou te contar, me senti bem logo na primeira vez que tomei.

P - E como é que era o doente que você tinha?

ADILSON - A doença era assim, por exemplo: eu trabalhava muito no sol, recebia muito sol em cima dos rins e pagando peso.

P - Era trabalho de pegar pedra?

ADILSON - Exatamente, pagava muito peso. E eu também comecei a usar muita bebida alcoólica. Aquilo foi acumulando, né? O sol com a bebida alcoólica e tal. Ai, eu através dessas ervas, desde a primeira vez que eu tomei, repeti, né? E graças a Deus até hoje eu num sinto mais nada nos rins. Às vezes, eu sinto algumas dores devido o modo de eu



ADILSON - ... rir, por exemplo, nessa época de verão. Devido o trabalho, às vezes dá uma certa dor nas cadeiras.

P - Quais as plantas que você conhece? Que servem pra remédio?

ADILSON - Ih! rapaz, eu conheço muitas plantas que servem pra vários tipos de doenças.

P - Pra impingem?

ADILSON - Ih! rapaz, eu conheço, só que agora eu tenho que pensar.

P - Sabe pra que serve o picurã?

ADILSON - O que dá no fogão de lenha, aquela coisa preta. Não, eu não sei não.

P - Qual a idéia que você tem de doença? Por que a gente fica doente? Por que a gente não tem saúde? O que faz a gente ter saúde e o que faz a gente não ter?

ADILSON - Sei lá, rapaz. O problema da pessoa, muitas vezes, num ter uma boa saúde, vai de muita preocupação, às vezes. Que a preocupação demais ela é prejudicial à saúde. Por exemplo, você tem um problema que você num resolve de maneira alguma, você tá sempre preocupado, então você num se alimenta bem. Chaga na hora da refeição, você num come direito, você tá com aquela preocupação na cabeça. Então você passa por doente, a gente adocece, se enfraquece. Você passa a ser um doente. Existe a doença que vem através de um vento. Através de uma água que você toma e ela não é filtrada. Você toma banho numa água que, às vezes tá contaminada.

P - Você acha que trabalho braçal faz bem à saúde?

ADILSON - O trabalho braçal faz bem à saúde. Porque você soa, você transpira o corpo. Porque geralmente os homens que fazem uso da bebida alcoólicas, eles pouco se alimentam. Os viciados no caso, né? Então essas não soam, não transpiram o corpo, então isso faz mal, prejudica a saúde de qualquer um.

P - Agora, a bicuíba, você sabe pra que serve?

ADILSON - Eu conheço, mas num lembro pra que serve. Pra qualquer mal do fígado, eu conheço a pariparoba, que também se chama caloba. E pros rins, também. Agora tem outras ervas, por exemplo, no caso de anemia, opilação, existe o fedegoso. Fedegoso é aquele que cresce e dá uma flor amarela. Tem o grande e o pequeno. O pequeno serve muito pra você lavar as vistas, né?

P - Qual parte? Folha, raiz?

ADILSON - As folhas. Você faz aquele banho; banhar as vistas, quando você sente a vista arder muito. Então você lava com aquele banho. Já o fedegoso grande, a utilidade dele é a raiz. A raiz do fedegoso cura qualquer tipo de anemia, opilação, febre. Uma febre muito forte, a febre intermitente, no caso a febre interna. Você toma um chá de fedegoso, a raiz, com a raiz do garô. A febre intermitente é cortada imediatamente. Num existe outro remédio melhor.

P - Que tipo de doença que você já teve?

ADILSON - Eu tive ultimamente uma inflamação na garganta que eu tive que ir parar no hospital Antônio Pedro. Inclusive eu tive ameaçado, segundo o resultado dos exames, aqui de Magé, do Laboratório São Geraldo, eu tive ameaçado de crupo. Então eles me removeram daqui pro Antonio Pedro. Chegou lá foi feito o mesmo exame e deu negativo. Porque o crupo mata em 24 horas, o sr. sabe, né? É doença contagiosa. Poza, eu ultrapassei as 24 horas! Aí os médicos se apavoraram e me removeram pro Antônio Pedro.

P - E os sintomas que você sentia?

ADILSON - Eu sentia que a minha garganta foi fechando. Ela foi tapando de uma tal maneira que só me restava um cantinho da garganta, só pra mim ingerir algum líquido somente. Só me dava muito era vontade de fumar. Não me dava vontade de comer nada, de espécie alguma.

P - E aí o que aconteceu?

ADILSON - Me aplicaram a vacina e me passaram uns antibióticos e me mandaram pra casa. Tomei e graças a Deus não senti mais nada.

P - Você teve aquelas doenças da infância?

ADILSON - Tive bronquite asmática. Mas eu não sei dizer qual foi o remédio que me curou.

P - Tomou muita coisa?

ADILSON - Nossa senhora! Tanto remédio de farmácia, simpatias, umbanda, remédio de curador, curandeiro no caso. Minha mãe até hoje me fala: - "poza, você teve um bronquite asmático que eu vi a hora de você morrer, mas eu não sei qual foi o remédio que te curou de tanta coisa que nós fizemos."

P - Você lembra quantos anos você tinha?

ADILSON - Lembro. Eu tinha de 12 a 15 anos de idade. Foi uma coisa terrível. Aquela falta de ar, aquela cansaça, só dava vontade de tomar líquido. Só água e mais nada. Não tinha apetite pra comer nada.

P - Qual é a impressão que você tem da medicina dos médicos? Dos hospitais? Dos médicos?

ADILSON - A opinião que eu tenho é a seguinte. Ultimamente eu fiz um tratamento psiquiátrico. Aliás eu tava me sentindo assim muito nervoso e tal, então eu fui a um médico do INPS, não sabendo se ele era psiquiatra ou não. Aí me consultando com ele, ele falou: "- É rapaz, você está muito nervoso; você tem que consultar um psiquiatra." Dois dias seguintes eu fui ao psiquiatra. Chegando lá, ele me examinou e tal, mandou que eu esticasse as mãos. Mostrei as mãos pra ele. Foi logo puzendo uma receita:

- Você pega esses remédios no INPS. Agora só tem uma coisa. Você vai ter que carregar essa receita contigo, porque se a polícia acontecer de te pegar, sem a receita dá galho, porque isso aí é entorpecente.

Pôza! eu virei pro médico e falei:

- Dr., não me leve a mal. Eu estou me sentindo nervoso, talvez por um esgotamento físico ou mental, sei lá. Agora eu acho que eu não cheguei ao ponto de tomar drogas pra me curar dum problema de nervos. Eu acho que a droga só vai atacar mais, cada vez mais. O sr. não me leve a mal, mas eu posso pagar esse remédio, mas não vou garantir ao sr. que vou tomar não.

Peguei o remédio e trouxe pra casa e mostrando a uns colegas, um deles que era viciado em drogas virou pra mim e falou assim:

- Ah! Adilson, você me dá essas comprimidos aí que eu tô a fim de tomar.

Eu digo:

- Ah! rapaz que é isso, se eu não vou tomar, num quero o meu mal, num quero o seu também. Peguei aqueles comprimidos e joguei rio abaixo. E, graças a Deus, rapaz num tomei remédio nenhum. Quer dizer, tomei sim. Tem uma erva aqui no mato, dá até um arvoredo muito grande, o pau porreira. É muito amargo. Mas eu vou te contar, não tem remédio melhor pra qualquer problema dos nervos. Faz um chá de pau porreira, e toma. Num é qualquer um que toma chá daquilo não, rapaz. Ele amarga demais, Deus que me perdoe! Você encosta aquilo na boca, o corpo arrepiá, esquenta, Nossa Senhora! Mas é ótimo. Com a pampa. Tem aí o jatobá, a casca do jatobá. Você pega a casca do jatobá, corta aqueles pedacinhos bem pequenos e taca numa garrafa de vinho mascatel. Bota ali. Você pega umas raízes de salsaparilha e bota ali também carapiá. Ouviu falar em carapiá?

P - Eu ouvi, mas por aqui eu nunca vi carapiá.

ADILSON - Tem. Ih! rapaz, nossa senhora! Isso aqui é uma lavoura de carapiá. Eu te levo em muita grande de carapiá. Aqui na mata tem muito carapiá.

P - É rasteirinho?

ADILSON - Não, o carapiá ele cresce muito. A folha dele é idêntica a uma folha de inhama.

P - Então esse eu não conheço.

ADILSON - Você corta assim ele é amarelinho. Agora dizem o pescual antigo que o carapiá, de acordo com a lua ele é venenoso. Que tem um leite, mas num é não.

P - Você já experimentou ele?

ADILSON - Experimentei, eu tomei o carapiá. Fiz uma garrafada. Pô! aquilo é ótimo, rapaz. Use cinco chamas ou 5 folhas que é a mesma coisa, também. É ótimo pra tratamento da pele. Dos rins.

P - O quê, a folha?

ADILSON - A folha. Se faz o chá. Toma o chá e o banho e você pode tomar em grande quantidade que não lhe faz mal nenhum. Tem muita erva aí, rapaz. Ah! eu vejo médico aí passar remédio pra anexia como sulfato ferroso. Existe um remédio na farmácia que poucos sabem, por exemplo, o pó

ADILSON - ... de ferro. Você conhece o pó de ferro?

P - Conheço.

ADILSON - Você pega o pó de ferro, bota dentro de uma garrafa de vinho moscatel ou a catuaba, a catuaba pura. A catuaba que eles vendem aí não é a pura. A pura é aquela que amarga. A agora precisa a pessoa saber comprar. Bota aquele pacotinho, um pacotinho de pó de ferro ali dentro, bota carapiá, umas folhinhas picadinhas de cinco folhas, raiz de fedegoso grande, alcaparrilha, curvã. Pôxa, rapaz! É um fortificante de primeira. Pode tomar aquilo em grande quantidade que num faz mal nenhum. Tem pessoas que num pode tomar sulfato ferroso. Aquilo ataca diarréia, dor de cabeça e tal. Já as ervas pode tomar à vontade.

P - Você sempre morou aqui em Santo Aleixo?

ADILSON - Eu sou nascido e criado aqui em Santo Aleixo. O meu falecido avô era português, era filho de português. Chamava-se Manoel Facheiro dos Santos.

P - E ele conhecia muitas ervas?

ADILSON - Pô! rapaz! Como conhecia, meu avô foi serrador. Andava de cana a canto dessas serras, trabalhando. Meu avô rodou no mato pra caramba. Morreu com 72 anos.

P - Trabalhava até que idade?

ADILSON - Ele? Ah! Trabalhava até os 70 anos. Trabalhou muito aquele velho. E o meu pai faz agora, nesse mes de março, 40 anos de firma (CEBB).

P - O que ele faz lá?

ADILSON - Ele é linhador, responsável por essas linhas que atravessa a linha férrea. Quarenta anos de serviço não é mole, né?

P - E o coco de macuco, o que você conhece do coco?

ADILSON - Não sei te dizer nada em relação ao coco.

P - Você já catou o coco?

ADILSON - Já e vendia pro Eitot.

P - E nunca descobriu a utilidade do coco, não?

ADILSON - Não, eles não revelam pra ninguém.

P - Isto deve ter uma importância muito grande. Você já soube de alguém que tenha tentado e tenha conseguido?

ADILSON - Tive um cara aí, esses tempo, comprando coco. Ele tentou. Quer dizer ele vendia, sendo que o comprador não revelou pra ele também pra que era comprado aquele coco. Agora você já pensou! O coco sair daqui pra França! Tem uma grande utilidade, pô! Esse coco era transportado em navio há muita raça de ano.

P - Há quanto que você sabe da existência da compra do coco de macuco, aqui?

ADILSON - A compra do coco de macuco em Santo Aleixo tem aproximadamente quase uns 30 anos ou mais. Essa compra de coco é antiga.

P - Sabe dizer mais ou menos quantas pessoas trabalham no coco, na época do coco aqui?

ADILSON - É, rapaz, trabalha muito gente, nossa senhora! Mais de umas 30 pessoas; incluindo Santo Aléio, Guapimirim, Coco Duro, onde tem coco, né?

P - Quanto uma pessoa por dia consegue colher de coco?

ADILSON - Ah! rapaz! Depende da época. Na época que ele tá maduro mesmo, uma pessoa entrando numa colita boa de coco mesmo, conforme existe nessas terras aí, ele cata aí até 40 litros de coco.

P - Quanto está o preço do litro?

ADILSON - O preço está a R\$ 15,00 o litro. Mas teve um cara aí que ofereceu R\$ 30,00. A primeira remessa ele levou e pagou. O restante ele num veio buscar. Meu tio ficou com 3 sacos de coco que são 240 litros de coco estragando. Aí é a tal coisa. O Jorge Binot comprava, ele é comprador antigo do lugar. Então aparece esse camarada oferecendo R\$ 30,00, o pessoal se iludiu, né? O pessoal abandonou o Binot. Moral da história o cara deu uma brincadeira no pessoal, sumiu. Foram procurar o Binot pra vender o coco e aí ele falou:

- Ah! agora você vai procurar aquele que paga R\$ 30,00.

- Quer dizer eu dou razão a ele.

P - Mas o Binot tem intermediário aqui ou ele vinha direto aqui e comprava?

ADILSON - Ah! ele mandava um empregado. Mas o pai vinha aqui, mas o filho nunca veio aqui. Tu tenho um certo desconfiança que isso é pra fazer perfume ou então pra drogas, rapaz. Por exemplo, a cocaína ele é ex traída de uma qualidade de coco. Agora esse coco ninguém sabe definir se é o coco de racuco, o coco de pindoba ou se é o coco jirinin.

P - Não o coco de cocaína, a gente sabe. Não é coqueiro. É uma árvore. Chama de coco, mas não é coqueiro.

P - Existe muita gente que vem colher plantas medicinais por aqui?

ADILSON - Existe. Tem muita gente não. Vem aí uns 3. Um ou três ou quatro pessoas que vem do lado de Fiabotá. Eles catam ervas aqui pra vender na feira. Mas tem muita erva aí, rapaz, que com o tempo, só com o tempo mesmo. Eu conheço ervas, pra curar. Ah! quer ver uma coisa, há tempos passados teve um pessoal que veio pra cá. Esse rapaz veio morar com a família aqui. A esposa dele estava grávida. Aí a esposa dele começou a passar mal com muita febre, aquela coisa terrível. Aí eu estava até fazendo uma obra aqui em baixo. Aí o rapaz chegou lá e falou:

- Ih! Adilson, eu tô preocupado, rapaz; a minha esposa lá queimando de febre. Tu não sei nem o que que eu vou fazer.

Aí eu digo:

- Rapaz, você num sabe o que vai fazer não? Você num tem Novalgina, não tem nada em casa?

- Ih! rapaz, eu não tenho nada.

- Então, você faz o seguinte: você vai aqui na beira da rua, você pega erva possa...

ADILSON - ...

- Ah! mas eu não sei o que que é.

Aí eu desci com ele até a boira da estrada, peguei e falei:

- Oh! é essa que tá aqui.

Ele levou pra casa e eu falei:

- Você faz um chá bem forte e dá pra ela. O chá de folha

Ele levou pra casa, fez um chá bem forte e deu pra mulher. Eu

falei: -

- Só tem uma coisa hein! Ela vai suar um pouco. É uma erva meio forte, uma erva quente, mas ela vai melhorar logo.

Deu o chá pra mulher! Foi bater e valer! Aí ele chegou lá de tarde, rapaz! Sorridente, põe vida!

- Vou te contar, eu não sei nem como te agradecer. A mulher tomou suador que não foi fácil. Depois a mulher levantou tranquila.

Assim eu tenho indicado pra várias pessoas. A dona Elzira, esposa do S. Pedro sentia uma dor de cabeça, mas era uma coisa, rapaz, terrível. Eu cheguei até a fazer comida aí um dia, porque ela tava passando mal. Eu peguei um resfriado e fui a um médico do INPS com muita dor de cabeça. Aí um médico do INPS me passou Dipirona a 50%. Tomei umas gotinhas e pronto, nunca mais senti dor de cabeça. Aí eu falei:

- Vou arrumar um remédio pra senhora, num é planta não, é um remédio do INPS e a sra. vai ficar boa dessa dor de cabeça.

Pergunta a ela se ela sente mais dor de cabeça? Já tem um ano ou mais. Eu sou muito curioso, rapaz, eu procuro me aprofundar bastante, sabe, nessas coisas, nessas negócios. Tem pessoas que as vezes chega pra mim e fala:

- Ih! rapaz, eu tô com uma cólica no fígado... Me falaram que a erva tal é boa pra essa cólica e eu vou tomar.

Se o camarada tomou e se sentiu bem, aquilo não me foge da mente. Amanhã ou depois se eu tiver uma cólica do fígado eu vou lembrar que fulano disse que tava com uma cólica no fígado e que ia tomar uma erva tal que fulano indicou pra ele e se deu bem. Então eu vou fazer o mesmo. É daí que vem a medicina através das plantas, né? É onde tem esse livro. É um livro muito bem escrito.

P - Você que comprou esse livro?

ADILSON - Ah, esse livro foi comprado pelo meu pai. Esse livro tem uns 15 anos de comprado. É "As Plantas Curam" Ih! rapaz! É pena que você vai embora amanhã. Se você num fosse embora amanhã, à tarde eu ia descer, ia pescar lá e ia pagar o livro. Esse garotão que tá aí, esse Jorginho, ele teve uma ocasião na minha casa. Aí ele tá limpando o meu quintal, bateu com o torrezelo num tronco. Aquilo inchou, formou um ferimento ali. O pé dele ficou redondo, inchou. Aí a mulher passava vários tipos de remédio pra ele, nada adiantava. Aí a mulher falou pra mim:

- Adilson, eu não sei mais o que fazer com o pé do Jorge. Tá in-

ADILSON - ... chado, as pernas dele estão inchando. Eu não sei o que vou fazer?

- Só tem um recurso. Vou pegar um pouco do arnica do gato ou arnica do rato. Vou fazer um banho bem forte, bem quente. Ele vai banhar aquele pé e aquela perna antes de dormir.

Assim eu fiz. Rapaz! Em poucos dias sumiu aquela inchação do pé do garoto e das pernas. Ficou bom em poucos dias. Então foi onde eu passei a crer que as plantas curam. É impressionante que muitos não creem que as plantas curam. Principalmente, tem vários tipos de cristãos, por exemplo, os Pentecostes, a maior parte não acredita nas plantas. Eles dizem que é remédio de macumba, né? Mas não é não.

P - E qual é a sua religião?

ADILSON - Eu fui umbandista há quase 10 anos. Ultimamente eu não estou frequentando nenhuma religião.

P - Você nunca foi do Pentecostes?

ADILSON - Eu comeci no Pentecostes há coisa de um mês e pouco. Não deu pra mim, não.

P - Você estudou até que ano?

ADILSON - Eu estudei até a 5ª série primária, aqui em Santo Aleixo. Foi na época de fazer a prova pro 1º ano. Meu pai ganhava pouco, eu era criança; não trabalhava ainda; não continuei os estudos.

P - Você não continuou por quê? Por que tinha que trabalhar?

ADILSON - É, rapaz, depois comeci a trabalhar na roça, sabe. Sabe como é, você começa a trabalhar em roça, atrasa tudo.

P - Que tipo de roça você começou a trabalhar?

ADILSON - Assim, lavoura de mandioca. Fiz muita lavoura de mandioca, milho e inhame. Mas plantava mais era pra fazer farinha. Eu fazia, fiz muita farinha. Aqui mesmo em Santo Aleixo. Encarei muito forno, aquela queimadura no rosto. Ali pegando aquela colher de pau. O sono vinha e de vez em quando tomar um cafuzinho quente pra despertar e tal. Eu já viroei duas noites e dois dias sem dormir fazendo farinha. Fizemos seis sacos de farinha. Foi a última tarefa grande que eu fiz no engenho. Mas, meu irmão, quando acabei de fazer, de torrar a farinha, eu só larguei a colher e fui tombando.

P - E eram quantas pessoas fazendo?

ADILSON - Eram pessoas só. Só eu e mais um outro camarada. Ele marchando e eu torrando. Uma vez ou outra aparecia uma pessoa que dava uma mãozinha. O moinho era manual, né. Nossa Senhora! era manual. Aquilo é que era sofrimento. Depois de encerrar aquele forno quente, torrando ainda tinha que encerrar aquele moinho, rapaz. Deus que me perdoe! Eu saía dali estourado.

P - Eram vocês mesmo que plantavam a mandioca?

ADILSON - Nós mesmos. Eu e meu pai fizemos muita roça, mas muita roça mesmo.

ADILSON - ... Rapaz que em três semanas eu e ele e mais outro companheiro não dava tempo de limpar. Não era mole não, rapaz. Olhe, que o duro que eu já dei, com essa pouca idade que eu tenho, já trabalhei! Eu já dei foi marro pra caramba. Eu trabalhei ultimamente numa empreiteira a serviço da JETA. Essa linha de terra que passa dentro dessa serra. Trabalhei em Guaxindiba, Vista Alegre, puxando fio. Estando fio terra nessas torres. Vê te contar. Tinha muitos dias que a gente só comia a carne. A comida chegava azeda. Eram dois homens carregando comida pra 34 pessoas. A comida chegava ruim. Eu comia a carne e tomava o café. Essa luta durou seis meses. Num é mole não. Embaixo de chuva.

P - Não tinha barraca, não?

ADILSON - Que barraca, rapaz!

P - Que tipo de madeira se encontra por aqui?

ADILSON - Aqui tem muita madeira, rapaz. Tem canela, vários tipos de canela. canela preta, cedro rosa, cambui vinhático. Tem uma madeira boa também, o jacutibá rosa e o branco ou toicinho. Mas ele é duro feito um ferro. Lá ficou todo como que o pessoal foi apelidar essa madeira por jacutibá toicinho. Tem canela catuaba. Uma madeira linda, leve. Só é uma madeira que se pegar unidade ela dura pouco tempo, mas pagando unidade ela dura pra muito tempo. Agora madeira, existem os meses certos pra tirar a madeira. Os meses sem "r" são os melhores meses pra corte de madeira. A madeira não estroga de maneira alguma.

P \* Quais são os meses sem "r"?

ADILSON - Maio, junho, julho e agosto.

P - E a lua tem influência?

ADILSON - Tem. Agora é a tal coisa, rapaz, eu tenho lá em casa um livro que, aliás é um almanaque do Fomento de 1945, que tá até faltando algumas folhas, mas tem muitas coisas importantes. A melhor época pra corte de madeira tem influência da lua.

P - Você já observou, cortando madeira, se funciona mesmo?

ADILSON - Não.

P - Porque as vezes a gente sabe por ter lido, mas nunca observou realmente. Por exemplo você cortar uma madeira no mes com "r" pra ver o que acontece.

ADILSON - Essa experiência eu nunca fiz não, rapaz, mas tenho essa intenção.

P - Você aqui corta madeira só no inverno?

ADILSON - Não, rapaz, isso aí não tem época não. Isso aí vai de necessidade.

P - Eu sei, mas só recomenda cortar nos meses sem "r"?

ADILSON - É, nos meses sem "r", mas só que aqui, por exemplo, o Sr. Fedro não sabe disso. Nós aí já cortamos fora disso. Já cortamos no verão no inverno. Existe vários tipos de madeiras aí que mesmo cortando no inverno, ele num vale porcaria nenhuma. Tem madeira que você já corta no



ADILSON - ... nato, ele tá todo bichado, tá cheia de bicho. O bicho tá jogando aquele pó de madeira pra fora que tá danado. Quer dizer que aí é o que eu digo que mesmo nos meses sem "r" a madeira é a mesma. Agora pode ser que ela cortada nos meses sem "r" os bichos morrem e talvez ela dure. Eu ainda vou fazer essa experiência. Mas é isso aí, rapaz, tem muita coisa nomato que vou te contar. Se todo brasileiro procurasse se aprofundar, principalmente, na flora medicinal através das plantas, vou te contar, as farmácias, os laboratórios químicos iam cair de posição. Porque a maioria dos remédios, rapaz, são extraídos da planta, mas só que você pode considerar que mais de 90% eles matam droga aquilo, cater tudo quanto é tipo de droga. Muitos pra não estragar. Então aí a erva já perde o efeito. Porque a erva você pega a erva com todo o suco, né? Tira aquele suco. A erva de passarinho, até esse menino de toi teve algum tempo com uma tosse que eu pensei que o homem tava escapado de uma neumonia. Uma tosse de não dormir com aquela tosse. Aí eu virei pra ele um dia e falei:

- Ó, menino, cata o que você faz? Você pega passarinho com erva de passarinho, você escoa, tira aquele suco e toma ele antes de dormir e de manhã em jejum. Faz umas duas vezes no máximo e ficou bom. Um ótimo remédio

P - Ta erva de passarinho, serve de qualquer árvore?

ADILSON - Serve, menos árvore de espinho. Agora qualquer outro tipo de árvore você pode tirar, tomar o suco, fazer o chá que não tem problema. In! rapaz, todo pé de mato que você vê, tudo isso é remédio.

P - E câncer, você conhece algum remédio contra o câncer?

ADILSON - Ipê roxo. Chá de ipê roxo.

P - Se acha dele por aqui?

ADILSON - Acha. Tem uma época aí que esse mato aí tá cheio dele. Cai as folhas e só fica a flor. Aquela flor roxinha. Essa terra aí dá muito ipê roxo. Problema de úlcera, gastrite tem muita erva que cura. Problema de coração

P - E úlcera de estômago?

ADILSON - Que eu me lembro não, só lembro da castanha mineira pra cólica. É ótimo, amarga.

P - Faz o quê? O chá?

ADILSON - Faz o chá com um pedacinho de semente. Você quer ver um outro negócio ótimo pra cura de fígado? Você pegar o jiló e fazer o chá de jiló.

P - Maduro ou verde?

ADILSON - Verde ou maduro, de preferência verde. Cura qualquer mal do fígado. Do contrário, você ao invés de comer o jiló cozido ou frito, você descasca o jiló, corta as fatias. Na hora de refeição você come ele cru. O rapaz é ótimo. Graças a Deus, coisa que nunca me incomodou foi fígado, porque desde criança sempre comi jiló cru e o pessoal lá em casa

ADILSON - ... todo mundo tem problema de fígado. O chuchu, a folha do chuchu, fazer o chá da folha do chuchu, sabe pra que serve? Ele é calmante do coração, é remédio que acalma o coração, baixa a pressão. O maracujá, o suco do maracujá também é ótimo.

P - Você conhece cambucá?

ADILSON - Conheço. O cambucá, a casca do cambucá é um tanto remédio pra curar concalucha.

P - E se acha ainda cambucá por aqui?

ADILSON - Ih, rapaz, Nossa Senhora! Aqui em baixo, o seu Pedro estava limpando um lote aqui na beira da cachoeira. O que tem de cambucá ali meu irmão, não tá no gíbi. É uma fruta deliciosa. Você quer ver uma outra coisa que eu descobri por intermédio de pessoas antigas, é, por exemplo, a cura de hepatite. Mas num é erva, não, é simpatia. Ela cura. Eu vi um camarada curado de hepatite através dessa simpatia. Ele estava com uma hepatite, mas estava quase morto, então uma senhora bem idosa virou pra ele e falou:

- Meu filho, você só tem um remédio que te cura.

E, olha que que ele já tinha tomado vários remédios de farmácia, de médicos! Então a dona falou:

- Olha, você pega um ovo, você urina numa vasilha, numa lata e bota o ovo pra cozinhar na urina. Depois dele cozido, fura ele com um preguinho e bota ele dentro de um formigueiro. É bater e valer, rapaz! O camarada ficou bom de hepatite. Coisa incrível, rapaz! O cara não comeu o ovo. Só dele urinar e cozinhar o ovo na urina o cara ficou bom! Ele fura a casca que é pra formiga entrar e comer. Quando a formiga terminar de comer aquela gema com a clara, a hepatite desaparece. Aí sim a pessoa tem que tomar um depurativo pra se recuperar.

P - Como é que eram os sintomas que ele tinha quando estava com a hepatite?

ADILSON - A hepatite é horrível. As unhas ficam amarelas, Depois uma roupa clara que ele veste fica toda amarelada. A pessoa sua demais, em volta do olho da pessoa fica amarelo, da cor do mamão maduro. Mas se ele não se arrumar por intermédio de simpatia ou por um remédio que cure aquilo, meu irmão, ele tá morto. Agora eu não sei se a hepatite vem assim de uma anemia aguda. Porque aí o sangue já se transforma quase que numa água, devido ao enfraquecimento, né?

P - Quer dizer que ele não tomou remédio nenhum?

ADILSON - Não tomou remédio nenhum. Ele só tomou o remédio depois que ele sentiu melhoras, né? Aí a mesma pessoa indicou pra ele:

- Você passa a tomar, comprar pó de ferro. Você mede a pontinha de um cabo de garfo na hora do almoço e na hora da janta. Eu só sei que o camarada recuperou. Hoje é um homem sadio.

P - Ele tomou pó de ferro na água?

ADILSON - Não, na comida.

P - Ele comprava o pó de ferro, onde?

ADILSON - Na farmácia, né? A farmácia vende até hoje. Inclusive de primeiro, se não me engano, era num vidrinho. Hoje é num pacotinho, nuns tabletezinhas. Eu comprei pro meu vizinho. Um médico que indicou. Tem uma garrafada aí que é feita com a casca de ovo socada. Depois torra bem torradinha numa chapa de fogão. Depois seca e fica aquele pó. Bota dentro do vinho moscatel, bota pó de ferro e a raiz do federoso grande. E mais a raiz de salsaparrilha, carabiá, umas folhas desse cinco folhas, gervão e um prego mais enferrujado. Tampa bem a garrafada, enterra na lama durante oito dias. Depois de oito dias começa a tomar um cálice antes das refeições. É um fortificante, meu irmão, que farmacêutico nenhum, laboratório nenhum conseguiu fazer até hoje. E muitos fazem e se dão bem à papa. O tempo inteiro eu tomava umas garrafadas; trabalhava no meio do mato assim; pego serviço muito pesado. De vez em quando tenho que tomar umas garrafadas pra as energia num sumir.

P - É remédio pra aumentar tesão, você conhece?

ADILSON - Ah! porra! Fau paraira! Puta que pariu! Fô, rapaz, tu bota num litro de catuaba dessa amargosa, daquela de rótulo azul. Tu bota umas cascas de pau-pereira ali dentro e deixa curtir. Ah!, meu irmão, a catuaba já amarga, pau-pereira já amarga e a catuaba é apropriada pra levantar, né? Ah! meu irmão, com pau pereira, que é outra praga, puta que pariu, o camarada dá vontade de subir até num poste. Sabe porque eu te digo isso? É que eu andei tirando pau pereira aqui pra um português que tem negócio de duas padarias em Marechal Hermes.

- Ô, Adilson, vê se você me arruma umas cascas de pau pereira.

Eu digo (Eu já sabia, mas dando uma de cínico):

- Seu Domingos, escuta uma coisa, qual a finalidade do pau pereira (ele tinha me encomendado um saco de casca)?

- Fau paraira, rapaz, aquele pessoal de Marechal Hermes, aqueles militares, tão tudo brocha! Olha, rapaz, os caras quando chegam no botequim e não tem pau pereira os caras ficam até zangados comigo. An dei tirando pra ele uns 4 sacos de pau pereira aqui em cima, que tem de mais no pé daquela pedra ali. Cipo-cravo é um levanta pau também de primeira.

P - Cipo-cravo é um que sai água?

ADILSON - Fôza dizem que aquela água do cipó-cravo dá mais tesão no cara do que o próprio chá de cipó. O cipó-cravo você pega ele, corta ele bota em casa pra secar. Quando tiver sequinho você deixa ele cozinhar mas cozinhar bastante. Aquela água fica pretinha, igual café. Abandona o café e toma só aquela chá de cipó-cravo com um pouquinho de açúcar. Fô! vou te contar! E ele é até meio gostoso. Tem um gostinho meio parecido com mate. Inclusive nesse livro que eu tenho lá em casa da flora medicinal, ele diz que o pau-pereira é um estimulante dos velhos desde a época da escravidão. E a catuaba é um tônico nervino. Tem muita erva aí que se você ter esse livro de "As Plantas Curam" e

ADILSON - ... você procurar através de uma pessoa que conhece você ir conhecendo, né? Não através dos livros, mas sim, vendo as plantas.

P - Ah! Tem que ver né? São, fica falando e a gente confunde, né?

ADILSON - Confunde. Tem plantas muito parecidas e os nomes confundem também. É muita coisa, rapaz.

P - É joão-brandi, você conhece?

ADILSON - Conheço, dá uma folhinha miúdinha. Inclusive, até, o joão-brandi, se você estiver com dor de dente e você mastigar a raiz dele, ele é anestésico. Remédio, rapaz, pra curar gonorréia, puta que pariu! Eu vejo gente aí, rapaz, que pega gonorréia aí e vai pra médico, toma antibiótico no filho da puta, mas aí cura de gonorréia e fica brocha, porque antibiótico demais resseca. Moral da história, pega aí cara do brejo, amor do corpo, cháou de couro, mistura essas três ervas, faz o chá e ele toma todo dia. Substitui o café. Pô, vou te contar, em poucos dias o cara tá bom. É a gonorréia antiga, a gonorréia você pega devido à relação sexual com a mulher e tem a gonorréia da friagem. Eu peguei gonorréia da friagem. É, trabalhando no inverno, molhado. Fez, o que me curou foi erva. A carra do braço, o cháou de couro e o amor do corpo. Todas as três juntas. No livro que eu tenho de Flora Medicinal ele diz que a erva, qualquer tipo de erva você pode tomar como água que não lhe faz mal nenhum. Já o remédio você tem que ir no médico, você vai na farmácia, pega no IFFo, você pode tomar uma porção. Você vai tomar antibiótico com vitamina E12, com vitamina C. Ih!, Deus que me perdoe! Um chá da folha do abacateiro é remédio de rins, não tem coisa melhor. Tive uma ocasião que eu comecei com essa dor nos rins. Aí teve um sr. que falou comigo:

- Você pega o caroço do abacate, você corta ele bem miudinho, bota numa garrafa, bota pra curtir com cachaça e começa a tomar.

Aí eu fui nele. Ele é um curandeiro, né? Aí um dia conversei do com o genro dele, ele disse:

- É, rapaz, eu tô andando com uma dor nas cadeiras, nem sei o que fazer.

Eu falei:

- É, rapaz, teu sogro não tinha te curado, não? Ele, ontem, eu reclamando com ele a mesma coisa, ele falou comigo pra mim botar caroço de abacate bem cortadinho pra curtir com cachaça; quando estiver azarelinho é pra começar a tomar.

Ele falou assim:

- Ih! Rapaz! Não toma não! Porque vai ficar brocha em menos de uma semana. Aquilo é um brochante filho da puta.

Eu não cheguei a tomar. Joguei aquilo fora. Depois tem outra coisa, o camarada que chega a ficar brocha, o camarada pra recuperar não é fácil, não. O camarada quando fica brocha, às vezes não é assim de um esgotamento dos nervos, não, um esgotamento físico nem mental.

ADILSON - ... Porque você vê, rapaz, tem um velho que ele tá com quase 80 anos. Pô! ele tá com uma mulher de 25 anos e teve com 6 filhos com essa mulher. Você pode tirar aí quase 90% dos velhos com a máxima idade de 65 anos já tão tudo...

P - Qual o segredo dele?

ADILSON - Não sei.

P - É trabalhador?

ADILSON - Ele foi chefe de terreiro de umbanda, né. Mas ainda tá forte, rapaz. Você olha ele assim, parece aquele sr. dos 32 anos.

P - Você tem notado que a saúde das pessoas que trabalham, apesar da barra pesada do trabalho, em geral tem muita saúde. Tem muita energia. Uma pessoa que tem 70 anos e tem uma energia pra serrar madeira no meio do mato, carregar madeira, pô, tem que ter saúde.

ADILSON - Ah! mas tem, rapaz! É num tem hora pra trabalhar!

PESQUISA: A LÓDIA DA ECONOMIA POPULAR  
PROGRAMA FICP 22.7

Fl. 55

COORDENADOR: EDUARDO MACHADO

LABORATÓRIO DE ENTREVISTAS - 11-9

ENTREVISTADO: ISRAEL DOS SANTOS CALLED (RAEL) (M=7)

LOCAL: GUARAPETINS (A.) - Data: 0.2.80

P - Como é que é seu nome?

RAEL - Meu nome é Israel dos Santos Called

P - Quando você nasceu?

RAEL - Eu nasci a 22 de junho de 1950.

P - É onde você nasceu?

RAEL - Eu nasci na serra, no rio.

P - É você sempre mora aqui?

RAEL - Eu moro sempre aqui. Foi criado aqui.

P - Mas você já viajou por outros estados?

RAEL - Eu tive em São Paulo. Depois fui morar em Maracópolis, moro em Mogé, moro em Itajó, Juazeiro, no Rio. Eu sempre andei muito no Rio. Trabalhei muito no Rio.

P - Mas você estudou até que ano?

RAEL - Simples, primeiro ano.

P - Mas você trabalhou em quê?

RAEL - Trabalho desde quatorze anos. Só que desde 1968 que eu nesse negócio de erva. Comecei agora em 1977.

P - Agora em agricultura, ou roça, o sr. já trabalhou?

RAEL - Não, em roça mas nunca trabalhei não.

P - Agora, como que você foi adquirindo conhecimento a respeito de erva?

RAEL - Negócio de erva foi assim com minha mãe. Porque a minha mãe é inteirada nesse negócio de erva negra. Ela é do tempo de roça mas não

P - Sua mãe era de roça?

RAEL - É minha mãe era de roça.

P - Ela plantava o quê?

RAEL - Plantava café, plantava tudo negro.

P - Ela era de que região?

RAEL - Ela é de Foz de Iguaçu, onde meu avô tinha uma fazenda arrancada anti-mente. Eu em São Antônio da Padua, entendeu. Então ela conhecia muito essas coisas. Então ela ensinava a gente. De vez em quando ela me levava. Ela perguntava: - O senhor tá fazendo o quê? O negócio é esse, a roça é essa, arranca. Então eu aprendi e a gente foi criado mesmo assim. Com erva, com roça negro.

P - Quais as doenças que você já teve?

RAEL - Ultimamente, só dor de nervo. Não sei se é um problema de nervo. Mas, inclusive, não sei se é um problema, não sei se é o mesmo. Vou muito. Toda noite eu dormo assim, souvo muito chá de erva-de-são.

RÁEL - ... Essa erva-santa.

P - Erva-santa é a mesma naup-rina?

RÁEL - Não, erva-santa é uma ervazinha pouana. Eu tenho até dela aqui no quintal. Ela tem um cheiro gostoso. Faz aquela chá... aquilo é um calmante, inclusive pro coração. É uma boa.

P - Você acha que você se tratou, conseguiu melhorar com essas plantas?

RÁEL - Tive um problema de nervos sério. Inclusive, tive internado duas vezes. Hoje tem cinco anos que eu não tomo um remédio. Nem pra dormir eu não uso remédio e trabalho de noite.

P - Trabalha em quê?

RÁEL - Em costura de couro. Trabalho na fábrica, curtindo couro à noite.

P - E o trabalho só pode ser à noite?

RÁEL - Não, pode ser de dia, mas eles pagam melhor um pouquinho à noite. Prefiro à noite mesmo. Perdigir era pra mim sentir, não é. Mas não, trabalho normal e não tomo remédio. Minha vida é casa que você tá vendo aí.

P - O que você acha que dá saúde à gente?

RÁEL - Eu acho que dá saúde é fazer exercício, sempre agitado. Porque o cara parado tá se prejudicando mais ainda. Eu acho que o cara tem que andar, movimentar o corpo, fazer exercícios, num é. Está respirando oxigênio.

P - Então você acha que o fato de trabalhar faz bem à saúde?

RÁEL - Porque o cara parado, o corpo vai ficando assim cansado. No tempo que eu andei parado, eu sentia assim o corpo cansado, eu acordava, qualquer coisa eu me cansava, né? Hoje eu tô assim, me sinto meio tranquilo, tô sempre agitado, em movimento, andando de bicicleta de serviço, pra cá, aquela agitação no serviço. Eu acho que o que faz bem pra saúde é isso, praticar um esporte também, né? O cara tá sempre em movimento, transpirando o corpo.

P - Mas com relação a essa medicina, que seria a medicina popular, você acha que ela tem muita aceitação pelo povo em geral? Grande parte da população usa? Principalmente você que tinha comércio de ervas?

RÁEL - Eu acho que sim. Por exemplo aqui em Guapi mesmo, praticamente todo mundo aqui. Paraisópolis, praticamente todo mundo é curado com erva. Claro nego vai mesmo na farmácia aí, mas é raro. Mas até mordida de cobra nego cura em casa atualmente.

P - Existe alguma erva pra mordida de cobra?

RÁEL - Tem muita erva aí que cura. Antigamente era um tropeço. O cara morria de mordida de cobra. Hoje não. Tem muito recurso aí. Então, quer dizer, praticamente aqui em Guapi mesmo muita gente usa erva.

P - Quando você tinha loja de ervas, existia muita procura? Há condição de fazer um negócio só com ervas? Vender ervas?

RÁEL - Há. Não tem que ter todas as ervas. As mais procuradas mesmo são a apreata, a calça artilha, noia. Procura muito. Procura e jurup

RAEL - ... beta. São uns troços que assim no momento a gente esquece, né. Tem assim um ano e pouco, que eu tô afastado desse negócio. Mas tem muita erva procurada mesmo. Só que não lembro. Essa erva cruzeiro é muito procurada. passitibá, imababa, erva da macaca, a mesma erva da brava. Isso também é muito bom. Inclusive até pra doença venéreas. A erva de São João é boa pra febre; ervão roxo, cedro rosa. Isso é coisa.

P - Você acha, por exemplo, que há influências da lua, na época de colher essas plantas?

RAEL - Sim. Tem ervas que dependem da lua, pra você colher elas. O capim de Santa Luízia, por exemplo, você tem que colher ele numa lua crescente. Por causa do cheiro. Você pensando nesse capim na outra lua, esse capim muda cheiro.

P - Você já teve essa experiência?

RAEL - Não cheira. Então geralmente a gente é muito regido pela lua. É um troço muito forte. Quando às vezes você vai plantar um troço, você espera aquela lua. Geralmente o latahá tem lua pra tirar ele e tem o mas também pra tirar ele: setembro ele tá dando vinho e tem a lua pra tirar ele. Mas que tem a lua certa, inclusive quando nasce uma criança a gente mostra a lua à ele. Aqui ainda existe isso. Mostra a criança à lua. Minha garota mas o foi mostrada. Porque o outro garoto meu que eu tive, ele logo que nasceu nós não mostramos a lua à ele. Ele ficou tomado da lua. É realmente era tomado morto da lua.

P - Como é que é tomado da lua?

RAEL - Tomado da lua, você sente que a criança começa a ficar estranha. Chora muito, a criança começa a ficar muito enfiada. Fica evacuando verde. Se evacuou verde, ele tá tomado da lua.

P - Qual é a maneira de corrigir isso?

RAEL - Eu já ia falar. Você tem que pegar a erva da lua e dá aquele banho na criança. daquela erva sete vezes. Tá a criança melhora. Tem muita gente que acredita em reza. Reza sete vezes e dá aquela banho da erva da lua e a criança fica realmente boa mesmo. A criança quando tá tomada da lua você realmente sabe. Porque quando não se mostra a lua pra criança não se deve deixar fraldas exposta ao sol. Tá a riscado a lua tomar. Se deixar às vezes visativo a criança até morre. Porque a lua leva.

P - Quando mostra a lua, isso impede que ela seja tomada pela lua?

RAEL - É. você mostrou a lua à criança, não tem mais problema. Você não de botar fralda no sol, que não tem problema. Mas você tem que saber como você vai falar também pra lua.

P - Então quer dizer que não é qualquer lua?

RAEL - A lua você mostra a criança. Mas você tem que saber como que você vai falar, porque você pode falar ao contrário. São umas frases



RAEL - ... que você fala pra lua, mostrando a criança. Então na hora da frase, você não pode trazer a frase. Você fala três vezes:

Lua, luar  
 toma essa criança  
 e ajuda a criar  
 a cabeça é minha  
 e a boca é sua.

Não pode é trazer a cabeça com a poupança da criança. Não pode é dizer que a cabeça é que é da lua. Não, pronto... você pode deixar a criança tranquila, porque isso eu já vi e constatei esse fato mesmo. Você sabe quando a criança tá com a lua. O cocozinho da criança, as pernas dela, fica avermelhado.

P - É espinhela caída?

RAEL - Espinhela caída é uma dor que o cara sente nas espinhas, mas inclusiva, tem muita gente que pega. Tem também alguns chá. Tem até senhoras aí que pega pra espinhela caída.

P - Onde, aqui em Itapira?

RAEL - É, a D. Hilmarina. D. Virgílio. Eles pegam a espinhela, pra quebrante, esses troço.

P - O que é o quebrante?

RAEL - Quebrante é quando você pega e diz: - "Mas que planta bonita!" aquela planta boa. Na verdade, na terra verde. Os seus olhos é que é forte. Às vezes, então, pega um pedaço de olho assim. A criança muda de repente. A criança pode tá no ar case, mas a pessoa chegou com olho assim, já ou em cima da criança. Pronto, acabou. A criança começa inquieto, chorando. Quando você não levar numa fazenda e rezar. Então é o que a gente diz: é quebrante. Muitas vezes a criança começa assim, vai ao médico. Ai che e lá, o que faz? O médico toca remédio na criança. Às vezes não é nada daquilo. Às vezes um quebrante que a criança pegou no caso. Porque às vezes a criança é simpática. Então chegou na rua e depois diz: "Mãe, seu filho é bonito e tal!" Então ali a pessoa deixa aquela quebrante no passado, na criança. Mas nós tendo uma fazenda tá resolvido o problema. Da sua doença opinião. Tá com quebrante, pega, dá um tapa de arruda, tudo bem. Eu acredito também naquela força espiritual.

P - Sua religião, qual é?

RAEL - Eu sou espírita. Eu acredito muito. Porque eu tenho visto troço que dá pra acreditar.

P - Porque você não cura as plantas curas?

RAEL - Eu tenho visto bastante resultado.

P - Mas o que que faz as plantas curarem? O que que faz nas plantas que fazem curar?

RAEL - Tem muitas que já tem a vitamina. Você faz um fertilizante pra tomar. Aquela planta tem uma certa vitamina. A natureza. Eu souia fazer

RAEL - ... narope daquilo. Eu acho que tem muito troço que se o cara analisar uma folha dessa ele vai achar, porque ele deve entender muito mais do que eu. Todos os processos que ele tem. Assim, por exemplo, se você vê a rapa de vaca, a impingem, a casca de banana. Se ela corta o açúcar, se ela tira o açúcar do cara é porque ela tem o essencial, como um comprimido tem, como o diabinoso que se toma pro diabético.

P - Você estava falando do quebrante, da espinhela, da fazer reza. Você quer dizer que a reza funciona na cura. E a planta não. A gente toma a planta e a planta cura. Então são duas situações diferentes?

RAEL - São duas coisas. A reza é pra tirar aquela espiritual e a erva é pra botar. É pra curar que tá saindo aquela doença. Então às vezes o cara lava pra rezar pra tirar o olho grande. Lá, por exemplo com quebrante. É pra botar de arruda. Inclusive, pra vista, se você tiver com problema na vista, a arruda é um santo remédio. Faz um banho de arruda na vista.

P - Qualquer doença na vista?

RAEL - É, dar na vista, faz aquela coisa na vista com arruda. Eu mesmo já usei. Quer dizer é um troço que é bom.

P - É impingem, você sabe algum remédio pra impingem?

RAEL - Ére impingem. Assim no momento eu não me lembro bem. Quem tá mais indicado é minho valho.

P - Ére impingem tem reza ou é remédio de planta.

RAEL - Tem uma reza de coqueiro. Porque impingem é tipo coqueiro. Lá e vai lastrando. Então muitas pessoas reza. Mas tem erva pra isso. Por exemplo quando a gente tá com coqueiro no corpo, a gente usa muito aquela erva de milho e a guarda-chuva. Pra impingem tem também uma casca, que você toma em cima, junto com vaselina. Agora não me lembro o nome. Ére impingem tem também aquele troço que se compra aí pra botar dentro do dente.

P - Quadrado?

RAEL - Ézer com vaselina. Mas tem gente que não gosta porque fede muito. Mas tem uma erva aí, uma cipó. Que você rala e bota no lugar de impingem e lá vai bota até um pouco de vaselina, pra ficar tipo uma pomada. Mas fabra, uma crina de onipang. Ou uso, até pra adulto mesmo. Mas cipó de São João. Mas aquela narope.

P - É o cipó cravo aquela que quando se corta, sai água?

RAEL - É. Inclusive o coqueiro quando ele vai no rato e quer beber água ele faz isso. Ele corta o cipó cravo de um lado e de outro e toma aquela água gelada. Você corta o cipó cravo e você vê como uma cruz dentro dele. No Paraíso tem muito daquele cipó. Mas é muita reza daquele cipó. Agora tem o canela preta. É um santo remédio. A canela preta serve pro diabete. Usa a casca.

RAEL - Tem também a raiz prata pro fígado.

P - Você consegue raiz prata por aqui.

RAEL - Consegua.

P - Raiz prata é o mesmo que cainoa?

RAEL - Deve ser diferente. A raiz prata é assim tipo poais. Aquilo é bom pro fígado. No Paraíso tem caixata, catroba. Teodoro sabe onde tem.

P - Você conhece uma pedra que paga fogo? O pessoal do Paraíso achou uma vez lá uma pedra que se acende com um fósforo. A pedra paga fogo.

RAEL - Isso é pedra de raio. Os antigos dizem que ela sobe, depois de sete anos.

Inclusive eu tenho receitado por aí pros amigos. Problema de gonorréia. Folha da abegata (não pode ser muito), a ranacéia.

P - Por que não pode ser muito?

RAEL - Porque ela é muito forte. Se ela é muito quente. Ai ele vai atocar outros troços. A ranacéia muitos conhecem como saco de velho. A ranacéia, gama do brado e a folha do almagato. Você fez aquela mistura e depois faz aquela chá e toma. Ele é diurético. Limpa o canal. O canal vai limpando tudo, logo mesmo o troço pra fora. Toma no lugar da água. Aquilo é um santo remédio pra doença assim... venérea. Pessoas que tem problema de rins ficam curados com essas troços.

P - É depurativo do sangue?

RAEL - Tem a galsararrilha que é um santo remédio pra isso. Tem o iquitibá marxo. O jequitibá não, o intobá. O iquitibá é pras senhoras.

P - É pra ferida no corpo, cocôira?

RAEL - Ah! tem a gorobinha pra você tomar aquele banho, inclusive até pra ferida. Agora você falou eu lembrei da casca de arabira pra quem tem ferida na perna e não quer curar. Faz aquele pó da casca da arabira - toma na ferida. É um santo remédio pra isso.

P - É sete sangria?

RAEL - Na corchoço sete facada. Sete facada é uma que dá subindo nas árvores. A sete sangria é também depurativo do sangue.

P - Você acha que é possível e gente ter uma medicina paralela à medicina oficial e que poderia dar assistência à população?

RAEL - Da maneira, rapaz. Porque, inclusive, seria até o ideal. As vezes você chega numa farmácia, tem muita gente aí que não tem condições de comprar um remédio de farmácia. Quer dizer não tem mesmo condições. Então tendo um remédio desse de erva, vai sair mais barato. A erva é o troço mais fácil de você achar. Porque se eles analisassem essas ervas - todas com carinho. Voltasse também essas laboratório da flora. Voltasse a antiga flora. A Homeopatia. Ah, por exemplo, fui no médico e ele disse que eu ia até morrer, se eu não operasse o garganta. E eu não opere o garganta. Foi a Homeopatia que me curou.

RAEL -... O óleo do siando do cacalagu. Aquilo é um santo remédio pro saranta. Nunca precisou operar. E tô com essa idade toda. Não tenho nenhuma problema de saranta. Isso foi no Sordú. Fiz exame de sangue e tudo pra operar. Na última hora eu não operei. Eu acho que eles precisam a bronca assim nas plantas mesmo. Analisassem bem essas plantas, talvez até descobrissem umas ervas que evitassem muitas doenças que nós vemos aí. Porque às vezes você tomando um remédio de farmácia pro nariz, tá atacando seus rins. Erva já é diferente. É muito difícil uma erva atacar o outro organismo. Genirano, aquela fruta genirano, você faz aquele fortificante em casa. Minha mãe faz garrafada que vende até pro ão Paulo. A garrafada é com genirano, catuba, quira rosa, aijó cravo.

P - É ficuna, você conhece?

RAEL - Ficuna, ele tem outro nome? Como é que ele é?

P - É aquela fuligem que dá no fogão de lenha, em cima do fogão de lenha.

RAEL - Não conheço. Isso ainda não operei não. Pra dor de dente num tem coisa melhor que o café café.

P - É aquela erva café, você conhece?

RAEL - Conheço, mas ele tem outro nome. Barandi. A raiz do barandi então tem uma força que eu vou te contar. Eu tive tanto joão barandi na casa de aqui. Eu tinha tanto que eu não sabia nem onde começava. Eu tinha tanto joão barandi, que tive um época que eu cortei de comprar.

P - Você comprava de quem?

RAEL - Comprava por aparelhada, tanto por quilo. Agora você quanto que eu não tinha. Eu tinha que alugar outra casa pra fazer o depósito. Tinha aijó almôço.

P - Onde se encontra esse aijó almôço?

RAEL - Lá em Ilha. Marília dá muito dolo. Mas por aqui também tem. Ele tem um gal dentro dolo. Inclusive até parei de comprar. Tinha de mais milhoana. Tem o grande e o pequeno. E lá também tem muito dessa milhoana. Pra o cajalista, por exemplo, você sabia que o eucalipto é bom pra arroz?

P - Sabia. Inclusive pra fazer inhalção.

RAEL - Inhalção é bom e luzinha do noite. Cure até singite.

P - Pra luzinha de noite plantada aqui?

RAEL - Não, inclusive, um café plantou aqui a pegou. Em Santo Aleixo. O aijó almôço é bom pra narantira.

P - É uma erva chamada narantira?

RAEL - Não conheço. Pode ser que tenha outro nome. Pra emagrecer tem as três folhas do barro. É uma erva. E tem a cinco folhas que também é um santo remédio. Agora esse é pra ciúde no sangue. Inclusive é fácil de café café. Ele só tem três folhas mesmo. Você puxa ela café, ele é bom mesmo. Ele é a cinco folhas. A outra não faz isso.

RAEL - ... Porque tem uma queza parecida com ela.

P - É remédio pro câncer, você já ouviu falar?

RAEL - Olha, pro câncer eu nunca ouvi falar, mas pode existir. Uma dessas folhas. A medicina devia ter interesse nas ervas por causa disso. Porque às vezes o cara num tem cura e às vezes uma erva assim banal pode ter um resultado.

P - Você conhece algum remédio pra matar verruga?

RAEL - Verruga? Tem esse remédio. É uma planta que um amigo meu tem. Eu me esqueço o nome dela. Ela tem um leite.

P - Uma palhinha verde que tem leite.

RAEL - É esse mesmo. Essa planta é boa mesmo. Se a pessoa tiver verruga, bota o leite ali. É o que mata. Agora quando é uma verruga grande mesmo. Se consegue vir rascar ela com o cabelo de animal de cavalo, por exemplo, você rarra e deixa. Ela cai.

Isis é, eu vou dizer a você, eu ainda sou muito as plantas. Eu sou mais parte das plantas do que essas receitas que tem por aí. Você toma um remédio, cura aquela doença e fica curando de outra. É erva não. Você toma uma erva e já tá sabendo o que vai acontecer. É difícil você tomar uma erva e não fazer nenhum organismo.

P - Você já soube de algum médico que estivesse recolhendo erva por aqui nessa região?

RAEL - Eu conheci um, que ele mandava o cara tomar chá. Dr. Alexandre. Inclusive muito falado. Ele mesmo chegou pra mim uma vez e falou assim: você deve tomar muito chá de erva doce. A erva doce é boa pra você tomar sempre de noite. Tomei o chá de erva doce. Aquilo é muito relaxante e a gente que tá assim coçando é muito perigoso. Aquilo relaxa o nervo e o nervo do cara. Ela é calmante mesmo. Tomava muito, agora parei.

PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR  
PROGRAMA FEPPE 32.7

Fl. 63

COORDENADOR: DOUGLAS CARRARA

RELATORIO DE ENTREVISTAS - FITA MP-9/20

INFORMANTE: JOAO CASTANHO DA SILVA E CELIA PEÇANHA DA SILVA.(11-8)

LOCAL: CAPIBÉ, GUAPIREMI (RJ) - DATA: 13.2.80

P - Como é seu nome?

JOAO - João Castano da Silva.

P - E a Sra.

CELIA - Clélia Peçanha da Silva.

P - E o sr. nasceu quando?

JOAO - 7 de agosto de 1928.

P - E a sra?

CELIA - 4 de agosto de 1946.

P - Onde o sr. nasceu?

JOAO - Cidade de Santa Quitéria no estado do Ceará. Cidade sertaneja.

P - E a sra.?

CELIA - Conceição do Macabu, Estado do Rio de Janeiro.

P - O sr. desde que nasceu o sr. tem trabalhado em quê? Desde quando o sr. trabalha?

JOAO - Desde que tenho oito anos de idade que eu trabalho.

P - O sr. trabalhava em quê?

JOAO - Lavoura.

P - O sr. sempre trabalhou na lavoura?

JOAO - Só depois de 19 anos foi que eu vim pra o Rio. Comecei a trabalhar em seguro de vida.

P - O sr. passou quanto tempo trabalhando em seguro?

JOAO - Vinte e cinco anos.

P - Ai se aposentou ou não?

JOAO - Não. Eu não me aposentei não. Comprei isso aqui com o dinheiro do seguro.

P - E os seus pais trabalharam na lavoura ou não?

JOAO - É. Nasceram e se criaram no interior a 600 km da cidade. Sertão mesmo.

P - E qual era a lavoura que vocês faziam lá?

JOAO - Milho, feijão, algodão. No estado do Ceará.

P - E a terra era própria?

JOAO - Não. Bom. Nós tínhamos terras, mas como fosse posse. Mas meu avô tinha. Quer dizer ainda tem isso lá.

P - Mas eles trabalhavam na terra deles. Não trabalhava pra ninguém não? A família toda trabalhava na terra?

JOAO - É. Depois eu vim pro sertão que lá é pé de serra. É alto sertão. Eu vim pra terra do meu tio. Sem cobrar nada também. Ai com 19 anos eu vim pra o Rio. Todo sertanejo vem.

P - E o sr. saiu de lá porque?

JOAO - A ilusão de conhecer o Rio. Quando vinha um praqui e voltava. Então se ganhava dinheiro com facilidade. E todos que assiste, aí quer vim. De qualquer jeito, né? Se der bem, bem. Se num der, vai enfrentar certas dificuldades, porque, primeiro, não tem instrução. Instrução só se adquire aqui, depois. É quem quer vencer na vida tem que ter. Pelo menos o primário, né. Como é o meu caso.

P - Mas a lavoura dava bem lá? Não foi porque não dava mais que o sr. veio, não?

JOAO - Não. As dificuldades que eu tinha lá eram as mesmas que eu tenho aqui. Então nesse caso eu tinha vontade de conhecer porque aqui era a capital do país, né? A cidade grande tem aquilo que é a ilusão. E todos nós quer vencer.

P - Lá, quem que conhecia plantas que usavam pra remédio? Seus pais, seus tios?

JOAO - Lá se conhecia.

P - Se usava muito chá?

JOAO - Usava sim, chá. Não estou lembrado, qual chá.

P - O sr. não lembra de nenhuma doença que o sr. tenha tido em criança, não?

JOAO - Sim. Exato. Eu sofri uma cólica muito grande, uma dor na barriga, imensa e eu fui curado, justamente, com o chá de coronha.

P - Aquela planta que o sr. falou.

JOAO - É. Aquela que eu te falei. Chegando aqui, eu reconheci. Eu pensei que não tivesse ela, mas tem. E eu curei com ela. Foi mesmo que botar água fria na fervura. Só pôde ter sido ela. Porque não tinha outra. A coronha que nós chamávamos lá tem aqui em Magé. Eu já vi dela. Que eu me lembre de chá era remédio pra verme.

P - Qual era o remédio pra verme?

JOAO - Era essa erva santa Maria, que lá nós chamamos mastruz, Essa nós tomava com leite pra verme.

P - E o sr. nunca teve impingem?

JOAO - Impingem. Bom, eu não. Que eu me lembre não. Mas eu já vi outros que tinham impingem.

P - O sr. viu como é que tratava?

JOAO - É com limão e a pólvora dessa preta. Botava em cima e curava. Esse rapaz que trabalha aqui comigo tem.

P - Está com impingem?

JOAO - Eu já disse a ele o remédio: é pólvora preta com limão. Aqui quem cura é o médico, né?

P - Não. Existe a maça do algodão.

JOAO - Sim. Aquela maçazinha, aquele resíduo que tem na casca. Se passa em cima também.

P - E dessas plantas que a gente viu hoje?

JOÃO - Eu conheci aqui. Viajando, eu tive muito conhecimento, porque viajei muito pelo estado de Minas, Espírito Santo, estado do Rio de Janeiro. O negócio dos seguros de vida. #3 também o Pará, Paraná, Santa Catarina, São Paulo.

P - Na sua opinião, porque que a gente fica doente? Ou então porque a gente tem saúde?

JOÃO - O fator é a pessoa querer bem a ele mesmo. Se a pessoa não quiser bem a ele mesmo, não tem saúde. Eu digo o seguinte: porque se a pessoa se entregar ao vício, passar noites acordado, é claro que adocece. É claro, vem a fraqueza e daí da fraqueza, vem tudo. Eu acredito que a doença seja através disso aí. Aí vem a anemia. Se não se tratar. ... Eu, por exemplo, nunca fiz tratamento de sangue. Mas eu me sinto sadio, forte. Graças a Deus.

P - O sr. nunca fez um tratamento assim, médico?

JOÃO - De sangue, não. Eu, aliás, já tive um princípio de paratifo.

P - Mas aonde?

JOÃO - No Rio. Mas, no fim, eu mesmo concluí que não era paratifo, não. Foi um derrame do baço. Eles me internaram no Hospital São Sebastião, fizeram exame, fizeram tudo. Mas não disseram o resultado do exame. Os médicos fizeram uma junta, fizeram uma porção de coisa. O tratamento foi um remédiozinho amarelo, um líquido que bateu e valeu. Então se fôsse paratifo não tinha curado assim tão rápido.

P - Por que o sr já tinha visto alguém com paratifo em outra situação?

JOÃO - Já. É terrível, né? A pessoa doente tem que tomar até lavagem no estômago, febre alta.

P - O sr. viu isso aonde? Lá no norte? O sr chegou a ver isso?

JOÃO - Não. Apesar do meu pai ter morrido à míngua.

P - Teve o paratifo?

JOÃO - Eu acredito que foi. Em 1932, na estrada de rodagem trabalhando com muita gente, ele apanhou então uma febre muito violenta e o remédio que tinha naquela época era a cafiaspirina. Então o velho era um velho forte. Morreu com 33 anos de idade, morreu à míngua. Mas então eu estava dizendo que eu cheguei à conclusão que foi um derrame do baço, uma coisa assim. Então nesse caso eu curei rápido, depois eles suspeitaram que fôsse verme. O Dr. me recomendou que eu fizesse um exame de fezes. Saí dali curado e num procurei mais médico nenhuma e desde essa época pra cá nunca mais tive doença nenhuma. Eu não comia farinha, gordura, essas coisas assim. Eu não podia comer que eu sentia essa parte aqui do baço puxar. Parecia que o diafragma encostava nas costelas e eu sentia aquele bolo grande. Perdi logo três quilos com aquela coisa. E eu chegando aqui trabalhando dando duro mesmo. Eu destoquei uma área logo grande.

P - Ah, isso foi logo que o sr. saiu do seguro? Foi quando o sr saiu



- P - ... do hospital?
- JOAO - Não, não. Já tinha ficado bom. Mas ainda senti aquele peso no estômago e chegando aqui eu destoquei logo uma área boa. Suava duas três vezes. Molhava a camisa. E então eu comecei a beber muito carqueja e com isso num precisou nem erva. Com carqueja e o esforço que eu fiz. Há 25 anos parado, só andando de pastinha na mão, gravata pra cá e pra lá, conversando com o pessoal e então, graças a Deus, se me tenho em vida é porque comprei isso aqui.
- CLELIA - É por isso que eu digo a vocês, se estudar direitinho, isso aqui é a vida da gente. A pessoa pensando, analisando direitinho, a roça é a vida, o ideal da gente.
- P - E a sra., desde quando que a sra. trabalha na roça?
- CLELIA - Ah, desde a idade de 6 anos que eu ajudo meu pai e minha mãe.
- P - Seus pais também são de lavoura?
- CLELIA - Todos dois. A minha mãe já faleceu.
- P - Qual era a lavoura que tinha lá?
- CLELIA - Meu pai cultivava café. Mas depois mandaram queimar o café.
- P - Foi em 1930, quando houve a crise do café?
- CLELIA - É, quando houve a crise. Aí meu pai trabalhou no feijão, cereais, milho. Trabalhava à dia pros outros também. Depois quando eu tinha a idade de treze anos ele veio para Carapebus. Aí chegou em Carapebus, nós fomos enfrentar cortar cana. Passou uns dois anos naquela vida de cortá cana.
- P - Cortava cana no seu terreno?
- CLELIA - Não, no dos outros. Trabalhava pros outros.
- P - Mas tinha seu terreno?
- CLELIA - Nunca tive, não. Sempre na fazenda de alguém.
- P - E como era o trato naquela época?
- CLELIA - <sup>2000</sup>Naquela <sup>2000</sup> tinha esse negócio de meia. Eles davam terreno pro meu pai derrubá a mata. Aí meu pai derrubava. A gente queimava, plantava e dividia a meia.
- P - Mas eles não davam nada?
- CLELIA - Não, não davam nada.
- P - Tudo era por conta dele?
- CLELIA - Tudo era meu pai que tinha que fazer. Cultivar e dar a parte de outros quando colhesse. De vinte sacos, dez era de um e dez de outro. Agora os dez da gente é que tinha que dá pra fazer a descoberta, fazer a área aumentar pra frente. Mas como meu pai tinha seis filhas e todos seis ajudava, ficava uma em casa, mas de todo jeito era seis. Porque a minha mãe era um dos trunfos na luta. Minha mãe lutou muito. Trabalhava bem mesmo e ela gostava de trabalhar igual a mim. Eu adoro essa vida de roça; assim depois disso nós mudamos pra essa usina, porque lá eles davam ordenado. Era melhor que a gente trabalhar à meia. Aí saímos pra essa usina, porque meu pai achou que o ordenado era

CLELIA - ... Iher que a gente trabalhar à meia. É bom, antes da gente ir, né? Depois que a gente pega, aí o negócio é completamente diferente. Minha que se cortar carros de cana e aquilo ali era por etapas naquelas carros. Só pagava aquelas quantias por carro. Naque-la época era 6 mil réis cada carro de cana.

P - E quanto é que cabia cada carro de cana?

CLELIA - Cada carro de cana devia catar umas doze toneladas de cana.

P - Seis mil réis era muito dinheiro?

CLELIA - Naquela época vou te dizer. Era uma quarta de farinha, ou-tra de feijão e uma de açúcar que era tudo medido na usina, na coo-perativa da usina.

P - Ah, comprava lá mesmo.

CLELIA - À usina é que vendia. Ela mesmo é que ficava com o dinheiro, da gente. Quer dizer que a gente nunca tinha saldo pra poder vir o dinheiro.

P - E quanto tempo demorava pra encher um carro desses?

CLELIA - Um carro de cana? Umas seis horas de trabalho. Mas num ca-va pra encher num só dia.

P - Quantas pessoas tinha trabalhando com vocês?

CLELIA - Quatro pessoas. Cada família pegava aquela etapa pra fazer. Aí a gente tirava uns lase de um carro, um carro e meio pra fazer por dia, trabalhando seis pessoas.

P - Mesmo assim ele continuou achando que era melhor do que trabalhar à meia?

CLELIA - Não. Aí ele ficou esperando chance de aparecer um fazendeiro que desse local a ele do novo. Aí ele ficou esperando, ficou nessa ilusão. Aí eu achei que era muito trabalho pra gente. Aí eu cisme-i e vim enfrentar casa de família.

P - Onde, no Rio?

CLELIA - No Rio. Aí eu vim. Vim pro Rio em 63, 62, eu cheguei no Rio. Fiquei até me casar em 1968. Aí nesse tempo eu ajudava ele lá até que passado uns três anos que eu num tinha notícia. Aí eu vim aqui em Guapi, visitar uma tia minha que até hoje é viva. Aí essa tia arranjou esse sítio aqui pro meu pai tomar conta. Ela ajudou e a moça onde eu trabalhava ajudou também. Aí eu fui buscar eles. Chega-mos lá, nós vendemos os cavalos, porque toda vida meu pai gostou de muitos cavalos. Vendemos quase todos. Ficou um que ele não desfazia, nem por nada e pediu pra gente alugar um carro pra trazer praqui. Aí alugamos um caminhão em Magé e fomos lá e trouxemos praqui. Chegou aqui, ele gostou, tinha um barracinho aqui. Tomava conta pra esse moço que foi o primeiro dono daqui. E esse dono deu essa pra ele fazer e dividir com ele à meia também.

JOAO - É um terreno cansado.

P - Já tinham trabalhado aqui antes?

JOAO - Isso aqui há 50 anos atrás já era usado.

CLELIA - Aí ele veio trabalhar aqui, a gente se conheceu e casamos. Aí um dia ele me surpreendeu. Você sabe o que eu vou fazer. Eu disse: - o que é? Vou comprar esse sítio que o seu pai mora. Eu tenho dez mil cruzeiros; dez milhões naquela época. Aí o dono preferiu vender a prestação.

JOAO - Agora você conta que você com 8 anos você teve fratura do crânio.

CLELIA - Meu pai não tem filho homem. É só menina. Nós somos seis meninas. Ele escalou uma que tomasse conta dos animais. Porque eram 16 cavalos. Esses 16 cavalos era tudo tratado com ração, na hora certa. Num podia deixar de tratar porque ele num gostava. E quem tinha coragem pra lidar com os animais era eu.

Eu saía de manhã cedo seis horas da manhã pra botar os animais que era pras sete horas eu já sair pra outro serviço. Aí eu achei mais fácil, peguei e coloquei uma corda na boca do cavalo e montei. Fui campear os outros. Mas meu pai tinha me avisado que eu não montasse aquele cavalo que ele era bravo, era novinho e podia me machucar. Mas eu não tinha outro na hora. Eu peguei aquele mesmo. Aí entrei numa capoeira, naquele trilhozinho, tinha um galho de jurupira e pegou no queixo do cavalo, no cabresto. Aí a estaca dele suspendeu, bateu na minha e eu caí. Era uma pirambeira e eu caí dentro de duas partes de pedra e minha cabeça bateu na ponta de uma pedra. Aonde cortô e entrou. Aí eu fiquei assim com as pernas pra cima. Ali ficou uma lagoa de sangue. Ali eu fiquei das seis da manhã às três da tarde.

P - Ninguém sabia?

CLELIA - Ninguém sabia. Todo mundo foi trabalhar. Fiquei descordada lá e o cavalo ficou logo na frente. Não andou mais, ficou lá paradinho. Aí Deus ajudou que eu levantei, consegui levantar e eu vi aquele monte de sangue. Aí passei a mão na cabeça, num conseguia nem encostar a mão. Eu tenho o sinal até hoje no osso. Aí eu saí daquele lugarzinho difícil e saí pelo mato procurando. Quando deu cinco e pouco da tarde eu tava saindo do outro lado e aí eu escutei gente gritando pelo meu nome. Fui ver era minha mãe. Quando ela me viu eu já tava toda coberta de sangue, porque continuava saindo sangue. Aí cheguei em casa, ela correu, foi lá no fogão de lenha. Ela pegou aquela brasa de lenha. Socou ela todinha, acesa dentro de uma lata pegou um macedo de alfavaca.

P - A cinza do fogão?

CLELIA - Não. A brasa. Pegô a alfavaca, lavou e socou. Jogou aquilo tudo junto e continuou socando com o soquete de feijão. Aí fez aquela papa, aquele sumo grosso e aí foi em cima do corte e colocou. Aí no outro dia, tornou a colocar outro. Aí foi tirando e colocando. A-

CLELIA - ...quilo foi cicatrizando, fechando. Aí depois de 15 anos, que aconteceu isto, eu trabalhava em Copacabana. Eu estava estudando, e passei mal na sala. Minha visão atrapalhou e eu não vi a professora. Aí ela sentiu que eu não estava bem e perguntou: - "Clélia, o que está acontecendo." Eu disse: - olha eu não tô me sentindo bem, não. Qualquer coisa tá acontecendo comigo". Ela disse: - "você tá inchando seu rosto. Vai embora" Aí me botou na mão do porteiro e ele me levou em casa. Nesse dia não tive noção de nada. Abri a porta do quarto deitei e fiquei lá. No dia seguinte, a madame foi me procurar, porque o café costura todo dia tá na mesa aquele horário. Tentou falar comigo e eu não escutava. Quando ela conseguiu arrombar a porta, perguntou o que estava havendo comigo. Aí eu disse: - "Eu tô sentindo um peso na cabeça e simplesmente num tô vendo direito. Aí me levou pro Souza Aguiar. Uma junta médica me atendeu. Logo, juntou uns quatro e começaram a fazer perguntas. Aí eu me lembrei do tombo e fui contar pra eles. Aí, depois que eu contei, ele falou: - "tavam começando a te assar, né?" Aí eu disse assim: - "picava alfavaca junto" Aí ele: - "Ih! tempero de boa galinha, carne de gado". Aí ele pra mim: - "num colocaram sal, num lembraram de colocar sal?"

JOAO - Quer dizer, era a maior gozação. Tinha um médico que era de Campos.

CLELIA - Aí quando eu dei meu nome, ele disse: - "É de Campos?" Eu disse: - "Sou, sim senhor" Ele aí me abraçou e chamou os outros e disse: - "vem cá pra ocês ver o artigo de Campos que veio pra nós".

P - Mas a sra. estava falando normalmente?

CLELIA - Falava, mas num via. Aí ele disse pra mim assim: - Olha você vai ficar aqui 8 dias. Se você levantar dessa cama, você pode morrer de outra doença, desse machucadinho num morre mais. Aonde foi o machucado?" Eu disse assim: - "foi na cabeça". Ele levou a mão e chamou outro médico e falou:

- Você já viu fratura no crânio ter salvação? O outro disse assim: - Num é fratura no crânio" Aí rasparam a cabeça, e bateram a chapa. Deu a fratura na chapa. Fraturado em cruz.

P - Mas a sra. diz que ficou mole no lugar da cicatriz?

CLELIA - Até hoje é mole.

JOAO - Agora, veja tem o que que tem a propriedade do carvão. É a potassa só e a alfavaca.

CLELIA - Olha aqui. Isso aqui nesse dedo meu aqui. Isso aqui foi arrancado de fora a fora num engenho de farinha. E foi curado somente com brasa de carvão socado. Eu nunca tinha ido ao médico.

P - E o tratamento deles, eles operaram?

CLELIA - Não chegou a operar. Aplicaram infecção. Tomei remédio pra mais de seis meses. Aí eles me avisaram pra mim ter cuidado com al-

CLELIA - ... guma queda, que eu podia piorar caso dê outro choque. Eu tenho problema de coluna. É todinho proveniente dessa queda que eu tive. Aliás, depois fomos atropelados, nó? Sofremos uma batida de ônibus, mas nunca teve problema assim na cabeça.

P - Quem usou esses remédios foi quem, foi sua mãe?

CLELIA - Foi minha mãe.

P - Como que ela sabia desses remédios?

CLELIA - Tinha um sr. lá em Conceição de Macabu por nome de José do Porto e ele era espírita. Esse José do Porto, ele avisava, ele ensinava, ele dizia à minha mãe. Ele gostava muito dela. Explicava pra ela os remédios que ela devia tratar a gente. Inclusive eu com 16 anos ainda não era moça formada e ele passou chá de alfavaca. Diferente do outro da cabeça. Mas minha mãe chegou em casa, descuidou o eu também não dei atenção aquilo. Mas ele ensinou pra minha mãe quando a gente levasse corte, que a solução pra cicatrizar e fechar e cortar hemorragia é o carvão virge. Virge é ele aceso, na brasa.

P - Mas coloca na água?

CLELIA - Não, o sumo da alfavaca é que apaga ele. Aí com o tempo que você tá preparando ele che a o ponto de colocar no fermento.

P - Quer dizer que foi ele que ensinou?

CLELIA - Eu tinha um único irmão meu que tinha 8 anos de idade e ele criou uma frieirinha no dedinho do pé.

MP-10 - Lado 1

CLELIA - Aí aquela frieirinha nunca cicatrizava. Sempre coçando. Um dia ele disse pra mamãe assim: - "olha mamãe eu num tô me sentindo bem dessa frieira, que que a senhora vai fazer?" Aí mamãe disse assim: - "eu vou cozinhar um chá pra você banhar ela com canho de ar-nica com erva de bicho, mas o tempo foi passando e ela num fêz.

P - Erva de bicho - é aquela que dá no brejo.

JOAO - É a erva grossa.

CLELIA - Erva de bicho não dá no brejo. Aí minha mãe no dia não fêz. Quando foi assim lá pro lado das oito da noite, ela tava com sintoma de morrer.

P - Como é que era o sintoma?

CLELIA - Ele tava roxeando. Enrolou a linguazinha, já num falava mais. Aí minha mãe levantou e gritou pelo meu pai e disse: - "nosso filho tá morrendo, malaguim, - o apelido do meu pai -" Aí meu pai saiu montou no cavalo e foi. Quando ele chegou na porta do Zé do Porto, que era nosso médico, o que nós tinha era ele. Quando ele abriu a porta ele disse assim: - "Oê veio fazer o quê?" Imagina o que que eu vim fazer? Ele disse: - "não, pelo que você veio fazer, você pode voltar pra casa que ele já morreu" E meu pai disse assim: - "Já morreu? Meu filho já morreu?" - "Já está morto, pode voltar pra casa. Num preci-

CLELIA - ...sa vim mais. O banho que eu mandei fazer, você num fez. Quando você chegar em casa ele já morreu, num há mais jeito.

Aí meu pai pelo mesmo pé voltou pra casa. Quando chegou em casa ele tava terminando de morrer. Aí foi aquele desespero. Porque era um irmozinho só que a gente tinha. Aí foi aquele sufoco louco da gente. Minha mãe logo pegou a dizer: - "vou me mudar daqui." Daí pra cá qualquer coisa que saía no nosso pé ela tratava. Hoje nós temos aquele conforto de ter umabota, né? Porque hoje tá ruim, mas eu ainda consigo comprar bota pros meus filhos. e a gente ainda se livra do mal, dos micróbios, que decerto é algum micróbio que transmite na gente.

JOAO - Foi tétano.

CLELIA - Mas, naquela época nós num usava calçado. O dinheiro que meu pai ganhava num dava. De jeito nenhum. Num dava pra calçado, num dava pra roupa. Num dava pra nada. Era simplesmente a comidinha de pobre mermo e criando galinha e tendo muita coisa da roça pra se valer. Porque, do contrário num dava mermo pra entender. Era tudo difícil. Pior do que hoje.

JOAO - Porque a gente tinha a mercadoria, mas num tinha a quem vender. Os vizinhos num compravam porque eles tinham também a mesma coisa.

P - O lugar que podia vender era longe?

JOAO - Distante e sem caminho. Só na costa do cavalo, no lombo do burro.

CLELIA - A distância de mais de 18 km.

JOAO - E num tinha a população que tem hoje.

CLELIA - É hoje tem mais, tá demais.

JOAO - Hoje a fome tá aumentando. Olha naquela época deveria ter 60 mil habitantes; hoje tem 120. Quase o dobro.

CLELIA - O meu garoto mais novo teve hepatite. Foi curado com a erva daqui de dentro.

P - Qual foi a erva?

CLELIA - Picão e gervão roxo.

P - E a sete sangrias? A sra falou que usa pra quê?

CLELIA - A sete sangrias é pra negócio de cólica de intestino. Disenteria, diarreia. Hoje o médico diz que é desidratação, mas essa ervazinha cura completamente se a pessoa fizer o chá da erva. Arranca com raiz e tudo. Lava bem lavado. Vai no fogo, faz aquele chá e dá à criança. Uma colherzinha de chá de 3 em 3 horas. No fim daquilo ela cura completamente. Cura mermo. Às vezes muitas pessoas não acredita na erva. Mas eu mesmo aqui. em casa é gervão roxo, é carqueja. Carqueja eu adoro aquilo. Pode comer o que quiser. Você tomou uma dose de carqueja, pode comer o que quiserbeber e a bebida num é problema não. Aquele ali resolve mesmo. O João ficou tom, ele tinha uma mancha nas costas que ainda tem até hoje. Ainda tá uma sombra, ainda, mas num

CLELIA - ... é a metade do que a que eu conheci.

P - Que sombra?

CLELIA - Uma sombra assim... uma mancha branca em cima do lugar que ele sentia dor. Depois do parqueia, você olha ele que você num vê mais forte diferença. Você vê uma coisinha à toa que se ele tomasse mais ela tava terminada.

P - Não sente mais dor?

CLELIA - Não, agora ele num sente mais nada, não. E a saúde nossa foi outra, depois que a gente veio pra roça. O sr. conhece a Dra. Zelia? O sr. se informa com ela sobre a saúde dos meus filhos, para ela te explicar. Eles estão na casa da tia.

P - Aquela cana, que a sra. falou que serve pra remédio, qual é a utilidade dela?

CLELIA - Aquela cana ericula é pra mulher que tá perder a criança. Se a pessoa está com hemorragia. Pra maria, aborte, pras senhoras que tem inflamação no útero, no ovário. Ih, é boa mesmo.

P - Como é que usa?

CLELIA - Ele é tirado, socada. Bate ela bem batida, a propria cana com folha e tudo, porque ela é pequenininha. Ela num cresce, mas é uma delícia pra se chupar. Então você pega uma caninha, raspa e lava as folhas bem lavadas, seca bem socada com raiz e tudo e coloca na água fervendo e abaixa no fogo. E aquele chá dá continuidade. Aquilo tira tudo de ruim que tiver. É um santo remédio. Ela é boa mesmo. Agora nós temos também um excelente remédio pra bronquite, asma, né. Que é o ongoço de banana prata. O umbigo. Você fazendo um xarope e dando à criança, num tem nada que fica no pulmão da gente. Tira tudo. A flor do ramão macho é bom pra bronquite, mas é mais aconselhável pra pessoa que está com um resfriado forte, que num quer ficar bom. Aí a pessoa faz um chazinho com a flor dele, junto com a flor do mal-me-quer. O mal-me-quer tanto dá amarelinha comoda vermelha. E a vermelha, ela tem um pé bem roxo. É mais forte, sabe? Aquela florzinha dela é boa pra gente fazer xarope também. O xarope é uma delícia.

P - É picurã, a sra. conhece picurã?

CLELIA - Eu conheço. Picurã é bom pra esses problemas de perda de sangue, né.

P - É picurã, a sra. tira de onde?

CLELIA - Eu desmanchei o meu fogão de lenha, mas eu vou fazer outro que eu não consigo ficar no fogão de gás, não. Mas lá em cima tem um fogão. É onde eu tiro o picurã.

P - É a sra. usa pra quê?

CLELIA - É pra esses casos de perda de sangue. Eu sempre arrumo pra quem me pede.

P - É como é que usa? Como é que faz com o picurã?

CLELIA - O picumã é colocado no café, pra pessoa tomar. Pega o picumã do jeito que está ali em cima, que ele costuma ficar pendurado. Só aquele que tá pendurado. E põe no café que ele dissolve todinho. O café é sem açúcar.

P - Agora o calmante que a sra. conhece, qual é? Pra quem tá com insônia.

CLELIA - Pra quem tá com insônia eu gosto muito de usar uma erva doce ou um chá de canela.

JOAO - Esse capim limão também. A erva cidreira.

CLELIA - O capim limão também uma beleza. A erva cidreira é um colosso. Tomar de manhã, em vez de tomar um copo de café, você toma a erva-cidreira, a pessoa fica com outra vida. É bom pra tudo. A gente dorme bem. É uma maravilha.

P - E o jacatã? A sra. falou que fazia chá. Como é que é?

CLELIA - O manão jacatã é mais aconselhável pra nós fazer aqui na roça a bica e tomar aquela água.

P - Como fazer a bica?

CLELIA - A gente pega aquela árvore e corta. Ele é ôco por dentro. Uma vez por ano você troca aquela bica. Aquela água é completamente diferente. A água fica gostosa. Fica sadis, pura. Aquela leite que ele solta no pé, ele mata qualquer tipo de micróbio que tiver na água.

JOAO - Parece que o chá é bom pra mordida de cobra.

P - Engraçado que a jararaca estava perto dela.

CLELIA - Agora como a alfavaca pequenininha num existe não. Mundial. A mesma que usou pro corte da cabeça. Pra mordida de cobra, eu te digo com certeza que isso aconteceu na minha casa aqui. Um surucucu picao de jaca pegou na mão do cavalo nosso aqui. Na pata da frente. E aquilo ali inchou violentamente. Ai uma senhora que é bíblia... Ela foi espírita e agora é bíblia. Ela é daqui mesmo. E essa dona ensinou a meu pai e disse: - "Olha, seu Manuel, eu sou crente e num posso tá me metendo nessas coisas. Mas vou ensinar o sinhô. O sinhô vai lá no sítio, arranca as alfavacas que você tiver lá no quintal. Soca todinha e faz um litro de garrafa cheio daquele sumo e vem correndo pra nós dar uma garrafada pra cavalo. Meu pai saiu correndo. Ai nós fomos correndo ajudar a botar a garrafada na boca do animal.

P - Quanto tempo demorou pra dar o remédio?

CLELIA - Depois que ele foi mordido levou 40 minutos.

P - Só pra tomar?

CLELIA - É, só pra tomar. Depois de 15 minutos que tinha tomado o remédio, a gente ficou ali encostado em volta do cavalo. Ai começou a sair todo o líquido da cobra. Aquela líquido amarelo saía pelo olho, pelo ouvido, pela pata, naquele casco. Saía nos fios de cabelo. O cavalo ficou todo amarelo. O cavalo era branco.. Coisa feia mesmo.



CLELIA - ... Até no cabelo dos olhos dele. Pinguva.

P - Mas como é que o cavalo estava antes de tomar o remédio?

CLELIA - Num andava mais e a cabeça arreada no chão, encostada a boca no chão.

P - E o local da mordida?

CLELIA - O local ficou completamente inchada a parte e tava tudo deformado.

P - E ele estava soltando sangue?

CLELIA - O cavalo? Soltava sangue. Aí depois que aplicamos o remédio, aquilo foi evitando o sangue e começou a sair o tal líquido amarelo, que eu tou lhe dizendo. Aí a própria dona disse: - "olha, agora vou te pedir uma coisa, seu Manuel, o sr. aluga, paga aí a um cara, manda roçar essa área todinha pra procurar onde tá essa cobra?" Aí um rapaz pegou uma empreitada e foi roçar. Aí encontrou no lugar que ela mordeu. Ela tava toda rodilhada assim. Ela tinha uns treze palmos de comprimento. Era surucucu pico de jaca. Aí eles mataram a cobra.

P - E esse cavalo ficou vivo?

CLELIA - Esse cavalo é vivo até hoje. Depois disso meu pai vendeu.

JOÃO - Esse gatinho que nós temos aí.

CLELIA - Deize eu contar essa história. Passado mais ou menos um mês que meu pai tinha vendido o cavalo, um cara veio aqui procurando, querendo comprar por quatro mil e aí meu pai se arrependeu de ter vendido o cavalo. Eu tenho esse gatinho amarelo aí, que vive sempre dormindo aqui dentro. Esse gato eu num dou, num vendo, num judio, num gosto nem que fale em desfazer dele. Esse gatinho brigou com cobra coral, brigou e conseguiu matar a cobra. Ele engoliu a cobra.

P - Qual a tamanho da cobra?

CLELIA - Era pequena. Era preta, vermelha e branca. Ele levou uns três dias surtidos e eu: - "cadê meu gatinho, onde anda ele? Se ele viesse pra casa era tão bom!". Nunca mais que ele vinha. Quando foi um dia, vinha uma freguesa, uma moça que trabalhava aqui pra gente de empreitada e ela me chamou e disse: - "D. Clélia, ali em baixo parece que tem uma pessoa gemendo". Cheguei lá tava aquele gemido igualzinho gente, com a maior perfeição. Aí eu saí procurando dentro do mato e encontrei um vomitado com a cobra. Eu disse: - "Pronto! Pegou meu gato. Aí ele tava arriado dentro do mato, num andava e eu fiquei triste.

P - Ele tava ferido?

CLELIA - Ferido, jogando aquela salmoura da cobra. Aí chamei ele e começamos a rezar nós dois. Eu disse: - "Vamos, João, vamos rezar que ele vai ficar bom". Aí começamos a rezar e ele trouxe aqui pra casa o gatinho. Nós demos sumo de alfavaca socadinha a ele, uma colherinha. Que a alfavaca tem esse problema. Se você repetir, ela mata. O animal morre. Inclusive nós também. Se for mordido de cobra uma pessoa.

CLELIA - ... e tomar uma colherinha de chá e depois tomar outra dose, fecha. Que aí dizem que o veneno dobra, sei lá o que é. Eu só sei que ele num faz bem não. Aí salvamos elezinho.

P - Com alfavaca.

CLELIA - Com alfavaca também. E a gente rezamos, pedimos muito a Deus. Aquela fé todinha. Aquilo ali ajudou a curar elezinho. Graças a Deus.

- x -

P - Como é que a senhora controla os ovos das galinhas?

CLELIA - Eu controlo assim. Eu coloco eles na lua minguante. No final da minguante. Quando dá 21 dias a lua já está na crescente. E no crescente, os ovos estoura tudo igual, só mesmo tempo.

JOAO - Ao mesmo tempo, tira tudo de uma vez.

CLELIA - Tira tudinho de uma vez. Num falha não. Se o sr. põe 18 ovos, sai 18 pintinhos e se você colocar pra tirar na lua minguante, falha.

JOAO - Os pintinhos não nascem direito, morre. Morre antes de sair.

CLELIA - Num é morrer. A casca endurece. Ele pode formar dentro do ovo, mas num consegue estourar.

P - As galinhas, deixando por conta delas, o que acontece? Quando a sra. não controla os ovos? Se a sra. deixar a galinha abandonada e deixar como é que fica? Ela choca na lua certa?

CLELIA - Choca no tempo certo. Se ela colocar no mato, que aqui já aconteceu. A gente nem sabe onde ela está chocando. Elas some aí no mato. Quando vê ela vem cheia de pintinho. Aí, à tarde eu acompanho ela e ela vai direto ao ninho. Aí eu chego lá; se é lua boa só está as cascas. Se ao contrário é minguante, tem 2, 4, 6 ovos que não tirou.

P - Quer dizer que só tem essas duas situações. Ou sai na lua minguante ou na crescente? E na outra lua, se sair na outra lua, por exemplo, lua cheia.

CLELIA - A lua cheia é a melhor que tem pra tirar. Da nova até a cheia a qualquer dia que estorar é ótimo. Agora se estorar da cheia pra minguante já falha. Nós aqui nem vacina a gente usa. A gente usa aqui é limão todo dia na água. E as galinhas num tem problema nenhum.

JOAO - É difícil dar essa peste bubônica. Que chamam de caroço de galinha.

P - E madeira cortada em qualquer lua, pode ser?

JOAO - Nós, por exemplo, temos na nova. Essa madeira tirada na lua minguante num dá bicho. Agora se você tirar ela na cheia ou da nova até a cheia, já dá com facilidade o bicho. Essa casa, por exemplo eu fiz em 1976. Essa madeira do telhado está totalmente perfeita.

P - E o sr. fez em que lua?

JOAO - Todinho na minguante. Ela num tem bicho porque quando tem sai aqueles pozinhos.

PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR

Fl. 76

PROGRAMA FEFPE - 32.7

COORDENADOR: DOUGLAS CARNEIRO

RELATORIO DE ENTREVISTAS FITA MP-10/11

INFORMANTE: MOADIL MARTINS/JADER MORENO WILMAN (M-9)

LOCAL: PARRISO - QUAMPIMIRIM (RJ) 8º distrito de Magé (RJ)

Data: 20.2.60

P - Como é seu nome?

MOADIL - Moadil Martins.

P - Quando você nasceu?

MOADIL - Nasci no dia 22 de setembro de 1940.

P - E onde é que você nasceu?

MOADIL - Nasci aqui mesmo, no Paraíso.

P - E você sempre morou aqui?

MOADIL - Sempre morei aqui.

P - E você trabalhou fora.

MOADIL - Trabalhei muitos anos fora.

P - E com que idade você começou a trabalhar?

MOADIL - Eu sei daqui, eu tava com 17 pra dezoito anos.

P - E você foi trabalhar em quê?

MOADIL - Fui trabalhar na Petrobrás de ajudante de carpinteiro. Depois fui trabalhar em serra circular. Trabalhei no Mercado Ideal em açúcar. Ali eu pegava de meia noite ao meio dia. Aí me casei ali e construí família.

P - E morando onde?

MOADIL - Morando sempre em Caxias. Trabalhei na Brahma. Fui morar em Fia-betá

P - Mas porque você voltou pra cá?

MOADIL - Voltei pra cá porque tomei um tombo trabalhando.

P - Trabalhava em quê?

MOADIL - Eu estudei. Fui fazer o Senai e tirei o diploma de montador de estrutura metálica.

P - Você estudou até que ano?

MOADIL - Estudei até o primário. Depois fiz o Senai. E fui trabalhar na profissão. Eu era ajudante de montador. Aí fui pra Belém do Pará, São Luís do Maranhão, Teresina, Brasília, Anápolis, Goiás, São Paulo. Muitas vezes ali na Chevrolet. Fizemos dois galpão. Um galpão, inclusive, que nós fizemos, foi o maior que eu montei até o presente momento. E nisso então eu fui trabalhar numa estrutura daquela passarela em Fia-betá. Foi onde eu me quebrei. Cai de cima daquela estrutura em cima da linha. Aí tirei a coluna do lugar, descolei duas espinhas do lugar.

P - Você já soube de alguém mordido de cobra aqui no Paraíso?

MOADIL - Esse menino da barraca que foi mordido três vezes num lugar só da mão. Aquela cobra verde.

- P - Que remédio que ele toma?
- MOADIL - O remédio que deram pra ele aqui foi cabeça de macuco raspada.
- P - Como é que faz?
- MOADIL - A cabeça é seca. Quando a gente mata o macuco, sempre costuma guardar aquela cabeça. Então a cobra mordeu, a pessoa raspa aquela cabeça de macuco e bota na água. Raspa com um canivete ou uma faquinha assim. Aquele pó dele dentro de um copo de uma coisa assim, bota água e toma aquilo. Acabou o veneno.
- P - O sr. andava também com a cabeça do macuco?
- MORENO - Ah, andava. Todos nós tínhamos cabeça de macuco.
- P - E o sr. já viu alguém ser mordido e ser tratado com aquilo?
- MORENO - Não, nunca vi. Mas sei que eles tratam assim.
- P - E eles afirmavam que funcionava?
- MOADIL - Tanto funcionava que esse rapaz da barraca na última vez que a cobra mordeu ele quase que balançou. Se não é ele correr aqui e chamar meu pai. Mas meu pai num tinha e aí levaram ele lá pra reta 53. Lá rasparam a cabeça do macuco e deram pra ele. O veneno já tinha ultrapassado.
- P - O que que acontece quando uma cobra dessas morde? Como é que a pessoa fica?
- MOADIL - Ah! começa a pessoa.
- P - Começa a sair sangue?
- MOADIL - O que saíra a pessoa é o surucucu pico de jaca.
- P - Aí começa a sair sangue pelo corpo?
- MOADIL - É, nos dentes, no cabelo, até nos olhos da pessoa.
- MORENO -- Jararaca, também.
- P - Você já viu alguém assim? Você já viu alguém saindo sangue?
- MOADIL - Já. Um senhor. Tese antes de ser socorrido morreu. Mordeu no meio do mato. Ele cagou. O falecido Braulio. Foi picado por jararacuqu, dentro da cocô da bananeira. Ele aí matou a cobra e fez um remédio com o fígado dela. Mas num conseguiu nada.
- MORENO - É muito usado aquela fígado. Eu já vi fazer isso também.
- MOADIL - Falecido tio João, lá naquela reta lá embaixo, aonde era a roça do meu pai antigamente, a jararaca mordeu ele de noite. Ele matou ela, tirou o fígado, comeu, coçou o resto da noite, chegou em casa de manhã cedo com aquela cicatriz da cobra na perna que tinha mordido. Ele falou, ninguém acreditou e num aconteceu nada.
- MORENO - Uma vez ele enfiou o arpão de caçar paca na barriga. Ele mesmo com um facão, cortou a barriga e tirou o arpão. Aquele era um touro! Fez um tuciro na barriga e não morreu.
- MOADIL - Daí uns 3 dias que foi ser medicado. Ainda assim mesmo porque minha avó ficou em cima dele. Ele botando óleo de capaita, botando emplastro.

MORENO - Óleo de copaíba também é um remédio. Já vi muita coisa com óleo de copaíba.

P - O sr. viu muita coisa? Como é?

MORENO - Com esse negócio de talho, corte, essas coisas, dente sangrando, hemorragia...

P - O sr. viu as pessoas serem tratadas assim?

MORENO - Ah! Vi. Não foi uma pessoa só não. Várias pessoas.

MOADIL - Tu achou uma copaíba enorme.

MORENO - Aqui em cima? Meu Deus que era um senhor óleo. O tronco daquele bicho não era fácil.

P - Qual é a época de tirar o óleo?

MOADIL - Ah! Aquilo só começa a jorrar óleo morno quando ele tá cheio mermo.

MORENO - É tirado, batendo com o facão para ver o som que produz.

MOADIL - Lá a gente mete o trado, fura ele até o meio dele. Quando chegar no meio dele certinho, quando começar o trado a andar macio, pode tirar o trado fora que o óleo vem vindo.

MORENO - Aquela que dá aquela seiva roxa. Como é o nome?

P - O jatobá?

MORENO - Pois é, aquele eu vi com quem? Aquela o trado espirrava como daqui na roda. Eles levaram pouca lata. Tu sujei minha mão. Aquilo levou mais de mes entranhado, arroxado na minha mão.

MOADIL - Mas aquilo é um vinho tão forte que a gente num pode tomar um copo.

P - Por que não pode? O que acontece?

MOADIL - Dá uma reação na gente. Embebada tanto a pessoa que se tomar demais a pessoa arreia. Fica inchado, incha.

MORENO - Aquilo tem que ser dosado.

MOADIL - É um vinho forte pra caranha. É gostoso.

P - Qual é a dosagem que vocês costumam usar aqui?

MOADIL - Metade de um cálice. Caríssimo, aquele vinho.

MORENO - Aquilo é difícil, muito difícil.

MOADIL - Aqui dentro tem um, mas é um monstro. Em agosto eu vou tentar tirar.

MORENO - Esse que eles tiraram ele ainda deve estar vivo. Eles fizeram um toco e enfiaram no buraco.

MOADIL - Quando tira ele, que acabou o vinho. Enlatô o vinho tem enlatado, então a gente já lava a madeira preparada de casa. Assim uma madeira forte, ipê ou breúna. Então põe umzarrato e bota naquele lugar até ele firmar. Pode deixar que cria outra casca por cima. Já marca o sentido dele porque na outra ocasião que for furar ele de novo, daí a anos, tem que furar em outro lugar. Se fôr ali ele num jorra.

P - Como é aquela história do jacatá? O purgante que você faz?

MOADIL - O purgante do jacatá ele é raspado do pé. Porque ele dá um

MOADIL - ... leite. Então o sr. pega um facão, vai raspando aquela casca grossa. Tem um certo limite que começa a sair aquele leite. Um leite branquinho. A gente tem que botar em baixo uma biquinha de acordo pra tirar aquele leite. Aí chega de manhã cedo, o sr! vai lá tira aquilo e trás pra casa. Chega em casa pega um pano fininho e com ele, passa por um pano fininho pra coar, mas num espreme ele pra num sair aquele caldo preto. Aí pega aquele leite e deixa de um dia pro outro no sereno. Aí no outro dia é que dá aquela dose à pessoa que tiver enferma.

P - Mas como é que dá?

MOADIL - A pessoa tem que dar aquela dose à pessoa dentro d'água. Num pode ser fora d'água. Porque se der dentro d'água a pessoa panhando friagem num é problema, a pessoa pode panhar chuva, sereno, num tem problema. Agora se der fora da água e a pessoa panhar friagem, a pessoa incha. Incha até morrer. E se pegar ele e der o purgante dentro de 8 dias comar troço reimoso, troço pesado, feijão, esses troço assim, vai saber que a pessoa num vai aguentar. Vai bater mesmo as botas. Num tem jeito. Que ele é reimoso demais.

P - Qual é a quantidade do purgante?

MOADIL - Eu sei dizer que a quantidade dele é meio copo. E a pessoa tem ficar com água até o meio da cintura. Agora aquilo é pra curar impaludismo, esse amarelidão. Esse que a febre tifo dá e cria aquele amarelão nas vistas das pessoas. Tira também. É pro sangue. Depurativo do sangue, Anemia, pessoa que tem o intestino fraco. Que tá sempre ruim de barriga, que num indireita o intestino, que não funciona direito.

P - Como é aquele remédio que você falou que é bom pra corte?

MOADIL - A uricana. Da uricana pode usar da folha dela no talo. Tem que bater o talo dela. Bate bem batido com um pau em cima dela e espreme pra sair aquela água e bota em cima do talo. Corta logo o sangue.

P - Mas você disse que serve também pro matar o animal?

MOADIL - Bom, isso já é o animal. Agente tá caçando. O cachorro enfurrou uma cotia e você num quer caver. Corta ela, soca aquelas folhas dela. Bate até com uma pedra marmo, soca bem socado e urina em cima daquelas folhas e mete no buraco. Ali na fuma. Mete na boca da fuma, joga terra, pedra e tapa aquilo ali. E no outro dia, pode ir que o bicho tá morto na porta do buraco.

P - E você pode comer o bicho?

MOADIL - Ele. Eu tenho pegado vários bichos assim. Eu num covo bicho não. E o animal vem morrer ali, não morre lá no fim, não. O lugar que tem porco do mato, não se cria a uricana, ele come. Ele desbagaça ela, que ela dá desta altura, assim no meio do mato. O máximo dela é 80 cm.

MOADIL - ... O taiuiá o porco do mato também come. O taiuiá é uma espécie de pé de inhame, mas é um bicho que belisca, que queima.

P - Como é que é a frutinha do taiuiá?

MOADIL - A fruta do taiuiá é uma espécie de batatinha. Já a batata de purga ela dá uma espécie de araruta, tipo uma araruta. Aquilo bota quando o cachorro tá com tosse. Corta aquelas rodelinhas, igual sabugo de milho, fura e coloca aquela coleira no animal.

P - Quantas rodelas são?

MOADIL - São sete rodelas. E tiorra também o pedaço dela e faz aquele pó e dá ao animal no comido.

MORENO - Era muito usado antigamente.

MOADIL - Num pode dar muito, tem uma quantia. Agora a quantia eu num sei.

P - É tirado do talo.

MOADIL - Não. É tirado da própria abóbora. Fode deixar ela secar no sol. Depois torra ela bem torrada no fogo e soca ela. Faz aquele pó fino e bota na comido do animal, aquela quantia certa.

Ali em Modelo tem o indaguá. Não tem outro remédio pra animal aguada. Eu dei pra esse e achorro aqui. É uma frutazinha assim bem redondinha. Mas aquilo tem umsegredo. Ela tem uma casca igual à biscoita por fora. Quebra ela e tem aquele caroço molinho por dentro. Aquela é que é o essencial. A gente quebra e além de quebrar tem de abrir ela, no meio. No meio daquelas duas bandinhas tem duas folhinhas de um lado e do outro. Se torrara ela inteira e dar ao animal ou a pessoa mesmo, aquilo é um purgante. Até pra gente comer é bom. Limpa o intestino e tudo. Mas se comer com aquela folhazinha que tem por dentro dela dá ânsia no animal. Tirando aquilo pode torrara e dar ao animal. A gente pode comer e parece o amendoim. Se comer com a folhazinha dá ânsia, a pessoa desespera, dá falta de ar, dá aquela coisa, grita.

P - Você deu pro seu cachorro?

MOADIL - Meus cachorros tava com lepra, que andava até rasgando o couro.

P - Como era a doença?

MOADIL - Era lepra. Era aquela coceira que ficava coçando, envermelhando o corpo dele, tirando os cabelos.

P - E depois que você deu ao cachorro, sumiu a doença?

MOADIL - Ficaram tudo limpinho. Examine pra ver se tem alguma coisa. Num tem cheiro de nada e agora há pouco eu dei ao Aldebar também pra ele dar aos animais dele. Tavam tudo inficionados de lepra. Tão tudo ficando limpinho.

MORENO - Moadil, porque o curro quando come mandioca brava ele como barro?

MOADIL - O animal quando come a mandioca e ele sente que tá ervado ele

MOADIL - ... como o barro e corta. Só tem uma erva que o animal não cura; é a batata.

P - Você já viu isso?

MOADIL - Já vi.

MORENO - Aqui em casa mesmo, eu vi uma vez.

P - E aí recupera, seu Moreno?

MORENO - Recupera, corta. a ação do veneno.

P - Mas como é que o sr. sabia que era mandioca brava?

MORENO - Ah porque plantaram aí. Aqui era aipim, ali era mandioca brava.

P - E o sr. viu comer?

MORENO - Ficava com o pé assim, metia a boca assim na rama e puxava. Aí ele começa a se contorcer assim e coisa e tal. Foi ali, meteu o queixo ali no barro e comeu. Aí falei: - "Ah! vai comer barro". E comeu mesmo.

P - Quer dizer que o sr. já sabia que comia barro.

MORENO - Já. Ninguém tinha visto, mas as pessoas falavam.

P - E você sabia disto também?

MOADIL - Sabia e quando o animal tá ervado, tá assim com erva, essa terra que a formiga cava, do formigueiro, essa terra é a melhor garrafada que tem pro animal ervado.

MORENO - Dá na boca do buraco.

P - Como é que faz?

MOADIL - Tira aquela terra e enche uma garrafa. Bota água e sacode aquele barro vermelho, porque ali tá o veneno da formiga. Pode sacudir, se tiver uma formiga, mata e esfrega no meio do barro, que é bom. Aí põe o animal de cabeça pra cima, mete um pau na boca dele e desce aquela garrafada nele. Daqui a pouquinho ele tá jogando fora, acaba tudo.

MORENO - A formiga tira a terra e deixa em volta do buraco pra água quando chover, não infiltrar no buraco, né.

P - Moadil, você conhece picumã? O que é o picumã?

MOADIL - O sr. faz um fogo de lenha. Então conforme determinado tempo vai criando aquilo que se trata picumã. Se trata de cabelo de negro no fumeiro. Vai chuveando aquilo e então cria uns dedos pendurados, aqueles troços no fumeiro. Aquilo pra pessoa envenenada é bom. A pessoa corta o pé, se um machado paga em cima do pé e num tem jeito de botar uma coisa pra estancar, corre lá tira um pouco de picumã, mete aquilo na mão, bota em cima e aperta. Estancou, varrou um pano, pronto. Aquilo amarga!

P - Você já tomou aquilo?

MOADIL - Já tomei. Já experimentei aquilo numa ocasião. Botar aquilo num pouquinho d'água. A água fica igualzinho um café tinto. Tomar aquilo é o mesmo que tomar o pau pereira. Aquilo amarga igual fel.

P - Mas você falou que usa pra pessoa envenenada também.



MOADIL - Pra pessoas envenenadas também. A pessoa que toma um veneno qualquer, se correr logo, imediatamente, tirar aquele suco dele, bater bem batido, e der uma colher pra tomar, aquele mucado numa lata, e botar na boca da pessoa e a pessoa conseguir engulir aquilo, corta. É igual leite pra veneno. O detalhe do picurã é uma coisa tão importante que aquilo é nascido por natureza.

P - E demora muito pra se formar?

MOADIL - Não, ele num demora. Depende de continuar com o cultivo, com o uso dele. Que aquilo pega tudo quanto é espécie de madeira. Pega madeira medicinal, pega madeira ruim, pega madeira boa, madeira venenosa e tudo contém. Casa que tem fogão de lenha num dá cupim dentro de casa de jeito nenhum. Nem barata nem nada disso. As madeiras ficam envernizadas com a fuligem. Ainda mais se queimar o camarã.

P - Como é que é o camarã?

MOADIL - Só o sr. vê a lenha do camarã, o cheiro, o perfume.

MORENO - Um trilho enterrado se estraga, mas o camarã não se estraga não.

MOADIL - Quanto mais velho mais ele dura.

P - O sr já observou isto?

MORENO - Já. Ih! Essas cercas velhas do tempo da escravidão, a gente encontra aí e encontra arame farpado também ainda novo.

MOADIL - Colado nele. É a mesma coisa que o sr. fizer uma construção e colocar o vergalhão dentro do cimento. Ele não estraga. Ele conserva direto durante os anos.

MORENO - De vez em quando a gente se deparava com uma cerca dessas do tempo da escravidão, no meio do mato. Caía lá adiante e lá tava o camarã e o arame farpado novinho.

MOADIL - E o camarã em vez de secar ele enverdece. Pode enterrar ele seco que ele fica verde. Dentro do brejo, em poucos dias, ele fica verdinho.

P - Mas num brota, não?

MOADIL - Não. Só brota quando é raiz.

P - E sucarã, você conhece?

MOADIL - Sucarã? Conheço. Uma banana. Aquilo, inclusive, o extrato moído daquilo é pra passar em cabelo. Pra nascer cabelo. Porque meu irmão ele era calvo e conseguiu usando aquilo. A calvície parou.

MORENO - Essa outra coisa que passa no cabelo

MOADIL - Bahaca.

MORENO - Aquilo é muito bom pra cabelo também. Eu acho aquele negócio se fizer experiência pra câncer, essa coisa é muito capaz de dar bom resultado.

P - Porque você tá dizendo isso?

MORENO - Num sei, porque antigamente eles usavam essas coisas pra doença da pele. Usavam, esfregavam na pele. Mas eu vi muita gente fazer is-

MORENO - ... so. E curava. Se passava e deixava secar. Mas é muito bom pra passar também no couro cabeludo também por causa da casca.

P - É o jacarã-coniolo você sabe pra que se usa?

MOADIL - Aquilo é uma madeira que até parece apimentado. Até ele queimando, tem um cheiro assim de pimenta e a casca daquilo diz que é bom pra infecção da pele. Diz que é bom pra fazer o banho. Mas a casca verde, cozinha e toma o aquele banho, pra esse problema de pano, aquelas manchas no corpo. Pra tirar sardas do rosto, diz que é muito bom. Agora eu nunca vi usar.

MORENO - Tu já usou a água do pau. Botava no fogo. Teodoro até que me mandou. Tu teve com esse braço com uma alergia desgrenhada.

MOADIL - É isso. Botar ele no fogo. Na hora que ele começa a sair aquela água e começa a espumar. Serve pra botar na inguagem. Ele dá um cheiro ruim. Aqui, inclusive, uma ocasião foi procurada até a casca desse caribá. Mandou tirar muito daqui.

P - Quer mandou tirar?

MOADIL - O laboratório.

P - Você conhece brucutu?

MOADIL - Teve uma época que andaram cortando muito pra temanceria. É uma madeira leve. Esse tabaco acabou. Antigamente a coarana servia pra quê? Era pra palito, né? Então praticamente acabou. Aí começaram a tirar outras madeiras. Tem uma outra aqui em cima que se chama ari-chichá. É o mesmo tipo de madeira.

P - Como é o nome daquele curador?

MOADIL - Manoel Narciso.

P - Qual é a reza que ele fazia pra cair a lagarta do mandicó?

MOADIL - O início ele dizia assim aquelas palavras alto. "Ele gritava sempre: - "O fruto que seria derrubado, seria construído; quem plantou volte a colher". Depois começava a falar sozinho.

P - É aí o que acontecia com o mandicó?

MOADIL - A lagarta que deve era uma imensidão. Quando elas comiam aquilo chegava a estalar. Então ele ia rezando e aqueles bichos iam caindo. Se tivesse uma água qualquer, você chegava lá no outro dia, aquilo tava coalhado de lagarta. Ali morria tudo. E esse Manoel Narciso era um sr. escuro, forte, muita visão, nunca gostava de calçado sempre andava de pé no chão, tinha os pés grossos, casados. Ele tinha os olhos vermelho bem escuro, cabelo branco. O maior rezador que tivemos por aqui. E depois disso tem o Miguel Felipe que é esse macumbreiro que tem aqui no 42. Ele fazia uma garrafada com vinho tinto ou moscatel. Pra mulher era vinho moscatel e pra o homem era o vinho tinto suave. Então ali ele colocava várias partes de plantas. Inclusive a raiz do patyara ele colocava, o arvão preto, a luta preta, a raiz ou o caroço dessa fruta. Esse jurupê ele usava. O guiné, ele colocava um pedacinho da raiz. O guiné preto. Um prego velho enferrujado

MOADIL - ... do. Aí ele botava noz moscada, pessegada, cravo de doce. E ainda tinha uma pontinha de queijo, uma coisinha mínima. Ele enterrava aquela garrafada e deixava sete dias. E aí ele, depois de sete dias ele mandava tomar. Agora tem um detalhe de um outro macu-beiro aqui. O falecido Clarino, funcionário também da Ceda. O Alci-ro, um garoto com idade de seus doze anos, ele teve um problema que foram seis homens pra pegar ele dentro de casa. Ele conseguiu pular por cima da casa, pelo teto e foi pro meio do mato. Só encontrou e-le no outro dia. Encontraram aqueles espinhos cravado no corpo dele. Quem foi dá conta do problema dele e botou ele bom até hoje; pode se dizer que foi no centro da macumba do seu Clarino.

P - E remédio pra calo?

MOADIL - É cortar o calo, tirar aquela casca grossa dele e de noi-te molhar um pouquinho de pólvora, colocar em cima e zarrar, deixar amarrado, dormir com aquilo amarrado ali. Aí ele vai soltando. Agua le ácido da pólvora vai comendo aquele troço. Quando chega no fim fica aquela pele fininha. Quando começar a ferir, que começar a ar der, aí tira.

MORENO - Mas muita gente toma cá de alvista.

MOADIL - É pra verme. Aliás pra verme não. Pra solitária. É a semen-te de abóbora. Ferrar e comer aquela farinha dela. Fazer que nem a papoca pra comer. Aquilo é bom pra quem tem a solitária. Sai intei-ra.

P - O sr. já experimentou?

MORENO - Já experimentei. Eu não sei quantas sementes são. E também bota um urinol com leite, pela metade. Ele sempre sai. O sogro de I ara botou a solitária assim.

MOADIL - Até uma menina em Riabotá, essa garota andava ruim, rapaz, magrela, toda esquisita, comia que só uma coisa, comida não chegava. Tudo que você botasse numa mesa, podia sair do baixo, que ela comia. E nunca sentia a barriga cheia. Então uma macumba, D. Antônio, fi-lou que ela tava com solitária. Então tem esse remédio pra ela: a semente de abóbora com o leite no urinol. Aí ela botou. Eu sei di-zer que o tanto que eles contaram... Acho que deu 8 metros.

P - E como estava ela antes de tomar o remédio?

MOADIL - Tinha a pele amarela, magrela. A garota hoje em dia tá u-me garota forte, acabou mesmo aquele troço. Ali no Hospital do Sar-vidor do Estado tem uma mulher que a solitária foi tirada com semen-te de abóbora mesmo. Eu sei que essa garota botou foi muito. Por ig-so que eu tenho raiva do macarrão talharim. Parece demais com aqui-lo. Todo cheio de juntinha. Tomei um nojo do tal do macarrão. Ela tem aqueles gomosinhos diferentes distantes um do outro.

P - Moadil, como estava aquele seu afilhado quando estava doente?

MOADIL - Tava amarelo. Tava meio esverdeado. Os lábios dele tava

MOADIL - ... verde . Os pés inchados, as mãos. Tudo inchado. Ele veio assim do hospital. E os médicos desenganaram. O médico dizia que não tinha jeito. Chegou aqui, meu pai inventou de fazer essa garrafada e mandou eu continuar dando aquele remédio. Foi uma só que fez. Todo mundo achou incrível como aquele garoto se salvou. Depois disso minha sogra levou ele no hospital e disse:

- Esse é o garoto que o sr. desenganou. Praticamente o sr. falou que ele ia morrer.

Foi lá pegou a ficha dele, procurou ver se era ele verme.

- Escuta esse garoto é um que teve aqui assim com uma doença no sangue, que ele teve com o sangue destruído. O sangue tava virando água.

Aí o doutor quis saber que foi que ele tomou que ficou bom. Aí minha sogra falou e ele quis saber quem era esse homem. Se era um curimboeiro. E minha sogra disse que ele não era não. É um senhor que nem à igreja vai. Trabalha em roça. Aí ele mandou fazer exame no garoto, fez todos os exames. Aí ele ficou desorientado, né? E até sangue ele tinha tomado. Eu fui até no hospital doar sangue pra ele. Chegou no fim eu sei dizer que o garoto tá bom. Tá um enorme dum homem.

P - O que havia na garrafada?

MOADIL - Levou jacatã. Tinha mais, mas eu não lembro. O jacatã, eu num gosto daquilo, não. Eu trouxe aqui pras minhas crianças comer. As crianças comeram e ensaram a boca. Tucano e gambá é que gostam daquilo. O mico de noite. Eu metei aqui, varios lagartos, mas tudo som barba.

P - Pra que que usa a barba?

MOADIL - A barba do lagarto é boa pra bronquite de criança. Já idoso é difícil. Agora tem uma coisa, a pessoa pegar aquele gambá preto, tirar a barba dele e dá o barba dele no cera que seja alcoólico que bebe muito e dor o barba dele. Eu acho que são sete pingos que dá na cachega da pessoa. Diz que a pessoa toma nojo da bebida que nunca mais bebe. Também não pode comer aquela carne. Porque diz que se comer, volta a beber o dobro do que bebia. Tem que ser tipo simpatia.

P - É de capivara? Pra que a pessoa usa?

MOADIL - O óleo da capivara é bom até pra quem tem belida dentro das vistas. Ficar nas vistas, essa catarata que dá nas vista das pessoas. Logo todinho, tira. É que nem a fruta curindiba. É uma árvore a fruta dela dá uma fritinha igualzinho vessoura. Lá aquele grãozinho pequeno. Diz que a pessoa que tem catarata nas vistas, de noite a pessoa vai e coloca aquelas grãozinhos dentro da vista e dorme com aquilo. O outro diz que quando coloca aquele cinza, ele es-

MOABIL - ...raíha, ele desmancha. Vai indo ele mata aquela catarata - te fódinha. Limpas as vista da pessoa.

MORENO - Pra que serve o couro do jacaré?

MOABIL - O couro do jacaré torrado é pra tosse do cachorro. Quando dá aquela tosse braba. É torrado e dado na comida pro animal comer. É bom pra isso.

P - E aquele outro remédio pra matar insetos?

MOABIL - O pau d'alho. É tão tanto faz pra pulga, como pra barata dentro de casa, qualquer inseto dentro de casa. Deixa ele secar e faz o defumador. Até cobra espanta pra longe. Ela não guenta o cheiro dele; ele tem um cheiro de alho. Nós carregamos o pau d'alho ou então uma cabeça de alho mesmo dentro de bolsa quando a gente entra no mato. O melhor negócio que existe. Por exemplo, você sabe que vai subir uma montanha e vai passar a noite lá. Foga o alho, seca numa panela, esfrega ele na roupa, na calça e andar com aquilo. O bicho de longe quando sentir aquele cheiro, ele cai fora. O pau d'alho a gente chegando no mato e tirando a folha dele e carregando ela no bolso é um ótimo remédio pra cobra. Lugar que tem pau d'alho é difícil ter cobra. Tem muita erva aí. Tem a palha, que é uma erva muito procurada e tem também o miná rava. Uns trata de ruiné e outros de barba de são Pedro. É uma flor branquinha.

P - É a raiz cheirosa?

MOABIL - Não. Essa não é raiz cheirosa não. Só a flor dela é que cheira muito. Eu tive pedido pra tirar um becado. O maracá é bom pra pressão. A folha e a raiz dele. Minha prima esses dias mesmo mandou pedir aqui umas folhas de aquilo. Tu mandei um sequinho de 5kg cheira pra ela lá em Ilhé. Ela tem problema de coração. Trabalha no hospital. No dia que eu encontrei com ela, ela teve com o lado inchado. A folha do chuchu também é uma coisa ótima pra pressão. O sr. tá com a pressão alta, toma um chá de folha do chuchu. Mas tem que ser aquela chuchu de espinho.

Programa FEMPE - 22.7

Coordenador: DOUGLAS CARRARA

Relatório de entrevistas

FITA MP-11 - lado nº 1 - Informante: Sr. Pedro do Fico (M-10)

Local: Santo Aleixo - 2º distrito de Magé (RJ)

Data: Dezembro de 1980

P - É a mordida do cascavel, seu Pedro?

PEDRO - Ah, aquilo não tem jeito.

P - Me diz uma coisa, sujeito bêbado que foi mordido por cascavel?

PEDRO - A cobra cascavel nem cachaça cura...

P - Já soube de uma história de uma pessoa, que caiu dentro de uma cova, cheia de cascavel, bêbada mesmo, a cachaça cortou o veneno.

PEDRO - Isto é conversa pra poder beber;.. cascavel lá na minha terra, já matou muito.

P - Onde? Aqui?

PEDRO - Em Barbacena. Nem sei se o Sr. acredita, mas a benzeção cura.

P - Seu Pedro, o o picumã serve de remédio?

PEDRO - Serve, picuma e urina. É, a não ser de mulher. A pessoa tomou uma estrepado, ameaçou dar o tétano, tira o picumã com urina e banha, corta, não dá mais gangrena.

P - É o fedegoso, o Sr. conhece, seu Pedro?

PEDRO - Conheço.

P - Faz o que com o fedegoso?

PEDRO - O fedegoso é o remédio contra diversas coisas: o amarelão.

P - Ah, sei, a febre, a tremedeira.

PEDRO - Não, a própria anemia mesmo, o fedegoso dá um café muito gostoso pra tomar também.

P - Tem vários tipos de fedegoso?

PEDRO - Tem vários tipos, tem três tipos de fedegoso, tem um picão pra interícia, pra hepatite.

P - O Sr. já viu alguém com hepatite ser tratado com picão?

PEDRO - Já, meu cunhado ficou bom.

P - Só tomou o picão?

PEDRO - É, a hepatite é uma doença bem ingrata, né? E meu cunhado ficou bom. Porque a hepatite vem mais pela interícia e é ferhada a hepatite; olha eu vou dizer uma coisa certa, desde a hora que o sr. tomou um remédio e se o organismo reagir bem, não tem doença.

P - Quer dizer que o sr. acha que o organismo é o mais importante?

Fl. nº 68

PEDRO - É mais importante, o organismo é a mola real do corpo. O Sr. tem um relógio, o maquinismo dele tá bom, tá tudo bom. É conforme eu digo, o que vale é o conteúdo e não a embalagem, certo?

P - Certo.

PEDRO - O sr. vê uma pessoa aí todo bonito, todo rosado, e todo podre. O sr. sabe, o pessoal do Rio geralmente tão todos podre; é geralmente gelado, é comer fora de hora, é comer em restaurante, é pessoal que tão podre. O sr. vê, o mateiro não; mateiro ele leva a vida do bicho; o mateiro que não tem saúde é sem vergonha que não se cuida...

P - Remédio tem no mato?

PEDRO - Tem remédio no mato, o sr. vê eu tenho 54 anos; tenho às vezes uma dor de cabeça, isto é coisa que até o sistema nervoso dá; eu vivo muitos negócios e às vezes o negócio não dá certo. Mas hoje eu vejo falar de doenças, que eu nunca vi falar: câncer, úlcera, vesícula, derrame, mas num sei quê; quando o sr via falar numa pessoa com câncer, ora lá... e o pessoal ficava espantado; hoje o câncer é geral...; hoje o câncer é comum, vem evoluindo isto, o sr sabe o que acontece né? outro dia tava passando um filme ali na televisão: "azeite, sal e veneno" - azeite, sal e veneno era as salada, tava apresentando aquilo, o sr. vê: tomate hoje é criado pela química, a verdura pela química, e aquilo tudo é veneno. Tem uma coisa, que é criado pela natureza, obrando, não pode fazer bem; se Deus já deixou tudo determinado, a época certa. Agora se o sr. bota um adubo de boi, de coelho, numa planta, isto é razoável, isto eu acho muito bacana, porque Deus já deixou aquilo pra gente pôr; mas o sr. bota hoje do jeito que eles põem; o sr. bota hoje esta aliace amanhã ela nasce; o sr. rega hoje, amanhã ela tá deste tamanho!

- De primeiro o sr. comia um frango gordinho, comia uma galinha, mas ela levava com muito milho, de 6 a 8 meses pra ficar um frango bonito; hoje em dia com 90 dias já tá se comendo! uma banana madura em 24 horas, quando ela levava 8 a 15 dias pra madurar; quer dizer, não tem cabimento. Eu acho que tudo tem seu tempo. Quando o sr. come uma banana o sr. sente a diferença.

P - E planta pra tratar animal, seu Pedro?

PEDRO - Eu, por exemplo, tratava meus animais só com planta; agora o sr. vê, isto eu vi meu pai fazer muito, muito não, naquele tempo, eu era espírito né, mas eu tenho um tio meu e um primo, porque lá pro nosso lado tem muito congestão.

P - No animal?

PEDRO - Na pessoa, então eu vi pela primeira vez, um tio meu congestionou.

Fl. nº 89

PEDRO - Ele tinha o pescoço curto; a pessoa do pescoço curto é muito fadada a congestão, é o infarto que eles dizem hoje; aí meu pai chegou lá, ele tava quase morto; meu pai fez ele levantar, amarrrou uma corda, meteu um freio, sangrou ele, no outro dia ele tava bom; então o que curava era sangria, curava congestão; justamente a gente tem um cavalo aí, tá muito agitado, mete nele o freio e sangra ele. Se o remédio não der jeito a sangria dá. O sr. tava aí com uma dor muito forte pedia a ventosa, com o copo ou com a própria chamecuma; a pessoa fazia uma compressa de água quente e pedia o copo; batia o copo e do jeito que ele puxava o copo esmagava; aí o copo puxava. Depois pra tirar quebrava o copo, mas a aquele sangue pisado vinha todo pra debaixo do copo, então dava-se aquilo; ou por exemplo levei duas ventosas. Uma egua me acertou as costelas e eu fiquei sem respirar, sem poder tomar fôlego; aí meu pai me aplicou duas ventosas, com o copo; depois ali ele rasgou e saiu o sangue pisado. Outros colocavam a própria chamecuma; então a medicina era mais atrasada, mas existia menos doença.

P - O sr. pegou este tempo, né?

PEDRO - Peguei, eu fui toda vida criado pelo sertão; eu vou lhe dizer a verdade: uma vez no médico fui fazer o exame da febre. Nunca mais fui a médico.

P - Mas o sr. tratou com seu remédio?

PEDRO - Tratei.

P - Foi a carqueja e a erva grossa.

PEDRO - É com fortificante, tomei muita sura que a sura é o melhor remédio curativo pro sangue; se o sr. tem aí uma pessoa de pele ruim, pode tomar a sura sem medo. A suma, a salsaparrilha deixa a pele limpa.

P - Sr. Pedro, o que o sr. acha que é a doença?

PEDRO - Eu acho, sr., que a doença ela vem pela má alimentação, pelo mal modo de tratar o corpo; e a pessoa, que deixa o corpo, se ela tem uma dor na perna, ele entrega o corpo à doença; então daquela perna vai passar pra outra, então eu acho que se a doença tá ameaçando, se o sujeito deixar a doença é um caso grave. Agora eu toda vida gostei de me alimentar bem. Comer pouco, mas bem; não como óleo, só como comida com toucinho. Eu acho uma das principais coisas é a alimentação. Eu toda vida fui criado com os inhames no chão; meu pai era daqueles mineiro burro mesmo e a gente foi criado neste partido: nós deitávamos às 10 horas. Às duas horas, a gente levantava e ia tirar leite. Quando a gente acabava de arrumar o curral era 8 horas; a gente formava pra tomar café. A gente tirava leite da vaca e bebia e fazia a entrega do leite. Às nove horas era o almoço, 3 horas, a janta e 8 horas a ceia.



Pedro- Ai cada mineiro pega um litro de leite com angu e bate pra dentro e vai deitar, mas o leite sem ferver, cru; hoje tem brucelose, mais não sei quê; lá pro nosso lado nunca vi, porque mineiro não bebe leite fervido... de jeito nenhum, nem leite com açúcar e nem bebe café com leite.

Então eu fui criado assim... mas toda vida meu pai gostava que nós trabalhava, mas gostava que se tratasse... graças a Deus, lá tinha a nossa couve mineira... e gostava até que levasse muita gente lá pra comer e toda vida gostamos disto, nós do três em três mais matava um capado; nunca meu pai vendeu um quilo de toicinho, aquilo era só pra despesa, então nós fomos criado assim... agora botina, quando eu fui botar uma botina no pé eu tinha / 20 anos.

P- E o Sr. nunca foi mordido de cobra?

Pedro- Não, então eu disse que nós fomos criado assim de "lanchar" no chão, e depois é que eu passei a sentir que meu corpo e a minha saúde já não era mais a mesma, foi quando eu passei a andar / calçado. É que o micróbio entra pelos pés, ali; eu acredito que o micróbio entra pela boca... por exemplo o camarada apanha uma fruta aí tem que estar lavando, esfregando... o Sr. pega uma goiaba ela não tem química nenhuma, pode comer; moleque chega aí, na lavoura do japonês, fica comendo tomate, comendo jiló, cai morto, / fica comendo veneno, aquilo tá tudo infeccionado de inseticida.

P- Seu Pedro é pra doença de mulher?

Pedro- É, tem muitos tipos de doenças de senhoras, hoje geralmente sofrem do útero.

Tá aparecendo tanta doença com nome diferente que eu / nunca vi falar, tem muitas coisas que cura, por exemplo: a agonizada, pro corrimento da mulher tem a "jarrinha".

P- Jarrinha é a mesma coisa que mil homens?

Pedro- Não, é diferente; Tem o "mil-homens", tem a "jarrinha", tem a "orelha do tatu", tem o "cassau", tem o "pau-com-tudo". O cassau é tem a flor muito fedida.

Tem o "orelha do tatu" que é o "mil-homens" verdadeiro. Tem o "fel da terra" que é o melhor remédio para vermes, é o carrapicho de carneiro.

P- E o "fel da terra" é bom pra quê?

Pedro- O Sr. tem uma febre aí, uma gripe, o Sr. corta. A medicina está muito adiantada, mas por um lado ela tá muito mal atrasada ;

FOLHA 91

é como se diz a diferença que tem do Banco do Brasil pra flora medicinal. Qual é a diferença? Porque no Banco do Brasil dinheiro é mato e na flora medicinal, mato é dinheiro. Às vezes o Sr. precisa de um remédio e ele precisa vir lá da flora do Fernambuco; é a mesma coisa que o Banco; cada homem tem seu prejo, cada remédio tem seu valor; eu vou dizer ao Sr., eu sou um caçarada que não posso comarciar, eu não posso abrir uma casa de ervas, porque eu sou mais conhecido que dinheiro; então todo mundo que me conhece, já chega e não me paga mais, mas o Sr. sabe que é um grande negócio uma casa de remédio.

O Sr. quer ver uma coisa? Um remédio que dá um dinheiro cabuloso é o Sr. pegar e juntar mato pra remédio do macumba, barbaridade! Hoje o Sr. vê, os macumbeiros não é mais pé de chinelo, tem gente "grania".

O Sr. chega aí numa centro de macumba; eu sou proibido de ir lá, eu respeito muito a Deus; agora, tenho temor a Deus. Agora Deus está na nossa vida, Deus é a natureza pura, é a ave, o animal e a montanha... O Sr. chega aí numa casa de macumba, o Sr. vê quarenta, cinquenta carros encostados; coronel, major, não é nós; então quer dizer, tudo é meio da vida, a receita pra ele comprar "abre-caminho", "fecha-caminho", "mal-com-tudo", "rebenta-danzada"; então o cara sai dali e paga qualquer coisa, achando que vai prejudicar o Sr., arranjar mulher, que quer um posto de tenente pra coronel; o Sr. vende uma galinha preta aí por R\$500.00, R\$600,00; um cabrito preto por um milhão, dois milhão; ele não vale dez mirréis. O Sr. vê a ilusão, a ilusão do povo.

O Sr. vai me vender, por exemplo, uma raiz que serve pra uma cólica, que serve pra vomitório; olha o bobo aí e envenenando os outros, e o médico amanhã ainda manda me prender se achar que eu tô fazendo coisas que são sendo prejudiciá; o que eu sei eu ensino, porque o que eu quero pra mim eu quero pros outro.

O Sr. ouviu o Zé Arigó, né? é bom fazer aquilo, o Sr. ouviu falar nele?

P- Acompanhei.

Pedro- Então morreu; foi muito perseguido pelos médicos, mas agora tinha um outro; não sei se o viu na televisão.

P- Roberto Lengruber?

Pedro- É, foi até agora pros Estados Unidos; foi fazer uns teste; e ele foi sem medo; curava mais pela hipnose; não sei nem o que é

FOLHA Nº 92

Pedro- ...isto; agora tem o meu sogro aí, que era pai da minha mulher; ele era um homem que o camarada tava aí gemendo com uma dor de cabeça ia lá; ele metia um copo d'água na cabeça do camarada e aquela água fervia; na mesma hora o Sr. deixava de ter dor de cabeça... o Sr. tava com uma dor de dente, desesperado, o Sr. ia lá, ele descia com uma faca e recortava na hora; são coisas que a gente tem que acreditar e ter fé; a gente viu! Mas hoje acabou-se, acabou-se a religião, acabou-se a crença, acabou-se tudo, hoje é tudo na base da química.

O Sr. imagina um homem igual a mim, vivo neste mato de meu Deus, trabalhando, ganho mal pra mim comer, se minha mulher tem uma dor de cabeça, eu dou outra, eu vou pro médico, tô perdido! porque hoje o Sr. vai pra falar com o médico é quinhentos, seiscentos contos! Quando o senhor vai comprar o remédio é dois, três milhão, é melhor morrer uma vez! Então o Sr. cura com remédio / que Deus deixou... vou viver!

P- E este não custa dinheiro.

Pedro- Não custa dinheiro, é uma coisa sagrada, porque Deus deixou a doença, mas deixou um modo do sujeito combater; porque ele sofreu pra nós sofrer.

LADO 2

Pedro- Você sabe porque que ainda não curaram o câncer? É porque o nego ainda não descobriu. Também o dia que ele descobrir é uma esportiva. Não tem que ver. Mas o remédio que curar o câncer, que o mateiro descobriu. Vai ser preso. Ele vai preso com certeza, né?

Os médicos faz aquela coisa e manda prender o camarada Ou ele vai dar a forma ou eles vão consumir com ele. Mas eu te garanto que pra toda doença que Deus deixou, ele deixou remédio. Ápio- Mas aí é que está o problema. Você não sabe se essa doença é uma doença adquirida.

Pedro- Nada foi adquirido sem Deus querer.

Ápio- Não existem doenças que acontecem a partir de uma determinada época?

Pedro- Mas se acontece no mundo é porque Deus quis que acontecesse. Eu não sou crente não. Mas o Sr. acha porque que há muita pessoa de pressão, infarto. Isso não é nada! É nós próprios se

FOLHA Nº 93

Pedro- ..envenenando com a nossa própria maldade. É a pinga? É o cigarro? Não é nada disso. Não é, porque fumar, todos os velhos já fumavam.

Ápio- Culpado disso é a preocupação.

Pedro- Não é, porque todo mundo já nasce com preocupação.

Ápio- É a cidade grande.

Pedro- Você sabe porque se adquire o câncer? Porque de primeiro / nós tinha tudo pela natureza. Nós tinha uma franga no terreiro. Ela só ia botar daqui a um ano. Era frango de butica. Hoje o sinhô com 90 dias tem um frango.

Ápio- Hoje são 54 dias.

Pedro- Aquele frango já é criado empurrado, fora da época.

Frá comer uma banana, dependurava um cacho, era com 8, 15 dias. Hoje o Sr. come com 24 horas. Ia comer um feijão aí na lenha, botava ele no fogo. Se tardio, ele tava cozido. Hoje o sinhô dá aí 5 horas do cadeira. Ali fica a vitamina e o veneno. Porque o caldo de feijão de primeira fervura é um veneno desgraçado!

Um animal tá com uma pisadura aí braba que não cura. O sinhô pega o caldo de feijão de primeira fervura, bota em cima, em três dias tá curado.

F- O que o Sr. entende por primeira fervura?

Pedro- A primeira água. Mas o sinhô cozinha ele numa panela de pressão, com a mesma água que o sinhô botou, ela cozinha. O sinhô não tem nem jeito de botar água nele!

F- O que acontece então?

Pedro- Tá aí uma coisa. Pode ser que venha a causar o câncer, uma vesícula, uma úlcera. Que antes não tinha nada disto. Quando tinha era uma coisa muito rara.

Ápio- Não tinha, mas tinha o tal de nó das tripas.

Pedro- Tinha o nó nas tripas, morria. Tratava-se nó na tripa ou "vorvo". O que que fazia? Não tinha medicamento. O sinhô pegava 9 caroço de chumbo grosso e dava ao camarada pra beber. Dava na hora. Porque o nó na tripa é uma tripa que cruza com a outra e então ela sobe. O chumbo vai, pesa e liga; e aí vem as curas.

O povo dizia é tempo do atraso. Bom, é tempo do atraso, não tem dúvida. Mas tudo era curado.

Ápio- O índice de mortalidade naquela época era muito maior, que o atual. Qual era a idade média do cidadão brasileiro na década de 30?

FOLHA Nº 94

Pedro- Era 70/80/100 anos. O Sr. é menino novo. Mas há coisa de vinte anos passados. Não vai longe; os senhores ouviam falar em poluição? Hoje é poluído! Hoje nós temos desgraçados no meio da química. O camarada diz assim: é porque as doenças, estão acumulando, agraçando; isto está marcado nas escrituras. Mas, o Sr. vê; tinha essa Light aqui que é considerado fonte. Eu era menino quando nós viemos praí pro latado do rio. Então esse fonte já existia. Esse fonte nunca matou ninguém. Nunca poluiu ninguém, nunca desgraçou ninguém.

Agora já apareceu a nuclear.

P-Então o Rio de Janeiro era pequeno.

Pedro- Com tudo isso. Era a usina da fonte. Estava luz pra todo o Rio de Janeiro. Pra toda humanidade. Mas também a morte era pequena. Não morria tanta gente podre, desgraçada como está existindo hoje. Hoje a população já está podre. Olha eu vou lhe contar a história que é capaz do Sr. não acreditar. Mas, vai acreditar! Eu tenho 34 anos. Levei uma vida selvagem, trabalhando muito. Já briguei muito. Dormindo fora de hora. De tudo eu experimentei na vida. Eu sou um cara que me acho um menino novo. Porque a única doença que me ataca hoje, mas isso é devido ao tempo que eu trabalhei no meu serviço, sempre é uma dor de cabeça e dor nas cadeiras, que eu tenho a coluna fora do lugar. Mas isso é queda de boi. No mais eu não sinto nada. Eu não sinto dor na perna; no braço. Eu subo desse morro aí e desço como um menino. E vou dizer uma coisa. O sinhô quer ver. Então é onde eu não troco minha vida por um melhor apartamento em Copacabana.

Eu não vou beber água com cloro. Não vou me envenenar com minha própria mão. Eu fui homem que trabalhei muito em cooperativa de leite. Então eu vejo o que que a população bebe, tudo estragado; eu já vi com meus próprios olhos, o sinhô sabe o que eles fazem? O leite deu acidez! Eles despejam para 20.000 litros de leite, eles jogam dois sacos de cal virgem, pra tirar a acidez. Então eles dizem que não faz mal; mas aquilo é um veneno; o sinhô vê que o cal come qualquer coisa. O sinhô bota uma banana no cartridge. O sinhô tá envenenando a pessoa. O sinhô vai vender, mas o sinhô tá vendo que aquilo é um veneno, então o sinhô tá aí com calor, abre uma geladeira, fica à vontade!

P- For que o gelado faz mal?

Pedro- O gelado faz mal porque o sinhô sabe o que aconteceu; o /

FOLHA Nº 95

Pedro- ...rosso sangue tem compressão. E então bate <sup>uma</sup> coisa nele, que faça um rum de parada; ele já ~~mas~~ funciona bem. Agora, nós queremos tomar um gelado aqui, nós vamos lá na bica, a gente pode tomar a água mais fria que tem, que ela não faz mal; foi feita pela natureza pra nós tomá ... Agora o sinhô obriga uma coisa. O sinhô está se envenenando com sua própria mão. Quando o sujeito chega e diz: ah!, velho podro, está todo entupido de cigarro. Não é cigarro, que ele não faz mal a ninguém. O sinhô quer ver, toda a vida eu tive esse lema comigo: Uma coisa que eu gosto é me alimentar bem. Não sou miserável. Não vou vender minha própria vida, tor a minha vida presa no meu bolso. Porque eu considero a comida que seja um pouquinho assim mais bem temperada, um pedaço da carne, não vai lhe prejudicar. Mas o camarada que se esforça, se arreventa, e fica cortando na panela dele, quer dizer ele tá se enterrando, cavando a própria sepultura dele. Eu não! O que acontece, o sujeito diz: a cachaca mata. Mata sim. Tudo mata, até a comida, ela tem uma vantagem e um defeito; ela tanto cria quanto mata. Porque tudo tem limite. O tiço é homem que tá morto de cachaca, mas, porque bebe sem regra; mas a cachaca, bebida na regra normal, ela é tônica. Ela faz bem porque o álcool, o corpo da gente precisa do álcool, o corpo precisa. Eu vou lhe contar ~~uma~~ história, que é capaz do sinhô não acreditar; então o sinhô pergunta a minha própria família que lhe diz. Eu passo 4 ou 5 dias, mais sem botar um copo d'água na boca. Eu não bebo água. É muito difícil eu tomar água, mas tomo muito café. Mas então quando o sinhô vê eu tomá água, eu posso comer carne seca que não me dá sede.

P- O sr. sua muito?

Pedro- Sim. Mas já a minha mulher, ela, se pudesse, dormia com uma bica lá na cama. A primeira oração dela é uma caneca d'água. Mas tudo tem o seu limite. Então o mateiro aqui que respira um ar puro, que bebe uma água pura, come uma banana pura; se ele morrer é de desastre, mas é difícil mesmo o Sr. ver dizer: fulano morreu, foi derrame, foi pressão. Eu não me sinto bem de comer uma coisa, uma comida, cozinhada no gás. O sinhô acha que aquilo pode lhe fazer bem? Uma comida feita ali no gás, que é feita no maior veneno? Porque carbonizou não é veneno? O sinhô come aí uma comida, nessa panela de pressão, que tá aí, o sinhô tá se matando. Ah! porque se Deus fez a natureza, pra quê o sinhô vai fazer uma coisa contra a vontade de Deus. Cozinhar um mantimento preso, arriscado a

FOLHA Nº 96

Pedro- ...lhe matar com aquele gás todo brabo; então a gente cozinha numa lata e aí o sinhô vê um negro com 100, 80 anos cozinhando e mexendo angu na lata, bebendo café na lata, na esculateira.

P- O que é esculateira?

Pedro- Esculateira é uma coisa que tem lá pra cima, que tem uma boquinha assim. Aquilo é pra gente fazer café. É feita de cobre. Então a gente faz um café tropeiro. O Sr. botta o café e a água tu do junto. E depois botta água fria e o café em pó vai pro fundo. A vida hoje tá muito prática. O café já é um café que o coador se joga fora. A única coisa que eu adoto hoje são aqueles copos de plástico.

O Sr. algum dia já tomou café em coité? O Sr. nunca / mais toma café em outra coisa, café tão gostoso!

De primeiro o Sr. pegava uma verdura. O Sr. tava fazendo um repolho. Todo mundo sabia que era repolho. Hoje não tem / mais sabor, não tem mais nada. O Sr. está comendo uma palha. Mas também ele dura uns 60 dias, ele tá no balaio. De primeiro era 6 mais. Quer dizer, foi criado à força; a terra tem a natureza dela, ela também fica contrariada, obrigando a vontade dela; eu acho que Deus deixou aquela natureza da terra criar um milho com seis mais, eu fazer ele dá com 90 dias, é impossível!

P- E o problema de lua, hem seu Pedro? qual a relação que tem?

Pedro- Pois é, eles falam de mulher, né? eu tava falando isto numa roda, eles riram. Eles falaram que só pode ser doido, que doido? porque fala que a mulher faz isto faz aquilo, porque que eles não mandam prender a lua? Ela mexe com porco, com cavalo, com / plantação, ela mexe com tudo, mexe com criação, alua, a única lua que não tem valor pra nada é a nova! Não pode beber nada, não pode plantar nada, eu não gosto de lua desperdiçada! O que ela tem é plantar pipim, ele não "água" na nova.

P- A galinha normal de terreiro tá ligada com a lua, né? e quando eles pegam e transformam e fazem a galinha produzir em 54 dias, no galinheiro, como eles conseguem isto?

Pedro- Por causa da lua?

P- Qual a ligação? eles desfazem a ligação com a lua, né?

Pedro- Eles não desfazem a ligação com a lua, mas a galinha já é um temperamento fraco, a lua só influi na galinha, na exploração de pinto, mas no mais, ave de pena não tem nada a ver com a lua.

P- Finto fora da lua certa, ele não nasce?

Pedro- Nasce. Agora tem uma lua que eles rebentam tudo de uma vez

FOLHA Nº 97

PEDRO - ... Tem uma lua que tira um hoje, outro amanhã... A lua é fraca, mas na cheia estora tudo. Porque a galinha, a ave ela só tem a veia a artéria, mas ele não tem veia mais no corpo. Qualquer ave, pode a mais venenosa cobra picar que ela num morre, porque ela só tem a veia no pescoço.

P - E as plantas? Se cortar uma madeira fora da lua, o que acontece?

PEDRO- Ela bicha, ela ompeña.

P - Qual é a lua boa pra cortar.

PEDRO-É a minguante.

P - Se cortar fora da minguante, em qualquer situação, ela estraga?

PEDRO - Estraga, a não ser nos meses que não tem "r". Pode cortar qualquer madeira, que não bicha. Os meses sem "r" coincidem com o inverno. Porque nos meses sem "r" pode cortar cabelo, cortar urna, cortar madeira. O sr. faz a barba na crescente; faz hoje, de tarde o sr. pode cortar novamente; Ela domina tudo.

APIO - Outro negócio interessante é o que dizem que o dia vai crescendo de um minuto pra lá e um minuto pra cá até chegar São João, é verdade isto? Esta questão de um minuto por dia. De aumentar um minuto por dia até São João?

PEDRO - Até São João; aí ele começa a crescer. É dá meia hora por mes.

Eu tava aí no resto, um rapaz falou: vamos embora, hoje vai chovê.

Que chovê, rapaz? O vento tá dando seca sem parar? Olha o jumento.

Aí quando deu seis horas, a água terrou.

P - Como é que o sr. sabe?

PEDRO - É porque o jumento, se não tem água ali por perto, se ele tá urrendo mesmo, é chuva. Vai berrar água mesmo

APIO - Igual a marreco selvagem quando começa a voar é chuva.

PEDRO - Porco; o sr. viu porco gritar, pode prevenir, vai fazer frio pradanar.

P - A mudança atmosférica, ele sente, né?

APIO - A questão do cheiro; no mato a gente percebe mais.

PEDRO - O sr. vê, aquele miserável, que mora na favela, vendendo porco, comprando lata d'água, e você pergunta: - cê qué ir pra roça, cê vai vivê mais cam anô. Aí ele qué vivê 3 anos lá, mas num qué vivê cem aqui.

APIO - Você não quer viver em Copacabana, né?

PEDRO - Hoje, graças a Deus, o camarada dentro da roça ele tem uma vida rica, ele é arquimilionário; em Santo Aleixo, eu sou o homem mais rico do mundo!

P - Mas o sr. estudou, conheceu as plantas, sabe os remédios, nem todo homem do campo sabe o que o sr. sabe!

PEDRO- No campo tem muito homem burro. Mas o homem que sabe levar a vida dele no campo...



FOLHA Nº 98

PEDRO- ... Eu durmo aqui despreocupado; sem medo. Aqui nego não entra. Se fôsse no Rio, ah! Se me dar uma casa em Santo Aleixo, pra eu dormir, eu tasco tudo quanto é escora e ponho atrás. Camponês não rouba ferramenta, se ele passou aí na roça, viu uma ferramenta, ele não rouba.

APIU - Sabe, tem uma coisa incrível; sujeito aqui quando vai pra uma caçada, ele leva sal, óleo; ele podia trazer de volta, mas ele deixa lá, malocado, porque alguém que passar por lá pode usar, ou ele mesmo.

PEDRO - Então o sr. vô, é um pessoal aliado; o camponês é um homem bruto, um ignorante, um índio manso; eu sou empregado, mas eu tenho regalia.

APIU - O que eu acho é que o pessoal da cidade é mais responsável; aqui na roça não. Eu não sei se o pessoal da cidade é porque tem mais pressão em cima, leis oprimindo... Aqui parece que o ideal é ser irresponsável. Aqui não falta, aparece, não te dá satisfação nenhuma; na cidade a gente tem que dar satisfação pra tudo.

PEDRO - Mas eu vou te explicar - você vai chegar já no eixo - qual é o negócio do camponês; porque você vê; um camarada que trabalha, quarta ou segunda ou terça, mas tem uma hora que você tá com um aperto, com uma muda de banana pra plantar, uma canana pra cortar, uma lenha pra cortar; você vai ter que se pezar com aquele camponês, porque não tem outro. Então você vai tolerar ele até sábado. Sábado ele foi embora, ficou até na quarta. Aí você chama ele e fala: - "fulano assim tá andando errado". Aí ele diz: - "Então o sr. me paga 100... Aí você não pode criar caso com ele.

PEDRO - Se a gente cobear com eles... O mal do brasileiro é o brasileiro mesmo; o mal do pobre é outro pobre...

PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR

Fl. 99

PROGRAMA PEPPE 33.7

Coordenador: DOUGLAS CARRARA

Relatório de Entrevistas

Fita 1P-12/13

Informante: Jader Ullman, "Moreno" (M-11)

Local: Magé (RJ)

Data: 2.3.1990

P - Como é o seu nome?

MORENO - Meu nome é Jader Ullman, mas todos na intimidade me chamam de Moreno.

P - O sr. nasceu quando?

MORENO - Eu nasci no dia 4 de maio de 1909.

P - E onde o sr. nasceu?

MORENO - Eu nasci aqui em Magé na antiga rua Major Ricardo, antes era Boa Viagem, e atualmente Prefeito Ullman, no antigo 45 às 5 horas da tarde.

P - Seu Moreno, o que o sr. lembra na sua infância aqui em Magé da assistência médica da cidade. Se tinha hospital, médico, se tinha muito curandeiro, como é que era naquela época?

MORENO - Naquela época, na minha época de garoto, aqui existia o Dr. Tibúrcio. Era o único médico que tinha aqui e a Farmácia Fortels, que hoje ainda é farmácia, embora remodelada, era uma casinha ao lado do Bar do Wilson. Agora foi para outro prédio. Depois foi fundada a Farmácia Macieira. E a Casa de Caridade, onde tá hoje o campo de futebol do Bonfim F.C. A Casa de Caridade era uma casa enorme, muito bonita, toda cheia de mármore, pisos, aquilo tinha umas escadinhas e tal, e um mobiliário riquíssimo de jacarandá com muitos leitos, aquela coisa toda. Depois foi perdendo assistência, era mantida pelo Estado, passou para a Prefeitura e depois para a Igreja Católica.

P - E tinha médicos nessa Casa de Caridade?

MORENO - Tinha médicos. Eram médicos contratados pela câmara. Eu tenho documentos com nome deles aí e eu nunca consegui descobrir porque foi nomeado um médico do partido para funcionar na Casa de Caridade. Eu nunca consegui entender o que é o médico do partido, não sei se era do partido político. Nunca foi esclarecido, essa coisa. Depois, mais tarde, ela já um tanto abandonada, ela passou a servir de isolamento para varíola.

P - Isso em que ano mais ou menos?

MORENO - Isso em 1890, por aí, sabe?

P - Tive uma epidemia de varíola aqui nessa época?

MORENO - Era permanente. Não era uma epidemia surgida assim. A varíola era todo ano, né?

P - O sr. teve varíola?

MORENO - Não. Muitos dos meus amigos, crianças, garotos daquela época tiveram varíola e quem tratava era Demétrio Pereira, pai da minha mãe, meu avô.

P - O sr. lembra como ele tratava?

MORENO - Ah! nem os filhos, nem a mulher; ele nunca disse, né?

P - E morria muito?

MORENO - Não, com ele não.

P - Mas sem tratamento morria muito?

MORENO - Ah! morria, era letar e valer.

P - Era rápida a doença?

MORENO - Ah! Rápida, sim, né? Porque o sujeito, vamos dizer assim, ele sem tratamento, ele se apodrecia. Tem até uma passagem que eu tenho gravado aqui no meu arquivo, de um filho desse Demétrio Pereira que é meu tio. Então ele diz que houve um surto em Santo Aleixo com vinte e poucas pessoas e tal. Isso já ultimamente. E que ele foi chamado para tratar desses cidadãos, os doentes. Então o médico de Santo Aleixo, o doutor Avalino e o delegado, que eu não lembro o nome. Então disseram que não era varíola, que era outra coisa qualquer. Ele, o Demétrio, disse que era e tal o o delegado a té disse que prendia, que fazia e acontecia. Mas no caso ele foi mesmo e tratou. Só morreu um cidadão porque ele no fim da cura ele facilitou, andou apertando chuva, não sei o que e tal e morreu, mas todos os demais se salvaram. Isso é depoimento do filho do Demétrio do meu avô.

P - Ele curava as pessoas?

MORENO - Curava.

P - O sr. lembra com o que ele curava? Era com plantas?

MORENO - Era não. Era garrafadas como dizem, né. Ele fazia aquelas garrafadas e dava. Ele tinha sempre na prateleira já pronto. O sujeito chegava lá e então ele dava. Mas ele não transmitiu nem à mulher dele nem aos filhos, embora eles pedissem e ele dizia que aquilo dependia muito de fé e que eles não tinham essa fé. Então não adiantava ele ensinar porque ninguém ia fazer curas, ninguém tinha condição porque não tinha o elemento mais precioso no caso que era a própria condição de pessoas: enfrentar com fé. E morreu e não deixou pra ninguém, não transmitiu a ninguém. Da me lembro perfeitamente. Uma vez ele estava na casa da minha mãe, eu era bem garoto, eu não me lembro o local, mas naquele tempo aí pra fora era tudo mato, uma casinha aqui, daqui a 4 ou 5 km era outra, casebrezinhos de palha e ele pediu à minha mãe para que ela deixasse que eu o acompanhasse até um local onde ele ia fazer uma rezar e eu fui. Então eu me lembro que a pessoa estava com o local sendo destruído por lagartas e no meio desse varícolal tinha um casebrezinho. Então ele chegou lá e disse: - "Olha, vamos fazer o seguinte. Vocês pegam lastante água

botam aí no depósito, nas talhas, nos baldes, nisso e naquilo, porque eu vou rasar e todas essas lagartas vão cair no córrego e vão sujar a água. Então apanharam a água, nós comemos lá.

P - Tinha muita lagarta?

MORENO - Muita coisa.

P - O sr. viu as lagartas?

MORENO - Vi.

P - O sr. tinha que idade?

MORENO - Eu devia ter uns 10 anos, por aí. Então eu pedi a ele pra acompanhar, era perto da casa mesmo, né? E ele foi na frente e eu fui atrás. Então ele apANHOU um galho de mato e enfiou no cinto, na calça e atrás, né?

P - O sr. lembra que mato era esse?

MORENO - Não me lembro não. Foi um mato qualquer, não tinha preferência não. Ele passou a mão num galho daquela mato, enfiou aqui na calça aqui atrás e foi andando. Quando chegou no mandiocal, o córrego dividia o mandiocal pelo meio, ele começou a rasar com um galho de mato também, batendo como se fosse o padre jogando água benta e as lagartas foram caindo e saindo para o córrego e na água elas descendo e iam desaparecendo. Eu me lembro dessa passagem perfeitamente. Agora a gente não fala e esse gente não acredita. A fé desapareceu. A fé que é uma coisa importantíssima desapareceu do homem, então o sujeito só acredita naquilo que vê mesmo no duro, né? Mas ele era extraordinário. Ele e outras rezadores por aí e outras coisas mais.

P - O sr me falou uma vez em frango de botica, o que era isso?

MORENO - Isso era o frango quando estava assim com dois ou três meses. A pessoa estava doente e então o médico receitava sempre frango e canjas, essa coisa e tal. A sra. que estava grávida também. Então a pessoa mandava buscar, quando não tinha o frango, a galinha. Era a ave na aquela porta, naquela idade. Então mandava buscar na casa do compadre. Aquele frango com a carne bem tenra.

P - Então não era comprado na farmácia?

MORENO - Não. Chama-se botica porque servia como remédio e porque antigamente ninguém chamava de farmácia. Mais tarde então é que veio o nome de farmácia.

P - O sr. lembra dos recursos que os médicos usavam naquela época?

MORENO - Ah! O médico na maioria dos casos eles usavam muito calomelano, para abater a febre eles usavam muito benzoin quantos, pra ter reação, a febre cair e coisa assim. Usavam muito óleo de ricino também, quase tudo era na base do óleo de ricino. Era um purgante. E o calomelano também. Mas recomendavam pra ter cuidado senão aquilo se transformava numa quínica qualquer e o sujeito ficava inchando e morria.

P - E sangria, eles faziam muita sangria?

MORENO - Ah! faziam muita sangria, usavam muito a sanguessuga.

P - Isso em que época?

MORENO - Ah! Até 1918 por aí. Eu me lembro que isso existia. Existia porque eu tive um tio que ficou doente, meu pai era muito amigo dele. E meu pai levou pra casa e lá aplicou as ventosas, compreende?

P - Como é que eles aplicavam as ventosas?

MORENO - As ventosas eram uma espécie assim de uma pequena xícara que eles colocavam numa determinada parte do corpo e ali acendiam com álcool. Então fazia um vácuo e puxava o sangue. Então botava sanguessuga, que já tinha na farmácia e alugava, não era vendido, não. Tinha dentro de uns potes. Então a pessoa precisava tirar o sangue, aquela coisa toda, quando ele levava 3 ou 4, dependendo da necessidade. Isso era muito comum. De sangrias, né? Eu me lembro, era um tipo de um abridor de latas o instrumento que fazia a sangria. Usava-se também em animais. Então tinha de diversos tamanhos. Apertavam o braço do cidadão e com aquilo eles cortavam a veia e ficava sangrando. Geralmente tinha uma bacia de água quente e o sujeito botava o braço dentro da água quente pro sangue escorrer e, acredito eu, pra amortecer e dor, tá compreendendo você?

P - Qual é a idéia que se tinha na época dessa medicina, que usava esses recursos?

MORENO - Não havia outros recursos. Principalmente no interior. Nas cidades grandes eu não sei como era o negócio. Mas era a higiene que tinha. O cuidado com o elemento, com o doente.

P - E existia muito cuidado com o doente?

MORENO - Ah! Damais! Aquilo era zelo do padre até o afilhado estava lá atendendo, dando condição e banho e isso e aquilo, uma alimentação muito boa e tudo aquilo e o organismo conseguia reagir. Era mais a reação do organismo do que talvez, propriamente dito, de medicação. O médico era um lenitivo para o doente. O médico chegava, o enfermo criava aquela condição de reação com a presença do médico. O médico era uma espécie de um santo quando chegava. Quase todos eles andavam a cavalo, de preferência em burros. E também de preferência em mulas, em burras. Porque os burros às vezes eram mal castrados e quando viam uma água fiavam salientes. Então eles preferiam as mulas, as burras. Então os médicos tinham por costume parar em determinados lugares. Em casa de amigos. Então quando o sujeito também saía pra fazer um serviço qualquer e deixava a pessoa comentava: "-Você parece mula de médico!" Parava a - qui, parava ali pra conversar. Vai e não volta.

Eu vi muita reza. Eu vi uma oricula chamada Leniana rezar oração com vermes. No final da reza ele pegava uma navalha e passava na barriga da criança e saía aquele monte de coisa, de gordura. Então ela dizia que eram os vermes, que brotavam da pele e ela então com a navalha ela tirava. Eu vi que saía alguma coisa, se era verme eu não sei, mas nas partes que não eram a barriga não surgia nada. Não brotava, vai me dizer o quê.

MORENO - ... E a criança ficava boa, porque naquele tempo a gurizada não tinha botina. Era só pra gente rica. Assim mesmo a maioria andava mesmo de pé no chão, descalço mesmo. E no mato então, sem higiene, sem privacidade, sem coisa nenhuma. A gurizada onde fazia suas necessidades, também pisava, se enchiava mesmo de vermes. Era vermes para todos os lados. E a Damiana fazia isso. Freta gordona. Durrou há muito tempo. Eu fiquei até apavorado, com medo mesmo. Aquela preta velha, cheia de roupas, com um novelão na mão passando na criança. Porque criança naquela época não podia nem falar, só podia apiar, mas não entendia e ficava sem entender mesmo. Não perguntava, ninguém permitia que fizesse perguntas. Agora a cura da urina era muito usada.

P - O sr. se falou uma vez do jacaré monjolo.

MORENO - Eu. Uma vez do meu irmão Carlinho. Eu estava com um problema de alergia no braço direito como hoje ainda tenho um restinho até aqui. Até as unhas foram atingidas. E então eu estava conversando com o Renato e Renato disse assim: - Olha, a Maria teve com um alergia assim também e suscitaram a ela pra fazer um tipo de monjolo que se chama também jacaré e que botamos no fogo pra tirar aquele líquido que sai do pau quando ele se aquece. Era passar aquele líquido que aquilo era um tanto remédio. E ele fez e ficou boa. Ai eu perguntei a ela e ela confirmou e eu mandei pedir a Teodoro no Paraíso, que mandava se uma grã-pós. Eu botei no fogo e tirei aquele líquido que ia pingando num pires e eu ia passando no braço. E fiquei boa.

P - E como estava o braço?

MORENO - Não doía, não ardia, não coçava nem coisa nenhuma. Só aqueles carbúnculos. E ficava vermelha. Eu fui a uma doutora em Petrópolis, Dra. Lardi, ela é especialista nesse negócio de pele, de alergia, essa coisa e tal. Ela me deu uma série de remédios, fez um série de exames e com outros remédios mas nada resolveu. Usei os remédios e nada dava resultado, mas nada dava. E com o monjolo eu liquidei em menos de 15 dias. Eu tive isso mais de um ano. Eu era um problema. Era perigoso porque eles mandavam que eu lavasse o braço com um sabão especial e passasse a pomada, mas a maioria das pomadas eram gordurosas, me sujava todo. Eu ia dormir sujava lençol, tinha que mudar aquilo tudo. Era um braço só. Isso já tem dois anos. Custei dinheiro que não foi brincadeira. Eu tinha vergonha porque ficava com o braço brilhando por causa da pomada e todo mundo perguntava. Eu dizia que era verdade...

P - E quem indicou o monjolo era curandeiro?

MORENO - Foi a Maria. Uma professora. Ela pensou de fazer tratamento. E também se curou. Agora aqui em casa esteve um sujeito que tinha o apelido de Farsante e que aprendeu artes no Paraíso pra vender em Teresópolis que pode informar alguma coisa.

Ainda como assistente médica, os boticários também atendiam os doentes. Os médicos atendiam nos casos mais graves.. Então a pessoa era fechada no quarto, completamente fechado porque o ar fazia mal. Era

MORENO - ... doente não ficar exposto e então era aquele cuidado tremendo do banho, as horas marcadas, o remédio nas horas marcadas. A refeição que vinha passar de manhã e à noite. Aquilo era uma força moral ao doente. E a alimentação ficava muito sadia. Era feita somente para o doente. Aquela comida, aquela coisa toda. Tudo separado. Prato, talheres, copo e tudo o mais. A água era fervida.

P - Que tipo de doença dava muito naquela época?

MORENO - Ah! dava muito era varicela, a febre tifoide, a malária mais violenta. Curavam muito com parqueia a febre e outras coisas. Eu me lembro bem.

P - Que época era essa?

MORENO - Eu era garoto. Nasci em 1909 e isso eram em 1918 ou 1920. Então existia muito sarampo e a cura era com gubuzinho. Tava um chá de sabumaira e cortava um galho em nove pedaços, rodela e fazia um cordão e botava no pescoço do doente. Aquilo também ajudava na cura. E a coqueluche as famílias saíam passando com a criança de madrugada na - aquela mata e davam muito chá de alôndra com outra coisa qualquer que não sei agora. Ah! uma delas era a rosa branca e jogavam dentro do pote de mel. Aquilo pra mim era um medicamento. Uma pessoa cortava o pé aí numa coisa qualquer, num vidro. Então eles usavam a teia de aranha com aqueles grãos, chamando aqueles grãos.

P - Mas qualquer teia de aranha?

MORENO - Qualquer uma. Mas jogavam aquilo e faziam uma pasta. Então botava ali em cima. Tanto estancava o sangue como curava também. Outra coisa também era o leite de banana, aquele líquido que eles chamavam de nódis. De preferência a banana maranhão que chamam também de banana de terra. Então eles cortavam e deixavam correr aquilo ali em cima. Curava também.

P - O sr. trabalhava no combate à malária?

MORENO - Meu trabalho era de escritório. Mas eu trabalhei no campo também por curiosidade. Aquilo era um trabalho muito penoso e só veio resolver mesmo com o DDT. O DDT foi criado na época da guerra pra combater os mosquitos e a malária no Japão. Então conseguiram essa fórmula. O DDT veio pro Brasil e logo em seguida pra Lage que é baixada onde tinha muito febre, então o DDT veio resolver.

P - O que se destinava?

MORENO - As paredes da casa. O anofelino batia na parede e mal ele sentava, ele morria. O sistema nervoso era atacado. Não tendo mosquito, não tinha febre. Você só era atacado em casa, à noite. Na rua não.

P - E tinha muita malária em Lage?

MORENO - Ah! Essas fábricas de tecidos com 1200 pessoas tinha ocasião de ficar paralisadas. Todo mundo com malária.

P - E dava o ano inteiro?

MORENO - No inverno era menor, mas no verão era alarmante. Aqui em Ma-

MORENO - ... é, onde está o caso de saúde, no campo do Ex-lim, aquilo eram vales abandonados que você matia a concha você podia colher centenas de larvas do mosquito prego, o anofelino. Ainda existe o anofelino mas não existe a doença. O dia que chegar um cidadão atacado de malária é possível que haja um surto. Mas foi muito trabalhoso mesmo o combate à malária.

P - Existia reação de população à desdeticização?

MORENO - A princípio houve. Os ricos, que alegavam que prejudicava os móveis. O veneno do DDT era a água, mas os ricos preferiam que eles fizessem o serviço com querosene por não prejudicar. Então eles compravam o querosene e o pessoal usava estadia. Isso era pra dizer que era inofensivo. Mas o resto assim foi. Aliás a primeira casa que recebeu DDT aqui em Magé foi a minha casa.

P - Isso em que ano?

MORENO - Em 1945, logo que terminou a guerra. Porque eu era muito amigo do diretor. Eu peguei a malária e ele foi me visitar. Fiquei tremendo de frio com coleréia, suando. Assim ele foi primeiro lá em casa. Aquilo é principal era tão violento que até o rato morria. Marimbondo. A gente não dormia em casa durante dois ou três dias. Depois o DDT ficou mais fraco. Eles relaxaram com a química. Se não é o DDT não havia maneira de combater. Usava muito óleo queimado. Mas não trazia resultado. Ele morde a pessoa só de noite. De dia ele não aparece não. Mas liquidou até esse bicho do pé que dá no porco. Tinha gente que não podia nem andar direito de tanto bicho. Minha mãe do céu!

P - Como é que se tirava bicho do pé?

MORENO - Tirava com agulha. Furava. Porque o bicho entrava. Ele pira o porco, ele entrava e ali ele fazia uma pequena bolca. Então ali era a reprodução, ficava enrolando aquela bolca, cheia de ovínhos. Então uma pessoa com uma agulha furava o pé, quem tinha tempo, filho de rico, essa coisa. Ia separando a pele e depois furava a coisa aquela bolca inteira. Cheia de ovos do bicho. Mas quem não tinha essa condição, gente relaxada, principalmente criança...

P - E aí como ficava?

MORENO - Inchava. Era tanto bicho que a pessoa não queria nem pisar. Porque quando dava nos pés e alguma coisa nos pés. No resto do corpo não dava não. O piolho era uma coisa triste. Filho de pobre não tinha cabelo. Era tudo raspado mesmo, porque não tinha tempo de lavar cabelo. Não tinha remédio. Isso tudo desapareceu com o DDT. Foi a salvação da pátria..

P - E o sr. lembra das campanhas sanitárias do Oswaldo Cruz? Isso repercutiu em Magé?

MORENO - Ah! Repercutiu! Isso não foi um das pessoas importantes, fazendeiros que denunciavam autoridade. Então faziam aquela fumaça pra demonstrar autoridade, importância. Mas não tinham noção do perigo de



MORRIS - ... doença, do que fôsse saúde pública. Mas depois as pessoas mais esclarecidas da cidade, como o padre, o juiz procuravam convencer o cidadão. A febre amarela por exemplo, a reprodução era muito em casa de ovo, na na lareira. No fundo do quintal a quem morava em sobrado jogava no telhado do outro e ficavam aquelas pessoas. Em jarra dentro da casa. Isso tudo a campanha conseguiu eliminar. Convencer o povo que não devia fazer.

Voltando no bicho do pé, quase toda a população, antes de dormir tinha um bacia com água de criolina. Então eles deixavam os pés mergulhados ali por alguns minutos pra evitar o bicho do pé. Era um costume. Ninguém dormia sem mergulhar o pé naquelas bacias.

MF-12 - Lado nº 2

MORRIS - O Macair, um comércio, coleção macaco. Então o Macair tinha lá um comércio. Quando o sujeito queria uma erva tal ele chegava lá e ganhava aquele negócio e ambulava. Dessa lá a erva que fôsse ele vendia. Mas as farmácias é que vendiam antigamente. Havia muito pelo por essas coisas. Muito respeito, vamos assim dizer. Então o sujeito só tinha aquilo que o cidadão pedisse. Como vendia óleo de capivara, óleo de lagarto, óleo de cobra surucucu, de jararaca. Essas coisas todas se vendiam na farmácia. Dinha de carneiro se vendiam muito pra reumatismo. É uma série de coisas interessantes que a gente já não vê. Por exemplo, o destroncado, não, dabo, as vezadeiras iam então rezar.

P - É o picurã?

MORRIS - Fazia uma toir de aranha misturada com cervão em cima do fogão de lenha. Usava pra reumatismo. É principalmente pra tratar do ferimento. Uma usavam até passar com mel de abelha. Faziam aqueles emplastros e botavam. Isso eu sei perfeitamente. Como eles usavam determinado órgão do coati para a potência. Entrava o órgão do animal, colocava pra sugar parafente no fogão. Depois de seco eles amassavam aquilo, trituravam e faziam um pó pra botar na cachaca e tomava na hora do almoço e do jantar.

P - Seu Morriss, como se fazia o tal do gel artificial?

MORRIS - Era um comércio. Vinha do Ceará pra ele uns pequenos fardos de uma erva, a qual ele fervia e fazia um xarope, coava, filtrava. Então ficava idêntico ao mel de abelha, e vendia como mel de abelha.

P - Era essa ou era erva?

MORRIS - Era folha. Agora eu não se lembra a árvore. Não sei o nome. Fazia jusque eu via na Penha's apita vendia. Como o saião era muito usado. É usado para a febre pra evitar o bicho do pé. Era usado pra evitar o piolho na cabeça das crianças e de adulto também. Era usado

MORENO - ... xe do colchão também. Botava no ninho das galinhas pra meter piolho.

P - É o gurguço?

MORENO - O gurguço era muito usado. Toda casa tinha gurguço, qualquer cerca tinha. Naquela tempo não tinha cerca, não era murado e geralmente botava o gurguço pra fechar. Então quem podia fazia baia, xerope. A folha é geralmente quando a criança tinha tosse à noite, eles faziam o chá do gurguço. Quem não tinha aquecer mantinha as folhas do gurguço. Era a medicina natural. E ficavam bons. Se curavam sem aviso. O moleque já sabia que o gurguço teve na cerca, mas na casa e ficava matigando. São coisas que desapareceram.

É como o saião pra tratar de arigimola. Tomavam o saião e botava na chapa, ela ficava assim seca, mais mole. Então se botava em cima da parte inchada, avermelhada. E amarrava um pano. E via curar porque todo mundo curava. Tinha uma série de coisas, de medicamentos que hoje quase ninguém usa. E mais gente voltou se curar sem saber que está sendo curado. É aquela lama de Piedade. Aquela lama quando havia doença de pele os curandeiros mandavam ir pra Piedade esfregar aquela lama e ficar no sol. Então quem curava assim ia pra Piedade, geralmente na parte de manhã. Só ia à Piedade por necessidade mesmo. Não havia estrada, não havia coisa nenhuma.

P - Mas não era caminho pra Magé?

MORENO - Mas era caminho de "larvai-uz". De passar uma pessoa, era caminho de roça.

P - É a água do Poço Lento?

MORENO - O pessoal fala que é medicinal. Mas é uma coisa que a gente hoje não pode nem falar. A água é boa mesmo. E dizem que o Padre Anchieta veio aqui à Magé e porque não havia água ele chegou totou a bengala, furou e saiu água. O meu Deus! naquele século não existia Magé! Existia era o povoado no poço de Piedade. Se ele viesse aqui, tinha muito rio com água cristalina. Esse rio que hoje é uma vala, era limpo.

P - Mas a água do Poço Lento foi usada como medicinal?

MORENO - Diz-se que ele curou um cidadão que estava leproso. O Anchieta. Mas não era documento da época. Mas se aceitarem deixar o homem ficar santo, virar santo, não tem problema.

Você sabe o que é cajá-cara? Lá norte dá muito, aqui em Magé deu muito. Aqui nós usamos de cajá-cara. Ele curava negócio de estômago. A fruta. Eles chupavam a fruta. E de preferência em jejum. Lá na estrada do arco tinha um pé enorme. Muita gente já amanhocia apanhando cajá no chão pra chupar assim o arco-cará. Só usava como remédio. O bicho era muito infectivo. Aquilo que não era brincadeira.

Uma outra coisa, você sabe que a pessoa que sofria de asma, de-

MORENO - ... eficiência respiratória. Quando matava um boi eles ficavam lá no estaburo. Então quando tirava o bucho do boi eles ligavam aquele negócio e o sujeito metia aquilo na cabeça, ficava respirando aquele ar, aquela coisa uma hora ou mais, e tempo que ele achasse necessário, e dizem que curava. Isso era muito comantado. Eles metia feito uma carapuça. Ficava respirando ali dentro.

P - E a pessoa não ficava sufocada?

MORENO - Não porque o respo era suficiente pra entrar ar. Tem um garoto que se curou assim. Era um garoto de uma família pobre. Então todos os sábados ele levava o garoto pra dono do estaburo permitir que ele metesse o bucho do boi na cabeça. Porque naquele tempo não vendia bucho, nem tripa, nem cabeça, nem rabo e nem mocotó. Aquilo eles davam aos pobres.

P - Seu Moreno, o que era criança tomada de lua?

MORENO - Ah! Isso é na hora da lua. A criança vai se definhando. A criança vai ficando assim requitica e curra. Então dizem que ela toma de lua porque quando nasce, logo na lua seguinte à lua que a criança tinha nascido. Nasceu no quarto crescente então no outro quarto crescente por três vezes naquela lua a mãe tinha que mostrar a criança à lua e se não fizesse, a criança passava a emagrecer e acabava morrendo.

P - E o sr. conhece algum remédio pra impingem?

MORENO - Eles usavam muito mesmo o azul de metileno e existiam pessoas também que rezavam. Mas tinha um outro remédio caseiro que eu não me lembro agora. Você sabe o que é este couros? É uma doença que dá na sola do pé. Então a pele engrossa tanto e fica inflamado. Sabe como é que a maioria curava? Curava com toicinho de porco quente, botava na brasa. Quando estava bem quente eles botavam ali em cima e amarrava uma pano.

P - E fogo selvagem?

MORENO - Ah! O fogo selvagem também é uma doença da pele que fica vermelha. Ele fica assim um tanto irritado, um tanto vermelha.

P - Não é érisipela?

MORENO - Não. Erisipela só dá em perna. Mas ela não dava em qualquer lugar.

P - E faziam resse pro fogo selvagem?

MORENO - Faziam resse também. Eles faziam, mas não tenho certeza não, um banho que eles faziam com pimenta-preta e outra coisa junto. Mas aquilo quando a pessoa gritar mesmo. Não sei porque provoca aquilo.

P - Se fejava muito em espingola caída?

MORENO - Ah! Tinha muita gente aí, que bota espingola sabia. Comprava na ferrãoia. Mas naquele tempo não vendava pra mandeira. A mandeira mandava fazer um espingolo de feriana de mandeica, de sa que se come, com azedo doce. Então botava a coisa de estêraga e amarrava porque

MORENO - ... não tinha asperodraco. Aquilo mudava duas vezes por dia.

P - E tinha a reza também?

MORENO - Com a reza também? Ele rezava, ia na casa do rezadoiro ou então o possor com posse, um pouco mais de condição, nesse caso o rezadoiro vinha à casa do cidadão, rezava, ele mesma fazia o emplastro e tudo o mais.

P - Costumava cobrir?

MORENO - Não, mas sempre ganhava os seus presentes valiosos. Vestidos. Dinheiro vivo mesmo não. Mas indiretamente recebiam, mas não pediam.

P - Como os presentes então? Qual recebia esse capitão de cá?

MORENO - Ah! Foram pacifica e apática, começava a agradecer e começava a se curvar ligeira em o; e comesse alguma coisa de tipo-de-papagaio. Então os outros começavam a cair, ele começava a se envergar um pouco e sentia o estômago. E deixava de se alimentar. Então eles chamavam de espichela caída.

P - E tirava a medida?

MORENO - Tiravam a medida. Elas tiravam a medida no ombro e no braço. Parecia que ele é equivalente à medida do braço de um santo. Era tirada pessoa com relação ao tamanho da medida do santo. Isso eu tenho certeza.

P - E o cobreiro? Tinha muito cobreiro?

MORENO - Elas curvava muito com água salgada morna e azeite doce. E no momento mesmo elas botavam muito o óleo da coraiha.

P - O que provocava o cobreiro?

MORENO - Era uma vez ou duas vezes grandes que quando eles passam eles deixam uma ruína. Dá muito no curral de loi.

P - Tinha muito câncers naquela época?

MORENO - Não, eu tive uma filha de cinco anos. Eu era muito menino e minha mãe ainda falava que ela tinha tirado um coito. E depois a esposa do cobrador de loi tirou. Por causa do câncers. Mas naquela época não se chamava de câncers. Era o câncers.

P - Era câncers era uma doença venérea?

MORENO - Tinha também. Mas depois essa nome, não sei se era deturpado

P - E sífilis tinha muito?

MORENO - Ah! Tinha muito. Isso era uma epidemia pública.

P - Se via muito sífilis nas ruas?

MORENO - Ah! Mas era doença, doença venérea. Doenças venéreas. Sífilis era tanto que não se dava muita importância. Não havia meios de tratar.

Sobre os preços por volta do século XVII. São declarações de pessoas idôneas, pessoas com mais de 60 anos que tinham esse conhecimento até a última declaração ou por ouvir falar dos seus antepassados. Isso não é sífilis, é a sífilis de hoje em dia. Então o que existia na época era que o rezadoiro contritava a epidemia e não a partilha, para que vissem a sífilis à sua e agora na declaração

FORMO - ... do parto. A aparadeira vinha antes para fazer os preparativos, ela mais ou menos calculava a época do nascimento e com ela vinha a receadeira para recar a futura mãe, fazia os seus defumadores com benjoim, alfazema, essas coisas que se usa na igreja como defumador. Então isso feito, aguardavam a hora exata do nascimento. A mulher não saía mais do quarto, a parteira ou aparadeira também. Ficava acompanhando e ninguém mais tinha ingresso naquele local. A aparadeira é que dava lenço na parburiente, cozida, fazia tudo enfim como preparativo do parto. A criança, ao nascer, recebia seu lenço natural era untada com óleo bento que era adquirido na igreja, por intermédio do padre. Era o isolamento total da mãe, da criança e da aparadeira. Ninguém entrava no quarto. Após 30 dias entrava o pai. Mas antes disso a família curiosa, querendo saber o sexo, e havia o costume da aparadeira anunciar o sexo por intermédio de uma bandeira. Ela pendurava uma pequena bandeira na porta, se era menino era azul; se era garoto de cor, era amarela. Então a família sabia se era menino ou mulher a criança nascida. Nesse interim o fazendeiro já estava fazendo os preparativos para os festejos, a comemoração do nascimento. Após 30 dias o pai, em primeiro lugar tinha ingresso no quarto para conhecer o filho; depois do pai, o padre, depois a madrinha, depois o padrinho e assim por diante com os familiares. A festa era organizada com os escravos com os convidados. Entravam nos festejos e eram danças durante a noite. Havia porcos, gelinhas, aquela festividade grande. Os escravos dançando jongo, os fazendeiros dançando outras coisas. E assim ia passando a data daquele nascimento. Na época a parteira guardava o umbigo da criança e só era devolvido quando completasse 21 anos o homem, e a mulher com 18 anos. Então ele recebia o umbigo e enterrava no local onde ele nasceu. Ele podia estar ausente, podia estar muito longe, mas ele vinha ao local onde nasceu enterrar seu umbigo. Por isso até hoje ainda se usa o ditado que diz: - "Ah! você não larga onde foi enterrado o umbigo" quer dizer que ele não larga a terra onde ele nasceu, a terra que ele ama. Então é isso, você não larga a terra onde enterrou o seu umbigo.

Depois os aparatos foram sendo deturpados, sendo simplificados, a vez de ter uma carionda de 30 dias, passou a ser muito menos 15 ou 8 dias, não lembro.

Era costume o marido, que dava muita assistência à sua esposa redobrar essa assistência, esse carinho, esse amor por ocasião da gestação. Tudo aquilo que a mulher desejava, ele embora com sacrifício ele conseguia para lhe fazer a vontade, para que houvesse um parto normal, feliz e mesmo para que não abortasse, não tivesse uma infelicidade qualquer. Era costume por exemplo, pelas madrugada o marido sair do quarto e andar passando pelas pernas de braço dado, a distraindo e isso fornecia um desenvolvimento, um certo equilíbrio de seu corpo, de sua física com relação ao parto para que fôsse um parto

MORNO - ... mais suave, logicamente faziam isso de madrugada devido às conclusões que eu tirei com as minhas experiências com meu trabalho de pesquisa. Porque a mulher após o terceiro ou quarto mês de gravidez, quando sua barriga começava a ser notada, ela com vergonha não aparecia mais em público. Em sua própria residência, ela recebia pessoas muito íntimas porque tinha vergonha de aparecer grávida em público em qualquer outra pessoa. Então por isso talvez sem eles saberem a razão, se saíam pela madrugada e fora até o dia clarear. Hoje por exemplo a mulher já vai por uma maternidade, a criança nasce vai logo pro berçário. A mulher vai pro quarto cento e aquela atenção, aquela carinho, aquela coisa de mãe pro filho fica deturpada. Ela vai ver o filho muitos dias depois. E depois ao r processar em casa já tem, no campo mais alto, a babá que vai tratar do filho. A mãe só vai olhar a esse coisa. Tem sua vida social, já tá pensando no festivo, no escola da criança. Então há um isolamento, uma distância entre mãe e filho. É por isso que muitas coisas acontecem e são acontecendo; a juventude não tem mais aquele afeto, aquela coisa pelos pais. Há uma distância e essa distância prejudica muito a formação moral da criança. Naquela época o sujeito já era adulto, eu sei, ele quando via a parceira, aquela negra velha, lá lá a mãe jájava a mãe e chorava de dindinha. Hoje ele sabe lá quem foi o médico quem foi a enfermeira. Como a mãe de leite. Havia dificuldade em certos meses de amamentar a criança, então apertavam mesmo uma grata velha, uma escrava ou uma vizinha, um parente pra amamentar a criança. Era a mãe de leite, que era a segunda mãe. A criança chorava, se chorava sabendo que ele foi amamentado por uma segunda mãe. E ele respeitava também como mãe. E hoje nada disto existe. Vai na farmácia e compra o leite tal e mata lá na mamadeira e não quer saber se aquilo tem condição de alimentar. Enfim só tá querendo saber de conforto. Tá tão diferente que não dá mais pra entender.

Ainda sobre o parto, já na época dos partos em casa, já não era mais aparadeira; a criança nasce e na primeira lua a criança era mostrada à lua e assim consecutivamente por mais três luas e o umbigo também era jogado no balhado ou então ficava no álcool ou guardado para que fosse então entregue à criança mais tarde. Nos geralmente as mães guardavam com cuidado os umbigos de todos os filhos como lembrança. Havia até um verso sobre a criança e a lua e que chorava lua também de dindinha.

F - E o aborto? Era comum se provocar o aborto? Como se fazia o aborto?

MORNO - Anti quanto ao aborto tomando chá de leite ou então de arroz. Mas não é tão comum conseguir abortar. Mas tá sendo quando veio a galáxia por volta de 1940, após a guerra. Lembeca que a

MURNO - ... comprava da malária trouxe um remédio que devia ser à base de quinino, mas não era quinino porque o comprimido de quinino era branco e esse outro que eu estava me referindo era amarelo. Então eles descobriram que aquele remédio também fazia aborto. Então elas começaram a fazer o aborto com aquele remédio, e atualmente muitas pessoas aqui usam até hoje de manhã. Introduz o tubo do mesmo e dali logicamente se escorre o por aqui o tubo. Isso vem causando muitas mortes e casos graves de hemorragia. A maioria que pratica essa espécie de aborto está numa faixa de 14 a 15 anos. Porque não tem dinheiro pra pagar um curador, um médico. Não quer ir à Brasília, então usa o tubo de manhã que não custa nada. E dá as vezes um caso fatal. Não fez muito tempo que um rogo, uma estudante praticou esse ato e eu sabia que ele tinha falado, mas hoje tudo é possível, tudo é comum, tudo é aceitável e acaba tocando o bote.

P - É na época das epidemias, anilha o aborto praticado?

MURNO - Não, não anilha pelo seguinte. Porque os curadores tinham grande satisfação de ter uma grande família, 15 ou 20 filhos. Então a criança que ela não queria, não aceitava o aborto e não a mulher tinha condição de fazer o aborto. Ela está desconfiada dessa coisa. A sociedade também não aceitava.

P - Isso já no seu tempo?

MURNO - Isso já no meu tempo.

P - E as famílias eram muito pobres?

MURNO - Ah! Era uma média de 15 filhos. A minha avó tinha 32 filhos. Tavo aqui um cidadão que teve 25 filhos e ganhou até prêmio na televisão. Também havia facilidade. Porque quase nada se comprava. Porque todo mundo tinha sua vaquinha em casa, tinha seu porco, a galinha, tinha e suas hortas, suas frutas. Não dependia de dinheiro pra comprar, então essas coisas ela podia ter sua parte enorme.

P - Existia muito insumo nos partos naquela época?

MURNO - Não. Não havia porque a mulher era criada de todas as cuidados, de todo lado pelo marido. Tudo que se podia fazer pelo sucesso do parto se fazia.

P - E se falava no parto difícil?

MURNO - Não se falava.

P - A mulher não morria no parto?

MURNO - Não. Ninguém falava nisso porque era muito comum o parto normal, sem problemas. Não havia essas condições que trazem prejuízos nessa fase. Essas condições modernas. Os legumes, frutas tudo que se come tudo tem inseticida. Hoje é um prejuízo e desenvolvimento de criança ali dentro. Então os partos estão mais difíceis. Naquele época não tinha inseticida. Não tinha nem a 25. A mulher levava o seu animal doméstico, com leite, com colar todo, dava-lhe uma condição maravilhosa para sua saúde e parto normal.

Fl. 113

F - Aqui em Mogé existiam muitas árvores frutíferas? Frutas silvestres?

MORENO - Isso agora ultimamente no tempo da guerra, forneciam madeira para o material de ferro, pedras e então a devastação foi um coisa tremenda. Antes o material usado era o carvão que era importado da Inglaterra e de outros países. Na guerra isso cessou. Então aprenderam não se medir como combustível e então foi uma devastação sem escrúpulos, sem uma cautela. Desapareceu praticamente o canhão, a tabacaria, o café, a amênia, a lombarda que quase ninguém conhece mais. e que talvez seja daqui perto de Mogé.

F - O que se fazia com a amênia?

MORENO - A amênia era abundante. Ela era colhida na época exata, tiravam suas frutas, secavam trincaravam, faziam um pó e daquele pó faziam mingau para as crianças e os adultos comiam também. Era saborosíssimo, no entanto a hora é hoje, porque eu também comi. Mas infelizmente hoje para se ver um pó de amênia é uma coisa difícilíssima.





LULCINEIA - ... passarinha é uma planta que dá na árvore. Quando eu levei ele ao médico pra tomar a batedeira, ele não tinha mais nada. Disse que foi da erva da passarinha. Aí eu arrumei as plantas e mandei pro hospital pra eles estudarem.

P - E os médicos se interessaram?

LULCINEIA - Se interessaram. Foi até uma dra. Miriam que nessa época trabalhava no hospital de Magé, que levou as plantas. Ainda minha mãe não acreditou muito não. Ela é muito chegada à doença, medrosa. Ela tava achando que aquele sumo poderia ter tapado alguma coisa. Mas não, já não tinha mais nada.

P - Você me falou do chá de rosa branca?

LULCINEIA - Tem muita gente que dá o chá de rosa branca pra criança com destauro. Problema de intestino. Foi a falecida comadre Alice Couveia que disse pra nunca dar chá de rosa branca. Porque ela deu pra um filho dela e que a criança morreu e ela tem aquela convicção de que originou foi a rosa.

P - Mas você nunca ingeriu o chá de rosa?

LULCINEIA - Não, nunca.

P - As pessoas daqui usam muito o chá de rosa?

LULCINEIA - Usam, mas aqui usam muito são mandados de rezadeira, de centro e eu não tô nessa. Eu tô em outra.

P - E tem muita rezadeira por aqui?

LULCINEIA - Tem. Faz benzimento.

P - Você conhece espinnela caída?

LULCINEIA - Nunca rezei. Eu acredito que espinnela caída seja uma fraqueza. Eles botam barrento. Eu não acredito não.

Você conhece a folha do tomate? É pra quem têm aquela erisipela.

P - Como é que é a erisipela?

LULCINEIA - Na perna. Fica vermelha, coça. Então coloca essa folha de tomate.

P - Mas como é que faz com a folha?

LULCINEIA - Lave e coloca em cima. Diz que refresca. Até um cunhado meu, Jumar, esse fez isso. Foi a uma rezadeira que ensinou. Ele melhorou. O que eu já fiz de erva que me ensinaram! Eu tenho uma garota que o nome dela é Cristina. Então ela com a idade de 5 meses, ela deu um problema no pescoço igual uma resadura. Aquilo coçava, e ela batava. Chegava a sangrar. Leve pra rezar. Num custa e aí eu levei. Eles me ensinaram uma erva.

P - Quem rezou?

LULCINEIA - Foi uma senhora chamada D. Sivi. Ela mora aqui perto da estação.

P - Mas ela receitou uma erva que você falou?

LULCINEIA - O nome da erva é erva-de-são. Ela mandou banhar. Eu achei que refrescou um pouco. Ela tomou três dias. Depois tava mais calma.

LULCINEIA - ... Num teve muito vermelha. Não foi totalmente isso que curou, mas adiantou. O que curou mesmo foi essa pomada Hivoclor.

P - Você disse que tomou o chá do cordão de frade?

LULCINEIA - Eu tomei o cordão de frade, mas foi pra aborto. Tinha um mês e pouco que eu estava esperando e num resolveu nada. Depois, quando já tinha mais de 15 dias, eu tomei chá de folha de manga e num tive êxito. Aí depois eu tomei o chá de quitoco.

P - Você que foi apressar o quitoco?

LULCINEIA - Eu mesma que peguei. Eu tomei o chá daquilo. Já tava com 4 meses. Eu tomei assim como hoje. No outro dia tive o aborto.

P - Quanto tempo você tinha parado de tomar remédio pra provocar o aborto?

LULCINEIA - Já tinha parado de tomar qualquer coisa. Poderia ser até que os outros tivessem enfraquecido um pouco e o quitoco sendo mais forte....

P - E você tomou um chá só?

LULCINEIA - Tomei um chá só. Primeiro tomei um chá em jejum de mandioca de frade de copo duplo geleia manhã. Num deu problema nenhum. Passou mais uns 15 dias e num tive êxito. Tomei um de folha de manga e num teve êxito também. Aí eu parei e disse: num vai ter jeito mesmo. Já tinha feito uns dois meses eu tomei um chá de quitoco.

P - E qual foi a quantidade?

LULCINEIA - Um copo duplo. Era esses copos de geleia da Cica. Aqueles copos grandes.

P - E a quantidade de erva?

LULCINEIA - Era muito. Ele ficava averdeado bem claro, né? Muito fraco não. É bem forte. Aí tomei e bebi umas quatro horas de manhã. Quando chegou umas onze horas eu fui logo pro hospital, mas aí foi tudo bom. Eu fui de apavoramento. Num fez curetagem. Não foi preciso nada. Foi normal, tudo bom.

P - O médico confirmou que tinha abortado?

LULCINEIA - Tava tudo bom. Era até um garoto, eu vi. Se eu tivesse ficado em casa... mas era a primeira vez que fazia

P - Os médicos perguntaram porque você tinha abortado?

LULCINEIA - Eu falei. Eles nunca confirmam que seja isso, pra não dar apoio pra gente fazer outra vez. Dizem: - que nada, isso aconteceu porque tinha que acontecer. Eles nunca vão dizer aquilo. Tem uma vizinha aqui que disse que conseguiu só com a folha de manga. Mas ela foi o chá e a lavagem. Mas ela passou mal, não sei porque. Foi pra Casa de Saúde e teve o aborto, mas passou mal.

P - O pessoal daqui de Magé costuma usar muita erva?

LULCINEIA - Ah, usa. Mas sei lá, tem época. Eu tenho na minha idéia que eles usa, mas num tem aquela condição que tá servindo pra aquilo. Eu acho que eles usam mais a erva vendida de centro. Não usa co-

LULCINIA - ... no medicina não. Eles usam mais por macumba.

P - Mas mesmo o macumbeiro indica uma erva pra curar uma doença. Fazer um banho.

LULCINIA - Eu não acredito em banho não. Que nem eles tem costume de mandar tomar banho de abra-caminho, estada-de-São Jorge. Num me entra muito na idéia.

P - Qual é a sua religião?

LULCINIA - Eu sou católica, mas num. Sou católica porque me casei na igreja, fui batizada na igreja, mas num sigo. Tu acho que eu não sou nada por enquanto; ainda não me defini.

P - Que doenças as crianças já tiveram?

LULCINIA - Cristina teve princípio de hepatite.

P - Tratou com quê?

LULCINIA - Eu tratei com muito doce e o chá de picão e o torno.

P - Como era o sintoma que ela tinha?

LULCINIA - Ela só começou a ficar muito pálida. Ela já é branca. Então eu levei ela sempre, ela clara. Aí eu levei ao médico. Mas eu sempre achava que ela teve enxema. Aí pedi logo um exame de sangue. Deu princípio de hepatite. Passou a comer uma base de meio quilo de doce por dia e chá de picão e torno de picão.

P - Quem indicou isso, esse remédio?

LULCINIA - Acho que foi o médico mesmo. Num tô bem lembrar não. Ela tomou e melhorou.

A Márcia teve um problema, mas foi apavoração minha. Ela deu sarampo e ela era muito pequeninha. Com 10 dias que tinha terminado o sarampo ela ficou com uma tosse seca e eu gosto muito de levar ao médico pra ver. Mas eu num contei a ele que ela tinha dado o sango. Ele acabou ter uma choaga do pulmão e deu inflamação na base do pulmão esquerdo. Aí eu fiquei louca. Aquilo pra mim era problema do pulmão. Aí logo tratei de levar ao médico especialista em pulmão. Ele me deu uma escolhimento que eu num tinha nem condição de estar com essa menina ali. Ela num tinha nada. Porque toda doença de pelle, ele me explicou, primeiro dá por dentro. Já no pulmão, uma febrezinha por dentro. Então que ela brota, mas por dentro custa a cicatrizar, a curar. Aí ele ainda desenhou pra mim um pulmão. Eu queria ver embora e tudo bem. Mas até ele dizer isso eu fiquei apavorada.

Eu, quando vai passando uns seis meses eu dou lombriquaire pra as crianças. Se a criança não quer comer eu entro na farmácia, peço um remédio pra abrir o apetite. De vez em quando a gente pega o chinelô pra ver se é mesmo doença...

RECEBIDO  
11.03.50

REQUISA: A LÚCIA DA MATEUSINA POPHAR  
PROGRAMA PEPPI 32.7  
Coordenador: ROSELIAS OLIVEIRA  
Relatório de Entrevistas  
Informante: Virgínia (M-13) Local: Guapiririm (RJ)  
Data: 11.3.50

Fl. 116

OBS: A informante não permitiu que a conversa fosse gravada.

D. Virgínia é uma senhora com 70 anos, aproximadamente, mala-ta, analfabeta, alijada de um pé, que foi amputada em virtude de um tumor. É residente em Guapiririm. Vários moradores da cidade lembram-se de terem sido curados por D. Virgínia.

D. Virgínia aprendeu a rezar, observando os parentes rezarem. esvia ela café, amarela, orizão, torada de lva, buanquia, abrei-ro, arizão e, no momento está aprendendo a rezar a jirizão.

Segundo D. Virgínia a espinhola caída ocorre quando o osso da espinhola (que fica na parte interna do osso externo) entra pelo corpo a dentro e a pessoa sente muitas dores e mal estar e se deitar e se tratar pode ficar com coque no pulmão.

D. Virgínia sabe diagnosticar a espinhola caída pela medida dos braços e do outro. Se houver diferença a mais na medida do braço, a pessoa está com a espinhola caída. Para saber se a espinhola está caída basta verificar os dedos das mãos para ver se estão compridos e se existe uma diferença muito grande entre o polegar e o indicador das mãos.

Um outro sinal característico da espinhola é o abaulamento da região do estômago, abaixo do osso externo e muda-se o estágio da espinhola através do calor ou menor profundidade da região.

O tratamento da espinhola consiste em se colocar o paciente com os braços levantados no porco e ser rezado nesta posição. Além desta reza, D. Virgínia recomenda tomar chá de erva de passarinho retirado de árvores que não sejam a laranjeira ou a mangueira, caso contrário a erva seria venenosa.

Para prevenir D. Virgínia recomenda o chá de 9 brotos de marichá, que são colhidos para o chá recente e o sumo deve ficar curado se tomar o chá das nove folhas. Ela relata um caso de um parente que foi curado assim.

O quebração ocorre com o chão de vaporizante (Sida carpinifolia L.) e a quebração ocorre quando a criança nasce e não é mostrada para a lua com os versos existentes para esta ocasião. Se a criança for tocada de lua, ela fica com diarria verdadeira que somente se cura com a reza.

PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR

Fl. 119

PROGRAMA FIPPE-32.7

Coordenador: JOSIAS SERRA

Relatório de Entrevistas - FITA 1F-15

Informante: Teodoro Local: Faria - 32 distrito de Guapimirim RJ  
M-14 Data: 15.8.60

P - O sr. nasceu em que ano?

TEODORO - Nasci em 1915.

P - Onde o sr. nasceu?

TEODORO - Em Secimim de Abreu.

P - E lá o sr. trabalhava em quê?

TEODORO - Instalava em máquina cortando formentes.

P - E o sr. vendia pra quem?

TEODORO - Fô de barra? Ah, quem vendia era o patrão.

P - Eles pagavam como?

TEODORO - Pagavam por dúzia.

P - Eles pagavam bem?

TEODORO - Pagavam.

P - Lá o pessoal usava muito remédio?

TEODORO - Lá a gente só usa remédio do mato. O sr. cortava o pé. o primeiro remédio pra corte era o comair, um óleo.

P - E o picurã, usava como remédio?

TEODORO - Picurã era boa pra quem tava de barriga inchada.

P - E como é que tomava o picurã?

TEODORO - Botava na água e tomava.

P - Quando o sr. chegou aqui, não tinha ninguém morando?

TEODORO - Pouco gente.

P - E o sr. conhecia remédio pra imincar lá?

TEODORO - Não.

P - O sr. indicou o incará, aquela casca pra uma doença do sr. Moreno nas mãos dele?

TEODORO - Ah, do mais vóio que me ensinava. Meu pai, minha mãe. Minha mãe também gostava, era parteira. Parta-rão, pra quando a dona dava luz, a vóia, o primeiro banho que tomava era o parta-rão. Era purgante de óleo de ricino. Se num tivesse óleo de ricino dava purgante. Mas hoje em dia não, hoje em dia as mulher num toma nada. A água in-glass...

P - Antigamente as mulheres usavam muito água-in-glass?

TEODORO - Ah, usava.

P - E elas tinham problema de parto? Era fácil?

TEODORO - De acho que antigamente era mais fácil do que hoje.

P - A mulher não partia a criança?

TEODORO - Era muito difícil.

P - Era sempre a parteira que fazia o parto?

TEODORO - Era. dava remédio. Durante oito dias era ela que tratava da criança.

P - Existia reza?

TEODORO - Existia. Era valeroso a reza. Tu não acredita em certas coisas não. Macumba. Tu não acredita em macumba não. Já tô com essa idade toda, já vou pra 64 anos e nunca procurei nada desses negócios de macumba. Mas remédio. Mas vi muita reza.

P - O que que o sr. viu?

TEODORO - Meu pai tinha um mandicão muito grande. Era lá em Casimiro de Abreu. Então tinha um cunhado dele. Era uma lagarta no mandicão que estava cobrindo com tudo. Lá ele chamou o cunhado dele pra vim rezar, o cunhado sabia rezar. Chegou lá e disse: - Ó cunhado, vou rezar, mas vai tudo parar dentro d'água. Tudo quanto é lagarta. Duas horas depois o sr. não acha que lagarta no pé do mandicão. Tinha rezado os quatro cantos tudo de rezar. Quando foi lá tarde o sr. ia lá duas horas de tarde o sr. só viu no chão as lagartas. Caiu tudo, mas tudo morto. Depois passou bastante tempo e ele morreu. Tinha um suco veio lá por nome de Leonardo. Era uma lagarta outra vez no mandicão que meu pai tinha. Meu pai foi lá e chamou o véio. O véio veio e disse tanto que ia tudo pra dentro d'água e foi morto. Caiu com a lagarta. Depois disso eu vim ver a lagarta foi aqui no Paraíso.

P - Diz que deu aqui também, né?

TEODORO - Deu.

P - Foi rezado por quem?

TEODORO - Não rezaram... aqui quanto mais rezava, mais rendia.

P - Mas o "bedil" falou que o rezador aqui rezou e caiu?

TEODORO - Caiu? Caiu nada. Tu aqui sentado. Lá em Queji eu vi quando o rapaz falou com ele, o rapaz que tomava conta do serviço lá. Ele falou que rezava. Então o rapaz daqui deu dois cruzeiros a ele pra rezar. Tu ainda pergunta: - Você sabe rezar? E aí ele disse:

- Eu sei.

- Oi lá hein! Tu vê como é que você vai rezar.

- Tu vê rezar daqui e vai cair.

Eu ele não fez ou ele rezou e não sabia rezar. E lagarta não caiu nunca, só quando acabou o mandicão. Deixou o mandicão gelado. Lá no Oriní

P - E o sr. sabe como era a reza?

TEODORO - Não.

P - Ela não rezava na frente de todo mundo não?

TEODORO - Rezava. Mas falava baixo. Intimamente eu não da gente chamava a gente, antes de dormir a gente rezava.

P - Quando tempo rezava, só na hora da crise?

TEODORO - Rezava espírito criar, blanca, malvanta.

P - Ventre virado?

TEODORO - É ventre virado, rezava tudo. Tenho uma sobrinha que correu os médicos. Dr. Alexandre é um bom médico. Era febre. Dava febre na criança. A criança ficava ruim e depois começou inchá. Aí tinha uma dona que morava lá na beira da estrada, a dona era até meio maluca. Aí levaram lá na casa da dona. Ela rezô três vezes e a criança ficou boa. Era a D. Rassa.

P - O sr. lembra como é que a pessoa ficava quando tinha espinhela caída?

TEODORO - Rezava e andava fazer garrafada pra beber.

P - O que colocava no vidro?

TEODORO - A raiz do jacó. Inicialmente havia muito uso. Hoje em dia tem muito recurso, era quase que ninguém pode usar. Tem que levar o dinheiro pra pagar a consulta, dinheiro pra comprar o remédio.

P - É porque o pessoal abandonou os remédios do preto?

TEODORO - É porque quando cai por pessoa doente, tá tomando um remédio aí vai ao médico. Chega lá e diz o remédio que tá tomando. Se disser que é remédio do preto, ele diz: - Ah! vai matar, vai morrer! É isso mesmo. A inchada é aquela pra ele.

É um remédio também com.

P - Como é que é o nome desse aí?

TEODORO - Uma-urana.

P - Se usa pra que isso?

TEODORO - É bom pra apuntamento do animal e mesmo pra gente beber. Tem gente que bebe ele com purgante de óleo.

P - Como é que é o apuntamento do animal? Como é que o animal fica?

TEODORO - Ele pálido. Fica pálido.

P - Ah, sai o pelo. Ele fica inchado?

TEODORO - Não.

P - Fica magro?

TEODORO - Fica magro e sem pelo.

P - É verdade que o animal quando fica avado ele come barro?

TEODORO - Come.

P - Qualquer tipo de barro?

TEODORO - Ele mete o dente no barro e come. É como a criança. A criança também quando tá aguada com muita febre, ela come terra. Ela come terra.

P - O sr. come terra quando? Adulto?

TEODORO - Não.

P - O sr. ficou muito mal?

TEODORO - Fiquei pálido, descorado, desanimado. Aí minha mãe me deu três purgantes de irapessá.

P - Como é que ela dava o purgante?

TEODORO - Ela fazia o pau com o freixo. Aí dava aquela leite.



TEODORO - ...Passado duas horas a gente ia lá tava aquele leite. Aí pagava a colar, raspava o cotovelo dentro da vasilha. Quando chegava em casa cozava na quantidade d'água que ia beber, mas tinha que beber dentro d'água. Ou spraya ia no rio e lavava os braco na água fria, o rosto, vinha de lá e tomava o purgante um dia de tarde. Se acontecesse passar couva, ficava inchado, quebrava o resguardo. Se tomasse dentro d'água e passasse couva, não fazia mal não.

P - Depois que o sr. tomou esse purgante, o sr. ficou bom?

TEODORO - É.

P - E o sr. botou muito verde pro Dom?

TEODORO - Botei. Até uma solitária.

P - E todo mundo usava esse remédio aqui pra isso?

TEODORO - Uéve. O injeção que encontrava doença no corpo da pessoa ele curava. Igore se a pessoa tiver com o corpo bom, tomô ele, dá uma carga de no corpo da pessoa. Se ele encontrar o corpo da pessoa com doença ele corta a doença. Tu tomô muita roça de remédio. O sumo de pinheiro. Tirava uma micara de lá, uma micara não, meio copo, cozava e depois cozava. Uta purgante desagregado!

P - Funcionava mesmo?

TEODORO - É. A gente antigamente pra beber precisava respeito e pan cada...

P - Era muito arrego?

TEODORO - É. O lunbriguero que a gente dava aos filhos era mingau de Santa Maria. Fazava Santa Maria quando tava com semente. Ela é igual mostarda. Botô ele num pond. Cozava de cozido e misturava no óleo de ricino ou no óleo de maçã. Aí dava a criança pra beber. Uta cozava bicha! O melhor remédio de verme, cabô. Tem um aí que tá existendo bom. Tu esqueci o nome dela.

P - Remédio de farfócia?

TEODORO - É. O melhor remédio que era bom pra criança botar verme era o lunbricó. Num se usa mais.

P - A semente de chóbar usa também?

TEODORO - É.

P - Pra matar solitária?

TEODORO - É eu sóvi dizer que é bom pra matar solitária.

RESEARCH: A LÓGICA DA MIELLEIA POPULAR

PROGRAMA FICPE 32.7

Coordenador: DOMINGOS GALVÃO

LABORATÓRIO DE INTERVISTAS

FITA MP-19 Informante: Manoel Júlio Martins (M-15)

Local: Faraíso - 3º distrito de Guapimirim (RJ) Data: 20.3.60

P - Como é seu nome?

MANOEL - Manoel Júlio Martins

P - O sr. nasceu onde?

MANOEL - Nasceu em Casimiro de Abreu.

P - O sr. veio pro Faraíso junto com Teodoro, seu irmão?

MANOEL - Teodoro veio na frente.

P - O sr. quando veio pra cá o sr. veio trabalhar em quê?

MANOEL - Eu vim ajudar papai a fazer roupa aqui. Ele me chamou.

P - Era roupa de quê?

MANOEL - Era de feijão, milho. Criava porco, galinha.

P - E dava muito laçaria na mandioca?

MANOEL - Não. Laçaria aqui não deu não.

P - Mas o sr. soube de um rezador que uma vez rezou um mandioca que teve com laçaria e as laçarias morreram todas?

MANOEL - Sabe, aqui não.

P - Quem era esse rezador?

MANOEL - Tem poucos anos, né. Não sei. Uns oito anos mais ou menos. Não sei o nome dele não. O Teodoro é que sabe. Foi pro lado do Sabão. Depois disso ali onde faleceu meu pai trabalhava pareceu uma laçaria na rama. A laçaria pagou tudo. Então apareceu um moço ali, rezou de hora pro outro rezou a laçaria.

SERENIANO - Ah em Faraíso. Esse moço era lá do Iriri. Rapidamente acabou.

P - Como é que é aquilo que o sr. me falou do caramujo?

MANOEL - Caramujo... É gente comprava o caramujo a 200 réis. Naquela época.

P - Isso tem muito tempo?

MANOEL - Tem muito tempo. É gente comprava a 200 réis. O garoto era todo cheio de bicho. Cada pedaço de mandioca. O garoto ficou corado rosado. Depois, ficou doente e nunca mais teve nada. Cabô...

P - E quem é que vendia os caramujos pro povo?

MANOEL - Foi lá em Casimiro de Abreu. É esse grande. O povo lá que pensava. A 200 réis um caramujo era muito dinheiro. Quem chegava apanhava. De tanto de tanta assim ele aparece. Lugar assim frio. Aquilo é um grande negócio.

P - Aquilo é pra passar na pele também?

MANOEL - É, é isso.

SERENIANO - É, aquilo é igual mole da galinha.

MANOEL - É, a pessoa que tem coragem. Raspa ele, limpa ele. Corta em bife e dá ao cidadão pra comer.

P - É aquele remédio com pele de rã?

MANOEL - A pele de rã, a pessoa tira a pele e faz a carne e dá ao doente que tá problema no ventre pra comer e toma o banho com a pele da rã.

P - Sei, mas qual é a doença da pessoa?

MANOEL - Lá vis botá carne na alma. E a pessoa bota sangue. Fiquei preocupado com meu filho.

P - Era horrível?

MANOEL - Não, era coisa de intestino.

P - Seria aquela diarréia de sangue?

MANOEL - É. Aí tomava banho de água de pele e comia aquela carne. Cozinha a rã e dava o banho daquela água. Ele ficou bom, graças a Deus. É o único remédio. Um remédio.

SERASTIANO - Uma santa mais arde. Também tem uns sete anos, mais ou menos. Ele tinha uma coisa de febre mais febre. Com poucas vezes ele ficou bom. Ia no médico e ele não dava conta.

P - É o pessoal usa muito esse remédio?

MANOEL - É muito procurado a rã pra remédio. Tempos passados meu pai queria que fizesse um poço pra criar as rãs. Mas tinha que cercar pra cobra não entrar pra dentro. Se a cobra entrar ela rapa tudo. É quente pra dentro.

SERASTIANO - Aí na Santa Rita tinha muito. Nós cavamos um buraco pra panhar areia. Aí ficou um lagozinho de água. Deu até essa água que faz esteira. De vez em quando a gente ia lá e panhava. Metia o anzol e panhava. Ficava aquelas borcolhas de espuma. Ela fica ali embaixo. Aquilo é bom pra nervo, pra intestino descontrolado. Tira o peso do corpo, passa limbo, sai e bota no estômago.

MANOEL - De vez em quando a gente pagava um lavanda. Cozinha ele e o cardo e planta bota. Todo erroto que a pessoa dá é um tanto de sifilia que bota pra fora. Um cara do Espírito Santo foi que me ensinou isso.

P - O sr. já esteve no Espírito Santo?

MANOEL - Já.

P - É o manzanilha, usa pra quê?

MANOEL - Muitos usam pra febre. Tem pessoas que tomam na cachoeira. Ele é quente pra dentro.

P - O que quer dizer quente?

MANOEL - Aquilo é que se o sujeito tomar banho na água fria pra ficar enfiado num curral. Aí tem uma arve também que se vou pagar a foia do lado pra mostrar a você. Essa arve é o curral. Tira as foias do lado que o sol nasce, começa um pouco, bota pra cozinhar. A pessoa tá resfriada bota no banho dessa arve. Apazcoa sua, mas sua muito. Se a pessoa sair no vento, ele enfiado e bota. Aí a pessoa tem

MANOEL - ... que correr mais que depressa, panna um outro pedaço e botar no fogo, fazer um outro bicho pra dar. Mãe deu um bicho pra sr. lá. Ele saiu no vento assim e ele enrolou a boca. Aí mãe correu e deu um outro bicho e aí ele desenrolou. É quanto pra fazer, essa erva aí. O nome dela chama angico. Pode ver que ela já produzindo. É muito. Ninguém conhece essa erva por aí. Ela é só pra bicho. Não é pra tomar não. É passar sua só com o bicho. Fôz um agasão pra sua, mas esse mesmo.

P - O sr. já experimentou essa folha?

MANOEL - O tempo que eu só bebendo é que experimentou. Era parente nesse lá. Mãe é que recebeu. Ela é que mostrou essa erva, senão eu não conhecia não.

P - E o sr. conhece gicuma?

MANOEL - Bizarra que serve.

P - E o sr. já foi arrastado de cobra?

MANOEL - Não. Mas já vi arrastado de cobra. No tempo do curuso se era ave de cobra.

P - E ficava bom?

MANOEL - Ficava.

SERAPIM - Cachaca com alho. Tem o feleco de Virgolino que foi mordido e foi curado em sete sexta feira. Tem aí um outro remédio com sua cobra. O arrastado. O sr. tá no ato, a cobra mordida, o sr. pega uma coqueira, passa a coqueira bem passado. É bom. Corta o veneno de cobra. O arrastado de cobra também diz que é pra cobra.

SERAPIM - Guaranina também é bom pra mordida de cobra.

P - Quantos pedos de guaranina?

SERAPIM - Muito.

MANOEL - Tá achando que é uma colher só. Não pode beber mais de uma colher. É tão quente que passa aquilo no olho de cobra.

P - O pessoal por aqui sempre usou remédio de mata? Nunca teve médico por aqui não.

MANOEL - Aqui já teve. Mas sabe eu nunca nunca tá na mão. Lá tinha um farmacêutico que tratava. Antigamente tinha um homem que fazia esse negócio de curado. Mas ele era esquecido num livro que ele tinha. Aquela livro ele levou de uma curadeira que tinha uma dor de barriga, um ardo. Aí a mãe dele levou lá e ele recebeu um remédio que foi curado. Foi muito bom. Tratava bem mesmo.

Qualquer um a doença que chegava lá ele decidava logo. dava o remédio em cima.

P - Porque que se está decidando de usar estes remédios?

MANOEL - Lá sabe que o pessoal lá era muito que usava do remédio. De uma colher pedos de guaranina que era lá ele dava o remédio em cima. Tá ligado não.

P - Nunca a mãe você teve essa dor?

MANOEL - Nunca mais senti. Ele tratava bem mesmo; tinha um cal de

MANOEL - ... Luiz Monteiro também. Tratava também com o livro. Agora esses doutô... Tu mesmo tô lutando com uns documentos. Já fui a quatro doutô do INPS e num dá conta. Então eu fui a Dr. Alexandre. Mas ele num chegou. Só chegou fora de hora.

P - O sr. conta to Dr. Alexandre?

MANOEL - É. O Dr. Alexandre é ele sempre que trata de nós. Eu acho que a doença que eu tenho não é coisa coisa não. Tu trabalhava aí nessa república. É primeira vez conseguiu um negócio me falando entre as unhas. Deslocou de noite. Levado chegou de noite parece uma coisa que tá correndo na vida do sr. Tu foi era que ficou no trabalho. Então eu tive conversando lá com o doutor esperando ele lá. E ele perguntou: - Isso não é nervoso, não? Não nervoso não é que eu sou do morro, num tem esse negócio. Num governo em nada. Tem gente aí que num pode sair num favor. Tá no mesmo nível mas eu sou no ponta de qualquer uma árvore dessa aí. Não tá do tentado, num me dá nada.

P - O sr. tá sempre assim assim?

MANOEL - Tu tá sempre assim.

P - O que que o sr. acha que tá errado de pessoas?

MANOEL - Ah, sei não. O que tá errado de pessoas é as pessoas se esquecer. Não viver a farra. Nunca trabalhar bebido. Tu num coco num duro, nada disso. A bebida sempre é a situação do sujeito. O sujeito tá no beber, mas tá no normal.

P - E sua religião, qual é?

MANOEL - Minha religião é católica. Tu num sabe de religião nunca. Naquela que nascei, num mudar. Tu me sabe bem. Tô bem, eu nunca briguei, nunca tati. Nunca apertei. Tu dou bem com os outros. Tiveram uns moço do Tê-tê aí, mas num trouxa campo. Foi umas brincadeira por eles por comer. Se tem uma lâmina cadava aí eu dou. Não fico fazendo questão não.

PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR  
PROGRAMA PEPPE 32.7  
Coordenador: DOUGLAS CARRARA  
Relatório de Entrevistas  
FITA MP-18 Informante: Alice Maria do Rosário (M-16)  
Local: Magé (RJ) Data: 1.4.80

Fl. 127

P - Como é o seu nome?

ALICE - Meu nome é Alice Maria do Rosário.

P - A sra. nasceu quando?

ALICE - Eu sou nascida em janeiro de 1934 em Magé.

P - E a sra. sempre morou em Magé?

ALICE - Sempre.

P - Desde quando a sra. trabalha? A sra. já trabalhou em roça?

ALICE - Não, fui criada assim, trabalhando assim em negócio de parturiente, essas coisas assim.

P - A sra. trabalhou como parturiente quanto tempo?

ALICE - Trabalhei já uns cinco anos

P - Aqui em Magé?

ALICE - Aqui mesmo. Só nessas residências daqui. Pra tudo eu trabalhei. "Parturiente de nã", "de pôpã", com a "mãozinha da curva na cabeça". Fiz esses parturientes todos, graças a Deus, correu tudo legal. Todos que eu pus a mão... Morreram quem tinha que morrer, mas sobre meu parturiente ninguém foi, nenhum foi pra debaixo do barro. Tenho testemunhas dos parturientes que eu fiz. Tenho minha comadre que mora ali também. Entrei sete horas da manhã pra fazer um parto dela. Quando eu cheguei de fazer o parturiente era onze e pouco. A menina teve só com isso aqui nascido. Eu fiz esse parturiente todo, tudo normal, tudo legal... Quando foi na hora certinha a menina nasceu. Eu cheguei de fazer o companheiro da criança, desocupei ela toda, tudo legal. Tratei do umbigo. Tá, hoje em dia ela é uma mãe de um casal de filhos. Ela trabalha até em Materô, essa maneira. E ela é minha afilhada também. Batizei aqui em Magé e tudo bem. Aquilo é rápido. Já fiz tudo perigoso, quer dizer: é de "pôpã", "travessado", tirado "normal", tudo isso eu fiz.

P - E em que época que a sra. trabalhou?

ALICE - Eu parei de trabalhar do ano passado pra cá. Parei porque começou dar esses marginal. O sr. sabe, os parturientes de roça sai muito. Vai fazer essas partes de hora, num tem hora, é meia-noite, é um hora da madrugada, rompendo o dia. Quer dizer que esse rapaz que eu convivo com ele. Então ele disse: vão parar com esse negócio. Que aqui muito marginal. Que às vezes eu saio da minha cama pra ir socorrer uma dona. Às vezes eu penso que seio com um homem e eu seio é com um marginal, às vezes que chega no caminho, mesmo que eu não tenha nada, mas vai me fazer uma coisa, vai me ma-

ALICE - ... tar. Aí eu parei. Não faço mais.

P - E a sra. aprendeu a fazer o parto com quem?

ALICE - Eu vou dizer pro sr. a pura verdade. Eu preendi com a graça de Deus. Quem me ensinou foi Deus e Nossa Senhora, mas num tive premitido de donas mais velhas do que eu nenhum. Meu dom mesmo foi dado por Deus. Não foi dado, ensinado por ninguém, sempre tudo deu certo. Apreendi assim.

P - E a sra. usava alguma erva?

ALICE - O único banho que eu dava era esse banho de sabão virgem, pra aumentar as dores.

P - Qual era o?

ALICE - O português. Mas às vezes tinha umas que não precisava nada disso. Era chegar e fazia o exame. A criança já tava quase próxima pra nascer. Mascia tudo rapidinho, cortava o umbigo. Aquelas que tava muito nervosa. As veis, do primeiro, segundo filho, não tava acostumada a ganhar um neném, eu vinha, fazia os exames e falei: olha não dá pra fazer o parto em casa, vai pro hospital. Ia embora pro hospital, chegava lá, vinha o médico fazia o parto. Às veis, eu mandava...

P - Em que situação que a sra. mandava pro hospital? Atravessado?

ALICE - Não. Às veis tava atravessado. E às veis a mulher não tinha contração nem espaço suficiente pra ganhar aquela criança. Então eu mandava pro hospital. Porque lá tá nas mãos do médico, operar, botá um aparelho. Quer dizer que eles ali podia conseguir salvar a vida da mulher. Que às veis não podia salvar a criança, mas salvava a vida da dona. Era sempre assim, mas era tudo difícil. Mas todas corria bem.

P - Que tipo de pessoa que a sra. atendia?

ALICE - Oh! eu atendia pretos, brancos, mulatas. As cores diversas.

P - Pessoas em termos de classe. Eram pessoas de dinheiro ou pobres?

ALICE - Pessoas pobres. Naquele tempo quase não tinha pessoas. Tava muito pouco interesse por uma parturiente. Muitos davam valor, porque trabalhava direitinho. Então a gente conseguia fazer os parturientes.

P - E a sra. costumava fazer reza?

ALICE - Não. Deputa do parto eu rezo assim, ventra caído, queiranta, Rezo dor de denta.

P - Espiridela?

ALICE - Espiridela, destroncadura.

P - Como é destroncadura?

ALICE - Destronadura a pessoa tá jogando uma toia. Aí tropeça, cai um outro por cima. É assim no parto, nos nervo assim. Machuca. Aí vem a gente reza. Então botar anjozinho de solia naquele lugar. Aí a gente reza assim uns três dias e o cara fica bom.

P - E o umbigo? Como é que a sra. tratava o umbigo?

ALICE - O umbigo eu tratava com mercúrio, senão meriolate. Como trato até hoje. Não uso remédio.

P - E a sra. costumava dar banho na criança?

ALICE - Dava.

P - E até cair o umbigo dava banho?

ALICE - Ah, dava. Só depois que o umbigo caísse é que eu entregava.

P - Ah, a sra. ficava com a criança até o umbigo cair?

ALICE - Até cair. Até hoje quando vou lá do hospital, o pessoal manda me buscar aqui pra lavar. Mas eles me paga, né. Aí eu lavo, mas aí a responsabilidade não é minha, é deles lá. Eu vou lavar porque eles sabe que eu sei tratar.

P - D. Alice, como é que a sra. atendia a mulher? Acompanhava a mulher antes do parto?

ALICE - Atendia a sim quando tava pra ganhar. Então mandava me buscar eu ia.

P - E a sra. não entrava em contato com a pessoa antes não?

ALICE - Não.

P - E o que que a sra. fazia em primeiro lugar?

ALICE - Primeiro lugar era o exame. Pra ver se a criança tava certo.

P - Saber a posição da criança?

ALICE - A posição da criança. Chegava fazia os exame tudo. Quando fazia os exame, às veis, tava "de popa", às veis, tava na hora de nascer, quase deixava vir. Vinha assim "de popa".

P - Nascia com a cabeça por último?

ALICE - É, por último.

P - E as pernas não prendiam, os braços?

ALICE - Eu ajudava. Pra não prender. Trabalhei muito, eu gosto do trabalho de parto. Mas graças a Deus, abaixo do barro, não tem nenhum. Graças a Deus, por esses mãos abanoadas que tá aqui, não tem não. Tá todos aí. Morreu depois que já tinha passado tempos diante. Mas dizer assim: - Ah! morreu um mulher de parto nas mãos de D. Alice, não, graças a Deus. Pra isso eu sou servida nos pés de Deus. Sou abanoadas no espírito.

P - Pra dizer que parta sem dor, a sra. tava banco de salão?

ALICE - Eu dava o banco de salão.

P - E a sra. nunca usou, por exemplo, a erva de São João?

ALICE - Ah, isso mesmo. Erva-de-São-João também usava.

P - Usava pra quê?

ALICE - Assim pra sumir dor.

P - Pra que usar as erva?

ALICE - Pra ajudar, né. Quando precisava, né. Quando não precisava,



ALICE - ... fazia uma esfregaçãozinha de um óleo de amêndoa ou um azeite doce pra ajudar.

P - E como é que fazia?

ALICE - Só esquentava. Só botar no prato, esquentar e passar, fazer uma fricção. Às vezes não precisava nenhuma. Aquilo era coisa de momento, rápido.

P - E depois que a criança nascia, que a sra. tirava a criança, o que que a sra. fazia?

ALICE - Depois que a criança tava fora eu tirava a placenta.

P - Tirava?

ALICE - A placenta, ela gera junto com a criança. Nasce a criança, não pode cortar o umbigo, enquanto não tirar ela. Cabou de recém-nascer a criança, não pode cortar o umbigo enquanto não tirar ela. Aquilo é que é a morte da mulher, mais perigoso. Porque se aquilo ficar dentro da mulher, se não tirar, se concretar 24 horas, se não operar ou se tiver agarrada assim. Tem que levar pro hospital pra tirar. Porque se ficar a mulher vai pro debaixo do barro.

P - E a sra. tinha facilidade de tirar?

ALICE - Tirava aquilo fácil. Era mais facilidade minha e ia embora. Às vezes tinha uma simpatia na garrafa. Fazia um garrafinha, batia na garrafa, mandava ela pessar uma garrafazinha, soprava ...

P - Como é que é? Soprava?

ALICE - É na boca de garrafa vazia, soprava até sair a placenta. Dava aquele assopro e aquilo via. Vinha limpando.

P - E depois de tirada a placenta? O que que a sra. fazia?

ALICE - Cabava de tirar a placenta; media a quantidade do umbigo, cortava.

P - Qual a medida que a sra. usava?

ALICE - A medida era mais ou menos três dedos.

P - Da barriga da criança?

ALICE - Da criança, do umbigo da criança. A gente mede pra cima, três dedos, marra e corta.

P - Amarra no cima com a linha e corta?

ALICE - Desinfetava a linha com álcool, a tesoura também.

P - E depois colocava o quê?

ALICE - Mercúrio ou mercúrio.

P - E a senhora costumava botar na criança?

ALICE - Não. A criança, só dava um bepinho assim, quando tava doendo - cordado. Quando batia lá, tava acordado, a gente batia um pouquinho no prato perto do cabeça dele e aí ele começava a chorar. Aí abria a boca e eu deixava ele lá chorando e ia acalar de fazer o parturiente.

P - Mas a sra. não se dava o bato nela pra ele chorar não?

ALICE - Não. Porque naquela época tinha perfume que bota. Fingia

ALICE - ... um pratinho chegava assim no ouvido dele devagarinho, tam, tam, tam.

P - Porque que a sra. batia devagarinho?

ALICE - É pra elezinho ir levantando os suspiros. Aí com dois ou três ele abria a boca. Aí pronto.

P - E a sra. costumava fazer em ambiente claro ou escuro? A sra. costumava fechar a janela?

ALICE - Nos princípios eu fazia nos escuro. Depois eu andei fazendo com as janelas abertas pra correr o ar, que às vezes tinha tempo quente, muito quente. Muita quenteira no quarto, então eu fazia os parturiantes assim. Por isso, porque não tinha traseira pra correr o ar.

P - A sra. tinha uma posição melhor pra fazer o parturiente?

ALICE - Era deitada que ela ficava. É quase igualmente como ganha no hospital. Tem o lugar próprio. Quer dizer que em casa a gente não tem isso. Ela firma assim na guarda da cama e a gente faz o parturiente.

P - Além do parturiente, a sra. cretava das pessoas com outras doenças?

ALICE - Não. Somente o parto.

P - E a sra. conhecia muita erva pra remédio?

ALICE - Da conhecida errica.

P - A errica usa pra quê?

ALICE - Errica é bom. Esse quintá-cidada, erva-falso, comito não tem nada, isso tudo eu conheço. Quando não tem, é preciso comprar na casa de erva.

P - E espinhela caída, o que é a espinhela caída?

ALICE - Espinhela caída é o próprio acômodo da gente mesmo. Porque nos tempos um ossinho aqui não tem? Às vezes o sr. paga um peso, um bujão de gaz, um saco de cimento, às vezes o sr. não t'á bem treinado pra pagar aquele peso. O sr. sente aquela dor. Às vezes o sr. não lige, dói. Aí a gente vai a mão. A gente não dequá desse lado aqui e dequá nos costas. Então capicava assim as mãos e depois nos costas. Faltando dois, três dedos tá com a espinhela.

P - Qual a maneira que tem que ser feita?

ALICE - É o do krogo.

P - Quando tá igual não tem espinhela?

ALICE - Não.

P - E o que a sra. fazia?

ALICE - Aí a gente ruza os três dias propri.

P - Quais os três dias propri?

ALICE - Da ruza errica, da ruza errica. Quando t'á com o quintá-cidada. Então t'á com o erro do quintá-cidada e põe entre aqui nos costas e t'á com o quintá-cidada. Então t'á com o quintá-cidada.

ALICE - ... nhe, bota o breu dentro e'pa sua toma. Pra ficar forte. Pra fortalecer ela. E outros que quer uma garrafada, compra o material e me dá.

F - E como é que fazia a garrafada?

ALICE - A garrafada leva ovo, leva breu, leva capala, micilinho.

F - O que é micilinho?

ALICE - É uma frutininha que se compra na farmácia. Moç moçada. A gente raspa. Bota aquilo tudo dentro da garrafa e sacode bem sacudida.

Quando terminar a espinhola o cara toma três gemadas se quiser, se não quiser toma a garrafada. Aí o cara fica forte à beça. Tem muitos aí, que às vezes chega e prepara a garrafada. Dona Alice fiquei muito boa. Isso é que é importante.

F - D. Alice, como é que é a reza?

ALICE - A gente reza Salvo-Tanha, Pai-Nosso, Credo-em-Deus-Padre.

F - A sra. além dessas orações a sra. reza outra?

ALICE - Não. Só reza do católico.

F - E sua religião?

ALICE - Minha religião é católica. mesmo.

F - E a sra. nunca foi umbandista?

ALICE - Não, hum, hum. Eu não acredito muito nisso, não. Porque de primeiro o pessoal gostava muito dessas coisas e como gosta, né.

Mas vou dizer pro sr., de certos anos os cara vem só pregarão mentira. Bota muita cochepa pra pagar mentira. Aí veis nós tam num tratamo aí, santinho. As veis nisso o cara fala alguma coisa. Porque é isso, é aquilo. Eu não dou muito pra isso não. Muita coisa a poder de mentira, eu não acredito. Agora na minha igreja católica, eu creio, eu vou ali. O meu barraco foi ajudado pela igreja católica, porque o meu marido é um homem doente. O dinheiro dele não dá. Eu trabalho na casa de D. Haydê, ganho pouco, micaria. Custô fazer esse barraco. Esse barraco está feito, mas foi tudo dado por ter eu saber crer todo mundo. Eu digo pro sr., eu sou uma escure, mas eu tanto acredito. Certo que eu sou, mas sou muito inspetor que é preto, branco, católico. Tem pessoas que não sabe nem como é que trata as pessoas. Vou dizer pro sr., nenhuma eu não acho não.

F - A sra. nunca foi a escola?

ALICE - Foi a escola, mas eu fiquei ruim de vista, fiquei com as vistas muito ruim.

F - Porque que a sra. ficou ruim de vista?

ALICE - Ah, me criou sangue, umas pústas de sangue nos vistas e foi pra lá de ir e me curou, não é aquilo de umbandista de lá de lá. Não sei o que foi o que aconteceu, mas foi o que aconteceu. Não sei o que foi o que aconteceu.

P - A sra. já foi mordida de cobra?

ALICE - Não, cobra corre de mim.

P - Porque?

ALICE - Não sei. Eu ainda mostro o sr. onde eu panho lenha. Pro senhor não dizer que é mentira. Graças a Deus, nunca fui mordida de cobra.

P - Existe algum remédio pra mordida de cobra?

ALICE - Não, problema de mordida de cobra, a pessoa usa ir na farmácia. Cacha e eles aplicam injeção.

P - A sra. cozinhava cozinhando em fogão de lenha? A sra. conhece o ficuna?

ALICE - Cozinhava. Ficuna é de própria lenha. Ali mesmo tem.

P - E a sra. usa aquilo pra remédio?

ALICE - Não. Tem muitos que usa. Agora eu nunca usei não.

P - E a sra. já trabalhou no roça?

ALICE - Não. Trabalho muito é em cozinha, de restaurante. O mais é lavar roupa pra fora. Serviço de parto.

P - O que que a sra. acha que dá saúde às pessoas?

ALICE - Eu penso assim. Que a gente pra ter saúde a gente tem que comer um purgante, porque diz que o curante de óleo é que faz mal. Mas eu acho que ele é bom, porque ele faz a maior limpeza. Depois que a gente toma ele, toma um vidro de Biotônico Fontoura e Emulsão de Scott. Aquilo é pros nervos. É pra pulmão, pra tudo. O sr. me vê se que assim, magrinha, trabalhando. Não tenho preguiça, não. É que eu como é isso.

P - A sra. acha que trabalhar faz bem à saúde?

ALICE - Eu acho que a gente tendo o corpo disposto, tendo a saúde, o trabalho não maltrata. Tem trabalho que maltrata as pessoas. Prejudica nó. Tem outros trabalhos que não prejudica. A gente tem que trabalhar como manda a saúde de gente. Eu trabalho, agora não penso o sr. que eu jogo meus pés nesse lambeiro, nessa friagem não, porque eu tenho capoto de lenha. É difícil eu adoeceer. As veias é uma dor de dente como agora fiz uma operação lá no Manoelito Filho pra tirar um quisto que tava aqui. Agora eu vou tirar no frio.

P - Porque a sra. vai tirar no frio?

ALICE - Por que eu fico com medo de hemorragia. No tempo quente é muito quente.

P - A sra. controla a gestação da criança pela lua? A sra. sabe prever quando é que uma criança vai nascer?

ALICE - Alua. A mãe marca. Se é na crescente, nasce na crescente. Tem uns que nasce na crescente, outros no decair.

P - Qual é o melhor lua pra nascer?

ALICE - É melhor no decair, é mais alta. Mas outras aporrinha mais.

ALICE - ... Sofre mais. Já na lua cheia já ajuda mais.

P - Existe criança terrível da lua?

ALICE - Existe.

P - A sra. costuma vestir a criança pra lua quando nasce?

ALICE - Quando nasce? Quem veste é a mãe. E quando é toçada da lua vem o a gente roze e dá o banho de erva-da-lua.

P - A sra. teve filhos?

ALICE - Da sou mãe de um filho só. Só um, mas morreu, o trem matou. Deixou quatro meninas e dois homens.

P - A sra. conhece remédio pra imprudência?

ALICE - For engrato não.

P - E quem fez o seu parto?

ALICE - Quem fez já morreu.

P - E a sra. já fez muito parto?

ALICE - Já fiz muito parto, muito mesmo. Mas a gente esquece.

P - Era mais como o parto normal? O parto de cabeça.

ALICE - Ah, é mais fácil. Pra é que dava mais.

P - E aqui em Nazaré, tinha muito parteira?

ALICE - Tinha muito.

P - E agora existe alguma parteira?

ALICE - Agora quase não existe mais nenhuma. Porque agora o pessoal quase tudo corre pro hospital. Também os partos agora tem sido muito perigosos. E não tem sido muito fácil pro mulher. As mulher, umas são boas, outras são tolas inchadas, outras são tolas doentes, trambicada, então elas fazem tudo pra ganhar no hospital.

P - A sra. acha que é melhor em casa ou no hospital?

ALICE - Bom. Tendo passado bom, se ganha muito bom em casa, com a parteira. Agora se vê que está em caso de perigo, tem que ganhar mesmo no hospital na mão do médico, porque o sr. vê, que Deus não permita!, se morreu uma mulher na mão de uma parteira, o médico logo leva pra cadeia.

P - E quando elas fazem errado?

ALICE - Elas fazem errado, mas elas não vão.

P - A sra. teve algum parto difícil?

ALICE - Teve uma vez esse caso. Depois manda me dizer que operou, mas tá na mão delas.

RESEARCH: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR  
PROGRAMA FEMF 32.7  
Coordenador: EUGÊNIO CARRARA  
Relatório de Entrevistas  
MF-20 Informante: Eduardo Glória da Silva (M-17)  
Local: Farnizo, 3º distrito de Guapimirim (RJ) Data: 1.4.80

P - O sr. tem roça lá no Oriundi?  
GLÓRIA - Ah! Tenho uma lavourinha lá.  
P - Lavoura de quê?  
GLÓRIA - Arroz, milho, feijão, cana, banana, inhame. Alguns coisa eu já colhi.  
P - É o sr. que planta?  
GLÓRIA - É, eu com meu povo.  
P - O terreno é sua?  
GLÓRIA - Não senhor. Quando eu cheguei pra lá eu cheguei por conta do Curador Cariboca. Aí via assinando contrato. Todo ano a gente reformava contrato, mas depois eu dava uma semana e um de lá dizia:  
- Esse terreno é meu.  
Na outra semana chegava outro:  
- Esse terreno é meu.  
E depois na fazenda não tem a escritura, não tem documento desse terreno. Eu digo:  
- Eu que já estou aqui lá 14 anos, então eu tenho direito de posse. Então eu entendi de assinar contrato. Tem várias pessoas lá que não assinou contrato com a fazenda. Elas pedem pra tirar a gente de lá, mas a gente vai lá porque a gente tem posse, né?  
P - Quer dizer que o sr. não conhece remédio de planta?  
GLÓRIA - Não conheço não sr.  
P - O a quina-roca, serve pra quê?  
GLÓRIA - A quina-roca, o que eu digo dela, pra mim o que eu sei é assim como eu, que tá tô antiquação de sangue. É pra fortificante de sangue de pessoa. Fazer garrafada.  
P - Com a casca?  
GLÓRIA - É, a casca dela. Quem gosta da aguardente, põe dentro e faz garrafada e quem não gosta, assim como eu, põe ela botar no vinho e deixa passar três dias e depois vai torando. Aquilo é um fortificante. Purificação do sangue. Por enquanto é o que eu sei, o que me dizem dela.  
P - Mas o sr. costuma ir a médico?  
GLÓRIA - Não senhor, já há muito tempo que eu não vou ao médico. Eu tenho Falso Ruído, mas já há muito tempo que eu não vou.  
P - Mas quando o sr. foi ao médico, que doença que o sr. tinha?  
GLÓRIA - O sr. quer saber de uma coisa? Na vez que eu fui no médico,

GLORIA - ...toda vida fui muito saudável, mas a vez que eu fui ao médico foi pra negócio de rins. Começou a urina muito vermelha e doendo. Então ele disse que isso era negócio de rins. Tomei muito remédio, mas tem um remédio no mato que um companheiro falou comigo que é muito bom pra sofrimento de rins e eu tenho me dado bem com ele.

P - Qual é o remédio?

GLORIA - Cana-de-macaco. Lá em casa mesmo tem um mato, que agora me deu uma dor nas cadeira que é onde eu tô andando mal. É fraqueza nas pernas e dor nas cadeira. Mas de modo que então eu tenho me dado bem com essa cana-de-macaco. Até hoje eu tive falando com a minha mulher Juraci. De falei com ela que se eu sei eu não tinha tomado o chá hoje, porque ela até sente a urina, sabe? Fica leve, aí eu já fiz dali de fora pra cá, umas três vezes.

P - Como o sr. fez com ela?

GLORIA - A gente panka ela, bate ela com batidinha e toma pra cozinhar e toma um chá. É de brotos dela. As vez quando tá um broto desse tamanho assim, eu uso quando tô trabalhando na roça, é porque eu não tenho feito continuação, então é capaz que eu já estava com desse negócio dos rins. O sr. panka ela, descasca, ela é azeda, e aí a aquela palmitinho mole, a gente vai mastigando ele e chupando aquele caldo e é infalível de bom, sabe? Mas eu, pra fazer a verdade pro sr., tanto antição de trabalhar, a vontade de trabalhar. De desmazeio muito na saúde, sabe?

P - O sr. gosta de trabalhar?

GLORIA - Ah! Gosto, sim senhor, gosto. Fui criado na lavoura e quando eu acordava às 4 horas de madrugada, logo minhas meninas pra levantar e fazer café e eu fico ajustando minhas ferramentas e fico ali. Quando chega o dia, acabou de alargar. Aí eu vou embora pra roça. Gosto mesmo de trabalhar, por causa de ter sido criado na lavoura. Aquilo é um hábito que eu aprendi.

P - É o sr. acha que o sr. tem essa força por quê? Essa saúde pra trabalhar com essa idade?

GLORIA - Essa saúde é porque eu soube zelar ela enquanto novo. É, sim senhor, nunca fui homem de extravagância. Nunca fui homem de perder duas, três noites de sono, nunca fui homem de farras, pegar doença venérica, graças a Deus. Sempre continuando no meu serviço, sempre com boas amizades com todo mundo. E fui muito bem criado. Meu pai também me criou muito bem criado. Criado, quer dizer, de alimentação e de roupa e educação, que eu por exemplo sou alfabeto, mas tenho educação de barço, de conversar com qualquer pessoa. As vez a gente não conversa tão bem, porque a pessoa não tem uma leitura, não sabe pronunciar uma palavra. Mas quando sabe pronunciar uma palavra, sabe o que que a pessoa vai falar. Ou, graças a Deus, a ser a ele que eu tô, vô dizer ao sr. que eu sou um homem de muita felicidade nesse mundo. Então às vez eu

GLORIA - ... fico triste que esse caso que me aconteceu agora, nunca me aconteceu não senhor.

P - Esse caso do sr. ficar perdido no mato?

GLORIA - É, sim senhor, nunca me aconteceu. Mas, eu vô dizer ao sr., digo por aquele cruzeiro que tá ali, eu entrei na delegacia com essa idade, entrei na cadeia em Campos pra visitar um rapaz que foi preso. Isso é que eu tenho que contar ao sr., eu ando por esse mundo inteiro e não tenho inimidade com ninguém.

P - O sr. sempre morou ali?

GLORIA - Não sr., eu moro quando eu vim de Mimosa do Sul.

P - E o sr. nasceu onde?

GLORIA - Eu nasci em São Sebastião da Estrela. Em Minas. E de lá, meu pai mudou pra Bom Jesus do Itabaguana. Mas aí eu já tava formado. Aí meti a cara no mundo, abandonei meu pai. É, num abandonei ele, mas falei com ele que eu já tava na idade, eu queria andar um pouco, então ele me pediu que eu pôs ia andar pra onde eu quisesse, mas não esquecesse de casa. De vez em quando viesse em casa, que era pra vim andar. Que era pra conhecer o mundo. Então aí é que eu peguei... Tô pra ali, vô praqui.

P - Aí o sr. trabalhou em quê?

GLORIA - Tomando conta de turma. Turma de lavoura. 14 anos. e 4 anos sendo fiscal de lavoura, fiscal não, ronda. Lá eu fiquei viúvo da minha primeira família. Essa dona que tá aí é minha segunda família. Eu me casei com ela agora há pouco, deve fazer 2 anos. Essa moçinha que tá aí vai fazer 15 anos. É minha filha já da 2ª mulher. Da outra mulher eu não era casado não, e adquiri dela três filhos homens. Com esse agora foi uma turminha de criança.

P - O sr. já foi mordido de cobra?

GLORIA - Eu fui mordido de cobra duas vezes. Jararaca.

P - E como é que o sr. se tratou?

GLORIA - A primeira vez a jararaca me pegou nesse pé, em cima do pé. Aí eu usei sumo de coqueiro, sabe? Aí eu fiz um engastro de fumo lá no mato, cortei, pegou doer muito. Aí eu vim pra casa com um camaramã que tava trabalhando comigo. Então lá eles fizeram um remédio pra mim que eu não posso dizer ao sr. qual remédio era, sabe? Bom, principalmente teve um velho lá que benzeu, sabe?

P - Como era o nome do velho?

GLORIA - O velho, tratava ele de Helió. Benzeu, me deu um remédio lá pra beber e eu levei uns 3 dias, logo fiquei são. Passou. Quando foi agora, depois que eu andei um pouco, não faz muito tempo. A primeira vez foi em Rocha Leão. Essa segunda vez foi aqui. Eu tinha tirado umas pilhas de quintal e botei no barraco. Assim por cima pra ele não cair chuva. Quando foi no fim de tarde dei tirar ela pra cobrir a ossinha, que eu tava fazendo, eu derrubei aquele monte de palha, ela



GLORIA - ... esiu e aquilo fez tac. Ela tava dentro daquelas palhas. Metei ela e disse: me dá o litro de álcool aí. Aí levei com álcool e mandei na casa de Antônio Ribeiro e ele mandou que eu apanhasse um broto de taioba. Fazer taioba ou então aquele palmitinho, a última folha, seca bem socada, fazer um emplastro e botar em cima que depois ele vinka cá. Aí eu lui garraí, não sou muito assobrado com essas coisas não sr., pelo fé de Deus, sabe. Aí botei o emplastro e doeu um bocado à noite. Quando foi no outro dia, quando ele chegou disse: - Ah! eu vou mandar um purgante. O sr. bebe o purgante e o sr. vem a dita. O sr. não come nada reímoo. E não bota ovo na boca de espécie alguma. Aí quando eu tirei o emplastro, aquela taioba tava cozinhada, parece que o veneno voltou todo praquile emplastro. Aí foi desinchando, pronto não senti mais nada, mas ela me deixou uma marca no corpo que eu enxerço pouco, sabe? Atacou a vista. Aí eu cheguei na casa de um moço e disse que não enxerçava o ômbro direito porque eu fui mordido da cobra duas vezes. e não tomei injeção e fiquei curto da vista. Ele foi e disse assim:

- Oh, vou lhe ensinar um remédio que é bater e valer, você vai ficar bom. Faz o seguinte: olha lá em Guapi tem uma farmácia. O sr. chega na farmácia e manda fazer um purgante de óleo de copaíba que sua vista volta um bocado.

Aí eu falei: é capaz de não ser veneno da cobra. As vez é a idade. Eu não sou mais criança.

- Não sr., não é idade disso, não é idade, não é nada, tem outras pessoas mais velhas do que o sr. que procuram mais de uma agulha nessa reta aqui. O sr. toma o purgante que o sr. fica bom. E eu como eu tô falando com o sr. que eu sou esprezelado com a saúde. Nunca eu tomei esse purgante. Ele me falou que é o único remédio pra descarregar o veneno da cobra.

P - E qual é o segredo de sua saúde, esses filhos todos com essa idade?

GLORIA - É a conservação.

P - Não é nenhum remédio do resto, não?

GLORIA - Não sr. Nunca foi preciso tomar remédio. A conservação é a saúde morto do corpo. Eu tô falando com o sr., doença, não sei o que é doença. Eu toda vida fui um homem muito conservado, graças a Deus. Ah! porque é uma grande coisa, só! Você vê o sujeitoinho novo, aqui e ali, vai se acabando, quando ele chega numa certa idade não tá valendo nada.

P - O sr. conhece gicuma?

GLORIA - Conheço.

P - Aquilo usa pra remédio?

GLORIA - Não, eu acho que aquilo não tem prestígio.

P - E pra impingir?

GLORIA - Azeite doce, tinta de escrever, a gente passa em cima da  
impinam, acaba.

P - É psicologia então?

GLORIA - Não senhor.

P - É essa poia.

GLORIA - Tem dois tipos. Tem umozinha mais miúda. Essa eu conheço  
ele sabe por quê? Porque uma ocasião me ensinaram pra arrancar ela  
que dizem que era bom pra maropa pra despoitorar a criança que tá  
com o catarro grosso e que isso é muito bom pra cachorro que usa co-  
mer ovo. A gente devia fazer aquele hábito dele. A gente pega o ovo  
pega um pedaço daquela poia, bota no ovo e deixa ele beber. Ele be-  
be aquilo, bota pra fora, torna beber, aí dá um enjôo no estômago  
dele que ele deixa de comer o ovo, sabe? Eu nunca fiz mesmo, mas  
tudo que vão falando a gente vai guardando que as veis um dia pega.

P - É indaiçu, o ar. conhece?

GLORIA - Indaiçu, eu conheço sim ar., a coticira. Mas aqui eu ain-  
da não vi.

PESQUISA: A LÓGICA DA MEDICINA POPULAR  
 PROJETO Nº 32.7  
 Coordenador: DORILAS BARBOSA  
 Relatório de Entrevistas  
 Fita MF-20 - Informante: Vovó Catarina (M-18)  
 Local: Guapimirim (RJ) Data: 15.2.60

Vovó Catarina - A eche, minha netô, quer fazê eche curadô, a eche, ha, ha, ha! Na dia eche espirito, criança.

A eche, criança.

A eche tem a fé, criança?

Hum, hum, hum.

A eche, minha netô, apanhandô eche escrevinhadô, eche criança aprendidô que eche negro velho vai passadô, vai passá uma receita. A eche vossucê.

A eche aprendidô, a eche escrevinhadô, com eche.

Faz entô escrevinhadô!

Eche num tá aprendendo eche negro velho, não, hein, criança,

hum, hum, hum.

A eche preto tá eche, com eche, eche, eche, negro velho,

hum, hum, hum, vossucê.

Veio de arange, eche, hum, hum, hum.

F - Vovó Catarina, o que é a es. inhela caída?

VOVÓ CATARINA - Ah, negro velho, vai eche.

Eche caído, criança.

Eche tem eche paradô.

Aprendidô com eche escrevinhadô, pra vossucê fazedô escri-  
vinhadô, eche vossucê.

Eche caído, eche crava de arange.

Eche paradô, eche num tá aprendendo a minha netô de corren

ta.

Ah, eche num vai, eche, morré sem aprendê.

Eche, minha netô, tá perguntando aspirado caído.

Escrevinhadô pra ele.

Eche negro velho nunca se cansa de ensinar eche filho in  
terra, hum, hum, hum.

A eche criança, rezador.

Eche aplica governador in corpo, a eche.

A tres pedras de algar.

Aprendidô a crava de arange.

Aprendidô fazê um curandô e depois apanhadô com eche e misturadô pra remedidô.

Eche tá de algar, comprá eche no farmaçado.

A eche misturadô no vinho ambranco.

FFEEEEE

Fl. 141

VOVO CATARINA - ... Eche negro velho está danão luz a cego.

A negr velha Catarina, eche vossucê.

Potadô no vinho branco, fortalecô.

Uma colheita de echi, travejado pra dia.

Eche tam que aprendê.

Eche dizidô pro negro velho.

Hur, hur, hur.

Não negro velho, curadô, é na força do espírito, eche é  
lá do outro mundo.

An, louredo refo.

(palmas de existência)